

ANTÓNIO MADALENO



**PORQUE ABANDONEI AS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ**

ARENA

ANTÓNIO MADALENO

APÓSTATA!

**PORQUE ABANDONEI AS
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ**

ARENA

**«A vida é incerta e, quando morre um homem,
o que ele sabe morre com ele — a menos que o passe adiante
ainda em vida.»**

RAYMOND FRANZ, *Crise de Consciência*

NOTA DO AUTOR

Este livro procura contar, com a maior fiabilidade possível as minhas memórias durante os quase 40 anos em que fui Testemunha de Jeová. Sabe-se que a memória não é infalível e que por vezes não reflecte com exactidão certos pormenores, especialmente com respeito a eventos passados há muitos anos. No entanto, acredito que aquilo que será relatado neste livro apresenta os factos tal como aconteceram. Na esmagadora maioria dos casos, existem testemunhas oculares que poderão comprovar o que refiro.

Os nomes de algumas pessoas mencionadas serão modificados, de modo a preservar a sua identidade.

Pretendo que o meu relato seja o mais cândido e objectivo possível, de modo que o leitor possa ter um retrato fiel da minha vivência enquanto Testemunha de Jeová e daquilo que me levou a entrar em choque com a organização religiosa onde estive integrado durante quase meio século de vida, o que acabou por resultar na minha dissidência e exposição pública.

As citações das publicações da Sociedade Torre de Vigia são, na sua maioria, retiradas da Biblioteca *online* das Testemunhas de Jeová, que pode ser consultada em: <https://wol.jw.org/pt/wol/h/r5/lp-t>, e estão no formato original.

PREFÁCIO

Uma religião na encruzilhada da modernidade

Nascidas no continente norte-americano religiosamente efervescente de finais do século XIX, as Testemunhas de Jeová sempre marcaram a sua doutrina por um radical afastamento ao mundo, por uma negação de qualquer relação com ele, demonizando-o e vendo tudo aquilo a que comumente chamamos modernidade como demoníaco. Esta repulsa face à sociedade, à política, à cultura e a todos os grupos humanos que não fossem da sua religião levou a que se criassem imagens e estereótipos muito bem definidos pela cultura popular e pelo senso comum.

Nessa visão popular, as Testemunhas de Jeová são os indivíduos que andam de porta em porta tentando apresentar a sua fé, são os que não cumprem o serviço militar, são os que abandonam os familiares que se afastam da «religião», são os que previram o fim do mundo e... não acabou, são os que preferem morrer a fazer uma transfusão de sangue. Estas são algumas das mais fortes e transversais ideias feitas sobre as Testemunhas de Jeová. E são em grande medida correctas, estas visões populares — se bem que, como em tudo o que queiramos que seja científico ou minimamente honesto, não explicam ou retratam a totalidade da realidade das Testemunhas de Jeová, tomando o todo pelas partes.

Mas, com todos os cuidados a que as generalizações obrigam, a recusa do chamado mundo moderno é um dos universos de afirmação mais interessantes desta religião. Tal como as suas doutrinas se encontram assentes num literalismo bíblico que nega qualquer entrada da ciência na explicação da origem do mundo, da mesma forma a sociedade em nada pode beliscar a teocracia institucional para a qual o mundo corre, mesmo sem o saber.

O fechamento face à sociedade e o afastamento da cultura e da política encerram os seus membros em dinâmicas que pouco ou nada deixam fora do grupo. Sendo uma identidade que se marca pela afirmação da negatividade de tudo o que lhe é externo, a redução desses contactos é o desejo mais premente para não pôr em causa uma futura salvação.

Essa negação do mundo conduziu as doutrinas desta religião a dois pontos de difícil retorno. Por um lado, a sua recusa do mundo é tão central que tudo na vida dos fiéis gira em torno do fim desta realidade, que está próximo. Por outro, recuperaram, numa versão actualizada, a ideia de impureza, aplicando-a a quase tudo o que representa este mundo que irá desaparecer. Falamos seja da televisão e da música, seja dos indivíduos, no quadro da vida social ou de forma mais geral, seja no da vida familiar, rompendo com os antigos membros que saíram da religião — da certa, a deles, é claro.

O livro do António Madaleno coloca-nos no centro de todas estas questões. E fá-lo através de um discurso na primeira pessoa, não apenas emotivo mas substancialmente muito bem documentado e argumentado, com um uso permanente de fontes e textos da própria instituição. Esta é uma riqueza ímpar deste livro: a constante remissão do debate entre o autor e as doutrinas através das próprias publicações oficiais.

Desta forma, o livro que aqui temos é de um interesse extraordinário, pois cruza a vivência pessoal com a procura de respostas, de argumentação, numa perspectiva racional e lógica, por vezes quase académica, não fosse o pendor altamente biográfico e, acima de tudo, sentido que a narrativa inevitavelmente ganha.

Mas essa riqueza é altamente complexa no cruzar das ferramentas de pensamento da modernidade com uma religião que exactamente a nega. E é aqui que radica parte fundamental do que encontramos de contradições entre alguns discursos e textos religiosos e o mundo social onde estes são aplicados: estamos perante lógicas de mundo, cosmovisões diversas, imiscíveis, no limite — este insanável divórcio acontece, sobretudo, em religiões

que seguem de forma literalista textos sagrados muito anteriores à modernidade, escritos em lógicas e modelos de pensamento não cartesianos.

Mas a complexidade é multiplicada pela natureza biográfica do texto. Não apenas naquilo que o autor interfere porque é o centro da própria narrativa mas no que de psicológico se encontra no percurso de vida narrado. Sim, em certa medida este texto é panfletário e pretende chegar a todas as Testemunhas de Jeová e antigos membros como um alerta e uma sinalização que lhes permita o mesmo que o António fez, desvincular-se.

O texto é um misto entre o contar da descoberta de incongruências, o desenvolvimento de uma crescente capacidade crítica face a alguns aspectos centrais nas doutrinas e a subsequente saída, com a dor que qualquer fim de relação implica. As contradições que diz ter encontrado, e que nos mostra, argumentando de forma sólida, não são apenas um jogo de tese e sua confirmação ou negação. É vida aquilo para o que o António nos transporta, seja a vida perdida que vê em si, nos anos em que esteve integrado e empenhado, seja a de todos os restantes membros, incapazes de fazer o que fez, seja a de todos os que morreram devido a essas doutrinas, especialmente a das transfusões de sangue.

Obviamente, o leitor não vai encontrar um texto isento, académico. É bem argumentado, mas tem um foco, um ponto de partida e de chegada previamente definidos. Porque este livro é, acima de tudo, o grito de coragem de alguém que quer transmitir uma vivência que diz ser a de muitos, nos dramas da pertença e manutenção da integração, mas também nos da saída, da solidão e do abandono.

No entanto, o texto do António não se resume a um elenco, valorado do ponto de vista pessoal, dos momentos importantes da sua vida como Testemunha de Jeová e posterior saída.

Confundindo-se, o que neste livro é natural, a dimensão pessoal e panfletária com a investigação, o nosso autor lança para dentro do debate um conceito altamente complexo, mas com a maior pertinência. A leitura que o António Madaleno faz da forma como a

instituição e os seus líderes lidam com os membros enquadra-se no domínio e controlo da mente, uma realidade a que ele acha poder aplicar-se a noção de «seita destrutiva».

Trata-se de um conceito altamente complexo e nada consensual, mas que merece alguma atenção. Desde logo, a noção de «seita» é de difícil aplicação sem que tenha, *a priori*, uma carga pejorativa e criadora de um juízo de valor. Este seria um debate paralelo que mereceria o seu tempo, mas que não pode ter aqui lugar. Mas a ideia de um grupo religioso ser «destrutivo» merece um olhar e um equacionar mais demorado, especialmente no que implica a nível da sociedade.

A liberdade religiosa define-se, nos Estados de Direito, na possibilidade, quer individual quer colectiva, de cada cidadão afirmar pública e privadamente a sua fé. O limite é a dignidade da pessoa humana, tudo o que na segunda metade do século passado as sociedades incorporam bebido da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Isto é, cada liberdade termina exactamente quando os direitos naturais do indivíduo são postos em causa.

Trazida para a mesa do debate a questão da destruição da individualidade e da capacidade de pensamento autónomo e crítico, entramos num campo altamente complexo em que se cruza a liberdade religiosa e a cidadania, levando-nos à derradeira questão: qual o papel dos Estados quando uma religião pode ser acusada de manipular os seus membros?

Naturalmente, com esta breve problematização, percebemos com toda a facilidade a complexidade do campo que pisamos quando trazemos noções como esta para o debate. Facilmente teríamos quem argumentasse que todas as religiões são destrutivas, como teríamos a legitimação fácil e eficaz para que os regimes autoritários não precisassem de mais argumentos para prender, proibir ou até chacinar.

Contudo, não é por ser perigosa que a reflexão não pode ser feita. Se há forma de nos definir na modernidade, é através da liberdade de pensamento e pela capacidade de argumentar criticamente sobre qualquer assunto, até sobre religião. Todos os cuidados devem ser

tidos para que a liberdade religiosa, talvez a última das liberdades adquiridas, não seja tolhida por nenhum fanatismo anti-religioso.

Mas temos de agradecer ao António Madaleno a possibilidade de nos obrigar a pensar e de nos ter transmitido a sua história, repleta de drama e de vida, preñhe de questionamentos e interrogações.

PAULO MENDES PINTO
Coordenador da área de Ciência das Religiões
da Universidade Lusófona

INTRODUÇÃO

Foi para mim uma total surpresa ter sido convidado a escrever um livro que relata a minha experiência enquanto Testemunha de Jeová. E acreditem que não foi fácil escrevê-lo. Não apenas pela exposição que isso acarreta mas porque considero uma grande responsabilidade relatar com o máximo de exactidão aquilo que foi grande parte da minha vida até há poucos anos.

Mas afinal o que é uma Testemunha de Jeová? Para a maioria das pessoas, é uma espécie de criatura estranha, um ser peculiar que evita a socialização e intimidade com quem não partilha da sua fé. A Testemunha é também vista como uma pessoa excêntrica, que diz «não» a praticamente tudo o que diga respeito a aspectos considerados corriqueiros na sociedade em que vive, tal como a celebração de aniversários, Natal, Páscoa, Ano Novo, etc. É também comumente encarada como uma pessoa fanática, disposta a morrer e a deixar morrer por se recusar a receber ou doar sangue.

É verdade que as pessoas já se habituaram a ver as Testemunhas de Jeová pregando de porta em porta e com seus carrinhos de literatura, paradas nas esquinas e ruas movimentadas das cidades. Já lá vai o tempo em que as Testemunhas de Jeová eram tratadas publicamente como leprosas e onde era relativamente comum ser-se hostilizado durante a pregação. A hostilidade e o preconceito deram lugar à apatia, numa sociedade cada vez mais secularizada e onde relativamente poucos têm fortes valores religiosos, ao contrário do passado.

Afinal, vivemos hoje numa sociedade multicultural, onde se enaltece a diferença, seja ela cultural ou religiosa. Há apenas

quarenta anos, a situação era bem diferente. O outro era sempre olhado com desconfiança e preconceito, quando não afinava pelo mesmo diapasão social e religioso. Senti-o na pele, assim como a esmagadora maioria das Testemunhas de Jeová.

Mas o que sabem realmente as pessoas sobre as Testemunhas de Jeová? O que conhecem sobre a origem do seu movimento religioso, do seu progresso e expansão pelo mundo e, especialmente, o que é *ser-se* Testemunha de Jeová?

A menos que tenha vivido como uma, duvido que saiba como é.

Para aqueles que são Testemunhas de Jeová, outras perguntas se levantam com respeito à sua experiência pessoal. Estas perguntas pessoais surgem quando se deparam com pessoas como eu, a quem apelidam de «apóstatas». Acreditando genuinamente que «têm a verdade» ou «estão na verdade», questionam-se certamente sobre o que leva alguém a voltar as costas a essa «verdade». Mentalizadas que estão pelos seus líderes de que todos aqueles que saem da sua religião foram «desviados por Satanás» e se tornaram suas marionetas, custa-lhes perceber o que terá conduzido a uma acção tão drástica, onde se arrisca perder tudo o que antes se possuía, especialmente a perspectiva de viver num «paraíso na terra», em condições maravilhosas e a coberto das «bênçãos divinas», e arriscar uma morte agonizante num holocausto divino.

Poucas são as Testemunhas de Jeová que não terão este tipo de curiosidade, mesmo que apenas no seu subconsciente. Apenas o medo e a paranóia incutidos pela organização Torre de Vigia as impedem de pesquisar e querer saber as verdadeiras razões que levam alguém a voltar costas e mesmo a criticar duramente a sua anterior religião.

Com respeito a este último ponto, gostaria de deixar claro que este livro é escrito com todo o respeito por quem ainda é Testemunha de Jeová e não pretende ser um ataque às Testemunhas de Jeová individuais que acreditam sinceramente na religião que praticam.

É escrito com espírito de missão, com o objectivo de expor aquilo que considero ser uma seita destrutiva, que mantém cativas milhões

de pessoas que nela confiam incondicionalmente, de modo cego. Lembro aqui o que a organização das Testemunhas de Jeová disse sobre a Igreja Católica no passado:

«A Igreja Católica ocupa posição muitíssimo significativa no mundo e afirma ser o caminho da salvação para centenas de milhões de pessoas. Qualquer organização que assuma tal posição deve estar disposta a ser esmiuçada e criticada.»^[1]

Visto que as mais de oito milhões de Testemunhas de Jeová em toda a Terra consideram que a Organização Torre de Vigia é o seu «bilhete para o paraíso», considero como veraz a afirmação de que «qualquer organização que assuma tal posição deve estar disposta a ser esmiuçada e criticada».

A própria Organização das Testemunhas de Jeová também publicou certa vez esta declaração:

«Uma vez que não queremos que a nossa adoração seja em vão, é importante que cada um de nós examine a sua religião. [...] Precisamos examinar não só o que nós mesmos cremos, mas também o que é ensinado pela organização religiosa com que talvez nos associemos. [...] Se amarmos a verdade, não precisamos temer tal exame.»^[2]

Desejo que este livro possa ajudar todos aqueles que estão dispostos a fazer tal exame!

Também pretende ser uma ajuda para muitas ex-Testemunhas de Jeová que se sentem abandonadas e isoladas de seus familiares e amigos. Ao longo dos anos, tenho tido contacto com largas centenas de pessoas que têm revelado os seus dramas familiares, onde o sofrimento emocional e psicológico é uma verdadeira tortura, sendo as pessoas desumanizadas por uma religião que afirma que o «amor nunca acaba»^[3].

Especialmente psicólogos, sociólogos e investigadores académicos de outras áreas poderão ter aqui um testemunho que lhes dará um vislumbre de como é a vivência dentro deste grupo, que, à semelhança de outros de alto controlo, tem um impacto real na vida dos seus membros, tanto durante a permanência como depois de saírem dele.

Espero sinceramente que este livro vos conduza numa viagem mental, quer no tempo e espaço quer através de uma experiência pessoal que foi vivida de modo intenso e dedicado a uma religião que afirma ser a «organização terrestre de Jeová» e a «única religião verdadeira».

ANTÓNIO MADALENO

CAPÍTULO I

Um começo de vida problemático

«Olá! Chamo-me António Madaleno e sou Testemunha de Jeová. É com muito prazer que falo consigo para lhe transmitir uma mensagem bíblica de esperança em relação ao futuro!»

Esta seria uma das possíveis mensagens que passaria, como Testemunha de Jeová, caso lhe batesse à porta. Provavelmente iria franzir o sobrolho, balbuciar algumas palavras, dizendo algo do género: «Não estou interessado», «não tenho tempo» ou «já tenho a minha religião». Eu iria simpaticamente agradecer, e a porta fechar-se-ia.

No entanto, já não sendo uma Testemunha de Jeová, essa possibilidade deixou de existir. Agora, como ex-Testemunha de Jeová e activista na exposição de seitas destrutivas, estou aqui para lhe contar a minha história de vida e aquilo que me levou a abandonar esta religião, que considero um grupo religioso de alto controlo.

Espero que ao ler a minha história de vida possa entender as razões que levam muitos indivíduos a entrar neste tipo de grupos sectários, bem como o que motiva pessoas como eu, dedicadas a eles por décadas, a abandoná-los.

Primeiro contacto

Foi num dia de Outono do ano de 1973 que vi os primeiros raios de sol em Lisboa. Nasci no seio de uma família vinda do Alentejo, e, nessa época, muitos portugueses do interior rumavam à capital para

procurarem emprego e melhores condições para a sua família. Não foi diferente com os meus pais.

Depois de cumprir o serviço militar, o meu pai acabou por arranjar emprego na construção civil. A minha mãe conseguiu ser contratada para a antiga Fábrica de Braço de Prata, graças à qual teve a oportunidade de fazer o meu parto numa clínica privada em Lisboa.

O meu pai, ex-combatente da Guerra Colonial na Guiné, como qualquer militar que assistiu aos horrores da guerra, veio profundamente afectado por aquilo a que assistiu e pelo modo como teve de agir. Não há homem que combata numa guerra e não fique assim. Ainda hoje, passados tantos anos, tem dificuldade em falar do assunto. Sem qualquer apoio emocional e psicológico, teve de suportar sozinho o stresse pós-traumático, tão característico de quem passa por essa situação. Lembro-me de contar que, depois de regressar a Lisboa, vindo da guerra, chegou a atirar-se para o chão por simplesmente ouvir o barulho daquilo que lhe parecia ser uma explosão. Afinal, era apenas um estouro originado por um tubo de escape.

Os meus pais conheceram-se pouco tempo depois de ele voltar do Ultramar, e, depois de um ano de casamento, fui concebido. A vida naquele tempo não era fácil. Os ordenados baixos e o elevado custo de vida, algo que não é estranho ao português ainda hoje, não permitiam ter uma vida desafogada. Aliados a isso, os traumas do meu pai em relação à guerra levavam a um ambiente tenso no lar, que a minha mãe tinha de gerir com muito tacto.

Para agravar a tensão familiar, nasci com um problema grave de saúde renal que me ia custando a vida. Uma hidronefrose bilateral congénita que me provocou sérias infecções nos rins. Acabei por ficar internado de urgência logo após o nascimento, e, segundo os médicos, seria necessária uma intervenção cirúrgica que poderia ser fatal.

É preciso lembrar que naquele tempo a tecnologia não estava tão avançada, e os médicos não tinham a certeza de onde residia o problema. Avisaram os meus pais de que a operação era absolutamente necessária, mas que poderia não sobreviver. Ficaram entre a espada e a parede. Tinha apenas dois meses e

meio quando fui operado no Hospital da Estefânia, mas não sem antes terem chamado um padre, que me baptizou, pois, segundo a crença católica na época, um bebé que não fosse baptizado e morresse não poderia entrar no céu.

É fácil imaginar a angústia dos meus pais ao verem o seu bebé na iminência de morrer. Felizmente, a equipa de médicos que me operou foi bem-sucedida. Apesar de ter ficado com algumas cicatrizes e de ter perdido a função de um dos rins, conseguiram salvar-me a vida. A minha situação clínica foi a primeira de que há registo em Portugal na época, num recém-nascido, segundo vim a saber mais tarde.

O mais irónico foi que recebi várias transfusões de sangue durante a operação. Quem diria que mais tarde iria pertencer a uma organização religiosa que condena as transfusões e que certamente poderia, na época, ter sido responsável pela minha morte, caso os meus pais pertencessem a ela!

Certamente que tudo isto teve um impacto familiar negativo, pois, a juntar às dificuldades pelas quais o meu pai passava, como consequência da guerra, havia agora o meu problema de saúde, que requeria certos cuidados e vigilância.

Talvez por isso a minha mãe estivesse profundamente abalada e deprimida, chegando a ter pensamentos suicidas. E foi exactamente neste período problemático que surgiram as Testemunhas de Jeová na nossa vida.

Estávamos em 1974, uma época conturbada e agitada da vida social e política portuguesa. Nesta época, as Testemunhas de Jeová em Portugal viviam já num clima de relativa tranquilidade, ao contrário de anos anteriores, em que o regime político procurou a todo o custo eliminar este movimento religioso do país, perseguindo e prendendo os seus membros, com o apoio da Igreja Católica. Afinal, Portugal era um país católico, onde o lema «Deus, Pátria, Família» era a trilogia da educação nacional do chamado Estado Novo.

Era também uma altura de expectativa para os membros desta comunidade religiosa. Em anos anteriores, diversas matérias produzidas pela Sociedade Torre de Vigia vinham criando a ideia de

que seria expectável que algo sucedesse durante o ano de 1975, a saber, a vinda do «grande e atemorizante Dia de Jeová» — o Armagedão!

Através de especulação e interpretações muito particulares, (algo nada invulgar na História da Torre de Vigia), foram calculados os anos passados desde a criação do homem Adão. Mas que importância teria isso? No livro *Vida Eterna — Na Liberdade dos Filhos de Deus*, publicado em 1966, constava o seguinte nas páginas 26-30 (negrito acrescentado):

«...Neste século vinte, realizou-se um estudo independente que não acompanha cegamente certos cálculos cronológicos tradicionais da cristandade, e a tabela de tempo publicada, resultante deste estudo independente, fornece a data da criação do homem como sendo 4026 A.E.C. **Segundo esta cronologia bíblica fidedigna**, os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em 1975 e o sétimo período de mil anos da história humana começará no outono (segundo o hemisfério setentrional) do ano de 1975 E.C... [...] **Assim, dentro de poucos anos em nossa própria geração atingiremos o que Jeová Deus poderia considerar como o sétimo dia da existência do homem.**»

A partir dessa publicação, em 1966, a Sociedade Torre de Vigia, através de discursos[4] e de outros artigos impressos, foi criando uma crescente expectativa e euforia entre os membros da comunidade, especialmente através de artigos de estudo da revista *A Sentinela*.

Referindo-se ao lançamento deste livro, a revista *A Sentinela* de 15 de Fevereiro de 1967 citou o seguinte comentário de alguém que esteve presente numa assembleia em que o livro foi lançado:

«“O novo livro nos obriga a compreender que o **Armagedão, com efeito, está muito próximo**”, disse certo congressista.»[5]

Como prova da crença de que o «fim do sistema de coisas»[6] estava próximo, o *Ministério do Reino*[7], de Julho de 1974, referindo-se ao «pouco tempo que resta», disse:

«Receberam-se notícias a respeito de irmãos que **venderam sua casa e propriedade e que planeiam passar o resto dos seus dias neste velho sistema**

de coisas empenhados no serviço de pioneiro. Este é certamente um modo excelente de passar o pouco tempo que resta antes de findar o mundo iníquo.»

Este tipo de mensagens, como é lógico, provocou um estado exacerbado de expectativa e euforia que se traduziu numa campanha mundial em busca de novos conversos. Nesta época, o objectivo proposto aos publicadores era que conseguissem o máximo de estudos possíveis usando o livro *A Verdade que Conduz à Vida Eterna*, que acabou apelidado de «bomba azul», pelo seu impacto na pregação, tendo sido impressos e distribuídos mais de cem milhões em todo o mundo. Os estudos deveriam durar no máximo uns seis meses, pois, caso não se visse qualquer evolução no estudante, nomeadamente começar a assistir às reuniões, o instrutor deveria abandonar o estudo[8].

Foi exactamente por esta altura que as Testemunhas de Jeová bateram à nossa porta, trazendo as «Boas Novas do Reino de Deus»[9], com a promessa de uma «nova ordem mundial», onde apenas as pessoas tementes a Deus e por Ele aprovadas poderão viver. Um mundo onde todas as famílias serão felizes. Um mundo sem guerra, fome e crime. Um mundo onde toda a humanidade viverá como uma grande família mundial debaixo das bênçãos do Reino de Deus. Esta mensagem falou ao mais fundo da mente e do coração da minha mãe, que viu aí uma luz ao fundo do túnel escuro em que se encontrava.

A instrutora rapidamente ganhou a simpatia e amizade dela e tornaram-se grandes amigas. O livro já mencionado serviu para doutrinar a minha mãe, fazendo-lhe crer que tudo aquilo que aprendera na religião católica era a mais pura mentira satânica, ensinos baseados no paganismo que serviam para desviar as pessoas de conhecer a verdade sobre «o único Deus verdadeiro», Jeová.

Rapidamente a minha mãe se desfez de tudo aquilo que pudesse conter vestígios da «adoração falsa» e espiritismo[10], desde fotografias a objectos, algo muito habitual entre aqueles que começam a seguir a doutrina das Testemunhas de Jeová[11].

O mais irónico disto tudo é que a minha mãe veio mais tarde a

saber, pela boca da própria instrutora, que esta era vítima de violência doméstica, tanto física como psicológica, por parte do marido, que desempenhava as funções de servo ministerial na congregação a que pertencia na altura — Congregação Brandoa-Norte.

O caso era tão grave que as Testemunhas de Jeová evitavam pregar na rua em que eles moravam, tal era a má fama desta relação. O marido era um homem violento e propenso ao sadismo, tendo chegado a agredir brutalmente a filha quando esta certa vez tentou defender a mãe. Não tenho dúvidas de que, se fosse nos dias de hoje, tal homem estaria preso. Na época, o conceito que existia na sociedade, infelizmente, era o de que «entre marido e mulher, ninguém mete a colher».

Pelo que ela contou na época, os anciãos na congregação não acreditavam nela ou simplesmente fingiam não acreditar^[12]. No salão, o marido era uma pessoa simpática e amorosa com todos. Como podia um homem com estas características ser o monstro que ela descrevia? Acabaram por mudar de casa e congregação, mas os abusos continuaram durante anos.

Mesmo tendo saído da congregação, sempre que podia visitava a minha mãe procurando consolo, sabendo que era só com ela que podia desabafar. Muitas vezes chorava copiosamente, pois estava presa numa relação da qual não conseguia libertar-se. Lembro-me perfeitamente do rosto dela: sofrido e marcado pela dor de tantos abusos. Anos mais tarde, esse sofrimento conduziu ao suicídio, tal era o desespero.

Após a tragédia, o marido foi bater à porta da minha mãe para a provocar, sabendo da grande amizade que elas tinham. Com toda a hipocrisia, afirmou que a mulher não teria direito à ressurreição porque se suicidara. Essa era a ideia vigente entre as Testemunhas de Jeová na época.

A minha mãe simplesmente pôs fim à conversa e fechou-lhe a porta na cara.

O estudo bíblico não chegou para que a minha mãe se baptizasse, apesar de se considerar uma Testemunha de Jeová e de acreditar piamente na religião recém-encontrada. Apesar de

todas estas situações, o poder da doutrina implantada pelo estudo bíblico das Testemunhas de Jeová manteve-a cativa e convencida de que apenas esta era a religião verdadeira, até aos dias de hoje.

Quando um estudante, através do estudo bíblico, se convence de que existe uma única religião verdadeira e de que esta só se encontra nas Testemunhas de Jeová, é como se se fechasse um cadeado mental que muito dificilmente se consegue abrir. Por mais atitudes desumanas, desonestas, iníquas e erradas do ponto de vista dos valores morais que se vejam dentro da organização, entre os seus membros e mesmo líderes designados, tudo será atribuído à imperfeição. Se o mesmo acontece em membros de outros grupos religiosos é sinal de que pertencem à «religião falsa» e ao «mundo de Satanás». Tudo é perdoado, minimizado e mesmo ignorado se acontecer na organização de Jeová[13].

É costume dizer que a «pior pessoa dentro da organização é sempre melhor do que os que estão no mundo». Trata-se realmente de uma visão preconceituosa e mesquinha, incutida pela organização, que procura criar nos membros a mentalidade do Nós *versus* Eles. E é bem-sucedida!

«O Senhor Jeová vê tudo o que fazes»

Desde que a minha mãe começou a estudar a Bíblia com as Testemunhas de Jeová, foi-lhe incutido que deveria começar a educar-me também segundo os ensinamentos do Senhor Jeová. Visto que era uma criança pequena, a minha mãe fê-lo de modo gradual e simples. Começou a usar um livro publicado pela organização, de capa cor-de-rosa, chamado *Escute o Grande Instrutor*. Este livro, publicado especialmente para crianças e jovens, tinha uma linguagem bem simples, com histórias bíblicas que serviam de trampolim para ensinar lições de moral e incutir nas pequenas mentes impressionáveis o respeito por Deus e o desejo de Lhe agradar.

Nestas lições que a minha mãe lia em voz alta, era instigado o

temor a Deus e o medo de Lhe desagradar. Afinal, desobedecer a Deus iria entristecer o Seu coração e faria com que tivéssemos uma consciência culpada. Diversas vezes a minha mãe dizia-me: «Filho, não temos de ter medo dos homens. Mas devemos temer a Deus, pois o Senhor Jeová vê tudo o que fazes. Não penses que, por a mãe e o pai não estarem ao pé de ti, fazes as coisas sem ninguém saber. O Senhor Jeová sabe tudo e vê tudo. Ele ama-nos e preocupa-se connosco e por isso não quer que façamos coisas erradas porque isso vai-nos fazer mal. Acima de tudo, vai-nos fazer perder a Sua aprovação.»

Orgulho em ser Testemunha de Jeová

Esta educação ficou de tal modo vincada em mim que acreditava que Deus estava presente em todos os momentos da minha vida. Era uma companhia constante, que me ajudava, vigiava e avaliava. Quando entrei na escola, tal educação levou-me a ser firme naquilo que considerava como sendo a verdade. Lembro-me perfeitamente de várias ocasiões em que isso se tornou notório para outros. Embora ainda não fosse uma Testemunha de Jeová, identificava-me como tal.

Uma das primeiras memórias foi quando, na quarta classe, a professora nos pediu para aprendermos o hino e o cantarmos de pé. Ora, as Testemunhas de Jeová consideram que a bandeira nacional e o hino, embora sejam dignos de respeito, são usados como manifestações de nacionalismo e adoração ao Estado[14].

Este ensino e interpretação religiosa já me fora inculcado pela minha mãe e, embora não entendesse muito bem as razões devido à minha idade, sabia que isso desagradaria a Jeová. Por isso, recusei-me a cantar, mantendo-me apenas de pé respeitosamente. É claro que esta atitude fez com que a professora me repreendesse publicamente, advertindo-me para que cantasse com o resto da turma. prontamente respondi que não o poderia fazer porque era Testemunha de Jeová. Quando ela me pediu satisfações sobre as

razões pelas quais não o poderia fazer, disse-lhe apenas que iria trazer uma publicação que explicaria o assunto em pormenor.

A minha mãe ajudou-me a preparar-me para poder voltar a falar com a professora, apresentando-lhe uma brochura muito usada na época, chamada *A Escola e as Testemunhas de Jeová*.

Logo num capítulo introdutório e sob o título «O Motivo desta Brochura», dizia:

«Com esta brochura, gostaríamos de familiarizar as autoridades escolares com as crenças das Testemunhas de Jeová, que influem nas atividades escolares. Além disso, queremos explicar porque, em resultado de tais crenças, as Testemunhas jovens não participam em certas solenidades e programas escolares, costumeiros em muitos lugares do mundo. Ao mesmo tempo, desejamos esclarecer que não temos a intenção de impor nossos conceitos a outros.»^[15]

Na aula seguinte, entreguei a brochura à professora e expliquei o conceito que as Testemunhas de Jeová têm da saudação à bandeira e de cantar o hino nacional. Aproveitei para explicar também que não poderia participar em quaisquer actividades que se relacionassem com a celebração de feriados, como o Natal, a Páscoa e o Carnaval. Percebi claramente que ela não gostou da situação, mas respeitou e aceitou.

Quando havia trabalhos em que tais coisas estivessem envolvidas, ela pedia-me para fazer outro tipo de actividade de modo a respeitar a minha consciência. Visto que gostava muito de desenhar, aproveitava tais ocasiões para fazer desenhos sobre outros temas.

O mais curioso é que, mesmo depois de deixar de ter aulas com essa professora, que recordo com carinho, ela manteve os meus desenhos afixados no painel durante bastante tempo. Sei-o porque certa vez voltei a visitá-la e, para minha surpresa, lá estavam eles expostos. Modéstia à parte, desenhava bem, e sempre foi um *hobby* que cultivei ao longo do meu percurso escolar. Aliás, era uma das coisas que os meus colegas recordavam prontamente: «Os desenhos do António.»

Na preparatória, aconteceu-me outra experiência engraçada, que cheguei a contar numa entrevista, no Salão de Assembleias de

Carnaxide, perante largas centenas de Testemunhas de Jeová presentes. Este tipo de histórias normalmente é aproveitado para enaltecer a postura firme e corajosa de uma Testemunha de Jeová perante circunstâncias que desafiavam a sua fé.

Isto passou-se na disciplina de História. A professora, depois de ter exposto a matéria sobre a evolução do homem, anunciou que iria ser realizado um teste para avaliar os nossos conhecimentos sobre esse tema. A minha consciência imediatamente deu o alerta, e senti-me na obrigação de ir falar com a professora sobre o assunto. Não apenas eu, mas também outro colega da turma, que também era Testemunha de Jeová.

Expliquei à professora que, como Testemunhas de Jeová, não acreditávamos na teoria da evolução, mas na criação. Por isso, pedíamos para sermos dispensados do teste porque sentíamos que, ao responder às questões, estaríamos a violar a nossa consciência, escrevendo sobre algo em que não acreditávamos.

A professora mostrou-se surpresa, mas prontamente explicou que não poderia ser. Afinal, como nos iria avaliar se não fizéssemos o teste? A solução que encontrou foi simples: «Basta que no final do teste escrevam que não acreditam na evolução, mas na criação.»

Achámos que a proposta era boa e que, ao fazê-lo, a nossa posição ficava definida. Prometemos trazer-lhe na próxima aula um livro que fora publicado na época pela Torre de Vigia, chamado *A Vida — Qual a Sua Origem? A Evolução ou a Criação?*

E assim fizemos o teste, tal como todos os nossos colegas, manifestando no fim a nossa discordância em relação ao ensino evolucionista.

Quando, alguns dias mais tarde, a professora devolveu os testes, qual não foi a minha surpresa, e provavelmente a dela, quando o corrigiu, quando vi que tinha a nota mais alta da turma. Pelo menos serviu para lhe mostrar que não estava a tentar fugir ao teste por capricho. Ao mesmo tempo, senti-me feliz por ter mantido uma posição firme, de acordo com as minhas convicções.

Recordo-me de outra ocasião em que a professora de Português nos convidou a fazer uma redacção sobre a temática do Natal, logo após as férias. Vi-me novamente numa situação em que teria de me

expor, uma vez que não celebrava o Natal. Como iria falar das minhas férias natalícias e das supostas trocas de prendas e festividade associada a esta época? Novamente, a brochura *A Escola e as Testemunhas de Jeová* ajudou-me, pois, recordando o que havia lido nela, pude escrever a redacção contando aquilo que sabia sobre o Natal e sua suposta origem pagã.

Na aula seguinte, a professora entregou as redacções, e eu tive nota máxima. Não queria acreditar. Mas não se ficou por aqui... A professora pediu-me que lesse a minha composição para a turma. Senti-me a corar e engoli em seco, porque já calculava que seria motivo de chacota. E assim foi!

Assim que os meus colegas perceberam o conteúdo da redacção, começaram a rir e a gozar comigo, chamando-me Jeová, entre outras coisas. Uma colega que costumava sujeitar-me a *bullying* nos intervalos disse logo: «A professora não sabe que ele é Jeová?» Imediatamente a professora pôs-se de pé e, com voz firme, mandou calar a turma. Disse: «O que o António escreveu é verdade. Deixem-no terminar a leitura!»

Os meus colegas foram apanhados de surpresa, e acabei por ler o resto entre murmúrios e risos. Era uma turma muito indisciplinada, devo referir.

Conto estes episódios para mostrar como aquilo que a minha mãe me havia inculcado, assim como mais tarde o meu instrutor, me forçou a ter sempre verticalidade e coragem para defender aquilo que eu considerava ser verdadeiro. Se, por um lado, isso levou a que fosse alvo de preconceito e chacota por parte dos colegas, acabaria por ganhar o seu respeito com o tempo, porque eu simplesmente não vacilava.

Afinal, queria agradar a Jeová e sabia que Ele olhava para mim com aprovação.

Confesso que o período escolar não foi fácil para mim, especialmente na preparatória e no secundário. Era um miúdo introvertido, fugindo da associação com colegas do sexo masculino, que tinham um comportamento bem diferente daquele que me fora inculcado desde criança. Não dizia palavrões e não era bom em Educação Física. Além disso, assumindo-me como Testemunha de

Jeová, acabava por ser um alvo preferencial de troça e agressividade por parte deles, alguns mais velhos do que eu, por serem repetentes. Por isso, preferia a companhia de raparigas durante os intervalos e acabei por desenvolver mais facilmente amizade com elas.

Logo no 9.º ano, percebi que seria uma boa opção enveredar por um curso técnico-profissional com equivalência ao 12.º ano e que me daria as bases necessárias para iniciar rapidamente uma carreira profissional. Depois de avaliar os cursos disponíveis e visto que sempre gostei de desenho, optei pelo curso como Técnico de Desenho-Gráfico. Para mim, foi o melhor tempo escolar que tive, uma vez que fui ficando mais extrovertido e que fazia amizades mais facilmente. Conservo algumas delas até hoje.

Claro que, mal a situação se proporcionou, me identifiquei como Testemunha de Jeová, o que surpreendeu a turma, mas não criou problemas de maior. Jamais forcei conversas sobre religião e só tocava no assunto quando, em diálogo, me faziam perguntas sobre as minhas crenças. Tinha na turma uma colega que era adventista do Sétimo Dia, e isso também ajudava a que a atenção não estivesse tão focada em mim. Mas, acima de tudo, mesmo havendo conversas mais acesas, quando se discutiam assuntos ligados à religião, existia respeito pela diferença de opinião.

Cheguei ao ponto de, em certa aula, ter um colega a defender os meus pontos de vista, como na ocasião em que se falou sobre a teoria da evolução, e um colega meu desafiou o professor com argumentos e perguntas que punham à prova as supostas bases científicas dessa teoria.

Houve apenas uma vez em que um colega se exaltou e saiu porta fora enquanto se debatia a minha religião. Aconteceu na aula de uma disciplina chamada Mundo Actual. A professora pediu que fizéssemos uma exposição de um tema à nossa escolha, que teríamos de apresentar à turma, seguido de um debate.

Escolhi fazer uma apresentação sobre a religião das Testemunhas de Jeová e para isso levei uma cassete de vídeo que saíra na época. Chamava-se *Testemunhas de Jeová — A Organização Que Leva o Nome* e mostrava o funcionamento da organização Torre de

Vigia a partir da sede mundial, em Brooklyn, nos Estados Unidos da América. O vídeo mostrava o funcionamento da gráfica onde eram impressas milhares de publicações todos os meses, desde o simples calendário até à Bíblia usada pelas Testemunhas de Jeová, a *Tradução do Novo Mundo*. Era um documentário que deixava qualquer pessoa assombrada com a eficiência e organização desta estrutura editorial. Os meus colegas ficaram admirados e surpreendidos com o vídeo e, na segunda parte da aula, seguiu-se o debate.

Parecia fogo-cruzado! Perguntas numa sucessão alucinante obrigavam-me a ser objectivo e a explicar as dúvidas que iam sendo apresentadas. Foi quando, durante o debate, um dos colegas, já exaltado com o que estávamos a discutir, disse, irritado, «Isto é um império!» e saiu porta fora. Aquelas palavras ficaram-me para sempre na cabeça.

Hoje, olhando à distância e sabendo o que sei hoje, posso afirmar que tinha razão. Um grupo religioso que começou com reuniões familiares e em grupos pequenos tornou-se uma religião expansionista, com implantação em cerca de 240 terras e imóveis que, se fossem vendidos, certamente renderiam muitos mil milhões de euros.

No final da discussão, a professora comentou para a turma, em jeito de conclusão: «Podemos não concordar com as crenças do António, mas uma coisa é certa: ele sabe muito bem defender as suas convicções.»

Uma outra educação — aprendendo a língua pura

Se através da minha mãe foram lançadas as fundações para desenvolver uma personalidade criada à imagem de uma Testemunha de Jeová modelo, o passo seguinte solidificou e estruturou definitivamente essa personalidade.

Por volta dos oito a nove anos e já sendo pré-adolescente, a minha mãe decidiu passar o estudo para um irmão na congregação.

A escolha incidiu num ancião, o irmão Francisco^[16], que era uma pessoa muito sóbria e madura. Não era de muitos sorrisos, mas era bondoso. Tornou-se não apenas meu instrutor mas quase como uma espécie de tutor na fé, encorajando-me a estudar a Bíblia com afinco e a desejar servir mais a Deus. Se o tivesse de comparar a uma personagem bíblica, compará-lo-ia ao apóstolo Paulo na sua relação com o jovem Timóteo, que, à minha semelhança, também fora educado apenas por sua mãe e avó. À semelhança de Timóteo, o meu pai nunca se tornou Testemunha de Jeová, embora respeitasse esta religião e tivesse feito estudo bíblico durante algum tempo.

Gostava de fazer aqui um parênteses. Não sou filho único. Sou cinco anos mais velho do que a minha irmã, que também foi educada como Testemunha de Jeová e que, tal como eu, também se baptizou como tal. Acabou por se afastar da religião algum tempo depois de casar, mas essa é outra história.

Na idade em que o irmão Francisco me começou a dar o estudo bíblico, confesso que não gostava muito. Afinal, sendo criança, queria era brincar e estar com os amigos na rua (sim, nessa altura brincava-se na rua). Crescendo naquele que chegou a ser o maior bairro clandestino da europa (Brandoa) e numa rua sem saída, era habitual passar os tempos livres a brincar às escondidas, à apanhada, ao berlinde, ao pião, à bola e a outros jogos tão característicos da época. Os canais de televisão eram apenas dois e havia hora de abertura e fecho, assim como horários específicos para os desenhos animados.

Ao contrário de outras crianças criadas por pais Testemunhas de Jeová, a minha mãe jamais me limitou na socialização ou me fez sentir que isso era algo errado. Penso que era bastante equilibrada, e felizmente tinha mente aberta. Aliás, ainda hoje tem.

Tendo este tipo de liberdade, especialmente na altura do período de férias escolares, tornava-se aborrecido ter de sair de casa ou da rua para subir a Brandoa para o estudo bíblico, que era realizado normalmente em casa do ancião.

O estudo era feito com regularidade, e poucas vezes faltei, mesmo que fosse por vezes a contragosto. Mas era mais uma

obrigação que me preparava para o futuro: abdicar de interesses pessoais para servir a congregação e a Jeová.

Com o irmão Francisco estudei vários livros da Torre de Vigia. Aliás, livros não faltavam na organização, pois todos os anos eram lançadas novas publicações. Devo ter estudado uns dez livros ao longo da adolescência, fora muitos outros explorados na congregação, como parte da reunião semanal chamada de Estudo do Livro de Congregação[17].

Durante o estudo, para quem não sabe, são lidos parágrafos que de seguida apresentam uma pergunta ou perguntas respectivas. O objectivo é, depois de se ler o parágrafo, responder às perguntas do instrutor, de preferência por palavras suas, mas sempre de acordo com o que diz o parágrafo. Isto é um método perspicaz de doutrinação, pois a pessoa, ao responder por suas palavras aquilo que está no parágrafo, acaba por inconscientemente adoptar as ideias e ensinamentos que lá estão expressos. O indivíduo não tem liberdade face àquilo que está a aprender, está tão-somente a verbalizar as ideias e conceitos de outros, tornando-os seus.

Quando surgem perguntas incómodas ou difíceis, para as quais o estudante não está preparado ou receptivo no sentido de obter uma resposta objectiva, o instrutor alega que essa resposta será dada mais adiante no estudo e que a pessoa precisa de entender primeiro outras coisas mais simples.

É algo equivalente a alimentar um bebé primeiro com leite e mais tarde com comida sólida. É por isso que, quando a pessoa chega a partes do estudo mais polémicas — e que poderiam originar objecção na sua mente —, já foi de tal modo formatada que não a irá incomodar. O seu sentido crítico foi desligado.

É comum acontecer em grupos e seitas destrutivos, onde a informação é dada por camadas e níveis, de acordo com a etapa em que o indivíduo se encontra. Quando se percebe que a pessoa já está predisposta a aceitar avançar mais um passo no conhecimento do grupo e no seu envolvimento no mesmo, essa informação é-lhe disponibilizada.

Nas Testemunhas de Jeová, é claro. Ninguém começa o estudo bíblico abordando assuntos como a questão do sangue, o que

acontece a quem peca ou decide sair da organização, etc. Se os estudos comesçassem por esses temas polémicos, poucos iriam até ao fim. Por esse motivo, tais assuntos só são abordados de modo pormenorizado numa fase avançada do estudo, quando a pessoa já aceitou a ideia de que as Testemunhas de Jeová são a restauração do verdadeiro cristianismo e de que a organização religiosa é como a arca de Noé, onde todos aqueles que desejam ser salvos devem estar no dia do Armagedão.

Outro aspecto que jamais é tratado são factos que possam pôr em causa o ensino da organização. Aliás, as Testemunhas de Jeová fogem de qualquer coisa que cheire a crítica. Um estudante que faça muitas perguntas incómodas ou que não se satisfaça com o que lhe é dito está fadado a ser um estudante de curta duração. É visto como alguém que não está disposto a aprender e a ser submisso, e tão rápido quanto possível o instrutor cancela o estudo.

No entanto, isso não aconteceu comigo, como é óbvio. Apesar de ter certas dúvidas, já estava mais do que mentalizado para o facto de que esta era a organização de Jeová e de que, para fazer a vontade de Deus, teria de aprender a Língua Pura[18].

Pregação de porta em porta — obrigação incómoda

O próximo passo de um estudante das Testemunhas de Jeová é começar a falar a outros sobre aquilo que aprende. É-lhe dito que ele, ao conhecer a verdade, tem a responsabilidade de a partilhar com outros, mesmo que isso acarrete problemas sociais e familiares. Afinal, as pessoas do mundo são na sua maioria opositores da verdade, mas precisam de ser expostas a ela para que, através da sua atitude (favorável ou negativa), possam no futuro ser julgadas por Cristo, quando ele vier como executor no Armagedão.

Num dos livros publicados e usados como base para estudo bíblico, *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*, no capítulo «Como tornar-se súbdito do Reino de Deus», dizia-se:

«... iguais a Jesus Cristo e seus primitivos seguidores, **têm de ser porta-vozes ou proclamadores leais do reino de Deus.** (Mateus 4:17; 10:5-7; 24:14) Jeová deseja que todos saibam o que é o seu reino e como este solucionará os problemas da humanidade. **Já participou a parentes, amigos e outros as coisas que aprendeu da Palavra de Deus? É a vontade de Deus que faça isso.** — Romanos 10:10; 1 Pedro 3:15.»[19]

Nesta fase do estudo, a pessoa já está mentalizada para o facto de que, para agradar a Deus, tem de pregar a outros aquilo que aprendeu, ou seja, divulgar aos seus contactos os ensinamentos que obteve das Testemunhas de Jeová. Esta pressão para a conformidade com o grupo começa nesta altura a dar os primeiros passos. A partir do momento em que a pessoa começa a pregar, começa a ser vista como uma Testemunha de Jeová em perspectiva.

Foi um passo natural para mim, já que, desde miúdo, falava de modo informal sobre as minhas crenças com os meus colegas de escola e até vizinhos. Apesar disso, a ideia de ir bater a portas desconhecidas e de enfrentar os humores dos moradores não me era nada confortável. Mas isso nunca me demoveu de o fazer.

Tornei-me publicador não baptizado, aprovado pela congregação no início da adolescência (creio que pelos meus 12 a 13 anos), e passei a frequentar as reuniões de saída ao campo[20].

Qualquer pessoa que desejasse tornar-se publicador não baptizado precisava de ter a aprovação do seu instrutor, bem como passar por uma sessão de perguntas. As perguntas eram feitas por dois anciãos e pelo seu instrutor, que se baseavam no livro *Organizados para Efectuar o Nosso Ministério*. A ideia era certificarem-se de que a pessoa entendia o passo que estava a dar e se estava apta para isso. O instrutor tinha a responsabilidade de dar o aval e pedir para o seu estudante ser publicador não baptizado.

O mesmo livro dizia ao instrutor:

«Mostram as expressões da pessoa que crê que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus? [...] Conhece os ensinamentos básicos das Escrituras e crê neles, para que, quando se lhe fizerem perguntas, responda em harmonia com a Bíblia e não segundo as suas próprias ideias, ou segundo ensinamentos religiosos falsos? [...] Acata a ordem da Bíblia de

se associar com o povo de Jeová nas reuniões congregacionais (se a saúde e as circunstâncias o permitirem)? [...] Sabe o que a Bíblia diz sobre a fornicção, o adultério, a poligamia e o homossexualismo, e está vivendo em harmonia com esses ensinamentos? Se a pessoa estiver vivendo com alguém do sexo oposto, estão os dois legalmente casados? [...] Acata a proibição bíblica da embriaguez? [...] Mantém-se limpa do aviltamento com fumo, noz-de-bétele e outras coisas que contaminam o corpo? Está livre do uso não medicinal de drogas viciadoras? [...] Rompeu definitivamente a afiliação com todas as organizações da religião falsa com que talvez tenha estado associada, e deixou de frequentar as reuniões delas e de apoiar as atividades delas ou participar nelas? [...] Está livre de todo o envolvimento nos assuntos políticos do mundo? [...] Crê no que a Bíblia diz sobre os assuntos das nações, em Isaías 2:4, e vive em harmonia com isso? Deseja realmente ser Testemunha de Jeová?»[21]

Na reunião de saída ao campo, após uma breve consideração de pontos doutrinários e análise de certas passagens bíblicas que poderiam ser usadas na pregação, junto com as publicações aconselhadas a divulgar nesse mês, eram feitos os pares.

Os dirigentes aconselhavam os irmãos a que não levassem arranjos feitos, ou seja, que não tivessem combinado antecipadamente com quem iriam sair. O objectivo era que não saíssemos sempre com os mesmos, de modo a familiarizarmo-nos melhor uns com os outros. Mas nem sempre esse pedido era atendido.

Na época cheguei a assistir a saídas ao campo dirigidas por pioneiras, visto não haver irmãos baptizados presentes. No entanto, essa situação é cada vez menos comum, uma vez que as mulheres não podem ensinar na congregação ou desempenhar qualquer tipo de papel mais importante.

Quando existe a necessidade absoluta de uma irmã desempenhar um privilégio de serviço, nomeadamente liderar uma saída ao campo, deve cobrir a cabeça com um lenço mostrando submissão diante de Jeová, visto estar a desempenhar uma tarefa que deveria ser realizada por um varão[22].

Costumava apoiar, sempre que possível, os arranjos de saída ao campo, quer durante a semana quer ao fim-de-semana, saindo inclusivamente com irmãos e irmãs que serviam como Pioneiros Regulares[23] e Pioneiros Auxiliares[24].

Acreditem quando digo que bater às portas não é fácil. Requer

uma grande dose de coragem e espírito de sacrifício. Ao contrário do que alguns possam pensar, as Testemunhas de Jeová não recebem qualquer valor monetário ao realizarem a pregação ou ganham quaisquer comissões por arranjar novos estudantes. Todo o trabalho é estritamente voluntário e depende exclusivamente da boa vontade e da dedicação da Testemunha à organização Torre de Vigia. Quanto mais estiver dedicada à organização, mais tempo irá dedicar a este serviço.

É por isso que a organização, que depende quase exclusivamente de trabalho voluntário para divulgar a sua mensagem religiosa, necessita de que seus membros permaneçam intimamente associados à congregação das Testemunhas de Jeová. Assim, quase todo o horário é preenchido com preparação para as reuniões semanais, assistência regular a estas reuniões e pregação pública, o que deixa pouco tempo para que a Testemunha de Jeová desenvolva outros *hobbies* ou actividades paralelas, para além do trabalho secular.

A Testemunha de Jeová é sempre incentivada a «fazer mais para Jeová», como mostra este artigo da revista *A Sentinela*, de 16 de Julho de 2016:

«Com certeza, não vale a pena se empenhar por um estilo de vida materialista e fazer menos pelo Reino. **Em vez disso, devemos nos empenhar em fazer mais para Jeová.** Que alvos você poderia ter? Por exemplo, será que poderia se mudar para uma congregação que precisa de mais publicadores? Você poderia ser pioneiro? Se você já é pioneiro, já pensou em fazer a Escola para Evangelizadores do Reino? Que acha de trabalhar alguns dias da semana em Betel ou num escritório remoto de tradução? Será que poderia ajudar na construção de um Salão do Reino como voluntário do Departamento Local de Projeto/ Construção? Pense no que você pode fazer para simplificar a vida e participar mais na obra do Reino. Analise as sugestões do quadro “Como simplificar sua vida”. Daí ore a Jeová e dê os passos necessários para alcançar seu alvo.»

Como Testemunha de Jeová, independentemente do que faça, há sempre mais alguma coisa que é esperada de si. As tarefas a desempenhar na congregação, em especial se for homem, são inúmeras, e a organização vai sempre mostrar a sua insatisfação através dos seus representantes, tentando puxá-lo ao limite. A

dedicação à organização, através do trabalho na congregação, deve ser absoluta e incondicional. Só assim se consegue provar que se é um irmão maduro e «espiritualmente forte».

Lembro-me de que, como adolescente, sabia que, ao sair em pregação, tinha grande probabilidade de encontrar colegas de escola pelas ruas que percorria até ao território designado[25]. Sabia também que poderia bater a uma porta onde vivesse um deles, o que era bastante confrangedor. E isso acabou por acontecer, como era inevitável, mais do que uma vez.

Certa vez, um colega de escola, a brincar, ameaçou-me que correria comigo ao pontapé caso fosse bater-lhe à porta. Todos se riram, eu inclusivamente.

Por coincidência, não tardou muito para que isso acontecesse! Era a minha vez de bater à porta, como é costume acontecer entre as Testemunhas de Jeová, para que ambos os parceiros tenham a oportunidade de falar com os moradores. Eis que, depois de tocar à campainha, aparece o meu colega. Ao ver-me à sua porta, ficou envergonhado e apenas sorriu, timidamente.

Não me descaí e, cumprimentando-o pelo nome, expliquei-lhe a razão da minha visita, junto com o meu parceiro Testemunha de Jeová. Não fui corrido ao pontapé, ele foi simpático connosco, embora não tenha demonstrado qualquer interesse pela mensagem. No dia seguinte, ao chegar à escola, este episódio provocou algumas gargalhadas.

Naquele tempo, pregar de casa em casa era mais desafiante. As pessoas, sendo mais religiosas do que hoje em dia, proporcionavam conversas interessantes em que se debatiam doutrinas e se usava muito a Bíblia. Isso veio a mudar cada vez mais porque a perda da religiosidade de muitos portugueses, juntamente com a desacreditação da Bíblia como livro sagrado, tornou bem mais difícil transmitir a mensagem bíblica, conforme a interpretação das Testemunhas de Jeová.

Não é de estranhar, portanto, que hoje em dia as Testemunhas de Jeová se tenham voltado para métodos mais inovadores de pregação como vídeos e artigos *online* para cativar visualmente as pessoas. É possível ver as Testemunhas de Jeová a pregarem de

tablet na mão, substituindo até o livro físico da Bíblia por uma versão digital. O que ainda não mudou foi o visual com que se apresentam: homens de fato e gravata e mulheres de saia, sempre. É da praxe!

Pessoalmente, não gostava de usar gravata, especialmente nos dias de calor. Ter de andar pelas ruas, com uma pasta, muitas vezes carregada de literatura (livros e revistas, além da Bíblia), e usar roupa que aumentava a sensação de desconforto não era nada agradável.

Mas nada disto podia ser questionado. Tudo se resume à lealdade para com as orientações da «organização terrestre de Jeová». Uma Testemunha de Jeová tem de ter muito espírito de sacrifício para se manter activa nesta religião.

Como dizia uma irmã certo dia, em tom de desabafo, à minha mulher: «Se acreditando na religião já é difícil, imagine se a pessoa deixasse de acreditar!» Nem imagina como estava certa!

CAPÍTULO II

Viver na expectativa de um fim iminente

Batismo: Símbolo de dedicação a Deus e não só

Através da minha atitude e comportamento exemplar enquanto publicador não baptizado, fui demonstrando que estava habilitado para o baptismo. Tenho a dizer que, ao contrário do que acontece a outros jovens filhos de Testemunhas de Jeová, a minha mãe nunca me pressionou para o baptismo. O meu instrutor também nunca o fez, apesar de fazer referência a essa necessidade e à importância de se dar esse passo como manifestação pública da dedicação cristã.

Além da pregação, já participava regularmente na reunião semanal chamada Escola do Ministério Teocrático. Esta escola foi inaugurada primeiramente no Betel de Brooklyn, em Fevereiro de 1942, com o nome de Curso Avançado do Ministério Teocrático, depois de Nathan Homer Knorr se tornar o terceiro presidente da Sociedade Torre de Vigia[26]. Em 2016, esta escola foi descontinuada.

E qual o objectivo desta escola? Basicamente servia para desenvolver a oratória e a leitura. Para alguém participar nesta reunião, bastava manifestar esse desejo ao superintendente de escola, que é o irmão responsável por a dirigir e por aconselhar os alunos quanto aos pontos a melhorar. A cada estudante era atribuída com antecedência uma matéria que teria de apresentar à assistência na data marcada.

No caso dos homens, eram leituras e discursos feitos directamente à congregação. No caso das mulheres, as chamadas designações assumiam a forma de estudos bíblicos ou visitas a

pessoas interessadas. Na época, existia uma pequena folha onde eram anotados os valores atribuídos a cada apresentação.

Desde cedo me destaquei nesta escola, uma vez que lia bem e tinha boa dicção. Sem dúvida que esta reunião me ajudou a desenvolver a aprimorar a capacidade de falar em público. Mais tarde isso seria essencial para alcançar outros privilégios na congregação.

Chegou finalmente a altura em que senti no coração o desejo de ser baptizado. Tinha na altura 16 anos e estava plenamente convicto do passo que ia dar, tendo em conta a doutrinação e o conhecimento que possuía na altura, como é evidente.

Expressei-o à minha mãe e ao meu instrutor, que se mostraram felizes com essa decisão. De salientar que a minha mãe ainda não dera esse passo. Veio a dá-lo alguns anos mais tarde.

Esse grande dia chegou. Estava entusiasmado e emocionado por dedicar a minha vida a Jeová, conforme me fora ensinado até então. Estávamos a 25 de Novembro de 1989 e, se não me falha a memória, foi na assembleia de circuito com o tema «Prestemos Serviço Sagrado com Temor Piedoso», no Salão de Assembleias de Carnaxide.

Todas as assembleias e congressos das Testemunhas de Jeová têm um discurso do baptismo, dirigido a quem está prestes a ser baptizado. Esse discurso explica o que os conduziu até ali, as mudanças que tiveram de fazer nas suas vidas, a seriedade do passo que irão dar e como este alegrará o coração de Jeová, mas provocará a ira de Satanás contra eles. Habitualmente, os candidatos ao baptismo ficam sentados na primeira fila do auditório, e, no final do discurso, é-lhes pedido que fiquem de pé e respondam «SIM!», em voz alta, a duas perguntas. Na época, as perguntas eram as seguintes[27]:

- «À base do sacrifício de Jesus Cristo, arrependeu-se dos seus pecados e dedicou-se a Jeová para fazer a vontade dele?»
- «Compreende que a sua dedicação e o seu batismo o identificam como uma das Testemunhas de Jeová, em associação com a organização de Deus, dirigida pelo espírito dele?»[28]

Depois da resposta «SIM», é feita uma oração, seguida de um cântico. Durante o cântico, os candidatos ao baptismo são encaminhados para a zona privada, onde irão mudar de roupa para de seguida serem baptizados perante a assistência.

Aconselha-se que a roupa de banho seja modesta, sem revelar demasiado do corpo (no caso das mulheres). Depois são conduzidos a uma piscina ou tanque à vista da audiência. No caso do Salão de Assembleias de Carnaxide, onde fui baptizado, existe uma piscina ao lado do palco. Quando são congressos regionais em estádios ou pavilhões, as pessoas são baptizadas em grandes tanques instalados de propósito para essa cerimónia.

Lembro-me perfeitamente da emoção sentida quando me foi pedido que me levantasse e respondesse afirmativamente às duas questões. O meu coração batia, acelerado, pois encarava aquela ocasião como a mais importante da minha vida: estava a dedicar-me a Jeová, o único Deus verdadeiro e Aquele que merece toda a nossa adoração e devoção.

Quando uma Testemunha de Jeová responde afirmativamente a estas questões, em especial à segunda, não percebe que está na prática a fazer um contrato verbal com uma organização religiosa e que futuramente isso poderá ter consequências graves.

É interessante que a organização já publicou declarações em que afirma que o baptismo não é uma dedicação a uma organização. Veja por exemplo esta:

«“Jeová é o dador da vida. Pois contigo está a fonte da vida.” (Sal. 36:9) Não podemos manter em vista a vida eterna sem nos apegarmos a Jeová, a fonte da vida... É isto o que queremos dizer quando dedicamos nossas vidas a Jeová. **Não nos dedicamos a uma religião, nem a um homem, nem a uma organização.** Não, dedicamo-nos ao Soberano Supremo do Universo, ao nosso Criador, o próprio Jeová Deus. Isto torna a dedicação uma relação muito pessoal entre nós e Jeová.»[29]

Quem lê estas declarações fica com a impressão de que o baptismo nas Testemunhas de Jeová não torna a pessoa dependente de uma instituição religiosa humana ou organização, mas que se trata de um acto que nos liga ao Criador, «algo muito pessoal entre nós e Jeová».

Mas é uma declaração enganosa! Porque, ao mesmo tempo que a organização diz isto, afirma:

«Mas as Testemunhas devotadas mantêm firmemente sua **fé na organização de Jeová**. Sabem qual dentre todas as organizações, na terra, o Deus Todo-poderoso tem usado para dar o maior testemunho para o Seu nome e reino, em toda a história cristã [...]. Então, qual deve ser hoje a nossa atitude? Há qualquer motivo para perdermos a **fé na organização visível de Jeová**, por causa das crescentes dificuldades neste mundo? Os que crêem que Jeová nunca abandonará suas Testemunhas fiéis respondem: “Absolutamente nenhum!” Numa demonstração de tal fé, continuaremos a **apegar-nos a ela e a cooperar com ela, sem afrouxar as mãos**. Nossa inabalável fé será recompensada com vitória e com a coroa da vida!»[30]

Assim, a fé de uma Testemunha de Jeová não está ligada exclusivamente à sua relação com Deus, mas dependente de uma organização humana visível. Obviamente que é um contra-senso, pois a fé cristã manifesta-se sempre em relação a algo não observável, como diz o apóstolo Paulo em Hebreus 11:1:

«A fé é a firme confiança de que virá o que se espera, a demonstração clara de realidades não vistas.»

Como é óbvio, pedir que alguém tenha fé na organização de Jeová coloca esta organização ao mesmo nível do próprio Deus, ainda mais quando se dizem coisas como estas:

«**Apenas as Testemunhas de Jeová, os do restante ungido e os da grande multidão**, qual organização unida sob a proteção do Organizador Supremo, **têm esperança bíblica de sobreviver ao iminente fim deste sistema condenado, dominado por Satanás, o Diabo**.» (Revelação 7:9-17; 2 Coríntios 4:4)[31]

Não admira então que uma pessoa que se baptiza como Testemunha de Jeová tenha de ter aceitado com toda a convicção que a organização religiosa pela qual se baptiza representa a única religião verdadeira e a única que sobreviverá através da Grande Tribulação e do Armagedão.

Foi exactamente com esta convicção que me baptizei: estava a dedicar-me a Deus por meio desta organização que leva o Seu

nome, mas sem entender plenamente que tal atitude me colocava como escravo de homens, algo que só vim a entender muito mais tarde. Nesta fase do relacionamento entre o estudante ou recém-baptizada Testemunha de Jeová e a organização, existe uma espécie de paixão.

Assim como a paixão romântica leva a uma perda de sentido crítico para com a outra pessoa, onde as qualidades dela são exaltadas e os defeitos minimizados ou nem sequer percebidos, aquilo que se sente ao conhecer a suposta verdade torna a pessoa um verdadeiro zelote face à religião que abraçou.

Imagine o sentimento que é pertencer ao povo de Jeová, à única religião verdadeira. Imagine o que é sentir-se parte de uma fraternidade mundial onde não existem barreiras étnicas e culturais e onde, para onde quer que vá, é acolhido como se pertencesse a uma grande família. Aliado a isso, todas as Testemunhas de Jeová têm exactamente as mesmas crenças e não estão divididas em grupos sectários que se digladiam ou divergem doutrinalmente[32]. Na realidade, as coisas não são assim tão lineares.

Mas este sentimento é um poderoso motivador para se acreditar que finalmente se encontrou um sentido e propósito na vida: servir a Deus, ombro a ombro com milhões de pessoas que, como nós, amam a Deus e desejam servi-lo para sempre num paraíso na terra.

Esta ilusão que se vive pode durar décadas. Existe assim um processo de conversão e conformidade do indivíduo, onde este acaba por abdicar do seu eu, de modo a encaixar no grupo. E quem não gosta de se sentir parte de algo maior do que ele? Isso reflecte-se nas pessoas que se filiam em partidos políticos, clubes de futebol e associações da mais diversa ordem. Como seres sociais, procuramos pessoas que partilhem os nossos interesses e valores, desde lutar por causas sociais ou ambientais, passando por defender valores e doutrinas religiosas.

Pregando a salvação antes de o século terminar

Algo que contribui para este sentimento e que tão bem é alimentado pela organização é a expectativa de um fim iminente — o Armagedão. Desde Charles Taze Russell até aos nossos dias, já lá vão mais de cem anos, os Estudantes da Bíblia e posteriormente as Testemunhas de Jeová têm anunciado a proximidade do Dia de Jeová, que implicará uma mortandade global, onde apenas as pessoas aprovadas por Cristo — juiz de toda a terra habitada — sobreviverão para um novo mundo.

Cresci a ouvir discursos e a ler publicações onde esta fobia era constantemente inculcada[33]. Mediante interpretações proféticas por parte dos líderes da organização Torre de Vigia, propagava-se que a geração que viveu no princípio do cumprimento do sinal mencionado por Jesus em Mateus capítulo 24 teria de estar viva para presenciar o fim. Visto que a organização ensinava que este «sinal do tempo do fim» se iniciou em 1914 com a entronização de Jesus nos céus[34], a geração que nasceu nessa época teria forçosamente de estar viva quando viesse o Armagedão[35]. Por isso mesmo, como qualquer Testemunha de Jeová, cresci a pensar que o fim ocorreria durante os próximos anos — no máximo até ao final do século xx — e transmiti isso a outros, através de discursos, de estudos bíblicos ou da pregação de porta em porta[36].

Este sentido de urgência e a ideia de que vidas estão em jogo servem de forte motivador para que as Testemunhas de Jeová continuem a pregar até aos dias de hoje. A perspectiva de que o fim está ao virar da esquina tem levado gerações de pessoas a abdicarem de projectos e carreiras pessoais e até de constituírem família e/ou terem filhos. A organização recorre inclusive ao sentimento de culpa para pressionar as Testemunhas a não desistirem de pregar e divulgar a sua mensagem, por dizer coisas como estas:

«É verdade que a obra de pregação cumpre um papel vital na salvação dos sinceros, mas serve também a outros objetivos importantes. O ministério cristão nos permite demonstrar nosso amor a Jeová. (1 João 5:3) **E possibilita que evitemos a culpa de sangue.**» (Actos 20:26, 27)[37]

A expressão «culpa de sangue» significa que a pessoa se torna culpada da morte de outra pessoa, seja por praticar algo intencional que provoca essa morte seja por não fazer o que está ao seu alcance para salvar essa vida. Assim, é incutido às Testemunhas de Jeová que, caso não preguem a mensagem de salvação, conforme ensinada pela organização terrestre de Jeová, terão a mesma sorte que as pessoas que não estejam dentro da arca simbólica, ou seja, não serão salvas no Armagedão. Esta fobia é muito poderosa como incentivo para que continuem activas na organização.

É claro que a expectativa de que o fim viesse dentro do período de tempo anunciado pela organização mostrou-se novamente gorada. Uma verdadeira surpresa em virtude dos anteriores falhanços proféticos!

A organização deu o dito por não dito e, sem pedir desculpas, veio dizer, na revista *A Sentinela* de 15 de Fevereiro de 2008, que a geração a que Jesus se referia em Mateus 24:32-34 correspondia apenas aos seguidores ungidos de Jesus. Em 2010, a Sociedade Torre de Vigia publicou o artigo «O papel do espírito santo no cumprimento do propósito de Jeová», em *A Sentinela* de 15 de Abril. Neste artigo, a organização, fazendo apenas menção ao anterior ensinamento lamenta sobre a geração que não passará, reviu novamente o ensino dizendo:

«O que essa explicação significa para nós? Embora não possamos medir a extensão exata de “esta geração”, é bom termos em mente várias coisas a respeito da palavra geração. Ela em geral se refere a pessoas de variadas idades cujas vidas coincidem por algum tempo durante um período específico; esse período não tem uma duração excessivamente longa; e tem um fim. (Êxo. 1:6) Como, então, devemos entender as palavras de Jesus a respeito de “esta geração”? **Ele evidentemente queria dizer que a vida dos ungidos que estavam presentes quando o sinal começou a tornar-se evidente, em 1914, coincidiria em parte com a vida de outros ungidos que veriam o início da grande tribulação. Essa geração teve um começo, e certamente terá um fim.»**[38]

Pode dizer-se que este novo entendimento foi um coelho tirado da cartola, de forma a dar mais tempo à organização, sem que alguém pudesse acusá-la de ter previsto incorrectamente o fim. Esta redefinição do significado da palavra «geração» deu carta-

branca à organização para arrastar o «fim do sistema de coisas» para a frente no tempo e evitar assim que as falsas predições da religião se tornassem ainda mais evidentes.

Este é o tipo de atitude recorrente por parte da Torre de Vigia quando o ensino é revisto, especialmente quando envolve a interpretação de profecias bíblicas, anunciadas com dogmatismo por décadas como uma verdade bíblica e provisão da parte de Jeová[39]. E assim o rebanho é levado de cá para lá, «como ovelhas sem pastor».

Repressão sexual como manipulação para a obediência à organização

Após o baptismo, iniciei aquilo que as Testemunhas de Jeová costumam chamar de carreira teocrática, sendo usado de modo regular no funcionamento das reuniões congregacionais. Sendo regular e estando sempre disposto a colaborar com os irmãos na dianteira (anciãos), servi como indicador, na cabine de som e transportando os micros que são usados durante as reuniões onde existem partes em que a assistência é convidada a participar com comentários e respostas a perguntas feitas pelo orador.

Com o tempo, comecei também a fazer orações no início e final das reuniões, privilégio habitualmente concedido a servos ministeriais e anciãos. Tendo boa oratória e disposição de servir a congregação, comecei a ser olhado como um futuro servo ministerial, e isso era reforçado com elogios, tanto por parte dos anciãos como por parte dos superintendentes de circuito, que nos visitavam a cada seis meses[40].

Era por isso olhado pelos irmãos na congregação como um exemplo, sem nada de negativo a apontar. Infelizmente, sentia-me solitário em relação à maioria dos jovens da congregação. Ao contrário de mim, a esmagadora maioria não mostrava a mesma disposição, e muitos não tinham um comportamento exemplar fora da congregação.

Era assim visto por eles como alguém a evitar, alguém que os poderia pôr em apuros caso os visse a fazer alguma coisa que fosse considerada errada. As Testemunhas de Jeová são incentivadas a delatar alguém que pertença à congregação e que seja vista a cometer algum «pecado» ou alguma prática considerada menos correcta e passível de repreensão[41].

Por isso, se na escola era tratado como diferente e gozado por ser Testemunha de Jeová, na congregação, entre os meus pares, acabava por ter um acolhimento pouco melhor, já que não vivia uma espécie de vida dupla, como muitos faziam.

Mas, atenção, não tentava obter privilégios em ser assim. Simplesmente levava a sério aquilo que considerava ser a verdade e estava convicto de que era o melhor modo de proceder e de agradar a Deus, tal como me haviam transmitido desde pequeno.

Cheguei a ser chamado da tribuna, pelo superintendente presidente[42] da congregação, de «pedreiro da congregação», porque estava sempre a tapar buracos, ou seja, estava sempre disposto a fazer aquilo que os outros não queriam fazer ou se esquivavam de fazer na congregação. Esse elogio certamente reforçou o sentimento de animosidade de alguns jovens a meu respeito. Apesar de nunca o ter sentido de modo directo, era posto de lado e tratado por eles com indiferença.

Esforçava-me por me integrar, quer dentro quer fora da congregação, mas, devido à minha personalidade introvertida na época e porque procurava cumprir aquilo que a organização apresentava como sendo o melhor para os jovens, acabava por ser um desajeitado social.

Mas era um rapaz como outro qualquer. Desde miúdo, tive as minhas paixonetas, a ponto de escrever cartas e bilhetes a pedir namoro a colegas de escola e vizinhas por quem me sentia atraído. O que eu sofri por paixão quando era miúdo e mesmo adolescente!

Sabia que certamente seria chamado à atenção caso comesse a namorar com uma «rapariga do mundo», se já fosse baptizado. Quantos não tiveram problemas por causa disso! Mas, na altura em que assumira a minha identidade como Testemunha de Jeová, só tinha olhos para uma rapariga da minha congregação, loira e de

olhos azuis, que me fez sentir o que era a verdadeira paixão da adolescência. É que ao menos os sentimentos ninguém me conseguia tirar!

Apesar de aparentar ser um «copinho de leite» por fora, por dentro ardia de desejos e fantasias, tão próprios da puberdade. Sim, desejos e fantasias, os quais são amordaçados e criticados dentro de religiões castradoras como as das Testemunhas de Jeová.

Desde cedo a organização preocupa-se com a sexualidade dos seus membros ao ponto de impor regras que não vêm especificadas na Bíblia, como a condenação de práticas sexuais consideradas erradas do ponto de vista moral, a saber: sexo oral e anal, mesmo entre casados[43]. Até a masturbação é vista com péssimos olhos, ainda que a organização não a trate como um pecado, mas como um hábito impuro[44].

Os jovens foram sempre um alvo neste aspecto, especialmente com respeito à masturbação. Várias publicações ao longo dos anos têm-na retratado como algo nocivo e a evitar a todo o custo. Um exemplo clássico foi o livro *Sua Juventude — O Melhor Modo de Usuí-la*, um dos livros que também estudei com o meu instrutor. Este livro, assim como os que foram produzidos seguidamente pela Torre de Vigia com o público adolescente como alvo, repetia incessantemente as mesmas ideias acerca da «prática da masturbação».

E por vezes encontravam-se estas verdadeiras pérolas, que faziam corar um inocente e jovem estudante Testemunha de Jeová:

«Entregar-se em fraqueza aos desejos sexuais pela masturbação certamente não lhe dará forças para enfrentar uma situação em que é tentado a cometer fornicção — ou mesmo homossexualidade. Bem ao contrário, cultiva o modo de pensar errado e o desejo errado. **De facto, a masturbação pode levar à homossexualidade.** Em tais casos, quando a pessoa não está satisfeita com sua atividade sexual solitária, ela procura um parceiro ou uma parceira para um jogo sexual, mútuo.»[45]

Esta mentalidade puritana tão característica da Torre de Vigia inculcou nos jovens da minha geração e em outras anteriores a ideia de que um acto tão natural como comer e beber e que visa satisfazer uma necessidade física pessoal poderia transformar

alguém em homossexual, algo com que sempre discordei. A homossexualidade, ainda que apresentada na Bíblia como um pecado, é algo que muito provavelmente resulta de factores biológicos. É algo inerente ao ser humano.

Anos mais tarde, enquanto ancião, um jovem servo ministerial procurou-me a mim e a outro ancião, porque tinha um problema e precisava de desabafar. O jovem, com a voz embargada de emoção e culpa, contou-nos que estava a lutar com o «vício da masturbação», mas que, apesar do esforço, acabava por repetir. Imaginem o que é estar no papel de ancião e ouvir isto. A minha vontade foi dizer-lhe que não se preocupasse com isso, que era algo perfeitamente comum e natural, próprio da sua idade e condição de solteiro. Mas não podia!

Felizmente, o ancião que estava comigo usou de tacto e razoabilidade, e juntos acalmámos o rapaz, fazendo-lhe ver que a sua vontade de lutar contra esse «problema» já era algo muito bom e que devia continuar a tentar resistir, mas que, se falhasse, não se devia atormentar tanto. Chegou a pôr o cargo à disposição na conversa que tivemos. É claro que recusámos prontamente. Afinal, não cometera qualquer pecado! Mas tenho a certeza de que, se a conversa tivesse decorrido com certos anciãos, o rapaz poderia ter conhecido graves problemas, especialmente relacionados com a tagarelice.

Para nós os dois, a conversa morreu ali, e o rapaz continuou nas suas funções de servo ministerial.

Atingindo a maioridade e o serviço militar

Prestes a alcançar os 18 anos, sabia que aproximava outra prova que iria testar a minha fé e as minhas convicções religiosas. Era algo que cada jovem Testemunha de Jeová tinha de enfrentar na época: recusar o serviço militar e o serviço cívico.

Comecei a mentalizar-me para esse teste de fé — que implicaria contratar um advogado para me defender em tribunal de modo a

provar que era realmente objector de consciência. Na época, muitos recorriam a um advogado da organização que trabalhava intimamente com o Betel, sendo ele mesmo Testemunha de Jeová. Era ele que preparava os jovens para as possíveis perguntas feitas pelo Ministério Público e pelo juiz, que muitas vezes eram bastante agressivos e pouco tolerantes perante a posição religiosa das Testemunhas de Jeová.

Na época, os jovens Testemunhas de Jeová já tinham a possibilidade, dada pelo Estado português, de aceitar um serviço alternativo que substituísse o serviço militar. É o chamado serviço cívico, que poderá ser um trabalho desenvolvido em instituições sociais, bibliotecas, bombeiros, etc. Esta provisão era espectacular porque respeitava a posição dos objectores de consciência sem o risco de irem para a prisão por se recusarem a prestar serviço militar, como no passado.

Infelizmente, na época a organização considerava que o serviço cívico, apesar de ser uma substituição do serviço militar, lhe era equivalente. A própria organização explica:

«[...] qualquer trabalho que fosse simples substituto para o serviço militar não seria aceitável às Testemunhas de Jeová. [...] Aceitar voluntariamente tal trabalho é objetável ao cristão devido ao que a lei de Deus diz sobre o assunto: “Vós fostes comprados por um preço; parai de vos tornardes escravos de homens.” (I Cor. 7:23) A servidão civil como substituto para o serviço militar seria igualmente objetável para o cristão. Com efeito, desta forma se tornaria parte do mundo, ao invés de manter-se separado, como Jesus ordenou. — João 15:19; 17:14-16.»[\[46\]](#)

Nenhum jovem Testemunha de Jeová entendia bem a lógica que a organização usava para proibir o serviço cívico. Visto que este serviço era algo completamente fora do escopo militar e visava funções que não implicavam qualquer transigência neste respeito, a posição da organização Torre de Vigia e seus líderes parecia ser apenas um ponto de honra assumido por mero capricho.

O problema é que milhares de jovens Testemunhas de Jeová acabaram por ser presos devido a esta interpretação incoerente e abusiva da organização, passando muitos meses ou até anos na prisão! Sujeitavam-se a isto em lealdade para com a organização,

mesmo não entendendo bem a razão e a lógica desta proibição. Aqueles que na sua consciência entendiam que o serviço cívico não era uma violação da chamada «neutralidade cristã» eram desassociados e tinham consequentemente a penalidade de serem cortados da associação com os seus amigos e familiares na religião. Os jovens ficavam assim entre a espada e a parede.

Eu estava determinado a seguir as regras organizacionais neste respeito, mesmo não entendendo a lógica da proibição. Para me preparar, assisti inclusivamente a julgamentos em tribunal, onde jovens Testemunhas de Jeová foram julgados como objectores de consciência.

Felizmente, quando chegou a vez de me confrontar com esta situação, nem sequer fui chamado à inspecção. No edital, apareceu que havia passado directamente à «reserva territorial» e, portanto, não teria de me preocupar em apresentar-me como objector de consciência. Para mim foi realmente um alívio não ter de passar por aquela situação, apesar de estar decidido a ser leal à organização.

Não muito tempo depois, a organização mudou de opinião e passou a encarar o serviço cívico como um substituto adequado do serviço militar, usando até a Bíblia para defender esta nova posição. Imagine como se sentiram todos os jovens que foram presos por recusar o serviço cívico[47].

Depois de me ter tornado servo ministerial, cheguei a assistir a uma reunião apenas com anciãos e servos ministeriais onde o orador nos convidou a visitar os jovens que haviam sido desassociados por terem aceitado o serviço cívico em consciência. Agora que o ensino havia mudado, a organização ia tentar que tais jovens regressassem à religião. Infelizmente, o mal estava feito, tanto a estes como a todos aqueles que, por obedecerem à organização, tinham sido presos desnecessariamente!

«No passado, algumas Testemunhas sofreram por se terem negado a participar numa atividade que sua consciência agora talvez permita. Por exemplo, isto talvez tivesse que ver com sua escolha, anos antes, de certo tipo de serviço civil. Um irmão talvez ache agora que pode prestar conscienciosamente este serviço sem violar sua neutralidade cristã referente ao atual sistema de coisas. Foi injusto da parte de Jeová deixá-lo sofrer por rejeitar aquilo que agora

poderia fazer sem consequências? A maioria dos que passaram por isso não pensam assim. Antes, alegram-se de ter tido a oportunidade de demonstrar em público e de forma clara que estavam decididos a se manter firmes na questão da soberania universal. (Note Jó 27:5.) **Que motivo poderia alguém ter para lamentar ter acatado sua consciência ao adotar uma posição firme a favor de Jeová?** Por sustentarem lealmente os princípios cristãos como os entenderam, ou por seguirem os ditames da consciência, **mostraram-se dignos da amizade de Jeová.** Certamente, é sábio evitar um proceder que perturbaria a nossa consciência ou que poderia fazer outros tropeçar. Neste respeito, podemos pensar no exemplo do apóstolo Paulo. — 1 Coríntios 8:12, 13; 10:31-33.»[48]

Como tem sido seu hábito ao longo dos tempos, a organização Torre de Vigia jamais pede desculpas pelos seus erros e pelo sofrimento causado. Ao invés, apresenta o assunto como aparentando ser algo que resulta da consciência individual, uma decisão puramente pessoal e sem existir qualquer pressão ou orientação superior por parte dela.

Chegam a manipular o argumento, de modo a provar que, por mais sofrimento que as pessoas tenham experimentado por acatarem as suas orientações e interpretações particulares, foi algo positivo. Na altura fiquei chocado porque percebi claramente que tais jovens haviam sofrido em vão[49].

Hoje em dia, apesar de não mais existir o problema relacionado com o serviço cívico, os jovens Testemunhas de Jeová estão proibidos pela religião, sob ameaça de expulsão, de estarem presentes no Dia da Defesa Nacional[50].

Conheço pessoalmente um caso de um jovem Testemunha de Jeová que foi desassociado exactamente porque decidiu, em consciência, estar presente neste dia. Afinal, a recusa de estar presente neste dia tem implicações graves, como coimas avultadas e a inibição do exercício de funções públicas![51]

CAPÍTULO III

Problemas e privilégios no paraíso espiritual

Quando tinha 20 anos, o corpo de anciãos fez a recomendação ao superintendente de circuito para a minha designação como servo ministerial. Um servo ministerial é o equivalente a diácono na Igreja Católica e desempenha funções mais administrativas e práticas, algo que já fazia há algum tempo, enquanto publicador baptizado. Quando fui designado, a congregação já me via como tal, como se costuma dizer na organização.

O que mais muda quando se é designado servo ministerial é o facto de se receberem mais responsabilidades na congregação a que se pertence. Também se trabalha de modo mais próximo com o corpo de anciãos, participando em reuniões com eles, bem como com o superintendente de circuito, podendo substituir-se anciãos em certas designações e discursos e mesmo dirigir-se reuniões, caso a pessoa tenha qualidades de oratória e ensino para isso. Na prática, um servo ministerial é alguém que tem um bom progresso espiritual e recebe mais privilégios por isso[52].

O dia em que fui designado servo ministerial foi também um dia triste, porque nessa mesma reunião quatro jovens da congregação foram desassociados, entre eles uma rapariga que era a minha grande paixão na altura, um amor não correspondido. Um dia que para mim deveria ter sido feliz pelo privilégio que acabava de receber perdeu o seu encanto. O anúncio das desassociações foi dado mesmo antes do da minha designação e, como é óbvio, a congregação nem conseguiu manifestar a habitual alegria.

Hoje em dia, quando alguém é desassociado, faz-se um anúncio dizendo que «fulano(a) não é mais uma Testemunha de Jeová», sem que, contudo, seja apresentado o motivo. Trata-se de algo que

normalmente suscita tagarelice e curiosidade, pois as pessoas partem logo do princípio de que terá havido a violação de alguma norma moral, habitualmente aquilo a que as Testemunhas de Jeová apelidam de fornicção, ou seja, relações sexuais fora do casamento.

A organização tem incentivado as Testemunhas de Jeová a confiarem cegamente nas decisões dos anciãos quando acontece uma desassociação, apresentando o facto como uma questão de lealdade à teocracia. Caso alguém discorde ou conteste abertamente uma decisão destas, poderá ter problemas graves, correndo mesmo o risco de ser expulso da religião[53].

Visto que já tinha demonstrado ter capacidades de oratória, os anciãos convidaram-me a fazer um discurso público. Lembro-me bem dessa primeira vez. Na época, um discurso tinha a duração de 45 minutos, e era-nos fornecido um esboço com um determinado tema, enviado pela organização e composto por tópicos e textos que tínhamos de usar, transformando-o numa palestra para a congregação. Cada discurso tinha uma temática diferente, desde assuntos relacionados com a personalidade cristã a valores morais, doutrinas, etc.

Lembro-me de que o discurso que me propuseram não era dos mais fáceis. O assunto girava em torno das profecias bíblicas, focando-se no sonho vívido do rei babilónico Nabucodonosor, acerca de uma gigantesca estátua composta de vários materiais, desde o ouro ao barro e à argila[54]. No sonho, esta imponente estátua é atingida por uma pedra que nela embate e a pulveriza por completo. O objectivo do discurso era explicar que aquela estátua do sonho profético representava a sucessão das várias potências mundiais sob as quais Israel esteve subjugado e como essa passagem aponta para o dia em que o Reino de Deus, a pedra na profecia, esmagará os governos políticos actuais, terminando dessa forma o período de teste que Deus deu à humanidade para se governar.

Lembro-me de que estava bastante nervoso e com a vista embaciada! Ao olhar para a assistência, via apenas uma névoa, tal era a ansiedade. As minhas pernas também tremiam bastante. Mas

lá o fiz e penso que para primeiro discurso não terá corrido mal. No final, a assistência aplaudiu, e recebi as felicitações habituais no fecho da reunião.

Ser servo ministerial permitiu-me conviver mais intimamente com o corpo de anciãos e assistir a reuniões em que apenas servos e anciãos podem estar presentes. Algo que me incomodou e surpreendeu foi que a ideia que, nas congregações, os irmãos têm dos anciãos, como homens espiritualmente maduros, sensatos e sóbrios, nem sempre corresponde à realidade.

Como é óbvio, todos nós somos pessoas com características muito particulares, personalidades mais ou menos fortes no trato com outros. Infelizmente, nem todos os anciãos demonstram ter desenvolvido qualidades espirituais suficientes[55], e isso nota-se muitas vezes no relacionamento com outros co-anciãos, servos ministeriais ou mesmo com os irmãos na congregação.

Uma das primeiras situações de que me lembro logo depois de me tornar servo ministerial foi perceber a grande rivalidade, clubismo mesmo, existente entre as duas congregações que usavam o Salão do Reino[56], o local de adoração das Testemunhas de Jeová[57], na Brandoa. Por isso, quando havia necessidade de se realizarem reuniões entre os corpos de anciãos e servos da Congregação Brandoa-Norte e Brandoa-Sul, existiam quase sempre discussões e altercações, a ponto de certos elementos de ambos os lados quase se envolverem em confrontos físicos a dada altura.

Anos mais tarde, e já noutra congregação, vim a perceber que este tipo de situação não é assim tão incomum. Mesmo dentro dos corpos de anciãos na congregação, existem choques de personalidade, especialmente quando constam pelo menos dois anciãos que acham que a sua opinião é a certa e válida e agem como se fossem patrões dos irmãos. É notório, em especial, quando o salão precisa de reparações ou de obras substanciais. Nestas alturas, as personalidades mais fortes tentam fazer valer a sua opinião como sendo a melhor e a mais acertada. E aí surgem os choques de personalidade!

«Jeová tarda, mas não falha!»

A Congregação Brandoa-Norte passou por vários problemas ao longo dos anos, e sentia-se que o espírito de Jeová estava a afastar-se, conforme acreditava na altura. Muitos irmãos estavam a ficar desanimados e queixavam-se. O superintendente presidente era uma pessoa imatura para o cargo que ocupava, e isso via-se nas suas atitudes com os irmãos e em certos comentários da tribuna.

Percebia-se que as pessoas não estavam satisfeitas com ele quando, durante a reunião de estudo da revista *A Sentinela*^[58], dirigida por ele, ninguém levantava a mão para comentar, o que o enervava bastante, fazendo comentários passivo-agressivos de forma a pressionar os comentários por parte da assistência. Gradualmente, houve uma perda de respeito por ele que culminou com a perda do cargo após a ocorrência de certos eventos graves. A acrescentar, os irmãos sabiam que os seus filhos tinham péssima reputação na escola, o que, para um ancião, é vergonhoso, pois deve manter os filhos em sujeição^[59].

O ponto de ruptura na situação aconteceu quando esse superintendente presidente se envolveu num negócio de *marketing* multinível, que na prática era um esquema de pirâmide financeira. Depois de ter aderido a uma empresa muito conhecida nessa área de negócio, começou a aliciar irmãos na congregação para adquirirem os produtos que vendia e, mesmo, a entrarem no negócio. Como todos sabem, é aí que se consegue mais dinheiro, ganhando-se uma percentagem sobre as vendas dos seus angariados. Isso levou a que alguns investissem somas consideráveis na compra de produtos para si e para venderem, com a promessa de que iriam ganhar muito dinheiro — o velho esquema de aliciamento para o enriquecimento rápido.

Mas, como é óbvio, a coisa correu mal, e os lesados começaram a queixar-se quando perceberam o erro que haviam cometido. Após a visita de um superintendente de circuito, a situação foi exposta, e medidas foram tomadas. O superintendente presidente perdeu o

cargo de ancião, tal como outro ancião, embora por razões diferentes, se bem me recordo. Lembro-me de, numa saída ao campo, esse superintendente de circuito falar comigo sobre a situação na congregação e perguntar:

— António, a congregação não está nada bem, pois não?

A congregação estava péssima, e, por isso, o superintendente de circuito resolveu pedir à filial que enviasse um ancião de outra congregação para a Brandoa-Norte, e assim foi, tal como para a Congregação da Brandoa-Sul.

As Testemunhas de Jeová acreditam piamente que estão na religião verdadeira e, quando acontecem situações como estas, que podem pôr a sua fé à prova, acreditam que Jeová, no seu devido tempo, agirá para «limpar a congregação». Como algumas Testemunhas de Jeová costumam dizer: «Jeová tarda, mas não falha!»

Convidado para frequentar a Escola de Treinamento Ministerial

O irmão que se mudou com a família começou gradualmente a ajudar a congregação a ganhar outro ânimo. Simpatizámos desde o início um com o outro e, junto com o restante corpo de servos, fizemos o possível para melhorar o espírito dos irmãos.

Ainda nos meus 20 anos, fiquei a saber que a organização tinha em funcionamento uma escola especial, chamada Escola de Treinamento Ministerial[60]. Esta escola era apenas para homens com responsabilidades congregacionais, tanto anciãos como servos. Afinal, o papel das mulheres na organização é praticamente nulo. O objectivo da escola era treinar homens para desempenharem melhor as suas funções nas congregações onde serviam ou para serem enviados para onde havia mais necessidade, inclusive como missionários, para África.

Assim, desde os 21 anos que tentava inscrever-me na escola, mas sem sucesso, já que só podiam entrar alunos com a idade

mínima de 23 anos. Na altura com 22, prestes a fazer 23, resolvi inscrever-me novamente, mas sabia que havia uma longa lista de candidatos. O superintendente presidente e os outros anciãos apoiaram esta candidatura.

Tinha eu iniciado o meu período de férias (na altura trabalhava num pequeno ateliê de publicidade e comunicação gráfica na Reboleira), quando recebi um telefonema do irmão superintendente presidente comunicando-me que recebera confirmação de Betel de que a minha candidatura fora aceite. Fiquei numa situação complicada porque estávamos em Agosto, eu tinha acabado de iniciar as férias, e a turma iria começar em Setembro!

Visto que a Escola de Treinamento Ministerial tinha a duração de dois meses e os alunos ficavam o tempo inteiro a viver no Betel, em Alcabideche, era necessário pedir dois meses de licença sem vencimento, algo que deveria ser feito com mais antecedência para que a entidade patronal conseguisse gerir o trabalho. Ainda para mais, a empresa era constituída apenas por mim, pelo meu patrão e pela secretária!

O irmão superintendente aconselhou-me a ponderar o que fazer e a orar a Jeová por orientação. E assim fiz. Fui ter com o meu patrão à empresa e, extremamente nervoso, pois queria muito frequentar a escola, expliquei o que estava a acontecer. Ele respondeu:

— António, quando me ligou, pensei que se ia despedir. Por mim, pode tirar os dois meses, se isso é assim tão importante para si.

Fiquei aliviado e ao mesmo tempo muito feliz, pois era algo que desejava muito. Senti também que Deus me ajudara na situação, pois, pela reacção do meu patrão, ele ficara aliviado em saber que apenas pedia dois meses e não me queria despedir! Tive colegas na turma que não tiveram a mesma sorte e que tiveram de tomar a dura decisão de se despedirem dos seus empregos, tal era o seu desejo de participar na escola.

Pensando agora, com a devida distância e maturidade, penso que uma escola deste tipo poderia perfeitamente funcionar em horário pós-laboral, sem implicar grandes sacrifícios pessoais. Mas, como tudo o resto nesta religião, o objectivo é a dedicação incondicional

ao grupo, mesmo que para isso o indivíduo tenha de abdicar da sua vida pessoal.

Fui então para o Betel durante dois meses seguidos, ficando alojado num anexo pré-fabricado que a filial instalara no terreno. Fomos todos bem recebidos, e foram-nos dadas orientações acerca de como as coisas iriam funcionar durante a nossa estadia. Lá dentro as regras são muito rígidas, e o tempo para as actividades é calculado ao minuto, desde o momento em que nos levantamos até terminarmos as actividades designadas.

Foi-nos explicado que seriam atribuídas tarefas após as aulas, onde desempenharíamos várias funções em rotatividade, desde trabalhar na cozinha, limpeza, jardinagem, entre outras.

Até o modo de fazer a cama conhece regras específicas, e tivemos uma demonstração de como a deveríamos fazer todos os dias em que lá estivéssemos. Em cada quarto ficavam três colegas.

As aulas começavam de manhã cedo, logo após o pequeno-almoço com a família de Betel, e duravam durante toda a manhã. Pertenci à quarta turma em Portugal, com colegas de todo o país, incluindo da ilha da Madeira. Tínhamos três instrutores que leccionavam diferentes disciplinas, desde História da Organização a Ensinos Bíblicos.

Nestas aulas éramos também instruídos a desenvolver a nossa capacidade de oratória, dirigir reuniões, comissões judicativas[61], etc. Este curso é uma forma condensada e intensiva de outro curso de vários meses que ocorre nos Estados Unidos e que visa formar missionários que depois serão enviados para todo o mundo, a chamada Escola Bíblica de Gileade[62].

As aulas não eram apenas teóricas, pois éramos incumbidos de estudar e preparar matéria para as aulas seguintes, que muitas vezes eram apresentadas oralmente pelos alunos. Realizavam-se testes periódicos para avaliar o nosso progresso e perceber quem se destacava mais.

Gostei muito de participar na escola e acredito que foi um ponto alto na vida de todos os colegas que nela participaram. Enquanto Testemunhas de Jeová, completamente devotos à organização,

vimos em primeira mão e de modo muito pessoal o que acontece na filial.

Afinal, fomos betelitas durante dois meses!

Ao contrário do que muitos irmãos acreditam, a experiência de estar no Betel e de conviver com os betelitas não serviu para reforçar a convicção de que ali se vive um ambiente diferente de outros locais onde muitas pessoas convivem diariamente, como nas empresas. Aquilo que senti foi que existem diferentes graus ou escalões hierárquicos e que quem está na base tem de seguir obedientemente as ordens superiores.

Quando estava de serviço na cozinha, eu e alguns colegas da turma assistimos a uma pequena altercação entre o responsável e o cozinheiro. Havia uma diferença de opinião quanto a determinado modo de fazer um trabalho, e o assunto tornou-se um pouco acalorado. O responsável acabou a discussão dizendo ao irmão cozinheiro:

— O irmão vai fazer as coisas como eu disse porque sou eu que mando.

Outra situação que aconteceu durante o tempo que passámos no Betel foi ouvir durante a «adoração matinal» uma repreensão feita pelo dirigente desse dia, que deu um valente raspanete a alguns dos jovens betelitas. Alguns andavam a frequentar bares e diversões nocturnas, algo que qualquer Testemunha de Jeová sabe ser altamente desincentivado. Na realidade, como adolescentes, era algo perfeitamente normal, mas dentro da religião era visto como comportamento mundano. Não tivessem esses jovens pais influentes na organização, muito provavelmente teriam sido expulsos do Betel.

Todos nós tínhamos um dossiê pessoal onde apontávamos o que era dito nas aulas. Continha separadores com as várias disciplinas, com notas necessárias para os trabalhos que nos eram atribuídos diariamente e para os testes.

Numa manhã, um dos instrutores avisou-nos que um dossiê desaparecera e de que era uma situação inadmissível. Pediu que a pessoa responsável devolvesse o material; talvez o tivesse levado por engano. Pelo que sei, o dossiê nunca mais apareceu. Foi uma

situação altamente constrangedora e que criou um clima de suspeita entre todos os alunos da turma, mas nunca mais se tocou no assunto.

Apesar desta situação, as aulas continuaram como sempre e, no final do curso, houve uma festa de formatura no Betel, com direito a discurso, entrega de diplomas e um almoço *buffet* que parecia digno de um casamento.

Nos dias anteriores, os alunos haviam-se juntado e comprado uma prenda para cada instrutor, entregando os presentes durante um jantar realizado numa casa de fados no Estoril, que também foi oferta nossa. Quando regressámos do jantar e estando apenas nós, como turma, fizemos despedidas muito emotivas, em que nos abraçámos e chorámos juntos. Tinham sido dois meses muito intensos!

CAPÍTULO IV

Casamento e designação como ancião

Ao regressar da Escola de Treinamento Ministerial, a congregação ainda me via com mais admiração e respeito, e continuei a ser usado pelo corpo de anciãos consoante as necessidades da congregação.

Para mim fora um privilégio estudar naquela escola, mas reconhecia que tinha de observar o arranjo teocrático na congregação, respeitando os que tomam a dianteira, mesmo que por vezes os visse fazer alguma coisa que deveria ou poderia ser feita de outra forma. E o tempo foi passando, fazendo eu o que podia para ajudar na congregação como servo ministerial.

Como seria de esperar, conheci dentro do círculo das Testemunhas de Jeová a mulher por quem me viria a apaixonar. Visto que as Testemunhas de Jeová são incentivadas a não desenvolverem e aprofundarem relacionamentos fora do grupo, torna-se lógico que a procura de um namoro com a perspectiva de casamento seja também feita dentro do grupo.

Já tinha tido um namoro aos 18 anos, algo breve, apesar de intenso, com uma Testemunha de Jeová. Mas as personalidades não eram compatíveis, e terminámos em poucos meses.

Tinha 24 anos quando, num convívio entre jovens de várias congregações, conheci aquela que seria a minha futura mulher, Ana. Apesar de na altura não andar à procura de um relacionamento, a personalidade dela cativou-me, e fiquei com vontade de a conhecer melhor. No entanto, só a voltaria a encontrar um ano depois, por acaso, na Estufa Fria, numa visita que cada um de nós decidiu fazer em separado, com um pequeno grupo de irmãos. Coincidências da vida!

A partir desse dia, começámos a ter contacto regular, primeiro telefónico e depois em encontros de grupo. Visitei também a sua congregação várias vezes, conhecendo os seus amigos e os seus pais. As referências que tive dela foram excelentes, e a sua personalidade calma e simpática atraíram-me. Apaixonei-me por ela de tal modo que sabia no meu íntimo que era a mulher com quem queria viver o resto dos meus dias. É óbvio que o próximo passo foi pedi-la em namoro — primeiro em particular e depois aos pais dela... sim, à antiga!

Namorámos cerca de um ano e meio, altura em que a pedi em casamento. Estávamos ambos cientes do que queríamos (eu com 25, ela com 26 anos). Já não éramos crianças, ao contrário de outros casais Testemunhas de Jeová que se haviam casado bem mais cedo.

De realçar que se espera que um casal de namorados nas Testemunhas de Jeová nunca tenha qualquer contacto físico íntimo. No passado, até dar as mãos e um simples beijo nos lábios era considerado escandaloso. Pretende-se que tanto o homem como a mulher permaneçam virgens até ao casamento, e até mesmo carícias íntimas são consideradas uma prática errada, podendo conduzir à desassociação[63].

Dizem-nos que os namorados não devem ficar sozinhos, pois isso pode dar azo a que cometam fornicção. Assim, quando saem juntos, devem quase sempre sair em grupo ou ter alguém que os acompanhe e nunca ficar em locais sem vigilância[64]. Como é de esperar, quando um casal de namorados leva isto à risca, pouco contacto e conversas têm em privado, o que acaba por ser castrador e limita bastante o conhecimento que têm um do outro.

No nosso caso, estávamos frequentemente juntos, quer em minha casa, quer na casa dela. Embora os nossos pais estivessem em casa, davam-nos o espaço necessário para estarmos a sós e podermos conversar. Passávamos também muitas horas à noite a conversar por telefone, o que nos permitiu falar sobre tudo e mais alguma coisa, o que ajudou a que nos conhecêssemos bem.

Não admira que existam tantos casamentos frustrados e infelizes entre as Testemunhas de Jeová, onde a repressão sexual impera e

onde os jovens se casam muito cedo para poderem abandonar a autoridade parental e gozar de intimidade sexual. É óbvio que depois há surpresas desagradáveis, e muitas vezes acaba-se em separação ou em vidas miseráveis em conjunto, pois o divórcio é condenado, a não ser que haja adultério[65]!

Sobre este assunto de «casar somente no Senhor», orientação dada pelo apóstolo Paulo aos cristãos do primeiro século, gostaria de expor a minha opinião, fazendo uma análise à passagem, ao seu contexto e àquilo que a organização diz a este respeito.

Existem diversos grupos religiosos, entre os quais as Testemunhas de Jeová, que usam a passagem de 1 Coríntios 7:39 para impor uma condicionante ao casamento dos seus membros. Qual condicionante? A condicionante de que estes devem casar apenas com alguém que também seja membro do seu grupo religioso e que siga fielmente as doutrinas e normas do grupo. O texto paulino diz:

«Mas, se o seu marido adormecer na morte, ela estará livre para se casar com quem quiser, somente no Senhor.»

Vejamos, por exemplo, o que as Testemunhas de Jeová ensinam sobre este aspecto tão vital na vida de alguém que deseja casar-se:

«Em uns poucos casos, o descrente se tornou por fim cristão. No entanto, os casamentos com descrentes muitas vezes mostraram-se desastrosos. Quando o jugo é desigual, os cônjuges têm crenças, valores e objetivos diferentes. (2 Coríntios 6:14) Isto pode ter um efeito prejudicial para a comunicação e para a felicidade no casamento. Por exemplo, uma cristã lamentava muito que depois de uma reunião edificante não podia voltar para casa e conversar sobre assuntos espirituais com o marido descrente. Mais importante, naturalmente, é que “casar-se no Senhor” é uma questão de lealdade a Jeová. Quando acatamos a Palavra de Deus, nosso coração não nos condena, porque estamos fazendo “as coisas que são agradáveis aos seus olhos”. — 1 João 3:21, 22.»[66]

A tónica colocada sobre a importância de casar com alguém que também é Testemunha de Jeová é reforçada e imposta como algo realmente bíblico. Para as Testemunhas de Jeová, «casar-se no Senhor» significa realmente casar com uma Testemunha de Jeová.

Não importa se a pessoa afirma ser cristã e segue a Bíblia. É simplesmente encarada como sendo «descrente», caso não seja uma Testemunha de Jeová!

Não se põe em causa que para uma Testemunha de Jeová casar com alguém que não partilha da mesma fé é realmente um desafio e tanto. Muitos problemas surgem quando existe um casamento dividido pela religião ou ausência dela. Isso acontece porque, para uma Testemunha de Jeová, ao contrário de outros grupos religiosos e em especial no Catolicismo, a vivência religiosa não se resume a assistir a uns poucos cultos semanais ou anuais ou ofícios religiosos.

As Testemunhas de Jeová vivem a sua religião de forma intensa, semanal e rotineira, deixando pouco tempo (ao contrário da maioria das famílias) ao âmbito social e de lazer. Tudo gira em torno da dedicação às actividades congregacionais, sejam elas assistir às reuniões e sua preparação seja o tempo gasto na pregação de casa em casa e outras obrigações. Tudo isto consome muito do tempo que uma família poderia dedicar a fortalecer a sua relação e conviver simplesmente, de modo descontraído.

Casar com alguém que não deseja seguir tal rotina seria embarcar numa viagem turbulenta e cheia de tempestades. Além disso, existem todas as condicionantes e proibições de se ser uma Testemunha de Jeová, em que centenas de situações passíveis de criar problemas na congregação iriam criar mais situações stressantes para o crente.

Imagine uma Testemunha de Jeová casar com alguém que celebra o Natal, a Páscoa e os aniversários natalícios. Quantas discussões e tensões não criaria quando tentasse manter-se à parte de tais eventos e celebrações! Certamente muitos dos que entraram na religião já depois de estarem casados conhecem os problemas criados por deixarem de celebrar tais coisas. Muitas foram as mulheres Testemunhas de Jeová vítimas de violência doméstica e abuso verbal por parte dos maridos «descrentes». E quantos casamentos não resultaram em divórcio, por os cônjuges se terem mantido leais àquilo que acreditavam ser «a verdade»?

Por isso, os conselhos da organização Torre de Vigia dados às

Testemunhas de Jeová acerca do casamento têm realmente lógica e valor e, quando acatados, poderão evitar muitos problemas para o cônjuge fiel à religião. Existe apenas um senão...

Qual é o sentido original da expressão «casar somente no Senhor»?

O contexto das palavras do apóstolo Paulo mostra que é simplesmente «casar com alguém que tenha aceitado a fé cristã», ou seja, alguém que seja também um discípulo de Cristo, vivendo em harmonia com essa fé.

Não se trata por isso de casar com alguém que pertence à igreja ou à congregação A, B ou C. Isso é desvirtuar e distorcer a mensagem do apóstolo Paulo. Seria o mesmo que o apóstolo Paulo ter dito: «Meus amados irmãos, não se esqueçam de casar apenas com aqueles a quem eu transmiti a mensagem cristã e que pertencem às congregações que eu ajudei a fundar.»

Aquilo que se observa em muitas igrejas e religiões que se afirmam cristãs, incluindo as Testemunhas de Jeová, é este desejo separatista e clubístico de considerar aqueles que estão fora do grupo religioso a que se pertence como tendo pouco ou nenhum valor aos olhos de Deus ou considerando-os mesmo como «incrédulos». No caso do ensino do «casar-se somente no Senhor», é particularmente visível.

«Casar somente no Senhor» serve assim como mais uma barreira de separação e distinção entre aqueles que pertencem a diferentes grupos religiosos cristãos — uma espécie de *apartheid* ou segregação religiosa, onde aqueles que não pertencem ao «clube» são descartados como não tendo o que é necessário para um relacionamento feliz e estável, mesmo que professem igualmente ser cristãos.

Neste aspecto, bem como em outros, vemos como a religião que deveria ser um factor de união entre as pessoas se torna mais uma vez um factor de separação e classificação.

Voltando à minha experiência pessoal, posso dizer que o namoro decorreu de acordo com as orientações da organização: jamais ficávamos a sós e mantivemos a virgindade até ao casamento. No dia 19 de Junho de 1999, realizou-se a cerimónia religiosa, tendo

sido convidadas quase 200 pessoas. Estiveram presentes muitas Testemunhas de Jeová de ambas as congregações, Brandoa-Norte e Lisboa-Sul, congregação para a qual me mudaria a partir do casamento. Também foram convidados familiares e amigos de ambos os lados que não eram Testemunhas de Jeová, incluindo os meus patrões à época. Depois da cerimónia, fomos para o jardim do Campo Grande, onde foram tiradas as fotografias habituais.

A boda foi realizada na Quinta do Cangalho, na Ericeira (actual Quinta Pinhal dos Frades). Foi um dia muito feliz e divertido, onde comida, bebida e música não faltaram.

De salientar que num casamento das Testemunhas de Jeová se pronuncia um discurso de casamento, com base bíblica, onde os noivos são convidados a relembrar o que representa esta união sagrada e o que é esperado tanto do marido como da esposa, dentro do arranjo familiar estabelecido por Deus no princípio.

São lidos textos, contadas ilustrações que ajudem a perceber como esta relação não é o mar de rosas que as novelas e filmes apresentam e que o «viveram felizes para sempre» não passa de um *slogan* enganoso, que muitas vezes acaba por levar os jovens casais a dar um passo para o qual ainda poderiam não estar preparados.

Em muitos casos, o cartório permite que um conservador vá ao local da cerimónia religiosa e, após o discurso bíblico, case, de modo oficial, o casal. No nosso caso, tivemos de ir ao cartório no dia anterior, pois o conservador recusou-se a deslocar-se ao local da cerimónia, no Salão do Reino da Penha de França, em Lisboa.

Ainda hoje brincamos com essa situação a cada aniversário de casamento, após 20 anos juntos. Afinal, casámos duas vezes!

Designado como ancião

Continuei a ser servo ministerial até ao ano de 2001, altura em que fui chamado pelo superintendente presidente da Congregação Lisboa-Sul, Rodrigo, para me informar de que tinham pensado em

designar-me como ancião. Perguntaram se eu aceitava essa designação, não sem antes questionarem se havia algo na minha vida que me impedisse de aceitar esse «privilégio»[67]. Quer para servo ministerial quer para ancião, realiza-se este interrogatório para se ter a certeza de que a pessoa não tem alguma coisa escondida ou algo a pesar na consciência, que a impeça de aceitar o cargo.

Respondendo negativamente às questões, aceitei de coração o cargo, esperando usar essa oportunidade para continuar a ajudar os irmãos na congregação.

Para alguém ser designado ancião, é preciso que os anciãos discutam entre si a futura recomendação para o cargo. São analisadas algumas passagens bíblicas-chave[68] e é feita uma «radiografia» do candidato quanto ao seu comportamento e espiritualidade. Normalmente, estas recomendações são feitas aos superintendentes de circuito quando visitam as congregações.

Algo extremamente importante para alguém receber o «privilégio» de ser designado ancião ou servo ministerial é ter uma boa média de horas. Basta um indivíduo não ter a média da congregação (normalmente ronda as 10 horas mensais) para que não seja recomendada. Afinal, tanto os anciãos quanto os servos têm a obrigação de ser exemplos para os restantes membros, e a organização faz questão de ter isso bem explícito nas orientações que fornece aos corpos de anciãos.

A partir do momento em que é anunciado na congregação que fulano foi designado ancião, a congregação encara-o como se fosse uma designação feita sob a orientação do Espírito Santo[69], ou seja, que Deus, através do Seu poder, orientou o processo para que a pessoa fosse designada como ancião da congregação[70].

Pressão para estar à altura do cargo

Na altura, com quase 30 anos e recém-casado, vim a perceber rapidamente que o cargo de ancião tem um peso muito considerável no tempo disponível para a família. Depois de me ter tornado

ancião, fui designado superintendente de escola, ajudando e aconselhando os irmãos com respeito à leitura e oratória. Isso significava que tinha de preparar e conhecer as diferentes matérias que seriam apresentadas a cada semana, pois esperava-se que aconselhasse os estudantes inscritos na escola com respeito às características de oratória que deveriam preencher em cada designação e estar preparado para a eventualidade de alguém faltar e ter de ser eu a fazer a designação, algo que ocorria com alguma frequência.

Aliado a esta responsabilidade exigente, que incluía uma programação mensal que devia ser entregue a irmãos e irmãs, tinha de preparar e dirigir o Estudo do Livro de Congregação (uma reunião semanal de uma hora em casas particulares) e de preparar igualmente a reunião de estudo da revista *A Sentinela* (quando não era convidado a dirigi-la também). Além de preparar a reunião de serviço e «saídas ao campo», tinha os discursos públicos, que fazia com frequência, quer na minha congregação quer em congregações na área de Lisboa e arredores.

Era, portanto, uma agenda muito preenchida, que me ocupava muito tempo e que, por conseguinte, colidia com a vida familiar. A vida de uma Testemunha de Jeová já é muito preenchida, mas a de um ancião é muitíssimo mais, e muitas vezes os irmãos na congregação não dão valor aos sacrifícios pessoais destes homens, que, ainda que sejam peças de engrenagem numa organização religiosa, o fazem na sua maioria com toda a dedicação e zelo, pois acreditam que estão a realizar esse trabalho como designação divina.

No meu caso, além do trabalho secular exigente, trabalhava na altura numa agência de comunicação como arte-finalista e não tinha um horário certo a cumprir (sabia a que horas entrava, mas nunca sabia exactamente a que horas saía). Assim, vivia em constante pressão e stresse para não falhar nas minhas designações teocráticas. Raramente faltava às reuniões e, quando isso acontecia por força das circunstâncias, escolhia alguém para me substituir. Cheguei ao ponto de sair do trabalho para ir cumprir as minhas

obrigações na congregação e voltar já tarde na noite para continuar o meu trabalho. Era realmente muito complicado fazer essa gestão.

Mesmo com todo este esforço, sentia-me sempre a ser avaliado e pressionado, pelo menos por parte de um ancião. Este ancião chegou a apontar numa agenda as vezes que eu faltava ao fim-de-semana, vindo depois ter comigo para dar conselhos amáveis sobre estar presente nas reuniões e apoiar a congregação.

O que é mais curioso é que raramente faltávamos a uma reunião ao fim-de-semana, tendo por costume ausentar-nos umas poucas vezes no ano para ir à terra dos meus sogros, na Beira Baixa. Chegávamos a estar uns seis meses sem lá ir, devido às responsabilidades que tinha como ancião. Mesmo assim, sentia-me constantemente vigiado e pressionado, quer para assistir às reuniões quer para manter uma boa média de horas.

Este mesmo ancião, que era o secretário da congregação[71], ausentava-se muito mais vezes durante o ano, chegando a faltar às designações que tinha, fosse por esquecimento ou por impossibilidade. Eu próprio tive de o substituir várias vezes. Como se costuma dizer: «Quanto menos moral têm, mais as pessoas exigem dos outros.»

É fácil compreender como a vida semanal de uma Testemunha de Jeová, que leve a religião a sério e seja cumpridora do que se espera dela, seja uma rotina sem fim. A pessoa sabe exactamente como vai ser a sua semana, dia após dia, mês após mês. Apenas nas férias muitos aproveitam para relaxar um pouco destas obrigações, mas com a organização sempre a lembrar, através de discursos e publicações, que «o Reino deve sempre ser posto em primeiro lugar» e que se podem utilizar as férias para dedicar mais tempo à pregação como pioneiro ou ir de férias para um território que necessite de ajuda na pregação[72]. Uma Testemunha de Jeová acaba sempre por ser avaliada quanto à sua vida pessoal, por mais que se dedique à organização.

Este aspecto, aliado às inúmeras proibições existentes dentro do grupo, cria uma personalidade farisaica, julgadora e muitas vezes desumana para com as circunstâncias individuais daqueles que, por alguma razão, não conseguem estar à altura ou mesmo não querem

cumprir o que se espera deles. São considerados «fracos em sentido espiritual» e marginalizados dentro das congregações, não sendo convidados para convívios, designações especiais ou qualquer outra coisa que implique algum tipo de privilégio.

Sempre me esforcei por não ter este tipo de personalidade, preferindo seguir o lema do *vive e deixa viver*. É claro que, se acontecesse algo que violasse as regras e leis que havia aprendido como sendo de Jeová, tinha a obrigação de chamar à atenção da pessoa. Mas tais casos raramente aconteceram e, mesmo que tivesse de actuar como ancião, procurava sempre seguir o exemplo empático e misericordioso de Jesus Cristo, conforme relatado nos evangelhos.

Deus sabe como muitas vezes eu próprio me sentia sobrecarregado com as obrigações e compromissos impostos pela religião! Mas eu sabia que tinha de continuar a *dar o litro*, senão perderia o cargo de forma humilhante.

Foram assim dez anos de trabalho intenso como ancião, participando em inúmeras reuniões, tanto congregacionais como de anciãos e servos, congressos e assembleias, incluindo um drama bíblico num congresso de distrito onde tive o papel principal e entrei em todas as cenas[73]. Tive também o convite para participar numa Comissão Judicativa e mais tarde na Comissão de Readmissão de uma jovem mulher[74].

Quando alguém é desassociado da congregação, diz-se à pessoa que essa forma de disciplina é necessária, embora dolorosa[75]. Refere-se igualmente que a congregação espera que a pessoa dê os passos necessários para ser readmitida, o que inclui: abandonar a prática do pecado que levou à expulsão e assistir regularmente às reuniões. Na prática, qualquer pessoa pode ser readmitida com o tempo, desde que dê passos que demonstrem arrependimento. Mesmo alguém que se dissociou pode pedir readmissão!

O caminho para a readmissão é sempre penoso, e o indivíduo tem de se humilhar perante todos, primeiro por não poder falar com nenhuma Testemunha de Jeová, segundo por normalmente assistir às reuniões nas últimas filas do Salão do Reino e, terceiro, por sair

logo após a oração concludente. Isto pode durar largos meses, mais comumente nunca menos de um ano.

A readmissão fica sempre nas mãos da comissão judicativa que a desassociou. Infelizmente há muitos casos onde os anciãos têm especial deleite em não atender aos pedidos de readmissão e prolongam desnecessariamente esse procedimento.

Esquecem-se da parábola do filho pródigo, onde Jesus conta que o pai do rapaz, ao vê-lo ao longe, correu para ele e o acolheu prontamente[76].

Graças a este trabalho intenso e dedicado em prol da organização e devido à boa reputação que tinha, bem como a minha esposa, era convidado com frequência a fazer muitos discursos fora da congregação, incluindo discursos de funeral. Era algo que me dava muito prazer, pois sabia que através de um discurso as pessoas podiam ser motivadas a ajustar a sua vida de acordo com as leis justas de Deus (como acreditava na época). Procurava sempre tocar o coração das pessoas através de poderosas ilustrações e boas explicações bíblicas. Mal sabia eu que estava, ao mesmo tempo, a doutrinar pessoas a seguirem de modo cego uma organização religiosa que se havia colocado no papel de Cristo, como mediadora entre Deus e os homens!

CAPÍTULO V

Gravidez e nascimento do primeiro filho

Em Dezembro de 2003, a minha mulher ficou grávida. Recebemos esta notícia com muita alegria e entusiasmo. Apesar de cinco anos antes, quando casámos, não termos planeado ter filhos, foi um bebé desejado.

Ter filhos dentro da organização das Testemunhas de Jeová é quase sempre visto sob uma luz desfavorável em virtude da doutrinação que é inculcada, com respeito à proximidade do «fim do sistema de coisas». Afinal, para quê trazer filhos a este mundo imoral, decadente e prestes a ser destruído quando se podem ter após o Armagedão, num ambiente paradisíaco?

Além disso, ter filhos é encarado muitas vezes como um empecilho para fazer mais no serviço de Jeová, como diz *A Sentinela* de Abril de 2016, pág. 9, ao afirmar:

«Milhares de irmãos e irmãs mais jovens estão fazendo sacrifícios para fazer mais no serviço de Jeová. Por exemplo, eles decidem ficar solteiros ou não ter filhos, pelo menos por um tempo.»

Assim, milhares de casais, ao longo de muitas décadas, deixaram de ter filhos, alguns mesmo de casar, para se poderem dedicar de alma e coração ao serviço de Jeová. Na prática, ao serviço da organização!

Esta mentalidade veio a desenvolver-se gradualmente ao longo da História da religião das Testemunhas de Jeová. Especialmente a partir do segundo presidente da Torre de Vigia, J. F. Rutherford, em que a ideia de esperar pela vinda do fim para constituir família e ter filhos era apresentada como o modelo ideal a seguir. No seu livro *Filhos*, Rutherford explicava aos jovens que não deveriam casar-se

neste sistema de coisas, mas aguardar até depois do Armagedão! Afinal, o fim estava à porta, segundo as suas interpretações proféticas. Note o conselho:

«Devem homens e mulheres, os quais são jonadabes ou outras ovelhas do Senhor, casarem-se agora antes do Armagedom e gerarem filhos? Eles podem escolher fazê-lo, mas a admoestação ou conselho das Escrituras parece ser contra isso.»^[77]

Independentemente desta mentalidade muito comum entre casais de Testemunhas de Jeová, resolvemos que, passados cinco anos de casamento, tinha chegado a altura de termos um filho. É claro que ter um filho implica uma mudança muito grande na vida de um casal, e tínhamos consciência disso. Uma das coisas que fizemos, como é óbvio, foi encontrar um obstetra para acompanhar a gravidez, escolhendo um muito conceituado em Lisboa.

Numa das primeiras consultas que tivemos com ele, como boas Testemunhas de Jeová que éramos, abordámos a questão do sangue e explicámos a nossa posição. Mostrou-se muito respeitador da nossa perspectiva, mas manifestou desacordo em relação a ela, anunciando que faria tudo o que fosse possível para cumprir a nossa decisão, mas que, se surgisse uma situação de vida ou morte, iria seguir a sua consciência.

Na longa conversa que tivemos com ele, relatou-nos como muitas parturientes apresentam por vezes situações graves, durante ou após o parto, que requerem o uso de sangue, ou melhor, de componentes sanguíneos que são proibidos nas Testemunhas de Jeová. Disse que em casos tão graves não há alternativas que substituam o sangue. Se tiver lugar uma hemorragia pós-parto com gravidade, por exemplo, o sangue que se perde tem de ser repostado o mais depressa possível através de transfusão.

Disse-nos inclusivamente que era uma situação muito comum e que muitas parturientes Testemunhas de Jeová aceitavam tal situação, sendo levadas para zonas isoladas onde ninguém as pudesse ver e assim serem salvas. Ficámos admirados e assustados ao mesmo tempo.

Afinal, havia mulheres Testemunhas que tinham o discernimento

de quererem ficar vivas para cuidarem dos filhos!

Tendo recebido esta informação, resolvi pesquisar melhor sobre as hemorragias pós-parto na literatura da Torre de Vigia, mas não encontrei nada de específico. Como conhecia membros da Comissão de Ligação Hospitalar[78], resolvi explicar as minhas dúvidas e averiguar possíveis soluções para casos tão graves.

Qual não foi o meu espanto quando percebi que aqueles homens, sem qualquer formação médica ou de saúde, não sabiam do que estava a falar. Não conseguiram informar-me sobre se havia alguma técnica cirúrgica especial ou alternativa às transfusões de sangue nestes casos. Alguns chegaram a aconselhar-me escrever para o Betel a pedir essa informação.

O facto deixou-me perplexo e preocupado. Como ancião e Testemunha de Jeová, fora instruído e instruía outros de que, sendo as transfusões de sangue um pecado grave contra Deus e havendo melhores terapias e tratamentos alternativos para tudo e mais alguma coisa, a escolha das Testemunhas de Jeová não era entre a vida e a morte, mas entre os vários tratamentos a seguir.

Percebi claramente que havia sido enganado, porque afinal não existia uma panaceia para algo tão grave. Isto levou-me a fazer uma pesquisa mais pormenorizada e profunda com respeito à questão do sangue.

Ao mesmo tempo que estas questões fervilhavam na minha mente e, claro, na mente da Ana, a minha mulher, ficámos a par de um processo que permitiria preservar o sangue do cordão umbilical por criogenia, de modo que, no futuro, caso necessário, fossem retiradas células estaminais para curar possíveis doenças. Mais uma vez, como boas Testemunhas de Jeová, resolvemos pesquisar nas publicações da Torre de Vigia, pois queríamos fazer a vontade de Deus e não violar alguma lei. Encontrei a *Sentinela* de 1 de Janeiro de 1997, pág. 29, que, na secção «Perguntas dos Leitores», dizia (destaco os pontos principais):

«Segundo certas reportagens, alguns hospitais, após o parto, guardam a placenta e o cordão umbilical para extrair alguns elementos do seu sangue. Deve isso preocupar os cristãos?

Em muitos hospitais não ocorre nada disso, de modo que os cristãos não precisam preocupar-se. Se houver motivos válidos para crer que se adota esta prática no hospital onde uma cristã dará à luz, o certo seria simplesmente informar o médico que a placenta e o cordão umbilical não deverão ser aproveitados de forma alguma e sim eliminados.

[...]

Mais recentemente, os pesquisadores afirmaram ter obtido sucesso com o uso de sangue extraído de secundinas para tratar um tipo de leucemia, e teorizou-se que esse sangue possa ser útil em algumas disfunções do sistema imunológico ou em lugar de transplantes de medula. Por isso, tem havido certa publicidade a respeito de pais que pedem que o sangue das secundinas seja extraído, congelado e armazenado para uso, caso seu filho, no futuro, precise de tratamento.

Os verdadeiros cristãos, cuja mentalidade é orientada pela lei perfeita de Deus, não recorrem à comercialização do sangue extraído da placenta. Nosso Criador considera o sangue sagrado, por representar a vida dada por Deus. O único uso de sangue autorizado por ele era sobre o altar, relacionado com sacrifícios. (Levítico 17:10-12; note Romanos 3:25; 5:8; Efésios 1:7.) De outro modo, o sangue retirado duma criatura devia ser derramado no solo, eliminado. — Levítico 17:13; Deuteronômio 12:15, 16.»

Quando li esta orientação, apresentada de modo nada incerto, como é apanágio destes homens que se colocam no lugar de Deus e interpretam a Bíblia como se recebessem orientações divinas, fiquei chocado. Estávamos em 2003, e poucos anos antes tinham surgido artigos na revista *A Sentinela* permitindo o uso das chamadas fracções secundárias[79].

Neste artigo deixava-se claro que, embora a transfusão de sangue total e dos chamados quatro componentes principais fossem condenáveis, ainda assim, uma Testemunha de Jeová poderia aceitar componentes secundários. Assim, a organização apresentava este tipo de solução[80]:

Sangue total

O cristão não aceita

Decisão pessoal

Glóbulos vermelhos

Fracções que vêm dos glóbulos vermelhos

Glóbulos brancos

Fracções que vêm dos glóbulos brancos

Plaquetas

Fracções que vêm das plaquetas

Plasma

Fracções que vêm do plasma

Para qualquer pessoa minimamente informada e com discernimento, a incoerência é gritante. Ao passo que a recolha do sangue do cordão umbilical para uso futuro das células estaminais era proibida e condenada, porque «o sangue retirado duma criatura devia ser derramado no solo, eliminado», este artigo da revista *A Sentinela* mais recente dizia que, afinal, dependendo dos componentes do sangue a usar, já não haveria pecado grave contra Deus no caso de se aceitarem fracções de sangue a partir dos «componentes principais».

Na minha cabeça fez-se um clique! Afinal, de onde vêm os chamados componentes secundários que as Testemunhas de Jeová podem aceitar? Não vêm de sangue doado por milhares de pessoas altruístas, que lhes é retirado do corpo e posteriormente fraccionado? Afinal, porquê este duplo critério entre componentes do sangue aceitáveis e outros proibidos?

Porque não poderia eu e a minha esposa, em consciência, guardar o sangue do cordão umbilical, congelá-lo e, posteriormente, caso fosse necessário, usar as células estaminais para salvar a vida do nosso filho? Seria assim tão diferente de aceitar um componente secundário, tal como a hemoglobina extraída do glóbulo vermelho e que representa cerca de 97% do seu conteúdo?

Depois de discutir o assunto com minha mulher resolvemos avançar com o processo para que, chegados ao dia do parto, a recolha fosse feita. Agimos em consciência, no melhor interesse do filho que iria nascer, e nem por sombras pensámos que estaríamos

a desagradar a Deus ou a cometer um pecado imperdoável! De facto, não o era, e a própria organização acabou, através das suas incoerências, por demonstrar isso mesmo.

Estes episódios foram o motor de arranque para que eu começasse a pesquisar o assunto do sangue e a forma como as Testemunhas de Jeová, ou melhor, a forma como os seus líderes a encaram. Percebi claramente que a organização meteu os pés pelas mãos neste assunto.

Por que motivo as Testemunhas de Jeová estão erradas quanto ao uso do sangue

Este é um dos assuntos mais polémicos e que mais revolta tem criado na sociedade em relação às Testemunhas de Jeová. Em virtude da sua firme recusa em aceitar transfusões de sangue, elas têm sido consideradas fundamentalistas na sua análise dos textos bíblicos.

Muitas capas de jornais e serviços noticiosos televisivos, ao longo dos anos, têm apresentado o resultado desta recusa, relatando a morte de homens, mulheres e mesmo crianças que, podendo ser salvas pelo uso de uma transfusão, não o são.

Visto que, em muitos casos, apenas uma transfusão pode salvar alguém de uma morte prematura, pode por isso perguntar-se:

Quantas Testemunhas de Jeová já morreram devido à afirmação da organização de que é errado alguém aceitar uma transfusão de sangue?

É indiscutível que a política da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de proibir o uso do sangue resultou, desde a sua implementação, na morte de inúmeras Testemunhas que recusaram sangue, quando o sangue era a única opção médica à sua disposição para sustentar a vida.

O artigo do *Consumer Reports*, de Setembro de 1999, afirmou que as transfusões de sangue salvam cerca de 10 mil vidas por dia. Com este tipo de estatísticas, pode apenas especular-se quantas Testemunhas de Jeová perderam a vida devido a este assunto.

A organização religiosa conhecida como Sociedade Torre de Vigia ensina e impõe como doutrina às Testemunhas de Jeová que uma transfusão de sangue é o mesmo que comer sangue, comparando-a a alimentação intravenosa. Aliás, durante vários anos, a organização ensinou que uma transfusão era, de facto, uma forma de alimentar o corpo:

«Muitos dizem que receber uma transfusão não é o mesmo que comer sangue. Tem lógica este argumento?

Um paciente num hospital pode ser alimentado através da boca, através do nariz ou através das veias. Quando soluções com açúcar são dadas intravenosamente, isso é chamado de alimentação intravenosa. Assim, a própria terminologia hospitalar reconhece como alimentação o processo de colocar nutrição no sistema de alguém através das veias. Deste modo, a pessoa que administra a transfusão está alimentando o sangue do paciente através das veias e o paciente recebe o seu alimento através das suas veias.[81]

O respeito pela santidade do sangue

Não faz diferença o sangue ser assimilado no corpo através das veias em vez da boca. Nem importa a pretensão de alguns de que isto não é o mesmo que alimentação endovenosa. O facto é que alimenta; ou sustém a vida do corpo. Isto está em harmonia com a declaração no livro *Hemorrhage and Transfusion* (Hemorragia e Transfusão), de George W. Crile, licenciado em artes e doutor em medicina, que cita uma carta de Denys, médico francês e antigo pesquisador no campo das transfusões. Diz ele: “Fazer transfusão não é nada mais que alimentar por um caminho mais curto do que o ordinário — isto é, pôr nas veias o sangue pronto em vez de tomar alimento que só se tornará sangue depois de várias transformações.”[82]»

De acordo com esta visão, claramente em contradição com os factos reconhecidos mundialmente pela comunidade científica, a Torre de Vigia proíbe as transfusões de sangue aos seus seguidores. No entanto, é certo que, se se deixar uma pessoa sem comer, dando-lhe apenas transfusões de sangue, ficará claro que essa pessoa acabará por morrer.

O que é mais interessante e que tem passado despercebido às Testemunhas de Jeová é que a própria organização já assumiu

publicamente que uma transfusão de sangue equivale a um transplante de órgão:

«Por conseguinte, quer nutram objeções religiosas às transfusões de sangue quer não, muitas pessoas talvez rejeitem o sangue simplesmente por se tratar, em essência, de um transplante de órgão que, no máximo, só é parcialmente compatível com seu próprio sangue.[83]»

«Quem recebe sangue de outra pessoa corre basicamente os mesmos riscos dos que recebem um transplante de órgão.[84]» «O sangue é um órgão do corpo, e transfusão de sangue não é nada menos que um transplante de órgão[85].»

Assim como alguém que recebe um órgão para substituir um do seu corpo que se encontra danificado ou funciona mal não está a praticar canibalismo ou a alimentar-se de tal órgão, do mesmo modo uma pessoa que recebe sangue não se alimenta desse «tecido» ou órgão líquido:

«Sim, o sangue é um tecido, assim como o coração e os rins são tecidos.»[86]

Afinal, o sangue é alimento, tecido líquido, ou é semelhante a um órgão?

As Testemunhas têm realmente liberdade de escolha?

Têm sido feitas declarações por parte de representantes das Testemunhas de Jeová que negam quaisquer penalizações para com aqueles que decidem aceitar uma transfusão de sangue total ou dos componentes proibidos pela organização.

Publicamente, afirma-se que as Testemunhas de Jeová têm total liberdade de escolha com respeito aos tratamentos médicos a adoptar, incluindo o uso do sangue. Mas será isto verdade? Não!

Uma Testemunha de Jeová que aceite uma transfusão de sangue total ou dos quatro componentes primários (segundo o conceito actual) estará a violar uma «lei sagrada», talvez a lei mais sagrada aos olhos das Testemunhas de Jeová. A punição dessa pessoa,

caso seja considerada culpada e não demonstre arrependimento, será o ostracismo. A pessoa será considerada «dissociada», entendendo-se pelas suas acções que não mais deseja ser uma Testemunha de Jeová. Após isso, o indivíduo passará a ser evitado pela própria família e amigos Testemunhas de Jeová, que serão pressionados e mesmo admoestados a não ter contacto com o «pecador». Nem um cumprimento lhe poderá ser dirigido ao passarem por ele na rua.

Devido à doutrinação extremista e claramente dogmática sobre este assunto, as Testemunhas de Jeová levam a sério o entendimento da organização sobre a questão do sangue. Tornam-se assim muito radicais neste assunto, preferindo morrer ou deixar morrer um ente querido a aceitar uma transfusão. E fazem o mesmo com respeito aos seus filhos menores.

A maioria das testemunhas carrega consigo um documento com uma declaração antecipada, instruindo o pessoal médico de emergência a não administrar uma transfusão de sangue total ou dos quatro componentes primários do sangue, caso a Testemunha de Jeová esteja inconsciente. Esta declaração é um documento legal, assinado pela Testemunha e por duas outras Testemunhas, que comprovam a validade do documento, e pelo menos de um procurador à sua escolha que garanta defender a sua posição, caso ela não o possa fazer.

As Testemunhas de Jeová reconhecem que a sua religião é a única que se posiciona contra a transfusão de sangue, embora não lhes ocorra que este facto é, em si mesmo, a demonstração de que a sua doutrina não se baseia realmente na Bíblia, mas num entendimento divergente e singular. Nem mesmo os judeus, a quem a Lei Mosaica foi dada, e aqueles que tinham como obrigação guardar-se do uso do sangue como alimento aceitam esta interpretação.

Segundo o milenar conceito rabínico judaico *pikuach nefesh*, o valor da vida humana está acima de qualquer tradição ou doutrina religiosa. Segundo este conceito, uma vida deve ser preservada a todo o custo, sendo por isso a obrigação de um judeu

salvar a sua vida ou a de outrem, mesmo que para isso tenha de violar uma lei ou mandamento religioso.

Por exemplo, se existe alguém em perigo de vida, aplicar o *pikuach nefesh* significa, por exemplo, violar o *Sabat* para que essa vida seja salva, por exemplo, levando nesse dia a vítima ou o doente de carro ao hospital. Significa também, por outro lado, um judeu comer comida que não seja *kosher*, caso a sua saúde ou vida dependa disso.

Para os judeus, a Lei Mosaica continua a ter um papel muito importante, e isso inclui a proibição do consumo de carne com o seu sangue. É por isso que os judeus ortodoxos molham a carne em água, a salgam e drenam até ficar sem sangue. Neste aspecto, são muito mais rigorosos do que as Testemunhas de Jeová e têm um regime alimentar cuidado e selecto (*kosher*).

Ainda assim, e continuando a seguir os mandamentos da Lei Mosaica com respeito ao sangue, os judeus estão autorizados a receber transfusões de sangue. Não existem grupos religiosos judaicos que proíbam transfusões de sangue.

Do mesmo modo, os muçulmanos estão também proibidos de beber ou comer sangue e derivados (*haram*), mas são-lhes permitidas as transfusões como procedimento para salvar as suas vidas.

E que dizer de Jesus? Será que ensinou algo que concorde com este conceito rabínico?

Note as próprias palavras da organização, ao referir-se ao discernimento de Jesus em lidar com situações em que a razoabilidade era posta em causa. Reflicta na atitude de Jesus e pense como seria, caso fosse uma pessoa em perigo de vida e necessitasse de uma transfusão de sangue:

«O discernimento também tornava Jesus uma pessoa razoável. Ele via além das palavras da Lei mosaica; ele percebia o espírito por trás da Lei e agia de acordo. Por exemplo, considere o relato de Marcos 5:25-34. (Leia.) Uma mulher que sofria de um fluxo de sangue passou pelo meio de uma multidão, tocou na roupa de Jesus e foi curada. Ela era impura do ponto de vista da Lei; então, não podia tocar em ninguém. (Lev. 15:25-27) Mas Jesus não a repreendeu por ter tocado em sua roupa. Ele discernia que entre “os assuntos mais importantes da Lei” estavam “a misericórdia e a fidelidade”. (Mat. 23:23) Ele disse de modo bondoso: “Filha, a tua fé te fez ficar boa.

Vai em paz e fica curada da tua doença penosa.” É muito bom saber que o discernimento de Jesus o motivou a agir com tanta bondade, não acha?»[87]

É interessante notar que, na análise desta passagem, a organização das Testemunhas de Jeová aceita de bom grado e até elogia a razoabilidade de Jesus perante a violação da Lei cometida por esta mulher, em virtude do seu esforço em preservar a sua saúde, e mesmo a sua vida. Chegam a destacá-lo dizendo:

«Ela era impura do ponto de vista da Lei; então, não podia tocar em ninguém. (Lev. 15:25-27)»

Repare que neste caso nem existia uma situação de perigo de vida iminente, mas uma condição física debilitante que poderia, no futuro, conduzir a uma morte prematura. Mesmo assim, o que fez Jesus?

Considerou que a vida ou saúde daquela mulher estava acima do cumprimento da Lei. Está aqui aplicado o princípio do *pikuach nefesh*.

Teria Jesus agido de forma diferente caso tivesse nascido nos dias de hoje e estivesse em seu poder salvar uma vida pelo uso de uma transfusão de sangue, mesmo que isso hipoteticamente pudesse violar a Lei de Deus? Pense nisso!

Mas existem outras passagens que revelam que Jesus considerava SEMPRE a vida humana acima de qualquer lei ou doutrina. Veja mais estes exemplos:

«Ele lhes disse: “Se um de vocês tiver uma ovelha, e essa ovelha cair num buraco no sábado, será que não vai agarrá-la e tirá-la dali? Quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Por isso, é permitido fazer algo bom no sábado”.»[88]

Parafraseando as palavras de Jesus em Marcos 2:27, poderíamos concluir o seguinte: *A Lei veio à existência por causa do homem, e não o homem por causa da Lei.*

Assim, nenhum ser humano deveria perder a vida em virtude

de uma Lei divina que foi criada para sustentar a vida e mostrar respeito por ela.

A história de uma doutrina sempre em evolução

Para entendermos melhor como as Testemunhas de Jeová chegaram ao entendimento actual em relação ao uso do sangue, é importante fazermos uma viagem no tempo.

Existe uma cronologia criada pela AJWRB (Defensores da Reforma das Testemunhas de Jeová sobre o Sangue)[89] onde é possível acompanhar a evolução desta doutrina, desde o início do movimento religioso conhecido como Estudantes da Bíblia, passando pelas mudanças doutrinárias após a eleição duvidosa e déspota de J. F. Rutherford como presidente da Sociedade Torre de Vigia, resultando num novo movimento religioso conhecido como Testemunhas de Jeová, e observar que o entendimento e a doutrina foram mudando com respeito ao tema bíblico do significado e uso do sangue na religião das Testemunhas de Jeová.

A verdade é que a doutrina do sangue jamais seguiu um percurso evolutivo, antes uma série de avanços e recuos.

Houve um claro desnorte da liderança, que, usando as páginas da revista *A Sentinela* como texto sagrado, guiou as Testemunhas de Jeová durante décadas num caminho peregrino pelo deserto e com sérias consequências na vida dos que tomaram a peito tais interpretações.

Basta pensar nas famílias que perderam os seus entes queridos na morte, de modo prematuro, devido à recusa de vacinação, transplantes e uso do sangue e seus derivados. Esta linha histórica do pensamento da Torre de Vigia com respeito ao sangue demonstra pouca consideração pela forma como interpretam as Escrituras e especialmente com respeito às pessoas que são influenciadas e seguem de forma cega tais interpretações.

É possível que a evolução da medicina permita que no futuro todo este drama vivido quase diariamente nos hospitais seja coisa do

passado e que mais nenhuma Testemunha venha a morrer por causa da falta de sangue ou derivados. Mas, enquanto isso não acontecer, homens, mulheres e crianças estarão à mercê dos caprichos e ditames de uma organização religiosa que muda de opinião como quem muda de camisa, e isto sem levar em conta as implicações trágicas na vida dos seus membros.

Alguém disse que «a melhor transfusão é aquela que nunca se faz», mas, infelizmente, por vezes, é a única maneira de salvarmos a nossa vida e a vida daqueles que amamos.

É óbvio que, depois de chegar a estas conclusões, não poderia continuar a apoiar tal ensinamento. A minha consciência perturbava-me ao ver pessoas serem manipuladas e enganadas quanto a um assunto que poderia significar vida ou morte.

Para mim, era especialmente constrangedor quando os irmãos, depois de receberem os novos cartões do sangue[90], vinham ter comigo para perguntar se achava bem receberem ou não fracções secundárias. Aconselhava-os a ponderarem bem o assunto e consultarem as orientações da Torre de Vigia. Apetecia-me gritar aos sete ventos que tudo aquilo estava mal, que era um ensinamento errado e que poderia significar a sua própria morte ou a dos seus familiares. Mas sabia que, se o fizesse, além de não aceitarem, as consequências seriam muito sérias para mim e para a minha família.

Daí que tenha criado o blogue *Questão do Sangue e as Testemunhas de Jeová*[91] para expor anonimamente as minhas opiniões sobre o assunto e que serviu de catalisador para conseguir lidar com este tema.

A minha mulher também começou a perceber que este ensinamento era demasiado confuso e incoerente, à medida que ia partilhando com ela aquilo que ia descobrindo. Cheguei a falar com alguns anciãos em particular sobre este tema, apresentando algumas questões e dúvidas, mas sem nunca dar a entender que discordava totalmente da doutrina.

CAPÍTULO VI

Dúvidas aumentam

O meu filho nasceu na madrugada do dia 30 de Agosto de 2004. Com apenas alguns dias de vida, teve de ficar duas vezes internado devido a uma bactéria que contraiu na altura do parto. De ambas as vezes, ficou oito dias sob observação e a receber antibiótico. A sua saúde estava frágil e precisava de ser resguardado, segundo a orientação médica. Tendo nascido no final de Agosto, estava ainda bastante débil para ser levado às reuniões com regularidade, especialmente ao estudo do livro, que era realizado em casa de irmãos, a uma distância considerável a pé, tendo em conta que, sendo no centro de Lisboa, não havia lugares de estacionamento disponíveis.

Tomámos a decisão de que a minha mulher ficaria com ele em casa quando o tempo estivesse inapropriado para sair com o bebé. Nesse ano, o Inverno foi bastante rigoroso, com muita chuva e frio. É claro que foi o suficiente para que as más-línguas começassem a falar, tentando arranjar problemas onde não existiam. Neste aspecto, as pioneiras regulares, muitas sem terem qualquer trabalho secular, aproveitavam a pregação para falar da vida alheia e inventar histórias e calúnias.

Pois bem, certo dia, estávamos nós na reunião de fim-de-semana (discurso público seguido do estudo da revista *A Sentinela*), quando somos os dois chamados pelo superintendente presidente e pelo secretário. Ficámos surpreendidos por quererem falar com ambos, já que nunca na nossa vida tínhamos sido chamados.

Quando nos sentámos, os irmãos começaram a falar sobre a importância da assistência às reuniões como casal, especialmente no meu caso, enquanto ancião. Disseram-nos que circulavam já na

congregação comentários negativos sobre a ausência frequente da minha mulher na reunião do estudo do livro de congregação e que isso não era desejável. Chegaram a afirmar que alguns irmãos comentavam que parecia que agora «adorávamos o nosso filho», isto é, deixando de dar a Deus uma veneração absoluta e incondicional.

Relembrámo-los de que o nosso filho estivera internado por duas vezes e que deveria permanecer resguardado, segundo ordens médicas, mostrando-nos chocados com os comentários. Porém, percebemos que, afinal, as conversas na congregação se restringiam a umas quantas más-línguas.

O ancião, que era também secretário na congregação, quis dar o seu exemplo dizendo que o filho também tinha vários episódios de doença, nomeadamente amigdalites que provocavam febre alta, mas que nem isso o impedia de o levar à reunião.

A Ana, muito indignada, olhou-o nos olhos e perguntou:

— E o irmão acha isso um bom exemplo?

Ele percebeu imediatamente o extremismo da situação e disse:

— Realmente, por vezes, fui um talibã!

A conversa acabou por terminar pouco depois, com a nossa postura firme de que não poríamos em causa a saúde do nosso filho para agradar a pessoas que não tinham qualquer consideração pelas circunstâncias em causa.

Conto este episódio para que vejam o tipo de mentalidade que muitas pessoas que estão dentro da religião possuem, onde qualquer coisa é pretexto para lançarem pedras e acusarem os outros, sem qualquer demonstração de amor ou empatia pelas suas circunstâncias. O que importa é parecer, não ser!

Depois de iniciar a pesquisa sobre a questão do uso do sangue e suas fracções, deparei-me com material considerado «apóstata» pela Torre de Vigia. Naquela época, a Internet em Portugal ainda estava a dar os primeiros passos, sendo bastante lenta e havendo dificuldades de ligação.

Ainda assim, já se conseguia navegar por páginas mais simples, onde predominavam textos. Como leitor ávido e estando cada vez mais alerta para o facto de a organização não dizer toda a verdade

sobre a questão do sangue, revelando-se perita na manipulação e ocultação de informação danosa para si mesma, resolvi navegar por páginas que afirmavam expor os seus segredos e doutrinas. Aquilo que descobri abalou a pouca confiança que já depositava na organização.

ONU e a Torre de Vigia

Uma das primeiras informações com que deparei foi relativa à questão de a Sociedade Torre de Vigia ter estado filiada na ONU durante uma década. Foi possível por se registar como ONG, ou seja, organização não governamental. Esteve nesta filiação desde 1991, quando fez o pedido de registo, até Outubro de 2001.

Fiquei chocado! Como era possível, quando a própria organização vinha publicando, ao longo dos anos, material condenatório em relação a esta instituição política, que, segundo ela, era a «imagem da fera», apresentada em Apocalipse 17:11?

No livro *Caiu Babilônia, a Grande! O Reino de Deus já domina!* (1963), declarava:

«O Sétimo Poder Mundial é o principal promotor e apoiador das Nações Unidas, a atual forma da “imagem da fera.” [...] Destruição é o que o anjo de Deus previu para esta fera cor de escarlata ao dizer: “E a fera que era, mas não é, é ela mesma também um oitavo rei, mas procede dos sete, e vai para a destruição.” (Revelação 17:11) As Nações Unidas de hoje contêm como membros, o Sétimo Poder Mundial e os remanescentes nacionais de todos os anteriores poderes mundiais. Assim, deve a sua existência a esses sete poderes mundiais; ela procede deles; Visto que esta moderna fera cor de escarlata é a imagem de um leopardo com manchas que sai do mar, o que é a soma de todos os sete poderes mundiais, a “imagem” animalesca é, em si mesma, um poder mundial ou “rei”, portanto “um oitavo rei”. Colocou a sua polícia militar no campo de acção. Agora que ascendeu do abismo e está fora desde 1945, a Bíblia mostra que o que fará a seguir será ir para a destruição.»

Mas não seria isto apenas uma invenção dos «apóstatas»? Afinal, a organização dizia que tais pessoas eram mentirosas e que faziam tudo para manchar a imagem da «organização terrestre de Jeová»? É claro que seriam necessárias provas disso mesmo.

Ao pesquisar os vários *sites* que mencionavam o assunto, diversos *links* para *sites* de notícias oficiais eram disponibilizados. Foi por consultar tais *sites* de notícias que percebi que não se tratava de uma «mentira satânica», com o objectivo de subverter a fé na «organização de Jeová».

Em jornais como o *Público*[92], *The Guardian*[93] e até no próprio *site* da ONU[94] havia informação sobre o assunto[95], onde claramente se percebia que a organização tinha como que feito um pacto com o Diabo, certamente para obter algum dividendo[96].

É claro que não comentei o assunto abertamente na congregação, porque sabia que isso iria levantar uma bandeira vermelha e provavelmente teria problemas. As Testemunhas de Jeová em geral, e especialmente os anciãos, têm uma espécie de «sentido de aranha», que os leva a ficar em alerta máximo quando alguém apresenta informação que prejudica a imagem da organização. Para eles não é importante se a informação é verdadeira ou não (partem logo do princípio de que não é), mas *onde* a pessoa descobriu tal informação, que material consultou ou com quem falou. Como as Testemunhas de Jeová estão doutrinadas para rejeitar qualquer acusação que seja feita contra elas, enquanto organização religiosa, acusam prontamente de «apóstata» qualquer membro que sinceramente tente apresentar evidências de algo que está mal.

Por isso, não são raros os relatos de pessoas que tiveram problemas nas suas congregações por causa deste assunto, sendo até expulsas depois de terem espalhado esta informação por outros crentes. Se há coisa que é temida pela religião das Testemunhas de Jeová são notícias que dêem conta de situações negativas sobre ela. Assim se produz um total controlo da informação, algo bem característico em seitas destrutivas.

Jesus — Apenas mediador dos ungidos?

Algo que me incomodou seriamente e cada vez mais, à medida

que reflectia sobre o assunto, foi o ensinamento da Torre de Vigia acerca da mediação de Jesus Cristo.

Se perguntar a uma Testemunha de Jeová quem a Bíblia revela como sendo o mediador entre a humanidade e Deus, invariavelmente obterá a resposta de que é Jesus Cristo. De uma forma geral, a maioria das Testemunhas de Jeová acredita sinceramente ter Jesus como mediador, visto que foi ele que morreu por nós, tal como as Escrituras claramente afirmam em 1.º Timóteo 2:5:

«Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e homens, um homem, Cristo Jesus...»

Na realidade, o ensinamento da Torre de Vigia contradiz directamente a Bíblia nesse assunto, ao afirmar que Jesus apenas é mediador de um pequeno grupo de cristãos, descritos no livro do Apocalipse como sendo em número de 144 mil. A organização separa assim, de modo artificial, as Testemunhas de Jeová em dois grupos:

Os cristãos «ungidos», que são aqueles que afirmam ter uma esperança celestial, limitados ao número de 144 mil pessoas;

A «grande multidão» ou «outras ovelhas», que são a vasta maioria das Testemunhas de Jeová que tem a esperança de viver no paraíso terrestre após o Armagedão.

A maioria das Testemunhas de Jeová não se apercebe bem deste ensinamento e do seu significado real. Quando uma Testemunha de Jeová é confrontada com esta realidade, dá-se um misto de confusão e de incredulidade. Sem sombra de dúvida, a GRANDE MAIORIA das Testemunhas de Jeová, segundo o entendimento da sua liderança, está sem a mediação de Cristo, sendo apenas «beneficiária» do Novo Pacto do qual Jesus é mediador[97].

Lembro-me de que, depois de ter percebido a seriedade deste assunto, passei a considerar Jesus como meu mediador, como a Bíblia diz de modo explícito. É claro que ter esta convicção nos

coloca em rota de colisão contra a Torre de Vigia e seus asseclas. Um dia, depois de ter pronunciado um discurso público numa congregação que não a minha, fui convidado no fim a dizer a oração concludente[98].

Nesta oração, mencionei em forma de agradecimento o papel de Jesus Cristo como nosso mediador e a razão pela qual, por meio dessa mediação, temos os nossos pecados perdoados. No final, o irmão que me convidou, igualmente ancião, chamando-me à parte, elogiou o meu discurso, mas mencionou que tinha algo a apontar em relação à oração. Relembrou-me de que referira que Jesus era nosso mediador, mas que «isso não corresponde ao ensino da organização, porque Jesus é apenas mediador dos 144 mil». Fingi-me de parvo, pedindo desculpa pelo lapso. Se tivesse insistido no assunto, teria levantado logo ali o alarme para uma possível rebeldia em relação ao ensinamento da Torre de Vigia.

Encobrimento de casos de abuso sexual de crianças nas Testemunhas de Jeová

À medida que as minhas pesquisas continuavam, vim a deparar-me com uma informação que me deixou chocado. Num programa de investigação da BBC, *Panorama*, a organização Torre de Vigia era acusada de ocultar casos de abuso sexual de crianças nas congregações. A grande reportagem, com o tema *Sofrem as Criancinhas*[99], apresentava vários testemunhos de vítimas e autoridades, revelando as políticas organizacionais que visavam proteger a imagem da organização perante a sociedade.

A organização era inclusivamente acusada de ter uma lista de 23 720 alegados ou mesmo confirmados abusadores entre as Testemunhas de Jeová nos Estados Unidos, Canadá e Europa. A reportagem da BBC entrevistou Bill Bowen[100], ex-ancião durante quase vinte anos nos Estados Unidos, que revelou ter contactos dentro da sede mundial que lhe forneceram tal número. Depois de

ter exposto o assunto e entrado em choque com a organização Torre de Vigia, foi expulso das suas fileiras.

O mesmo destino teve outra entrevistada, Barbara Anderson[101]. Também participou nessa reportagem, fornecendo inclusivamente material relevante sobre o assunto e informações que demonstravam como a organização, durante décadas, sabia que casos de abuso sexual ocorriam nas congregações, mas procurava sempre que as vítimas não reportassem às autoridades. Como? Através de regras que dificultavam o apuramento da verdade: a exigência de duas testemunhas do abuso e o contacto telefónico imediato dos anciãos para o departamento jurídico do Betel e não para as autoridades.

Depois de esta reportagem ter sido apresentada na SIC Notícias, tanto eu como a Ana ficámos profundamente consternados, incrédulos, até. Como seria possível que a organização permitisse tal coisa? A ideia que uma Testemunha de Jeová tem é de que a organização Torre de Vigia tem regras e princípios de alto valor moral e de que reconhece que se deve «dar a César o que é de César, mas a Deus o que é de Deus»[102]. Pessoalmente, nunca soube de qualquer caso de abuso sexual nas congregações em que estive e por isso estava completamente a leste deste tipo de situação.

Os irmãos na congregação também ficaram muito confusos e impressionados com a reportagem. Muitos viram-na e procuraram informações junto dos anciãos, mas, como é óbvio, a resposta era sempre a mesma: «São mentiras apóstatas!»

Expressões de irmãos e irmãs como «isto só pode ser mentira» eram comuns depois disso. Uma Testemunha de Jeová reconhecer que aquilo tinha alguma verdade poderia pôr em causa a fé e confiança que depositava na organização. Mas este assunto deixou-me em alerta, porque, depois de perceber que a organização já havia manipulado a informação acerca da sua ligação com a ONU, não me espantaria nada que fizesse o mesmo com respeito a este assunto. Infelizmente, vim a constatar que mais uma vez tinha razão.

Como ancião congregacional, tinha a obrigação e o «privilégio»

de estar presente na escola de anciãos, chamada Escola do Ministério do Reino, que normalmente ocorre de uns quatro em quatro anos. Nestas escolas, são revistos procedimentos e normas de funcionamento das congregações, mas em especial a revisão de certas orientações teocráticas. Um dos assuntos discutidos nessa escola em que estive presente como ancião foi exactamente como lidar com casos de abuso de crianças. As regras transmitidas eram claras e inequívocas:

Contactar o departamento legal da filial assim que fosse relatado um caso de abuso e esperar que este desse instruções sobre como agir;

Criar uma comissão interna de investigação, onde os anciãos ouviriam a vítima menor e o acusado, tentando saber a versão de ambos e, em muitos casos, confrontando a vítima e o abusador no mesmo espaço físico, numa espécie de frente-a-frente;

Os anciãos encarregados do caso eram instruídos a não contactar as autoridades e mesmo a ocultar delas quaisquer informações que pudessem ajudá-las na investigação (caso lhes fosse pedido), usando para isso o chamado «privilégio eclesiástico» atribuído ao clero, onde a confissão é considerada sagrada e inviolável;

Nos casos em que o alegado abusador negasse os factos e onde apenas a vítima alegasse o abuso, os anciãos eram instruídos a «deixar o assunto nas mãos de Jeová», usando aqui a chamada regra das «duas testemunhas», que ainda se mantém em vigor actualmente^[103].

Estas regras obrigatórias para qualquer ancião que se confronte com uma situação de abuso acabam por o tornar responsável pelo encobrimento, como agente da Torre de Vigia. Para mim era algo impensável, pois o abuso sexual de crianças é um dos crimes mais hediondos que alguém pode cometer, e apenas a polícia e autoridades do Estado têm a capacidade de avaliar a situação e julgar a pessoa, quer inocentando quer punindo o indivíduo acusado. Os anciãos não têm qualquer formação para avaliar uma situação desta gravidade e muito menos capacidade para ajudar a vítima!

Esta foi mais uma situação que me levou a deixar de acreditar que esta organização visava os melhores interesses dos seus

membros. O seu objectivo primordial era proteger a sua imagem! O que achei mais hipócrita foi que, durante décadas, a organização expusera o abuso sexual de crianças dentro da Igreja Católica, acusando-a de proteger os padres pedófilos ao mudá-los de paróquia para paróquia, ao invés de proteger as crianças. No entanto, qual não foi o meu espanto quando percebi que, enquanto criticava de modo tão feroz a Igreja Católica, ela própria tinha políticas de encobrimento que visavam o mesmo objectivo: proteger-se de litígios e de ser exposta perante o mundo. Não admira que alguns tenham vindo a chamá-la de «paraíso de pedófilos».

No futuro, este assunto veio a tornar-se ainda mais polémico, depois de a Comissão Real Australiana expor o assunto ao mundo de tal modo que se tornou impossível contê-lo[104].

CAPÍTULO VII

Pesquisas e partilha de informação *online*

O casamento entre duas Testemunhas de Jeová não é apenas a união entre duas pessoas que se amam e que desejam constituir família. O casal de Testemunhas é incentivado a constituir um «cordão tríplice». O que quero dizer com isto? Vou deixar que a própria organização explique:

«Mas o que o casal pode fazer para garantir que seu casamento seja comparável a tal cordão tríplice? O salmista Davi cantou: “Agradei-me em fazer a tua vontade, ó meu Deus, e a tua lei está nas minhas partes internas.” (Sal. 40:8) Nosso amor a Deus também nos motiva a servi-lo de coração pleno. Assim, ambos os cônjuges devem cultivar uma calorosa relação pessoal com Jeová e ter prazer em fazer Sua vontade. Devem também se esforçar em fortalecer o amor que o cônjuge tem por Deus. — Pro. 27:17.»

«Outro segredo para incluir Jeová no casamento é assistir às reuniões congregacionais e trabalhar juntos no ministério. Nessas reuniões, os casais aprendem a combater as artimanhas que Satanás usa para dividir as famílias. (Efé. 6:11, nota) E marido e esposa que regularmente trabalham juntos no ministério aprendem a “se tornar constantes, inabaláveis”. — 1 Cor. 15:58.»

Resumindo: a organização coloca no casamento as actividades teocráticas ou serviço religioso como algo que liga o casal a Jeová, formando o tal cordão tríplice: Deus, marido e mulher. Agora, para sermos mais práticos, retire a palavra Deus e coloque organização, porque na prática é isso que acontece. Isto significa que um casamento dentro da religião das Testemunhas de Jeová deve girar em torno das actividades religiosas promovidas pela organização/Deus. Por isso, quando um dos cônjuges sai da «rotina espiritual», incentivada pela Torre de Vigia, vai enviar um sinal de alerta ao outro membro do casal.

Quantos cônjuges que passaram a discordar da organização não viram por isso os seus casamentos fragilizados e até destruídos? Conheço casos de divórcio de pessoas que descobriram os podres da religião e se tornaram críticos face a ela.

A organização chegou ao ponto de dizer recentemente:

«Mas alguns cristãos decidem separar-se em algumas situações extremas. Por exemplo, quando o marido ou a esposa está convencido de que sua vida ou sua amizade com Jeová corre sério risco por continuar casado com alguém que é violento ou apóstata.»[105]

Notou que a organização Torre de Vigia coloca a hipótese de separação com base na «apostasia», ou seja, quando alguém abertamente expressa discordância dos seus ensinamentos, práticas ou políticas organizacionais. Isto tem servido de base para cônjuges pedirem a separação, pois acreditam que o seu marido ou mulher são um perigo para eles, agora que se revoltaram contra a organização de Jeová e saíram dela.

Este era o grave perigo que eu enfrentava após cinco anos de casamento! Por isso, tive de usar de muito tacto ao falar com a minha esposa sobre aquilo que tinha vindo a descobrir, fornecendo informações em pequenas *doses homeopáticas*, de modo que ela fosse percebendo alguns assuntos sem entrar em choque ou pânico, achando que me havia tornado um «apóstata». Fazê-lo requereu muito sangue-frio, mas, verdade seja dita, a minha mulher tinha grande confiança em mim e sabia que eu levava a religião a sério. Por isso, aquilo que ouvia de mim deixava-a a pensar. Mas sempre tive o cuidado de nunca criticar abertamente a organização. Apenas apresentava informação que a fazia reflectir, como, por exemplo, a questão do uso de fracções de sangue, o caso da mediação de Jesus apenas para um pequeno grupo de cristãos, o problema da aliança da Torre de Vigia com a ONU, etc.

A Ana foi compreensiva e aceitou as minhas divergências doutrinárias, mas ainda tinha reservas quanto ao facto de a organização ensinar ou não a «verdade». Era a dissonância cognitiva em acção[106]!

Criação do blogue

Já estando alerta e consciente através das minhas pesquisas de que o ensino sobre o uso do sangue e das fracções era uma trapalhada doutrinal, eis que em Novembro de 2006 surge um artigo num suplemento do *Ministério do Reino*, com o tema «Como encaro as fracções de sangue e os procedimentos médicos que envolvem o uso do meu próprio sangue?».

Neste artigo, a organização apresentava de modo ainda mais explícito a sua posição actual sobre esta questão. É claro que o li prontamente, encontrando nele uma linguagem enganosa, manipuladora e profundamente falaciosa em termos argumentativos. Para uma Testemunha de Jeová que não percebe nada do assunto, olha para aquilo como se fosse «alimento espiritual» da melhor qualidade, orientações especializadas e necessárias para se saber lidar com situações onde os médicos tentem impor as chamadas «transfusões de sangue». Mas, para mim, foi exactamente o oposto! Deu-me verdadeiro asco ler a matéria e perceber que mais pessoas seriam conduzidas ao abate, como animais sacrificiais, por uma doutrina misturada com pseudociência. Aquele texto abalou-me profundamente a consciência.

Por esse motivo, resolvi quase de imediato escrever um artigo onde pusesse em causa aquela informação, parágrafo por parágrafo. Foi a primeira vez que me aventurei a fazer algo do género, pois sabia que, se fosse identificado, teria graves problemas com a organização!

Para isso criei um blogue e uma alcunha para ocultar a minha identidade. O blogue chamava-se *A Questão do Sangue e as Testemunhas de Jeová*^[107]. Escolhi como *nickname* TJ Curioso, ainda me considerava Testemunha de Jeová, embora já discordasse de muita coisa na religião, mas não ao ponto de querer romper totalmente com ela. Havia ainda algum condicionamento mental que me prendia de algum modo a ela, embora estivesse rapidamente a desaparecer.

Ao inaugurar o blogue, no dia 23 de Dezembro de 2006, escrevi o

seguinte:

«E as perguntas que surgem, quando alguém analisa friamente este assunto, livre de dogmatismos? Por exemplo:

- Eu não posso aceitar que o meu sangue seja retirado antes de uma operação (autólogo), para ser administrado caso seja necessário, mas não há problema em receber fracções de sangue colectado de milhares de outros pacientes?
- Se não posso doar sangue, como é possível aceitá-lo em forma de fracções, beneficiando de outros dadores?
- Onde é que a Sociedade encontra apoio bíblico para a sua proibição parcial do sangue?
- Se a base para não usar o próprio sangue, são os textos das Escrituras Hebraicas que ordenam que o sangue “deve ser deitado à terra”, então como é que as fracções chegam até nós? Não são elas mesmas retiradas de milhares de doadores, estocadas, fraccionadas e medicamente alteradas para serem usadas em quaisquer pacientes que necessitem delas? Onde está a diferença?
- Quando até mesmo a hemoglobina retirada de bovinos (Hemopure — ver KM de Novembro) poderá ser aceite por TJ, como se cumpre a ordem bíblica de não comer (tomar no sentido mais lato) sangue animal?

Estas questões têm-me feito ponderar seriamente a minha forma de encarar a questão do sangue.»

Sentia que devia dar voz ao meu descontentamento e fazer algo para despertar consciências. Era preciso que as pessoas parassem para pensar um pouco, usando o sentido crítico e não simplesmente engolindo coisas como se engole um comprimido, só porque se confia numa entidade religiosa. Ainda mais no caso da Torre de Vigia, com um passado de proibições de tratamentos médicos e charlatanice, como já havia descoberto na época[108]. Sim, a Torre de Vigia já no passado havia aconselhado e orientado os seus membros a não se vacinarem e mesmo a recusarem transplantes de órgãos, afirmando que era uma forma de canibalismo:

«Quando há um órgão doente ou defeituoso, o modo usual de a saúde ser restaurada é por receber substâncias nutritivas. O corpo utiliza o alimento ingerido para consertar ou curar o órgão, substituindo gradualmente as células. Quando os homens de ciência concluem que este processo normal não mais dará certo e sugerem a remoção do órgão e a substituição do mesmo de forma direta por um órgão de outro humano, isto é simplesmente um atalho. Aqueles que se submetem a tais operações vivem às custas da carne de outro humano. Isso é canibalesco. Não obstante, ao

permitir que o homem comesse carne animal, Jeová Deus não deu permissão para os humanos tentarem perpetuar suas vidas por receberem canibalescamente em seus corpos a carne humana, quer mastigada quer na forma de órgãos inteiros ou partes do corpo, retirados de outros.»[109]

Com este tipo de historial, como é possível alguém ainda acreditar que a actual interpretação doutrinal acerca do sangue e das fracções está correcta? Agi assim em consciência, tentando desmontar as falácias apresentadas no artigo sobre o uso do sangue. Sabia que poderia estar a salvar vidas ao expor o assunto. Por comentários recebidos posteriormente e ao longo dos anos, sei que este blogue teve impacto na vida de algumas pessoas que tinham dúvidas relativas ao assunto do sangue e não só. Até aos dias de hoje, já foi visitado por mais de 183 mil pessoas de várias regiões da Terra.

Sabia que, como Testemunha de Jeová, a forma de falar das coisas de modo ponderado, mas racional e objectivo, seria o melhor método para fazer pensar outras Testemunhas de Jeová, ao invés dos típicos ataques de opositores, muitas vezes em tom jocoso e malicioso. Neste caso, era uma Testemunha de Jeová a falar para outras Testemunhas de Jeová. Com o passar dos anos, outros seguiram as minhas pegadas, tentando uma aproximação mais cautelosa com respeito à forma de abordar as Testemunhas de Jeová para as fazer parar um pouco e reflectir.

Participação em fóruns estrangeiros de ex-Testemunhas de Jeová

Entretanto, enquanto andava nas minhas pesquisas, comecei a ler conversas e debates em fóruns estrangeiros de ex-Testemunhas de Jeová, nomeadamente no Brasil e nos Estados Unidos. Tais fóruns servem de refúgio a milhares de pessoas que saíram da religião ou ainda permanecem nela por causa da família. São o único lugar onde, sob anonimato, podem dizer o que pensam, contar

os seus dilemas e pedir orientação a quem já passou pelo «despertar» nesta seita destrutiva.

Alguém que está em ruptura com esta organização religiosa, nem que seja ainda no plano mental, sofre muito, muito mesmo! É como nascer de novo e ter de reaprender tudo do zero, pois aquilo que dava como adquirido e como sendo a «verdade» passa a ser encarado como uma ilusão, uma farsa bem montada. Muitos até perdem completamente a fé em Deus!

Encontrei nesses espaços um cantinho para também partilhar aquilo que ia descobrindo, bem como a minha opinião sobre vários temas, desde assuntos de cariz doutrinal aos mais mundanos. Menciono assim os dois fóruns de que faço parte há já muitos anos:

extestemunhasdejeova.net/forum/portal.php

www.jehovahs-witness.com

Nestes fóruns conheci histórias de vida parecidas com a minha, mas também outras bem mais dramáticas e terríveis, onde pessoas relatavam infâncias cheias de abusos físicos e psicológicos por parte de pais severos que impunham a religião através do chicote. Encontrei ex-betelitas, ex-missionários, ex-superintendentes de circuito, ex-pioneiros, pessoas de todo o mundo que haviam rompido com a religião ou que queriam romper, mas não sabiam como fazê-lo sem estragar as suas relações familiares e sociais.

Acedi a testemunhos onde eram relatados casos de suicídio após a expulsão da religião, além de pessoas que sofriam de stresse pós-traumático devido ao que passaram depois de terem sido abandonadas pela família e amigos.

Mas também me cruzei com pessoas de coragem e com força de viver, que, mesmo abandonando tudo pela força das circunstâncias, conseguiram erguer-se e começar uma vida nova fora dos muros da Torre. Foi nestes fóruns que conheci dissidentes que são meus amigos até ao dia de hoje.

Foi através deles, especialmente o brasileiro, que descobri os primeiros dissidentes portugueses, com os quais mantenho contacto e até amizade, em muitos casos. Estes fóruns são uma verdadeira rede de ajuda para todas as ex-Testemunhas de Jeová ou para

aqueles que, ainda estando lá dentro, desejam sair assim que possível.

Uma nova biblioteca de livros proibidos

Quando comecei as minhas pesquisas sobre a organização, encontrei na altura alguns *sites* em português que me ajudaram muito nas minhas pesquisas iniciais, como estes:

www.testemunha.com.br

osarsif.blogspot.com

www.mentesbereanas.info

elderspov.tripod.com

parpen.tripod.com

Mas não havia muito material em português para além disto. Por isso decidi iniciar uma colecção de livros para a minha biblioteca pessoal que me ajudasse nas minhas pesquisas, desde dicionários bíblicos, como o *Dicionário Strong's*, *Vine*, entre outros, passando por livros de cariz apologético e teológico, História do Cristianismo, etc. Como não podia deixar de ser, encomendei também *online* muitos livros de dissidentes, começando pelo livro *Crise de Consciência* e *Em Busca da Liberdade Cristã*, ambos escritos por essa pessoa a quem a dissidência deve muito, Raymond Franz. Encomendei livros também de outros dissidentes, como Carl Olof Johsson, que escreveu o livro *Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*, e James Penton, que escreveu dois excelentes livros, *Apocalypse Delayed* e *Jehovah's Witnesses and the Third Reich*.

Estes e muitos outros livros que agora fazem parte da minha colecção ajudaram-me a perceber que as minhas suspeitas acerca desta religião não eram infundadas. Aquilo que sentia sobre o que vinha a descobrir materializava-se através dos testemunhos que lia e das obras que consultava. Não eram pessoas curiosas acerca da religião das Testemunhas de Jeová! Eram pessoas que haviam sido leais a ela durante décadas, mas que vieram a perceber a

manipulação e engano que tinham sofrido. Muitas foram tratadas de modo desumano e cruel pela organização, sendo expulsas da sede mundial numa verdadeira caça às bruxas, outras viram o seu nome ser enxovalhado publicamente e tratado como pessoas perigosas, apenas por contestaram algum ensinamento religioso ou interpretação delirante dos líderes da Torre de Vigia.

Quando se lêem as histórias e livros de tais homens e mulheres, percebe-se que existe realmente um padrão de actuação por parte desta organização religiosa. E, quando se compreende como ela actua e aquilo que é capaz de fazer para silenciar aqueles que sinceramente desejam ver mudanças na mesma, detecta-se claramente a mesquinhez dos homens que a comandam com mão-de-ferro.

Aí entende-se que, afinal, esta é mais uma religião humana com todos os defeitos e virtudes de qualquer um de nós. Mas, neste caso, os defeitos são sérios e graves, conduzindo inocentes a escolhas infelizes e que mais tarde, ou mesmo a curto prazo, colherão os seus amargos frutos. Mas para a organização isso não é o mais importante. O mais importante é o colectivo e não o indivíduo. Os que sofrem por causa de doutrinas erradas, de datas falsas que estimulam escolhas de vida que resultam em vivências infelizes ou de renúncias a tratamentos médicos potencialmente salvadores em caso de risco de vida sofrem danos colaterais que podem ser usados depois como propaganda para enaltecer a própria organização. É triste chegar a esta conclusão, mas é a verdade.

O impacto do livro *Crise de Consciência*

O livro *Crise de Consciência* é talvez o ícone dos chamados «livros apóstatas». É o livro que QUALQUER Testemunha de Jeová e ex-Testemunha de Jeová deveria ler. Para mim foi essencial para me ajudar a libertar mentalmente desta seita destrutiva. Muitas pessoas que saem das Testemunhas de Jeová ainda levam consigo

a formatação de que esta *talvez* seja a religião verdadeira e de que elas *talvez* ainda sejam destruídas por Deus no Armagedão por a terem abandonado. Acredito que depois de lerem este livro essa ideia rapidamente se dissolverá.

O seu autor, Raymond Franz, escreveu esta obra poucos anos depois de abandonar o cargo de membro do Corpo Governante, que ocupou durante cerca de nove anos. Aquilo que relata neste livro, de forma exemplar e desapaixonada, é o reflexo de uma organização liderada por homens que visam acima de tudo manter o *statu quo* da corporação. Para isso estão dispostos a fazer tudo o que está ao seu alcance, desde fornecer orientações que vão contribuir para a matança e sofrimento de milhares de pessoas, como aconteceu no Maláui[110], a impor interpretações ridículas, como com respeito ao serviço alternativo, fazendo com que milhares de jovens em todo o mundo fossem detidos por recusarem este serviço em substituição do serviço militar, algo cuja lógica os jovens nem sequer entendiam bem[111]. Quando se lê o relato deste ex-membro do Corpo Governante acerca do modo como decorriam as reuniões onde tais coisas eram decididas e onde havia votações, como acontece em qualquer reunião de um clube político ou desportivo, percebe-se que jamais o Espírito Santo actuou sobre aqueles homens autodesignados ungidos.

Para mim foi importantíssima a leitura deste texto, e acredito que o será para qualquer pessoa que deseje conhecer os bastidores desta seita religiosa norte-americana. Fica o conselho: não deixem de ler este livro!

A minha confiança na organização estava em completa erosão. Sabia que não conseguiria aguentar muito mais ser parte activa da mecânica organizacional, enquanto ancião. Chegara ao meu limite e precisava de saltar fora. Fora um processo longo e mentalmente cansativo, mas a oportunidade surgiria e iria agarrá-la.

CAPÍTULO VIII

Renúncia ao cargo de ancião e mudança de congregação

A minha consciência incomodava-me cada vez mais. Como ancião, tinha de subir regularmente à tribuna e apresentar à assistência matéria com a qual já não me identificava ou concordava. Tornava-se cada vez mais insuportável ter de agir como «homem da companhia», promovendo e impondo as regras mesquinhas e doutrinas falaciosas desta organização religiosa. Estava a viver a minha própria crise de consciência.

Por esse motivo, tentava sempre participar em algo que não envolvesse a exposição de assuntos que mexessem com a minha consciência, procurando fazer discursos que fossem ao encontro daquilo em que acreditava.

Entretanto, aconteceu algo na congregação que me ajudou a perceber como os jogos de bastidores e as facadas nas costas entre as Testemunhas de Jeová que têm cargos na congregação são muito mais comuns do que se possa imaginar.

Algum tempo antes, várias Testemunhas de Jeová de uma congregação que se reunia no mesmo salão, a Congregação Sapadores, haviam-se mudado para a nossa. Estavam profundamente descontentes com o ambiente da sua, onde o despotismo e a atitude férrea de alguns anciãos da dianteira, agindo como verdadeiros patrões, vinham promovendo um ambiente frio, mecânico e altamente controlador (ainda mais do que aquele que existe normalmente).

A nossa congregação tinha um espírito muito positivo, e alguns chegaram mesmo a apelidá-la de «congregação paraíso», pelo bom ambiente que se vivia na altura. Acontece que uma família que se

mudou para a nossa congregação era amiga íntima de um dos anciãos, chegando ao ponto de existir uma sociedade em conjunto com um dos familiares, também ele ancião.

Não demorou muito até que o irmão desse ancião, que viera da Congregação Sapadores, fosse designado ancião na nossa. Sempre que um novo ancião é designado, o facto representa motivo de alegria porque significa que a congregação está bem espiritualmente. No entanto, esta designação acabou por afectar a minha designação como superintendente de escola, numa decisão tomada nas minhas costas.

Estávamos nas vésperas da visita do superintendente de circuito e, como acontece habitualmente, há sempre uma reunião do corpo de anciãos para preparar a visita, de modo que tudo decorra de forma organizada e escorreita. É sempre uma semana de ansiedade para os corpos de anciãos, pois no final de cada visita o superintendente de circuito escreve um relatório que é enviado para a filial (Betel) e que faz a radiografia da congregação, positiva ou negativa.

Infelizmente, devido ao meu trabalho, não consegui estar presente nessa reunião de preparação. Qual não foi o meu espanto quando, na reunião seguinte, os meus co-anciãos pediram para falar comigo. Entre eles estava o ancião que me pressionava constantemente por causa da «agenda de faltas». Começaram por elogiar o meu trabalho como superintendente de escola durante todos aqueles anos, informando-me logo de seguida de que, no entanto, na última reunião, haviam decidido retirar-me o cargo e atribuí-lo ao mais recente ancião designado.

Disseram que entendiam que o meu trabalho era exigente e que por vezes tinha a necessidade de faltar às reuniões (algo que acontecia muito esporadicamente) e que por isso achavam que era melhor retirar-me esse peso de cima.

O que é mais curioso é que jamais me queixei da designação e fazia sempre o possível para cumprir com ela. Só mesmo em último caso faltava à reunião, pedindo a outro ancião para me substituir.

Manifestei a minha estranheza com essa decisão repentina, sem que tivesse havido uma conversa sobre o assunto, sem que

ninguém me houvesse perguntado se eu queria abdicar do cargo. Mostrei-me triste com esta atitude do corpo de anciãos e senti-a como uma facada nas costas. Não que não quisesse vir a libertar-me das responsabilidades futuramente, mas queria fazê-lo ao meu tempo e modo.

Percebi claramente na conversa que tinha havido ali muita influência do secretário da congregação, o tal que andava atrás de mim a fiscalizar-me e que, por coincidência, era amigo íntimo da família que se havia mudado e cujo irmão do sócio fora designado ancião. Seria esse mesmo recém-designado ancião que ficaria com o cargo de superintendente de escola.

Logo nessa visita do superintendente de circuito, fora esse ancião a desempenhar o papel de superintendente de escola. Para mim, era um misto de alívio e frustração ao ver como as coisas haviam sido decididas sem qualquer consideração por mim. Mas, no fundo, sabia que estes jogos pelo poder e pelo destaque são muito comuns nas congregações, embora até ali não o tivesse observado na Congregação Lisboa-Sul.

Depois de a reunião terminar, a minha mulher contou-me algo que me deixou ainda mais convencido dos jogos de bastidores. Quando a reunião de escola foi dada por concluída, o ancião desceu da tribuna e foi até ao fundo do Salão. Quem estava lá para lhe dar um abraço entusiástico, quase eufórico? Precisamente o secretário, amigo íntimo da família e sócio do irmão deste.

Nestas coisas, nada acontece por acaso!

É claro que este acontecimento acabou por me facilitar ainda mais a vida para me desapegar emocionalmente da religião. E, quando surgiu a oportunidade de mudar de casa, o que implicava uma possível transferência de congregação, fui imediatamente falar com o superintendente presidente. Avisei-o de que dali a alguns meses iríamos sair da congregação, mas que não desejaria manter o cargo de ancião na nova congregação para onde iria. Aleguei que precisava de tempo para a família e que, tendo um trabalho muito exigente em termos de horário (motivo pelo qual eles alegaram que eu ficasse sem a designação), precisava de descansar das várias responsabilidades que se exigem a um ancião. Era a minha porta de

saída para deixar o cargo, de modo a não levantar quaisquer suspeitas da minha dissidência e descontentamento.

E assim foi. Mal a nova casa ficou pronta, mudámo-nos para a Congregação Alameda, e passei a ser um publicador baptizado, sem qualquer privilégio de serviço na congregação.

Mudança de casa e de congregação

Já instalados na nova casa, continuámos a manter a rotina habitual de assistência às reuniões, embora sem o peso e responsabilidade de ter quaisquer tarefas designadas. Era um alívio para mim não ter de subir à tribuna, vez após vez, para debitar a propaganda da organização, ajudando a formatar as mentes dos ouvintes. O objectivo era, a curto prazo, afastar-me definitivamente da religião.

Ao contrário da Congregação Lisboa-Sul, onde a minha mulher crescera e à qual os pais ainda pertenciam, ali não havia a pressão de ter pessoas conhecidas a perguntarem por nós e a insistirem para nos mantermos activos. Muito provavelmente apenas os anciãos tomariam tal atitude.

Algo que me surpreendeu foi que, cerca de dois meses depois de ter mudado de congregação, foi feito um anúncio na Congregação Lisboa-Sul, avisando de que «o irmão António Madaleno não era mais ancião cristão». Achei aquele anúncio bastante estranho, pois, se havia mudado de congregação e fora eu a afirmar que não desejava continuar a servir como ancião, que necessidade havia de fazer aquele tipo de divulgação? Além de não ser necessário e de não seguir as orientações da organização, criava suspeitas infundadas, pois originava curiosidade e tagarelice, algo que acontece muito entre as Testemunhas de Jeová. Certamente a forma como foi realizado levou muitos a pensar que eu deveria ter feito algo para perder o cargo.

Vim a saber que houve mesmo quem me tivesse visto ao fundo do salão a chorar quando a notícia foi transmitida! A verdade é que

só soube do anúncio depois de este ter sido transmitido. Nessa noite estava bem confortável no meu lar, com a minha família. Estas e outras liberdades criativas têm surgido pontualmente, demonstrando como as Testemunhas de Jeová são prodigiosas a inventar sobre a vida das pessoas que saem da sua religião.

De salientar que fomos muito bem-recebidos na nova congregação e rapidamente nos adaptámos. Os irmãos eram muito simpáticos e afáveis, creio que também devido à boa recomendação que tínhamos conhecido por parte da congregação anterior.

Entretanto, tínhamos ficado a saber que a minha mulher estava grávida. Ficámos muito felizes, pois era uma gravidez desejada.

Mas aquilo que estávamos prestes a experienciar iria testar as nossas forças e capacidade de superação, além de que acabaria por ser um marco decisivo para o nosso afastamento das Testemunhas de Jeová.

CAPÍTULO IX

Trauma de um aborto espontâneo — um momento decisivo

A gestação decorria sem percalços e estávamos já no quinto mês e meio de gravidez. A Marta, a nossa filha, que crescia a olhos vistos dentro da barriga da minha mulher, estava muito bem! Todos os exames o mostravam. Lembro-me de que, no fim-de-semana de 5 e 6 de Março de 2011, tínhamos dado um passeio em família, felizes com o resultado do exame morfológico realizado na sexta-feira anterior e que mostrava que a bebé estava a crescer forte e saudável.

Apesar da situação familiar não estar na melhor fase, devido à reacção dos meus sogros à gravidez, estávamos felizes e ansiosos por vir a ter mais um bebé. A Marta era uma filha muito desejada. No entanto, na segunda-feira seguinte, a minha mulher notou que estava a perder algum líquido. Nada de mais, mas ficou assustada. Ao ligar para o obstetra, este recomendou que fosse imediatamente ao hospital para ser examinada. Em princípio não seria nada de preocupante, mas deveria ser vista.

E assim fomos de imediato ao Hospital CUF Descobertas, onde foi atendida e examinada. Estávamos no dia 7 de Março. Qual não foi o nosso espanto quando a médica que a examinou lhe ordenou que ficasse deitada e não se mexesse, pois a bolsa descera e já estava no colo do útero. Isso significava que poderia rebentar a qualquer momento, ao menor esforço.

Levaram-na imediatamente para um quarto, onde lhe deram mais instruções de modo firme e alarmante. Escusado será dizer que começou a chorar, como se pressentisse o que estava prestes a acontecer. Esteve assim várias horas, sendo observada com regularidade, mas a situação era grave, muito grave.

No dia 8 de Março, o inevitável aconteceu, e a bolsa rompeu-se. Estive sempre ao seu lado, aflito com a situação e na esperança de que tudo não passasse de um grande susto. Chorámos e orámos a Deus para que o pior não acontecesse. Mas não havia volta a dar, pois o feto era ainda demasiado prematuro para viver fora do útero da mãe. Depois de a bolsa ter rompido, a médica efectuou uma ecografia ali mesmo, no quarto, e vimos a nossa filha mexer dentro da barriga, mas quase já sem líquido amniótico. A minha mulher agora corria perigo, uma vez que poderia desenvolver uma infecção grave, caso nada fosse feito.

«Temos de a levar já para o bloco operatório e de realizar o parto», disse a médica de modo autoritário e urgente. Sabia que o tempo estava a contar. Eu e a minha mulher chorávamos convulsivamente, pois acabávamos de perder a nossa filha.

Aquela imagem da ecografia ficará para sempre na minha mente. Foi a última vez que vi a Marta.

Aquela situação foi devastadora para nós os dois, mas apoiámo-nos um ao outro o melhor que pudemos. Alguns amigos fora da religião ofereceram-se presentes e ajudaram no que puderam, enquanto a minha esposa convalescia no hospital. Recebemos também uns quantos telefonemas de irmãos e irmãs da Congregação Alameda e um ou outro da nossa anterior congregação, o que nos surpreendeu e desgostou. Afinal, onde estava o amor tão propagandeado pelas Testemunhas de Jeová?

Ana foi instalada num quarto privado, mas na mesma ala das mulheres que tinham tido os seus bebés. Imagine o sofrimento psicológico pelo qual passou, ao perder a filha e ter de ouvir o choro de bebés, o riso e as felicitações de amigos e familiares noutros quartos. Uma crueldade imensa, demonstrando que os hospitais, dos públicos aos privados, não têm a capacidade ou a vontade de deixar mulheres que se encontram nestas circunstâncias em zonas separadas, para não sofrerem duplamente a sua perda.

Reacção na congregação

A Congregação Alameda sentiu pena e consternação pela situação, e isso transpareceu da primeira vez que fui ao salão após a perda. É claro que a minha mulher não estava emocional e fisicamente capaz de o fazer. Vários irmãos se dirigiram a mim mostrando pesar pela situação, alguns com lágrimas nos olhos.

Perder um filho, ainda que durante a gestação, é algo do mais terrível que alguém possa imaginar. No nosso caso, a minha mulher já tinha uma barriga bastante grande e sentia a bebé. Foi traumatizante, ainda para mais numa gestação tão tardia.

É claro que eu não ia às reuniões regularmente, pois tinha de dar o maior apoio possível. Mas esta situação levou a que ambos acabássemos por nos afastar definitivamente.

Afastamento definitivo

Não tardou muito. Em poucos meses, deixei completamente de ir. Creio que a situação da perda da bebé fez com que os anciãos nos deixassem sossegados, e não houve qualquer pressão para voltarmos a assistir. Nesse aspecto, foram impecáveis, pois perceberam o drama que tínhamos vivido e continuaríamos a viver com a situação do aborto. Mas a decisão de deixar a religião já fora tomada há muito tempo e nada a faria mudar. A minha mulher ainda recebia de vez em quando telefonemas de encorajamento, com algumas irmãs a oferecerem ajuda naquilo que fosse preciso, o que nos sensibilizou.

Cerca de seis meses depois de estarmos afastados, recebemos uma chamada do coordenador a saber se poderia visitar-nos com um superintendente de circuito, neste caso substituto[112]. Aceitámos prontamente a visita, que foi muito cordial e atenciosa. Era a primeira vez que o coordenador estava comigo e com a minha mulher, juntos, desde o ocorrido. Enquanto a minha esposa contava em pormenor tudo o que acontecera, as lágrimas corriam-lhe pelo rosto, profundamente emocionado com o relato.

O superintendente de circuito substituto incentivou-nos a voltar a

frequentar as reuniões e a não nos deixarmos desanimar com a tragédia que se abatera sobre nós. Incentivou-me também a voltar à congregação para ajudar os irmãos. Disse inclusive que facilmente poderia voltar a desempenhar o cargo de ancião, pois não havia nada a apontar a meu respeito, e as minhas qualificações eram necessárias na organização. Ambos ficámos de pensar no assunto, embora por dentro já estivéssemos resolvidos a nunca mais voltar. Mas, se o disséssemos abertamente, seria considerado uma dissociação e possivelmente apostasia, com as consequências subsequentes. Por isso preferimos simplesmente deixar tudo como estava e continuar na mesma situação.

Nos dois anos seguintes, ainda assistimos ao memorial, embora em congregações diferentes.

Quando alguém deixa de assistir ao memorial, trata-se de algo que é levado muito a sério, pois este é considerado o evento do ano para as Testemunhas de Jeová. Não estar presente levantaria certamente um sinal de alerta.

Mas, da segunda vez que fomos, virámo-nos um para o outro e pensámos: «O que estamos a fazer aqui?» Além disso, estávamos de certa forma a ser hipócritas, como que a tentar manter as aparências apenas para não nos aborrecerem.

Depois desse evento, ficou a conclusão de que nunca mais voltaria a participar em qualquer reunião, por mais importante que fosse para as Testemunhas de Jeová.

Desde esse dia, nunca mais voltámos a um Salão do Reino.

CAPÍTULO X

Tempo a mais

Uma das primeiras sensações que alguém tem quando deixa de preparar as reuniões e de assistir às mesmas, de pregar publicamente e de desempenhar outras actividades relacionadas com a religião é sentir que o tempo, antes escasso, passa a ser muito. Fica-se com a impressão de que o tempo dilatou. Como as actividades regulares nas Testemunhas de Jeová nos ocupavam tantas horas durante a semana, deixar de as praticar permitia liberdade para descansar mais e ter mais vagar para nós e para os nossos interesses pessoais. É realmente uma sensação estranha!

É comum nas seitas destrutivas e em grupos de alto controlo a existência de actividades semanais intensas, que acabam não apenas por esgotar o indivíduo no esforço de as cumprir como por limitar o tempo que tem para o que poderiam ser outras actividades satisfatórias de interesse pessoal. Como o objectivo é estar em conformidade com o grupo e à altura das expectativas deste, os horários e actividades planeados dentro do grupo devem ser seguidos à risca, sob pena de a pessoa passar a ser considerada «fraca espiritualmente», como não tendo «apreço pelas provisões» fornecidas pelos líderes, que são representantes de Deus na terra. Em último caso, o indivíduo demonstra ter falta de gratidão para com Deus! É um peso muito grande e cria um sentimento de culpa nos membros, sempre que não conseguem alcançar aquilo que é apresentado como alvo dentro do grupo. As Testemunhas e ex-Testemunhas que leiam estas palavras certamente reconhecem esta sensação.

Finalmente, estava livre! Não ter de cumprir uma rotina semanal altamente controlada fazia com que sentisse que um peso me saíra

de cima dos ombros. Felizmente, que nunca mais fui importunado com visitas ou tentativas de me fazer regressar à religião. Sei que o meu afastamento causou estranheza na congregação, pois, com o passar do tempo, a situação do aborto certamente deixou de fazer sentido para muitos. Acho que no fundo perceberam que não tínhamos qualquer intenção de voltar, mas não sentiam coragem de questionar.

Para nós foi melhor assim, e sentimos que finalmente éramos nós a decidir a nossa vida, ao invés de a vivermos de acordo com a vontade de terceiros.

Faculdade

Algum tempo mais tarde e depois de ficar desempregado, fui incentivado pela minha mulher a ir para a faculdade, aproveitando o tempo que tinha disponível. O único curso que me interessava era Psicologia, e acabei por fazer a prova de admissão para maiores de 23 anos. Entrei no curso de Psicologia em horário pós-laboral, na faculdade Autónoma de Lisboa (UAL). Estávamos em 2013.

Quando era jovem, nunca me empenhara em estudar muito, pois não me interessava suficientemente pelos estudos. Era um aluno mediano na maioria das disciplinas, mas sem grande esforço. Por isso mesmo, quando cheguei ao nono ano, inscrevi-me num curso técnico profissional de artes-gráficas — Técnico de Desenho Gráfico. A minha turma foi estreitar um novo centro de artes-gráficas na Venda Nova, nos arredores de Lisboa. Na altura, foi a melhor coisa que fiz porque, depois de terminar o curso, acabei por arranjar trabalho na área na qual continuo até aos dias de hoje.

Mas agora, já homem maduro, a ideia de ir para a faculdade era mais desafiante. Enquanto estava na religião, jamais pensaria em tal coisa, pois a faculdade é vista sob uma luz muito negativa. Mesmo anciãos e servos ministeriais podem ver os seus cargos ser reavaliados, caso estes ou alguém da família imediata (mulher,

filhos), frequentem a faculdade. A pressão sobre os jovens para que não estudem ou até desistam de um curso superior é terrível.

Como exemplo, Gerrit Lösch, membro do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, ao discursar contra o ensino universitário num congresso de distrito em Monza, Itália, a 22 de Maio de 2005, disse o seguinte:

«Entrar numa faculdade é o mesmo que apontar uma arma para a sua própria cabeça. [...] alguns sobrevivem à faculdade. Mas você [aquele que fez faculdade] recomendaria isso a outros? Em vez de se perseguir o ensino superior, a pessoa deveria crescer no conhecimento de Jeová. E a melhor maneira de começar é ler a Bíblia todos os dias.»[113]

Ainda recentemente, um membro do Corpo Governante em Angola afirmou que um cristão que vai para a universidade tem 80% de hipóteses de se desviar da «adoração verdadeira» e deu a seguinte ilustração, que parafraseio:

«Imagine que ouviu contar que alguém atravessou um lago cheio de jacarés e não foi devorado. Será que iria incentivar seu filho e amigos a fazer o mesmo? O mesmo acontece com a universidade. Apesar de alguns aparentemente sobreviverem intocados por ela, ainda assim o perigo de perder a fé e com isso perder a vida eterna é grande.»[114]

Não é difícil perceber o impacto que tais declarações têm nos ouvintes, quer pais quer filhos. Se houvesse o desejo de ambos de que o jovem seguisse os estudos, este tipo de declarações criava um profundo temor relativamente a tal vontade. É natural que, depois de ouvir tais expressões, pais bem-intencionados e desejosos de proteger a espiritualidade dos filhos ajam como agiu o pai coreano mencionado num artigo do *Ministério do Reino* de Julho de 1973:

«Um ancião na Coreia animou seus quatro filhos a ser pioneiros. Ele e seus filhos foram entrevistados numa assembleia de circuito. A filha mais velha contou como ela estivera em primeiro lugar na escola secundária. Ela mesma queria em certa ocasião cursar a universidade. Entretanto, o pai informou-a de que, embora ela estivesse em liberdade de escolher tal proceder, não podia esperar apoio financeiro dele. Ela mudou de ideia sobre a universidade e usufrui agora muitas bênçãos como pioneira.

O próximo em idade, um filho, contou que antes, ele também queria cursar a universidade e seguir uma carreira mundana. Mas, seu pai sentou-se e recapitulou com ele as Escrituras. Seu pai disse-lhe também que, se insistisse em seguir um proceder mundano, teria de achar outro lugar para morar. Ele acatou o conselho do pai e é muito grato de que o pai se mostrou bondoso, mas firme na sua atitude. Os dois filhos mais novos explicaram que ficaram impressionados com o que acontecera com os dois mais velhos. Haviam planejado desde o começo ser pioneiros. O filho mais jovem deixou a escola secundária para ser pioneiro.»

Estas histórias não aparecem por acaso nas publicações da Torre de Vigia. Visam desmotivar, intimidar e orientar quer pais quer filhos em relação ao modo de agir quando chega a altura de decidir continuar ou não com os estudos. A mensagem é clara: a universidade não é uma opção a ter em conta. Neste relato do *Ministério do Reino*, o pai coreano foi ao ponto de ameaçar pôr o filho na rua se este decidisse avançar com «um proceder mundano», que neste caso significava apenas ir para a faculdade, algo que qualquer pai e mãe acharia normal e desejável em virtude das potencialidades pessoais e profissionais que isso poderia trazer no futuro ao jovem.

Mas aquilo que é normal e desejável e que por si não tem qualquer problema em outros sistemas religiosos, para a organização das Testemunhas de Jeová (Sociedade Torre de Vigia e seu Corpo Governante) torna-se uma pedra de tropeço, uma verdadeira montanha intransponível e perigosa.

Por isso mesmo, são inúmeras as vezes em que a organização traz à atenção dos irmãos jovens nas congregações artigos que dizem coisas como estas:

«Hoje, a opinião popular é a de que para os jovens progredirem, a única opção é obter uma educação universitária. Entretanto, em vez de seguir o que é popular, os cristãos acatam a exortação da Bíblia que diz: “Cessai de ser modelados segundo este sistema de coisas, mas sede transformados por reformardes a vossa mente, a fim de provardes a vós mesmos a boa, e aceitável, e perfeita vontade de Deus.” (Romanos 12:2) Qual é a vontade de Deus para seus servos, jovens e idosos, neste estágio final dos últimos dias? Paulo incentivou a Timóteo: “Mantém os teus sentidos em todas as coisas, sofre o mal, faz a obra dum evangelizador, efetua plenamente o teu ministério”. Com certeza, essas palavras se aplicam a todos nós hoje. — 2 Timóteo 4:5.»

«O ensino superior, com sua ênfase no estudo acadêmico, em geral forma pessoas que têm poucas habilidades práticas ou nenhuma, deixando-as despreparadas para lidar com as realidades da vida. Os servos de Jeová, por outro lado, optam por uma educação que os ajuda a desenvolver as habilidades necessárias para manter uma vida simples no serviço a Deus. Eles levam a sério o conselho que Paulo deu a Timóteo: “Decerto, é meio de grande ganho, esta devoção piedosa junto com a auto suficiência. Assim, tendo sustento e com que nos cobrir, estaremos contentes com estas coisas.” (1 Tim. 6:6, 8) Em vez de obter diplomas ou títulos acadêmicos, os cristãos verdadeiros se concentram em obter cartas de recomendação por participar o máximo possível no ministério de campo.» —
Leia 2 Coríntios 3:1-3.[115]

Apenas estas citações mostram que a organização constrói todo um discurso em que apresenta a ida para a faculdade como algo negativo e mesmo oposto a servir a Deus e uma procura de enaltecimento pessoal. Mesmo jovens que já estão na universidade são incentivados a desistir, de modo a dedicarem mais tempo ao serviço do Reino (leia-se organização)[116].

Estando afastado da organização e não tendo mais qualquer responsabilidade, sentia-me agora livre para fazer as minhas escolhas. Algo que seria muito difícil enquanto Testemunha de Jeová activa. Para verem o nível de controlo que existe nesta organização e como qualquer coisa pode servir para fazer alguém tropeçar e criar sérios problemas, relembro um episódio que me aconteceu enquanto ainda era ancião.

Alguns anos antes tinha feito uns vídeos em que me filmei a cantar enquanto estava de férias. É uma paixão que tenho desde criança, mas que nunca passou de um sonho devido à luz negativa que a organização coloca sobre o mundo do entretenimento, música incluída[117].

Um dia peguei nesses vídeos e, abrindo um canal no YouTube, publiquei-os para poder partilhar com outros aquilo que me dava tanto prazer fazer: cantar. Qual não foi o meu espanto quando, certa noite, enquanto jantava calmamente com a minha mulher num centro comercial em Lisboa, recebo o telefonema do superintendente presidente da Congregação Lisboa-Sul.

Vou tentar reproduzir de memória como decorreu a conversa:

— Irmão António... o que é que se passa?

— Como assim? Não estou a perceber...

— O irmão superintendente de circuito ligou-me. Estava preocupado com uns vídeos que o irmão António colocou no YouTube.

— Preocupado? Porquê? Os vídeos não têm nada de mal. Sou eu simplesmente a cantar. Aliás, são músicas que nada têm de mal.

— Pois é, mas o irmão ligou-me. Diz que alguns irmãos lhe tinham ligado a mencionar o assunto e houve até quem pusesse em causa a designação do irmão!

— O quê? Por eu ter posto uns vídeos a cantar? Isso não tem qualquer lógica!

— Pois... mas... então e agora, o que o irmão irá fazer?

— Olhe, irmão, eu não quero problemas. Se isso fez tropeçar alguém, eu tiro! Mas digo já que discordo completamente desta situação. Há irmãos que pintam e expõem os seus quadros em galerias. Ninguém leva a mal. Agora, o que eu gosto de fazer é cantar. É a minha arte, digamos assim. Qual o problema de expor o que gosto de fazer?

— Pois, compreendo. Mas o António já sabe como estas situações são complicadas.

— Sim, percebo. Fique descansado que, assim que chegar a casa, eu tiro os vídeos.

Fiquei revoltado e consternado com esta situação. Achei profundamente injusto e uma intromissão na minha vida pessoal, que em nada afectava outros. Anteriormente, chegara a receber elogios por parte de irmãos sobre os vídeos, e nada me fazia antecipar este possível resultado. Mas, pensando bem, quando uma religião é tão controladora e inculca nos seus membros um sentimento de intolerância e desrespeito pela individualidade do ser humano, este tipo de situações é inevitável!

Visto que fiquei com o assunto atravessado na garganta, resolvi ligar assim que possível para o superintendente de circuito, mostrando a minha insatisfação face à situação. Quando estas coisas acontecem, os argumentos usados acabam sempre por ser os mesmos, e parece que estamos a falar para uma parede. Torna-se frustrante tentar achar razoabilidade em pessoas que são

dogmáticas e cuja mente apenas está focada numa coisa: servir a organização. Acabei por eliminar os vídeos do YouTube.

Voltando à faculdade, posso dizer que foi uma experiência enriquecedora. Senti que escolhera o curso ideal para mim e, graças à minha capacidade oratória e hábitos de leitura, rapidamente passei a destacar-me na turma. Em geral, tive sempre excelentes notas, sendo o meu fraco a Estatística, pois tenho péssimas bases de matemática.

Logo no primeiro ano, tive um trabalho de grupo, na cadeira *Relações Interpessoais e Dinâmica de Grupos*. Tomando a liderança do grupo, escrevi um artigo com o tema *Psicologia das seitas e grupos que usam influência social destrutiva e seu impacto na vida dos seus membros*.

Era este o meu objectivo: «apresentar aos alunos do Departamento de Psicologia e Sociologia o impacto real exercido por seitas e grupos que usam determinadas técnicas manipuladoras da consciência e cognição, com o objectivo de limitar a capacidade crítica e de anular a individualidade pessoal dos seus membros, de modo a mantê-los cativos num sistema de crenças e numa obediência total à liderança, acabando por criar condições emocionais e psicológicas que se arrastarão ao longo da vida destes, mesmo após a saída dos mesmos de tais seitas e grupos. Pretende alertar para este fenómeno, presente nos nossos dias, e para o seu impacto na sociedade portuguesa.»

Este trabalho foi apresentado por escrito e oralmente pelos membros do grupo e tive uma excelente nota. Já no segundo ano, foi comunicada à turma de Psicologia a possibilidade de colaborarmos com a revista de psicologia da faculdade UAL, chamada *Psique*. Falei com o professor e disse que tinha um artigo que gostava de propor para revisão e possível publicação. Ele aceitou e deu-se início ao processo de candidatura. O artigo chegou inclusivamente a ir a revisão de pares, mas, visto que foram pedidos muitos ajustes, e eu ainda não tinha o conhecimento necessário para os fazer, além de ter sido forçado a desistir da faculdade por razões económicas, ficou em *stand-by*.

Mas percebi com este artigo que a comunidade académica está

muito distante da problemática das seitas destrutivas e dos grupos de alto controlo. Na altura, os professores que leram o artigo ficaram bastante surpreendidos com a informação, pois desconheciam muito do conteúdo que apresentava.

Penso que é importante que cada vez mais psicólogos e sociólogos se interessem por estes temas, pois em Portugal pouco ou quase nada existe sobre o assunto em termos de estudos.

Mesmo tendo de sair da faculdade, forçado pelas dificuldades económicas que enfrentava na altura devido ao desemprego prolongado, não baixei os braços. Acabei por, algum tempo depois, iniciar um *workshop* a que chamei *Psicologia das Seitas Destrutivas*, com o objectivo de expor este assunto perante o público[118].

Espero um dia terminar o curso e, mesmo que não venha a exercer a profissão, em virtude da idade e das circunstâncias familiares, ainda assim desejo continuar a desempenhar este serviço público de alertar a sociedade sobre as seitas e grupos destrutivos e de alto controlo que aliciam as pessoas e as formatam, roubando a sua identidade e destruindo as suas famílias.

CAPÍTULO XI

Activismo *online* e contactos pessoais

Fórum de ex-Testemunhas de Jeová de Portugal

Como mencionei, participava anonimamente, assim como outras Testemunhas e ex-Testemunhas de Jeová, em fóruns estrangeiros, especialmente no brasileiro. Entretanto, surgiu a ideia de se criar um fórum voltado para a dissidência portuguesa, e fui convidado, em 2011, pelo meu amigo Paulo Neto, ex-Testemunha de Jeová, a fazer parte do fórum desde o início, desempenhando as funções de moderador do mesmo[119].

Este fórum foi importantíssimo para a comunidade portuguesa, pois rapidamente reuniu inúmeras pessoas que ou já tinham saído definitivamente das Testemunhas de Jeová através da desassociação ou dissociação ou ainda estavam na religião, sentindo-se presas devido à família e amigos.

Os fóruns *online* são muito importantes e servem muitas vezes de porto de abrigo onde as pessoas podem desabafar, na maioria das vezes sob anonimato, sobre as suas dúvidas e divergências em relação à religião. Infelizmente, as Testemunhas de Jeová têm uma imensa dificuldade com a liberdade de expressão dentro do grupo, apesar de se considerarem campeões na luta pela liberdade de imprensa e expressão[120]. Dentro do grupo, qualquer sinal de discordância ou rejeição de algum ensinamento é prontamente identificado como mostra de apostasia em potencial, e os anciãos rapidamente investigam o assunto.

O mais recente manual de anciãos orienta os anciãos quanto a formar uma comissão judicativa com tais pessoas, dizendo no verbete *Apostasia*:

«Espalhar intencionalmente ensinamentos contrários à verdade da Bíblia: (2 João 7, 9, 10; lvs p. 245; it-1 pp. 158-159) Se alguém tem dúvidas sinceras sobre a verdade bíblica ensinada pelas Testemunhas de Jeová, deve receber ajuda amorosa. (2 Tim. 2:16-19, 23-26; Judas 22, 23) Mas, quando uma pessoa insiste em falar de ensinamentos falsos ou em espalhar esses ensinamentos de propósito, isso pode indicar que se tornou ou está a tornar-se apóstata. A pessoa deve ser admoestada. Se, após uma primeira e segunda admoestações, ela não reagir favoravelmente, deve ser formada uma comissão judicativa.» — Tito 3:10, 11; 86 01/04 pp. 30-31.

«Causar divisões, promover seitas: (Rom. 16:17, 18; Tito 3:10, 11) Envolve agir deliberadamente para acabar com a união da congregação ou enfraquecer a confiança dos irmãos na organização de Jeová. Isto poderá envolver ou levar à apostasia.» — it-3 pp. 556-557.[\[121\]](#)

Este tipo de orientação por parte da organização abrange uma latitude tão grande de situações que eventualmente qualquer coisa que a pessoa diga numa conversa privada ou dentro da congregação que soe minimamente a crítica ou discordância em relação à religião corre o risco de ser interpretada como apostasia, ou seja, «desvio da adoração verdadeira, deserção, rebelião, abandono». A Testemunha de Jeová fica assim fadada a silenciar as suas divergências e questões, podendo apenas estabelecer um diálogo interno quanto ao que pensa dos assuntos.

É por isso que é raríssimo ver alguém discordar da decisão dos anciãos, de algum ensinamento ou procedimento organizacional. Qualquer pessoa tem de estar sempre 100% de acordo com aquilo que é dito ou decidido da tribuna, se não corre o risco de ser considerada fraca espiritualmente, uma má influência ou mesmo apóstata e com isso ser expulsa da congregação.

Como disse, os fóruns permitem esta liberdade de expressão, e o Fórum Português de ex-Testemunhas de Jeová rapidamente reuniu muitas pessoas que discordavam da organização em muita coisa, mas não tinham a liberdade de o dizer abertamente dentro do grupo.

Participei activamente no fórum, moderando os comentários e dinamizando-o com textos que alimentavam as discussões e opiniões. Vim a conhecer muitas pessoas que com o tempo se tornaram minhas amigas, algumas das quais me esforcei por ajudar através de conselhos e opiniões que me eram pedidos. Sei que o fórum ajudou muita gente a livrar-se mentalmente desta seita

destrutiva e forneceu o espaço necessário para que as pessoas descobrissem a «verdade por detrás da verdade».

Encontros e convívios com ex-Testemunhas de Jeová

Além do espaço necessário que o fórum criou para o encontro virtual de ex-Testemunhas de Jeová e outras pessoas, ainda Testemunhas oficialmente, mas que já não se sentiam como tal, foram realizados vários encontros presenciais ao longo dos anos para confraternização. Tanto no Norte como no Sul de Portugal, estes encontros permitiram o convívio de pessoas que se sentiam solitárias neste processo de dissidência de uma religião tão castradora. Em almoços ou jantares, estes encontros serviram para que as pessoas se conhecessem, indo para além de um mero nome ou *nickname* virtual, dando origem a um contacto pessoal e mais íntimo.

A partir destas confraternizações, surgiram muitas amizades (algumas para a vida) e inúmeros contactos pessoais que resultaram numa rede de dissidentes portugueses bastante abrangente, de norte a sul do país. Isto foi muito importante, pois a solidão pela qual os dissidentes de grupos de alto controlo passam é considerável. Toda a sua vida social se resume ao grupo, e é difícil construir relações de um dia para o outro fora dele. Alguns, devido à formatação que sofreram, tornam-se muito desconfiados em relação às amizades mundanas, isto é, pessoas que não fazem parte da religião.

Com alguma facilidade, as pessoas que foram doutrinadas na religião (especialmente as que já nasceram nela) percebem que as «mundanas» são tão boas ou melhores do que algumas que estão dentro da religião. Este preconceito acaba por desaparecer, após alguma resistência inicial. Mas leva o seu tempo! São anos e anos de fobias inculcadas bem fundo na mente dos membros, que conduzem a uma prisão mental face ao mundo exterior.

Estes encontros foram importantes para mostrar também que os

chamados apóstatas são pessoas absolutamente normais, com defeitos e virtudes, tal como qualquer outro ser humano.

Criação da página e *site* *Desperta!*

Depois de actuar durante vários anos como moderador do fórum, acabei por sair em 2015. Nesta fase da minha vida, e pertencendo já a vários grupos no Facebook, conheci uma pessoa que me incentivou a criar uma página nesse espaço e um *site* de exposição acerca das Testemunhas de Jeová. Visto que já tinha um blogue, seria o passo a dar necessariamente, de modo que aquilo que escrevia e expunha sobre a religião chegasse mais longe e a um público mais alargado.

Esta pessoa, embora nunca tenha sido Testemunha de Jeová, vivera uma experiência muito similar. Ajudou-me a criar a página e o *site*, pois eu tinha pouco ou nenhum conhecimento acerca do assunto, na época. Sinto que apareceu na minha vida na altura certa e por isso lhe ficarei sempre grato por essa preciosa ajuda.

O objectivo foi que a página e o *site* funcionassem em parceria, apresentando notícias e artigos em português (na maioria), de modo que a comunidade de língua portuguesa tivesse acesso a críticas fundamentadas à organização das Testemunhas de Jeová. A página e o *site* começaram a funcionar a 7 de Setembro de 2015 e contam desde então com mais de 41 mil seguidores^[122].

Num texto escrito, onde são apresentados os objectivos da página e do *site*, escrevi:

«Esta página pretende ser um ponto de partida para várias reflexões e análises às doutrinas das Testemunhas de Jeová promovidas pela Sociedade Torre de Vigia por meio de seus líderes máximos, o Corpo Governante. Considero que aceitar cegamente determinada doutrina, apenas porque esta foi estabelecida por uma autoridade religiosa é espiritualmente perigoso. É estar a depositar nas mãos alheias aquilo que Deus nos concedeu: livre-arbítrio e capacidade crítica. Para avaliarmos se algo está de acordo com as Sagradas Escrituras ou não passa de “mandados de homens”, temos de estar bem despertos em sentido espiritual e jamais aceitar prontamente algo apenas porque nos dizem que é inspirado por Jeová. Afinal, foi o

apóstolo João que alertou: “Amados, não acrediteis em toda expressão inspirada, mas provai as expressões inspiradas para ver se se originam de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora.” — 1 João 4:1

Desejo que este espaço seja um pontapé-de-saída para que cada vez mais Testemunhas de Jeová passem a avaliar a sua posição religiosa à luz das Escrituras Sagradas e possam ponderar até que ponto a sua religião não as tem desviado da Verdade Bíblica. Não pretende competir com fóruns de ex-Testemunhas de Jeová já existentes, mas ser apenas um complemento em alcançar as Testemunhas de Jeová que se encontram em cima do muro e outras que apesar de acreditarem cegamente na sua autoridade religiosa mantêm ainda alguma capacidade crítica. Espero que possam ler, avaliar e discutir os temas propostos neste espaço, que espero seja sempre de elevado nível espiritual e de respeito pelas convicções pessoais do outro.»

Posso dizer que a página e o *site* começaram a ser rapidamente visitados. Inicialmente, muitas Testemunhas de Jeová atacaram-nos, usando de ataques *ad hominem*, ou seja, fazendo investidas pessoais ao invés de esgrimirem contra os argumentos que expunha. Eu ia respondendo com paciência e educação, esforçando-me sempre por apresentar pontos claros, fugindo de ataques verbais ou pessoais. Com o tempo, a página veio a ganhar o respeito e a admiração de muitos, especialmente dos seguidores em Angola. A maioria dos seguidores da página são angolanos, e o impacto da página nesse país foi imenso.

Em Angola, o acesso à Internet é muito precário, e muitos angolanos usam a versão de Facebook mais leve, que apenas permite ler textos de modo gratuito. Sempre tive isso em consideração desde o início e, por conseguinte, ia colocando os artigos que escrevia para o *site* na página *Desperta!*, como notas, para que mais pessoas tivessem acesso a eles. Assim, a página começou a ser rapidamente divulgada entre os angolanos, muitos deles Testemunhas de Jeová.

O impacto acabou por ser brutal, levando a que muitos dos que no princípio criticavam a página de modo violento acabassem por perceber que aquilo que escrevia eram factos e não meras opiniões. Alguns chegaram mesmo a endereçar-me pedidos de desculpa, agradecendo a paciência que tive com eles, desde servos ministeriais a anciãos. Sei que vários destes renunciaram aos seus cargos, e muitas mais Testemunhas de Jeová em Angola têm

pedido a dissociação devido àquilo que descobriram sobre a organização, graças à página *Desperta!*.

Convém mencionar também que, mais recentemente, criei um grupo de ajuda^[123], dentro da página, que visa exactamente o convívio e a interacção entre pessoas que precisam de apoio no processo de saída ou mesmo depois de terem abandonado a organização.

A página tem conhecido assim um alcance mundial, chegando a pessoas que pertencem à comunidade de língua portuguesa espalhada pelo mundo, desde Brasil, México, Peru, Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, África do Sul, República Democrática do Congo, Guiné, Vietname, Timor-Leste, Rússia, entre outros.

É raro o dia em que não recebo mensagens na página de Testemunhas de Jeová, estudantes e simpatizantes pedindo opinião sobre os mais diversos assuntos, desde como lidar com a família agora que deixaram de acreditar na organização, passando por situações mais delicadas, tais como casamentos divididos em sentido religioso pelo facto de um dos cônjuges ter deixado de praticar a religião. Outros chegam a pedir para os ajudar na escrita de cartas de dissociação ou para os aconselhar a afastarem-se da religião sem que ninguém perceba quais os verdadeiros motivos.

Tenho a certeza de que a ajuda que é dada por meio da página a pessoas que estão insatisfeitas com o rumo da organização e com o controlo e manipulação absolutos que exercem sobre a sua vida é essencial para capacitar aquelas que ainda estão na corda bamba e têm receio de sair. Ao publicar testemunhos de pessoas que saíram e que descobriram que existe vida para além da Torre, muitos percebem que, afinal, esta prisão sem grades pode ter uma escapatória e que o mundo lá fora não é o lugar terrível que a Torre pinta. Existem pessoas boas fora da religião, quer religiosas quer não, e jamais se deve julgar alguém pelo seu rótulo religioso. É mero preconceito!

Espero que a página continue a desempenhar o seu papel em expor a organização e que mais pessoas percam o medo de investigar e pesquisar aquilo que ela tenta esconder a todo o custo.

Todo este activismo era realizado de modo anónimo, tendo

sempre tido o cuidado de ocultar a minha verdadeira identidade. Afinal, ainda era oficialmente uma Testemunha de Jeová, embora afastada. Ninguém sabia que era eu quem estava à frente do blogue e mais tarde da página e do *site*. Mas isso não iria durar para sempre, pois o meu activismo levou a uma curiosidade cada vez maior sobre quem estava por detrás do computador a expor a Torre de Vigia.

Não demoraria muito para que a minha verdadeira identidade fosse finalmente exposta, conduzindo-me ao abandono definitivo das Testemunhas de Jeová.

CAPÍTULO XII

A Comissão Judicativa

Dito de modo simples e directo, uma Comissão Judicativa não é mais do que um tribunal eclesiástico onde pelo menos três anciãos julgam uma Testemunha de Jeová que cometeu um pecado ou que violou alguma das inúmeras regras impostas pela organização religiosa. Desde o final dos anos quarenta do século xx, foram estabelecidas normas cada vez mais restritivas para com aqueles que eram expulsos, chegando ao ponto de ser proibido o contacto entre membros baptizados e pessoas desassociadas (expulsas).

Alguns anos mais tarde, no início dos anos oitenta, aqueles que saíam de livre vontade (dissociados) passaram também a sofrer desta exclusão, não apenas religiosa mas também social. Tal norma restritiva estendeu-se não apenas aos amigos e membros dentro do grupo mas também à família que permanece na seita, sendo incentivado o corte de praticamente todos os laços afectivos e sociais com os parentes que foram expulsos ou decidiram sair.

Inúmeros artigos foram escritos ao longo dos anos, estabelecendo as regras e normas congregacionais com respeito a estes casos. Visto que todas as Testemunhas de Jeová são instruídas no sentido de que as orientações provindas da organização são, na sua essência, orientações divinas (os seus líderes são encarados como «ungidos» ou designados por Deus), tais regras são seguidas de modo cego.

A religião funciona assim como uma teocracia, onde existe uma centralização autoritária com peso divino, assim considerado pelas Testemunhas, de onde são emanadas todas as normas e directivas organizacionais e doutrinárias que cada Testemunha de Jeová deve

cumprir. É encarada como representante de Deus na terra — a sua organização terrestre.

Tendo isto em mente, é preciso perceber que, quando surgem notícias sobre casos em que Testemunhas de Jeová decidem não aceitar transfusões de sangue e por isso morrem, as respostas dos líderes religiosos da seita são enganadoras, quando dizem que a pessoa seguiu a sua «consciência treinada pela Bíblia». É enganadora esta afirmação, pois o que na realidade se passou foi que aceitou como tendo autoridade divina a interpretação da religião com respeito a esse assunto. Não chegou a essas conclusões por si mesma, mas foi levada a acreditar que a religião estava certa na sua interpretação.

Com respeito à forma como as Testemunhas de Jeová encaram o processo e o tratamento da desassociação/dissociação, passa-se a mesma coisa. Muitas vezes, quando entrevistados, os líderes da religião afirmam que a forma como os membros tratam os seus parentes desassociados e dissociados é uma decisão estritamente do foro pessoal, fazendo crer que a religião não tem qualquer influência nessa decisão. Por vezes chegam ao ponto de mentir descaradamente, dizendo que não existe qualquer corte de relações familiares entre os membros que saíram e os que ficaram na religião.

Mas as provas de que tal posição conscienciosa é absolutamente falsa estão à vista, quando se consultam as publicações estudadas e ensinadas nas congregações. Inúmeras publicações ao longo dos anos estabeleceram limites cada vez mais restritivos com respeito à associação com pessoas expulsas ou que saíram de livre vontade da religião, em especial parentes[124]. Visto que algumas Testemunhas de Jeová têm desconsiderado tais orientações, nos últimos anos foram publicados vários artigos e revistas da seita, de modo a reforçar tais orientações segregadoras e discriminadoras, fazendo crer aos membros que, se quiserem agradar a Deus e ser-lhe leais, terão de cortar ao máximo o vínculo social e familiar com ex-membros.

Isto acaba por criar um efeito de pressão de grupo, pois as Testemunhas de Jeová são incentivadas a denunciar-se umas às

outras, quando são vistas a fazer algo que viole as normas organizacionais ou doutrinárias.

Acontece, por exemplo, no caso de ver uma Testemunha de Jeová a fumar, celebrando uma festividade condenada pela religião (aniversários, Natal, etc.), ou mesmo ao saber que alguém aceitou uma transfusão de sangue. Estes são apenas alguns exemplos, pois existem dezenas de potenciais situações pelas quais uma Testemunha pode ser expulsa da religião ou, pelo menos, seriamente advertida (o que pode incluir a perda de alguns «privilégios» na congregação).

Examinemos então algumas publicações que estabelecem as normas para a forma de tratar um desassociado ou dissociado. O livro *Mantenha-se no Amor de Deus*, no seu apêndice com o tema «Como tratar uma pessoa desassociada», pp. 207-208, afirma o seguinte:

«Nós não nos associamos com desassociados, quer para atividades espirituais, quer sociais. A *Sentinela* de 15 de dezembro de 1981, página 21, disse: “Um simples olá dito a alguém pode ser o primeiro passo para uma conversa ou mesmo para amizade. Queremos dar este primeiro passo com alguém desassociado?” É realmente necessário evitar todo e qualquer contacto com a pessoa? Sim, por várias razões. Primeiro, é uma questão de lealdade a Deus e à sua Palavra. Obedecemos a Jeová não apenas quando é conveniente, mas também quando envolve grandes desafios. O amor a Deus nos motiva a obedecer todos os seus mandamentos, reconhecendo que ele é justo e amoroso e que suas leis visam o bem dos que o servem. (Isaías 48:17; 1 João 5:3) Segundo, cortar o contato com o pecador não arrependido evita que nós e a congregação sejamos corrompidos em sentido espiritual e moral, e preserva a boa reputação da congregação. (1 Coríntios 5:6, 7) Terceiro, nossa firme posição a favor dos princípios bíblicos pode até mesmo beneficiar o desassociado. [...]

Perder a preciosa associação com pessoas amadas talvez o ajude a “cair em si”, a ver a seriedade de seu erro e a dar os passos necessários para retornar a Jeová. — Lucas 15:17.

E quando o desassociado é um parente? Nesse caso, os laços chegados entre familiares podem ser um verdadeiro teste à lealdade. Como devemos tratar um parente desassociado?

[...]

Em alguns casos, o parente desassociado talvez faça parte da família imediata e ainda more na mesma casa. A desassociação não põe fim aos laços familiares, por isso as atividades e os tratos normais do dia a dia da família podem continuar. Contudo, pelo seu proceder, o desassociado escolheu romper o vínculo espiritual que tinha com a família. Sendo assim, os membros leais da família não podem mais ter associação espiritual com ele.

[...]

Em outros casos, o parente desassociado talvez não faça parte da família imediata ou seja um membro da família imediata que não mora na mesma casa. Embora em raras ocasiões talvez se precise cuidar de um assunto familiar com um parente desassociado, tal contacto deve restringir-se ao mínimo possível. Membros leais de uma família cristã não procuram desculpas para ter tratos com um parente desassociado que não more na mesma casa. Em vez disso, a lealdade a Jeová e à sua organização os faz seguir os princípios bíblicos relacionados com a desassociação. Seu proceder leal visa o bem do desassociado e pode ajudá-lo a se beneficiar da disciplina recebida. — Hebreus 12:11.»

A orientação é clara. O contacto com um membro desassociado/dissociado é considerado um acto de deslealdade para com Deus, e mesmo a associação ou o contacto regular com um parente nestas condições são considerados nessa perspectiva. Note que não se estabelecem limites de parentesco. Existem casos em que filhos deixam de ter associação com os pais e vice-versa. Também há netos que deixam de ter associação com avós porque um dos lados está fora da religião e por aí adiante. Mesmo casos de divórcio surgem quando um dos cônjuges é desassociado/dissociado, sendo encarado pelo cônjuge «fiel» como um perigo para a sua espiritualidade. Muitos casos judiciais resultantes da luta pela guarda parental têm sido abertos nestas circunstâncias.

Este tipo de segregação e discriminação é perpetrado por uma religião que se tem afirmado campeã pelo direito à liberdade religiosa e à liberdade de expressão, tendo ganhado em vários tribunais internacionais o direito ao culto e à promoção da sua religião (proselitismo). No entanto, apesar de se tentar mostrar como um paladino neste campo, o que se passa dentro dos muros da religião é exactamente o oposto. Os dissidentes são mortos socialmente e desprezados, vilipendiados e ostracizados como merecedores da morte divina.

Mas porque se assume tal posição? Por que motivo incentivar e pressionar o corte de laços com parentes que foram expulsos ou desejaram sair? Deixemos que seja a própria liderança a expor os reais motivos, no seguinte artigo da revista *A Sentinela*, 15 de Abril de 2012, parágrafo 16, 17, p. 12 (negrito acrescentado).

«Permaneça leal a Jeová

Vejamos apenas um exemplo do bem que pode resultar de a família apoiar lealmente a ordem de Jeová de não se associar com parentes desassociados. Certo jovem estava desassociado há mais de dez anos e, durante esse período, seu pai, mãe e quatro irmãos cessaram de ter convivência com ele. Às vezes, ele tentava envolver-se nas actividades da família, mas, para crédito dela, todos os seus membros evitaram firmemente qualquer contacto com ele. Já readmitido, ele disse que sentia muita falta da associação com a família, em especial à noite, quando ficava sozinho. Mas ele admitiu que, se a família se tivesse associado com ele, mesmo só um pouco, essa pequena dose o teria satisfeito. No entanto, ele não recebeu nem mesmo a mais pequena comunicação de qualquer membro da família. **Assim, o desejo de estar com seus familiares contribuiu para a restauração de sua relação com Jeová.** Pense nisso se algum dia você for tentado a violar o mandamento divino de não se associar com parentes desassociados.»

É fácil perceber a manipulação e chantagem emocional exercida sobre aqueles que se vêem ostracizados ao saírem da religião. A liderança sabe que a pressão psicológica a que são sujeitos os ex-membros é intensa e suscitadora de sentimentos depressivos. Têm sido relatados casos de suicídio, repetidamente, pois nem todas as pessoas conseguem gerir de forma equilibrada os seus sentimentos ao verem-se privadas, num abrir e fechar de olhos, de todo o seu núcleo social e familiar.

Não se pode ignorar o facto de que uma pessoa que adere às Testemunhas de Jeová é, desde o começo da sua doutrinação, incentivada a afastar-se de pessoas mundanas, sejam elas familiares ou amigos. A pessoa é levada a crer que ter uma associação íntima com pessoas fora da fé é prejudicial para a sua recém-encontrada espiritualidade e que o melhor que há a fazer é desenvolver amizade apenas com aqueles que «amam Jeová».

Que dizer então daqueles que já nasceram na religião e cuja estrutura afectiva e social depende inteiramente do meio religioso congregacional, como foi o meu caso? Basta fazer uma pesquisa na Internet e visitar os inúmeros blogues, *sites* e fóruns que nascem todos os dias, onde se descreve o impacto negativo de tais políticas organizacionais e doutrinárias, promovidas pela cúpula religiosa.

Inúmeros são também os vídeos no YouTube onde pessoas, desde jovens a idosos, descrevem o tormento emocional de verem os seus familiares e amigos virarem-lhes as costas após a saída da religião, ficando absolutamente sozinhas no mundo, sem qualquer

«rede» e tendo de iniciar a sua vida social do zero. Apenas se pode imaginar o que sente alguém ao ver-se confrontado com uma situação destas. Mas não sofrem apenas aqueles que são expulsos. Os familiares que ficam e que são ensinados e persuadidos a crer que o melhor para a pessoa é ser ostracizada sofrem muitíssimo também. Vejamos como o facto é reconhecido pela liderança:

«Suponha, por exemplo, que o **filho único de um casal cristão exemplar abandona a verdade**. Preferindo “o usufruto temporário do pecado” a uma relação pessoal com Jeová e com seus pais cristãos, o rapaz é desassociado. — Heb. 11:25.

Os pais ficam arrasados. Quanto à desassociação, eles obviamente sabem que a Bíblia ordena “cessar de ter convivência com qualquer que se chame irmão, que for fornicador, ganancioso, idólatra, injuriador, bebedor ou extorsor, nem sequer comendo com tal homem”. (1 Cor. 5:11, 13) **Eles sabem também que a palavra qualquer nesse versículo inclui membros da família que não vivem na mesma casa. Mas eles amam muito o seu filho!** Fortes emoções talvez os levem a raciocinar: “Como poderemos ajudar o nosso filho a voltar para Jeová se cortarmos quase por completo a nossa associação com ele? Não seria mais produtivo manter um contacto regular com ele?”»[125]

Embora este artigo demonstre alguma empatia com os pais de alguém que «abandona a verdade», é enfático em demonstrar que estes progenitores não estão isentos de obedecer «às claras orientações de Jeová», apenas porque são pais biológicos. As regras organizacionais, claramente farisaicas na frieza como são impostas, passam por cima de quaisquer valores humanos e relações familiares. Estes parágrafos demonstram que estão bem a par do impacto familiar e do sofrimento emocional que tais regras criam. Mas recorrem a uma linguagem aparentemente empática para esconder o facto de que, na verdade, usam o ostracismo como arma de controlo e chantagem. É a chamada «mão-de-ferro em luva de veludo».

Mais uma vez, a ostracização é ensinada como um mandamento divino, e aqueles que desobedecem são encarados como desleais, fracos na fé, estando sujeitos à desaprovação divina. É com este tipo de manipulação e controlo mental que esta organização religiosa consegue estabelecer critérios aparentemente desumanos e violadores das mais básicas noções de direitos humanos, sem, no entanto, fazer parecer isso mesmo. Tudo é feito em prol de uma

suposta obediência a normas divinas superlativas, como acontece na questão do sangue.

O indivíduo tem pouco ou nenhum valor, quando colocado na balança da obediência à liderança, pois as Testemunhas de Jeová acreditam que apenas por serem plenamente obedientes e submissas a esta poderão ter a perspectiva de herdar o Paraíso terrestre instaurado por Jesus, aquando da Sua vinda.

O processo de desassociação/dissociação nas Testemunhas de Jeová não tem o mesmo significado e impacto na vida de um membro que a saída voluntária ou involuntária de um membro de uma qualquer sociedade, religião, clube desportivo ou organização. Nestes últimos casos, a saída do membro apenas interfere na relação directa com a entidade à qual fazia parte, não se estendendo aos membros que permanecem na mesma e não havendo qualquer esforço da entidade em prejudicar a vida social e familiar do ex-membro. Nas Testemunhas de Jeová acontece exactamente o oposto.

O ex-membro é banido do convívio social, não apenas do grupo religioso a que antes pertencia, mas completamente ostracizado pelos membros que permanecem na religião devido ao controlo e doutrinação exercidos neste sentido. Mesmo os membros que não são familiares da pessoa que sai podem ser, em último caso, ameaçados com a expulsão caso não obedeçam às orientações da organização no que diz respeito à forma de tratar desassociados e dissociados. Quanto aos familiares, apesar de existir alguma complacência, conforme se depreende dos artigos, aqueles que tentam manter contacto com familiares que saíram são pressionados psicologicamente pelos anciãos e outros membros a interromperem-no, uma coerção que se exerce.

Infelizmente, às Testemunhas de Jeová não é dado o direito de saírem da sua religião de cabeça erguida. Sofrem sempre um processo doloroso e psicologicamente traumatizante[126], pois abandonar o grupo equivale a perder a associação com aqueles que lhes são mais queridos, sejam eles familiares ou amigos dentro da seita.

Trata-se de uma verdadeira chantagem emocional, travestida de

doutrina bíblica, onde um membro que sai se vê na condição de «morto social», banido e desprezado por todos. Nem os laços familiares são respeitados. Esta atitude por parte de determinadas seitas e grupos de alto controlo é designada pelos especialistas nesta área de estudo por «influência social destrutiva».

Como se processa a Comissão Judicativa

As Testemunhas de Jeová vêem os anciãos como a autoridade congregacional competente para lidar com casos de transgressão a nível moral ou doutrinal. Visto que estes homens são designados directamente pela organização, através dos seus representantes na filial, os membros encaram a sua designação como estando imbuída de um espírito místico (passa-se a mensagem de que os anciãos são designados pelo Espírito Santo)[127].

Sendo assim, as decisões que estes homens tomam, no sentido de condenar os pecadores ou de os absolver, raramente é contestada, e quem o faz corre o risco de ser malvisto e encarado como rebelde. Coloca-se assim também na situação de ser expulso da religião.

Vou passar a detalhar, com base no manual dos anciãos, chamado *Pastoreiem o Rebanho de Deus*[128], os procedimentos orientadores impostos pela organização, pelos quais os anciãos estabelecem aquilo que é chamada Comissão Judicativa, que é nada mais nada menos, como disse no início, que um tribunal eclesiástico. Os anciãos não têm margem para tomar decisões pessoais que vão contrariem ou ultrapassem as margens legais preestabelecidas pela liderança nesse manual.

No capítulo 12 do manual, são estabelecidos os critérios que podem conduzir ou não à formação de uma Comissão Judicativa. São delineados os casos passíveis da formação da mesma, bem como os vários matizes de situações que têm de ser analisadas à luz da política organizacional e doutrinal da religião.

A partir do ponto 2 deste capítulo, são enumerados os «pecados

que podem levar a uma Comissão Judicativa». Entres estes encontramos: imoralidade sexual, casamento adúltero (onde não houve base bíblica para divórcio e novo casamento), impureza (inclui carícias em partes íntimas do corpo do parceiro com vista à estimulação sexual), conversas imorais por telefone ou Internet (incluindo *sexting*), «formas repulsivas de pornografia», abuso de medicamentos e uso de tabaco, erva e drogas ilegais ou viciantes, extrema falta de limpeza, conduta insolente, que na prática envolve tudo o que seja um acto de desobediência às orientações dos anciãos, roubo e furto, abuso sexual, apostasia, etc.

É importante mencionar que, embora a reunião com a Comissão Judicativa seja feita à porta fechada e em aparente sigilo, caso exista uma punição resultante em desassociação, redige-se um relatório e preenche-se um documento interno fornecido pela organização[129], onde os motivos da sentença são apresentados, sendo este depois enviado para a filial. Assim, na realidade, a chamada confidência eclesiástica não existe, e jamais uma Testemunha de Jeová expulsa ou dissociada terá acesso a tais dados, detalhando eventos da sua vida pessoal. Uma cópia destes registos fica no arquivo da congregação, e talvez por isso mesmo, no capítulo 15, ponto 20 do manual, se afirme de forma categórica:

«Se as autoridades quiserem ter acesso aos arquivos confidenciais da congregação ou pedirem que os anciãos prestem depoimento sobre assuntos confidenciais, os anciãos devem ligar imediatamente para o Departamento Jurídico.»

A organização sabe que existe uma lei de protecção de dados e que o cidadão europeu tem o direito a ter acesso aos seus elementos pessoais ou até a requisitar a destruição dos mesmos. Mas a maioria das ex-Testemunhas de Jeová não sabe que tais documentos são preenchidos e enviados para a filial, ficando alguns deles no arquivo da congregação, de modo que nunca chegam a requerer acesso a eles. Mesmo que os peçam, não lhes serão facultados[130].

É claro que a pessoa que é convocada para tais reuniões é apanhada completamente desprevenida, muitas vezes nem

chegando a saber o que se passa. É comum anciãos tentarem negar aos convocados a razão para tal convocação, demonstrando falta de empatia por aquele que está prestes a ser julgado, em que uma decisão negativa mudará completamente o rumo da sua vida e trará consequências gravíssimas a nível familiar, social e psicológico.

No meu caso, o que motivou a criação de uma Comissão Judicativa foi «apostasia». O manual *Pastoreiem o Rebanho de Deus* define do seguinte modo esta expressão no capítulo 12, ponto 39:

«Apostasia significa desvio da adoração verdadeira, deserção, rebelião, abandono.»

Ser acusado de apostasia é uma das acusações mais sérias que uma Testemunha de Jeová pode enfrentar, pois falar sobre a Organização de forma negativa, seja por questionar os seus procedimentos organizacionais seja por pôr em causa entendimentos doutrinários, é equivalente a falar contra o próprio Deus. A organização é encarada como representante de Deus na terra, à semelhança da forma como o Papa e a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) são vistos pelos católicos.

Nas Testemunhas de Jeová não existe um líder singular como na ICAR, mas existe um grupo pequeno de líderes, denominado Corpo Governante. Chamo-lhe «Papado Colectivo».

É o Corpo Governante, composto actualmente por oito homens, que governa toda a comunidade religiosa, em toda a terra, ultrapassando hoje mais de oito milhões de pessoas. Não apenas decidem os destinos da organização como estabelecem as doutrinas pelas quais as Testemunhas de Jeová se devem reger e as políticas organizacionais a serem seguidas pelas filiais, congregações e corpos de anciãos.

Um apóstata é encarado como alguém que está a ser usado por Satanás. É visto pelas restantes Testemunhas como mentiroso, independentemente das provas e evidências que apresente. Ao ser

tachado de apóstata, passa a ser evitado pelos seus anteriores irmãos da fé e repudiado como merecedor da morte no Armagedão.

É a forma mais fácil que a organização tem de silenciar aqueles que têm a coragem de discordar da mesma e de expor as suas falhas organizacionais e/ou doutrinárias.

Foi isso que aconteceu, por exemplo, com Barbara Anderson e Will H. Bowen, quando resolveram denunciar em público políticas organizacionais que demonstravam o encobrimento e protecção de dados a predadores sexuais dentro das congregações, demonstrando que a política das duas testemunhas, exigida pela organização para desassociar um abusador, ia contra os melhores interesses das vítimas menores, bem como as orientações de não entregar os abusadores às autoridades e de os manter incógnitos.

A organização, mesmo sabendo que tais políticas eram prejudiciais para as crianças e que centenas delas haviam sido abusadas e mais ainda poderiam ser, decidiu continuar com essas políticas, preferindo negar tudo, incluindo a posse de uma lista nos seus arquivos dos Estados Unidos com mais de 20 mil supostos abusadores e expulsando aqueles que vieram a público expor a situação.

Desde então, caso após caso, têm surgido nas notícias demonstrando como esta política de protecção de abusadores tem sido nefasta para tantas crianças nas congregações. Milhões de dólares têm sido pagos a vítimas de abuso em acordos extrajudiciais, impedindo assim que os casos cheguem a tribunal e abram precedentes jurídicos.

Estes casos têm servido para trazer à discussão pública estas políticas organizacionais nefastas, as quais estão longe da imagem de pureza e santidade que a organização das Testemunhas de Jeová tenta passar para o público.

Esta breve descrição serve assim para mostrar que os interesses da religião estão acima dos melhores interesses do indivíduo e que muitas vezes, nestas comissões judicativas, é a imagem da organização que interessa e não a saúde espiritual do indivíduo. Tudo dependerá em grande medida do assunto em causa e do

corpo de anciãos que formará a Comissão Judicativa. Mas também dependerá em muito das orientações providas da filial.

Em último caso, será esta quem irá determinar o futuro da pessoa julgada, sem quaisquer direitos ou pretensões a uma defesa imparcial, justa e clara.

Sendo tudo feito como que numa câmara secreta, bem ao estilo do processo inquisitório de há centenas de anos, nada garante que a pessoa será tratada de forma justa. Em último caso, da opinião dos seus inquisidores resultará a sua absolvição ou condenação. Trata-se assim de um julgamento sumário, digno de regimes totalitários, onde os direitos do réu são inexistentes e onde o poder se concentra sempre do lado dos acusadores e juízes.

Espero que este resumo tenha servido para elucidar o leitor sobre aquilo que irei contar a seguir, dando o devido contexto a uma situação altamente stressante e difícil de enfrentar, pelo menos para a maioria das Testemunhas de Jeová.

Acredito que estão ansiosos por saber como foi descoberta a minha verdadeira identidade por parte dos anciãos e que resultou em ser chamado para uma Comissão Judicativa. Afinal, há tantos anos que mantinha o anonimato, usando *nicknames* e pseudónimos! Sabia que era simplesmente uma questão de tempo até ser descoberto e mentalmente já me havia preparado para isso. Até me admirei por não ter acontecido muitos anos antes.

Como se deu a minha identificação

A minha exposição *online* nos últimos anos cresceu exponencialmente, em especial a partir de 2015, quando abri a página e o *site Desperta!*. Comecei até a aceitar no meu perfil verdadeiro do Facebook inúmeras ex-Testemunhas de Jeová e sabia que poderia correr o risco de alguém se fazer passar por uma e de me denunciar. Mas estava tranquilo com respeito a essa possibilidade. Já estava mentalizado para isso.

Mas não foi por aí que a coisa se deu. Tudo começou quando, na

página e no *site Desperta!*, expus a identidade de vários apologistas da Torre de Vigia[131]. Um destes apologistas entrou em contacto comigo, tentando debater e pedindo amizade no Facebook, no meu perfil de Carlos Fernandes.

Inadvertidamente, aceitei a amizade, com o objectivo de continuar a falar com ele, não me recordando de que havia publicado vídeos onde apareço a cantar na aplicação SMULE[132], um dos meus *hobbies* preferidos. Nesses vídeos aparece o meu verdadeiro nome, e não foi difícil identificar-me. Começou então a ameaçar-me de que me iria expor e fazer com que fosse expulso da religião.

Depois de recolher as informações que considerou necessárias para me identificar, disponibilizou *online* alguns vídeos onde me expôs perante a comunidade religiosa brasileira, com o objectivo de essa informação chegar também a Portugal e ser finalmente expulso[133]. Chegou a enviar mensagens de *chat* para familiares, invadindo a minha vida privada.

Vim a saber através de outros dissidentes que este homem já tem outros antecedentes de denúncia e que tem servido de delator de outras pessoas consideradas «apóstatas» pela Torre de Vigia. Certamente acredita estar a cumprir um mandato divino, assim como Saulo de Tarso perseguiu os cristãos que aparentemente se rebelavam contra o poder religioso judaico instituído e certamente entendido na época como sendo uma expressão da adoração verdadeira a Jeová (Actos 9:1-2).

Acredito que terá enviado para o Betel de Portugal ou para alguma Testemunha de Jeová em Portugal a informação a meu respeito, para que fosse convocado para uma Comissão Judicativa e expulso. Mas, apesar de tudo, não tenho qualquer rancor contra ele. É apenas um pobre coitado que acredita ganhar créditos na religião ao fazer este trabalho.

Chamado para a Comissão

A 19 de Dezembro de 2017, recebi uma chamada do coordenador

da minha congregação, pedindo se podia receber a visita do superintendente de circuito, a qual declinei devido à nossa indisponibilidade na altura.

Já estava à espera de ser convocado para uma comissão devido às ameaças do apologista brasileiro, e não tardou muito até voltar a receber outra chamada telefónica, desta vez em meados de Janeiro, onde o mesmo coordenador me ligou lembrando a anterior chamada. Mencionou também que tinha estado a assistir a uma entrevista^[134] que dera a um «senhor brasileiro» (Osmanito Torres) pedindo-me para reunir com dois anciãos para uma conversa sobre o teor da mesma. Afinal, nela eu dissera que já não me identificava como Testemunha de Jeová e que já não acreditava nas doutrinas da religião.

Mostrei completa disponibilidade para estar presente, e a reunião ficou de ser agendada para uma data em que todos pudessem comparecer. O tempo foi passando e aguardei novo contacto para marcar o dia e hora.

No dia 15 de Fevereiro de 2018, recebi o esperado telefonema, mas, ao contrário do que antes havia sido dito, já não seria uma simples conversa, estava a ser convocado formalmente para uma Comissão Judicativa. É de referir que esta chamada foi feita por outro ancião, que vim depois a saber ser o presidente designado para a comissão. Mostrei-me novamente disponível para a reunião com os três anciãos que fariam parte da comissão (perguntei quais seriam), e aquela ficou agendada para o dia 24 de Fevereiro de 2018, às 10 horas da manhã.

Preparativos para a Comissão Judicativa

Já estava mais do que mentalizado para esta ocasião. Estava convicto das minhas razões em afastar-me das Testemunhas de Jeová e desejava muito expor os meus argumentos nesta comissão. Esperava que me dessem a oportunidade de falar o suficiente para apresentar as questões que considero válidas para alguém já não

desejar ser uma Testemunha de Jeová e seguidor da organização Torre de Vigia e seu Corpo Governante.

Preparei imediatamente, nos dias antecedentes, a minha carta de dissociação, onde expus algumas das razões mais fortes e em pormenor suficiente de modo que fosse claro para a comissão que não era simplesmente alguém rebelde, descrente ou «doente mental». Fiz também preparativos para gravar a Comissão Judicativa, pois penso ser um instrumento valioso no sentido de expor o que se passa em tais tribunais eclesiásticos, feitos à porta fechada e sem testemunhas.

É interessante que, neste aspecto, a organização instrua os anciãos em oposição àquilo que era o exemplo bíblico, tanto do Antigo Testamento como do Novo Testamento.

A própria revista *Despertai!*, de 22 de Dezembro de 1981, na página 17, diz acerca dos julgamentos na antiga Israel:

«Os julgamentos de criminosos eram sem dúvida muito mais rápidos em Israel do que o são atualmente em países tais como os Estados Unidos, onde abarrotados tribunais e processos pormenorizados dão margem a muitos adiamentos. **Visto que o tribunal local estava situado nos portões da cidade, não havia dúvida de o julgamento ser público!** (Deut. 16:18-20) **Sem dúvida, os julgamentos públicos ajudavam os juizes no sentido de exercerem cuidado e justiça, qualidades estas que às vezes faltam nas audiências em tribunais secretos e arbitrários.** E o que dizer a respeito de testemunhas? [...] Nos tempos bíblicos, exigia-se que as testemunhas depusessem publicamente.»^[135]

Assim sendo, considerei que seria a minha obrigação não seguir a ordem da Torre de Vigia de manter a congregação ignorante com respeito ao meu julgamento religioso. A congregação merecia saber as razões da minha Comissão Judicativa e as que me levaram à dissociação. O que fariam com essa informação cabia aos indivíduos, e nenhum ancião poderia ou deveria impedir a sua divulgação.

Tanto no caso da desassociação como no caso da dissociação, a declaração prestada à congregação é sempre a mesma: «Fulano(a) não é mais Testemunha de Jeová.»

O facto dá azo a especulações, tagarelice e até calúnias quanto às suas verdadeiras motivações, e muitas vezes acontece as

peessoas inventarem razões de ordem moral, não sabendo exactamente o que aconteceu. Saliento também que a Torre de Vigia sabe que do ponto de vista bíblico seria correcto, no mínimo, informar a congregação das verdadeiras razões para a desassociação ou dissociação, mas, por razões legais, prefere não o fazer. Fica tudo no segredo dos deuses.

O dia da Comissão Judicativa

A comissão ficou marcada para as 10 horas. Levantei-me bem cedo para me preparar psicologicamente para a mesma. Quer queiramos ou não, é sempre um momento de ansiedade, ainda que estejamos convictos da nossa razão. Trata-se de uma situação em que estamos perante três juízes que decidirão o nosso futuro, não apenas a nível congregacional mas com repercussões igualmente no plano familiar e social: o tão falado ostracismo ou morte social. Só quem já passou por uma Comissão Judicativa sabe dar valor ao que se sente nessa ocasião. No meu caso, estava e mantive-me calmo e tranquilo, pedindo a Deus que me desse forças para que tudo acontecesse tal como eu esperava. Era algo pelo qual já aguardava e por que até ansiava há muito tempo.

Vesti-me de acordo com aquilo que eu esperava ser o mais indicado para a ocasião e para mostrar uma posição de igualdade, não de submissão ou inferioridade. Vesti um fato completo, gravata e um sobretudo. Ironicamente, parecia um superintendente de circuito em visita à congregação. Naquele caso, seria a minha última visita!

Queria causar uma primeira impressão forte, de modo que percebessem logo que não estavam diante de um homem qualquer que passara a ser um mundano. Queria ser visto de igual para igual, e foi isso que aconteceu. Conforme ouvirão no áudio que gravei[136], o respeito predominou sempre ao longo da conversa, apesar de, algumas vezes, a minha palavra ter sido cortada e de até

ter ser impedido de responder a uma pergunta que um dos anciãos me fez sobre o assunto do abuso sexual de crianças.

Por diversas vezes reconheci o papel difícil que os anciãos têm como juízes na congregação, mostrando que apenas seguem a cartilha que a Torre de Vigia lhes dá. São meros peões num jogo que os ultrapassa. Muito mais gostaria de ter dito, mas fui impedido.

A Comissão Judicativa iria durar apenas poucos minutos, visto que já tinham ouvido a minha entrevista com o Osmanito Torres. Queriam apenas ouvir de mim, verbalmente, que não me identificava mais como Testemunha de Jeová.

Eu não queria ser desassociado! Afinal, a opção de me afastar das Testemunhas de Jeová fora minha. Não fora devido a algum pecado que tivesse cometido. A minha consciência já não me permitia ser conivente com doutrinas falsas e até assassinas, como acontece com a questão do sangue. Por isso mesmo, levei já preparada a carta de dissociação. Queria sair do meu modo e não do deles!

Tiveram de reconhecer que se trata realmente de uma «crise de consciência» e não de algo pecaminoso que tivesse feito, e isso para mim foi uma vitória pessoal. É algo claro nas palavras do presidente da Comissão Judicativa.

É interessante que, no fim da comissão, já depois de esta ter terminado, um dos anciãos me tenha pedido para não lutar contra a organização e para me empenhar em criar uma «estrutura» para ensinar aquilo que eu acreditava ser a verdade (uma nova igreja?). Achei graça um ancião incentivar-me a criar eventualmente um novo grupo religioso. Foi algo que jamais me passou pela cabeça, e nunca fiz tenção de concretizar!

Logo depois de o presidente dar a reunião por concluída, entreguei a cada um deles um artigo que escrevi com o tema «São as Testemunhas de Jeová uma Seita Destrutiva?»^[137], publicado originalmente no *site* e posteriormente numa revista brasileira *online*, chamada *O Alienista*. Apesar da relutância de um deles em ficar com o documento, deixei os três exemplares em cima da mesa.

Ao longo da Comissão Judicativa, houve momentos bem interessantes e engraçados, especialmente quando os anciãos

articularam alguns argumentos e citações bíblicas que considerei fora do contexto e sem aplicação em relação ao que estava a ser discutido. A cara deles quando os corriji e emendei é impagável, pois percebi claramente a sua confusão e dissonância cognitiva quando perceberam que aquilo que diziam estava de facto desenquadrado e mal aplicado. É claro que não o admitiram e tentaram dar a volta ao argumento. Mas guardo até hoje a confusão instalada nos seus rostos.

No entanto, quero deixar claro que respeito estas pessoas. Afinal, estão na mesma posição em que já estive, e sei como é difícil discernir o engano e manipulação sofridos nesta organização religiosa. São «vítimas de vítimas», como dizia Raymond Franz no seu livro *Crise de Consciência*.

Fui tratado até ao fim com consideração e até simpatia, inclusivamente como «irmão»! Perceberam que estavam diante de um homem que, como eles, tinha as suas convicções e uma consciência limpa diante de Deus.

Não guardo qualquer rancor contra eles e muito menos contra qualquer Testemunha de Jeová. São na sua maioria pessoas sinceras, humildes e que acreditam piamente estar na religião que os conduzirá a um Novo Mundo, repleto de paz e felicidade. Apenas se esquecem de que tal dádiva será oferecida por Jesus apenas e não por uma organização religiosa (João 6:68). O problema das Testemunhas de Jeová reside em focarem-se tanto no prometido paraíso que se esquecem de viver o presente do melhor modo possível.

Espero que este relato ajude mais pessoas que se encontram indecisas sobre dar ou não o passo da dissociação. Embora eu tenha sido levado a isso devido às circunstâncias, ainda assim posso dizer que o sentimento de liberdade é superior e pleno em relação ao tempo que passei neste estado de inactividade. Espero que Deus lhes dê a mesma coragem e determinação que me ofereceu a mim, para que possam expor com frontalidade e respeito aquilo que consideram correcto em relação a esta organização religiosa.

Acho importante partilhar com o leitor a minha carta de

dissociação, pois considero que foi a minha «carta de alforria».

«Lisboa, 24 de Fevereiro de 2018

Prezado corpo de anciãos da Congregação Alameda das Testemunhas de Jeová

Venho por este meio manifestar o meu desejo inequívoco de desligar-me oficialmente da religião das Testemunhas de Jeová e não ser mais considerado como estando vinculado à Associação das Testemunhas de Jeová.

Tomei esta decisão em virtude de estar consciente de que, após ser convocado para uma Comissão Judicativa, em virtude da minha discordância em relação a muitos dos ensinamentos da organização Torre de Vigia e de a ter expressado publicamente de vários modos, este seria o passo correcto a dar. Não que me sinta obrigado a fazê-lo, mas porque quero deixar clara a minha posição perante a congregação e a comunidade.

Como ex-ancião, reconheço que a maioria dos anciãos nas congregações se esforça de coração em fazer o melhor que podem e sabem em prol dos irmãos, embora também reconheça que muitas vezes o fazem de modo mecânico e legalista. Isto acontece em virtude da burocracia e regras impostas pela organização Torre de Vigia, onde é dado pouco espaço para o verdadeiro amor cristão e compaixão misericordiosa como o nosso pastor excelente, o Senhor Jesus Cristo deu o exemplo[138].

O processo que me conduziu a esta postura em relação à religião em que praticamente nasci e fui criado deveu-se acima de tudo a uma questão de consciência. Nada tenho ou tive contra irmãos individualmente e muitas são as pessoas que me conheceram enquanto Testemunha de Jeová activa que podem atestá-lo. Sempre me esforcei em ser amoroso, compassivo e nunca deixei que privilégios ou cargos de responsabilidade me tornassem orgulhoso ou agisse como “amo da fé” de ninguém. Sempre

dediquei ao máximo a minha energia e capacidades por aquilo que acreditava ser a “verdade”.

O processo pelo qual passei e que, acredito, tem sido similar a muitos milhares de outros que acabam nestas circunstâncias (conheço pessoalmente muitos assim) resultou de uma profunda insatisfação em relação a certos ensinamentos e procedimentos organizacionais que me levaram a pesquisar a fundo as nossas doutrinas e sua história, encarando de forma objectiva aquilo que realmente esta religião é aquilo que afirma ser.

Levei anos de intenso estudo e pesquisa (ainda enquanto ancião) para entender e achar coerência em certos ensinamentos que, como se diz em português, me «deixavam com a pulga atrás da orelha». Adquiri uma generosa biblioteca bíblica, que junto com as publicações da Torre de Vigia serviu para mergulhar a fundo na “Palavra de Deus”.

Ao fazer isso e comparar os ensinamentos da Torre de Vigia com aquilo que a Bíblia realmente diz encontrei várias discrepâncias e interpretações duvidosas, a mais recente sendo as várias mudanças com respeito à “geração sobreposta”[139].

Acredito que os irmãos, todos vocês, já tiveram a mesma sensação de que certos ensinamentos parecem ser “forçados” e adaptados a bel-prazer do Corpo Governante. Mas infelizmente, para quem acredita que esta é a “religião verdadeira”, simplesmente se esforça por abafar tais sentimentos inquietantes ou dúvidas e segue em frente.

Afinal, pensamos nós, “Jeová irá revelar mais informações por meio do Escravo”. Mas como Jeová poderá revelar algo a alguém que não é inspirado por Ele e simplesmente tenta entender a Bíblia, assim como qualquer outro na humanidade?[140]

É claro que para quem ama realmente a Jeová e Seu Filho e deseja ter um relacionamento achegado com eles não pode deixar de continuar a desejar saber e obter conhecimento bíblico sobre se aquilo que aprendemos na religião onde estamos está em harmonia com a Sua Palavra. Como disse a própria organização:

“Uma vez que não queremos que a nossa adoração seja em vão, **é importante que**

cada um de nós examine a sua religião. [...] precisamos examinar não só o que nós mesmos cremos, mas **também o que é ensinado pela organização religiosa** com que talvez nos associemos. [...] **se amarmos a verdade, não precisamos temer tal exame.**” — *Verdade que Conduz à Vida Eterna*, p. 13

Poderemos nós estar sendo enganados por pessoas, que, apesar de poderem ser bem-intencionadas, estão elas mesmas iludidas por uma falsa convicção. Sim, podemos!

E que convicção é esta?

É a ideia de terem um papel especial no propósito de Deus, conduzindo outros a segui-las como “profetas” de maneira enganosa.

Acredito que existe nestes casos um “complexo de messias”. Muitos dos líderes de seitas e grupos destrutivos enquadram-se neste tipo de problema psiquiátrico, levando outros a acreditar que somente eles possuem a chave do conhecimento e da salvação. Infelizmente, em muitos casos isso tem resultado em morte, dor e lágrimas (ex.: Jonestown, Ramo Davidiano, Heaven’s Gate, entre outros)[141].

Tenho a firme convicção de que as Testemunhas de Jeová se enquadram neste tipo de seitas ou grupos destrutivos, onde a demanda pela obediência cega e incondicional aos desmandos de líderes religiosos e suas interpretações resultam em escolhas pessoais prejudiciais, chegando ao ponto de resultar em escolhas de vida ou morte, como na questão do sangue[142].

Na realidade, o que adianta conhecer a Bíblia de trás para a frente, quando muitas das interpretações que os líderes escolhem para seus ensinamentos estão distorcidas, descontextualizadas e até mesmo muitas vezes em oposição àquilo que ela explicitamente diz? Veja-se o caso da interpretação que a Torre de Vigia faz sobre a mediação de Jesus Cristo.

Quando a Bíblia afirma categoricamente que Jesus é o mediador de TODA a humanidade (1 Timóteo 2:5), o Corpo Governante afirma que ele somente é mediador de uma elite pequena de cristãos: os ungidos ou 144 mil, colocando-se eles mesmos como mediadores

entre nós e Jesus Cristo. Isto é simplesmente uma aberração teológica, para não dizer uma blasfémia contra Cristo[143]!

A Torre de Vigia, que tanto tem criticado as outras religiões, especialmente a Igreja Católica, pela criação de dogmas extrabíblicos e que estão em oposição aos ensinamentos claros da Bíblia, tem caído no erro de fazer exactamente o mesmo, de modo a ir ao encontro de uma ideologia de poder e supremacia, de modo a legitimar a sua autoridade eclesiástica perante a comunidade religiosa.

Afinal, qual deve ser a bitola para a nossa fé?

Aquilo que a Bíblia diz ou aquilo que é interpretado de modo particular por alguém que se tem mostrado inconstante e incoerente na forma como interpreta assuntos bíblicos?

Basta contar quantas mudanças de ensinamentos já ocorreram na história das Testemunhas de Jeová! Largas centenas e continuarão a mudar, à medida que suas falsas profecias não se cumprirem ou tiverem necessidade de mudar por motivos puramente estratégicos, como no caso da questão do sangue, etc.[144].

E a questão não é apenas neste ensino, que eu considero fulcral e que põe em causa a salvação individual de quem afirma ser cristão. Se Jesus não é o nosso mediador e se não estamos inseridos no Novo Pacto, qual a justificação que temos diante de Deus para sermos salvos? **A mediação de Jesus é a base para a salvação!**

A Bíblia é clara quando mostra que aqueles que estão fora do Novo Pacto não têm a perspectiva da salvação em Cristo. Na Bíblia, não existe meio-termo.

Ou se está dentro do Novo Pacto e nos beneficiamos desse arranjo ou estamos fora e não podemos receber os benefícios dele.

Não existem humanos que possam preencher o lugar de Cristo neste aspecto! As seguintes passagens mostram claramente o que acabo de mencionar:

“Mas vós sois ‘raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo para propriedade especial, para que divulgueis as excelências’ daquele que vos chamou da escuridão para a sua maravilhosa luz. Porque vós, outrora, não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; vós éreis aqueles a quem não se mostrara misericórdia, mas agora sois os a quem se mostrou misericórdia.” — 1 Pedro 2:9, 10

“Mediante ele temos o livramento por meio de resgate, por intermédio do sangue desse, sim, o perdão de [nossas] falhas, segundo as riquezas de sua benignidade imerecida.” — Efésios 1:7

“Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que passou pelos céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos à [nossa] confissão [dele]. Pois temos por sumo sacerdote, não alguém que não se possa compadecer das nossas fraquezas, mas alguém que foi provado em todos os sentidos como nós mesmos, porém, sem pecado. Aproximemo-nos, portanto, com franqueza no falar, do trono de benignidade imerecida, para obtermos misericórdia e achamos benignidade imerecida para ajuda no tempo certo.” — Hebreus 4:14-16

“Não é que de nós mesmos estejamos adequadamente habilitados para considerar qualquer coisa como procedente de nós mesmos, mas, estarmos adequadamente habilitados procede de Deus, quem deveras nos habilitou adequadamente para sermos ministros dum novo pacto, não dum código escrito, mas de espírito; pois o código escrito condena à morte, mas o espírito vivifica.” — 2 Coríntios 3:5, 6

“De quanto mais severa punição, achais, será contado digno aquele que tiver pisado o Filho de Deus e que tiver considerado de pouco valor o sangue do pacto com que foi santificado, e que tiver ultrajado com desdém o espírito de benignidade imerecida? Pois, conhecemos aquele que disse: ‘Minha é a vingança; eu recompensarei’; e, novamente: ‘Jeová julgará o seu povo.’ Coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivente.” — Hebreus 10:29-31

Apenas estas passagens bíblicas mostram que é de séria responsabilidade aceitar e estar dentro do Novo Pacto estabelecido por Deus e mediado por Jesus. A esperança de salvação depende disso!

Outros ensinamentos têm condicionado a vida e futuro de gerações de Testemunhas de Jeová, tais como a proibição do serviço cívico que tantos jovens levou à prisão desnecessariamente. Jovens passaram anos na cadeia por causa de mais uma falsa interpretação do Corpo Governante!

Alguém ouviu um pedido de desculpas por parte destes homens

não inspirados, mas que actuam como autoproclamados “porta-vozes” de Deus?

Que dizer também de ensinamentos do passado em que vacinas, transplantes e até mesmo fracções de sangue que hoje são permitidas, foram no passado proibidas. E não adianta dizer que o contexto histórico era outro, pois tais proibições foram impostas por uma organização que afirmou ser o porta-voz de Jeová e seu profeta na terra. Tudo com suposta autoridade divina e com base bíblica!

Os irmãos que na época que obedeceram inquestionavelmente ao ponto de perderem suas vidas acreditavam estar fazendo a vontade de Deus. Mas era mesmo a vontade de Deus ou a vontade de homens que a seu bel-prazer faziam o papel de deuses na terra, indo além daquilo que Deus havia decretado?

Deixo apenas alguns exemplos de citações das publicações da época que provam isso:

Vacinas:

“O público não está em geral consciente de como a produção de soros, antitoxinas e vacinas é uma grande indústria, ou de como o Alto Comércio controla toda esta indústria... os conselhos de saúde esforçam-se para começar uma epidemia de varíola, difteria, ou [febre] tifóide para que possam ceifar uma colheita dourada ao inocularem uma comunidade que não pensa, com o exacto propósito de dispor desta porcaria manufacturada.” — *The Golden Age [A Idade do Ouro]*, 3 de Janeiro de 1923, p. 214.

Transplantes:

“Será que há alguma objecção bíblica a que se doe o corpo para uso na pesquisa médica ou que se aceitem órgãos para transplante de tal fonte? — W. L., Estados Unidos

[...] Quando há um órgão doente ou defeituoso, o modo usual de a saúde ser restaurada é por receber substâncias nutritivas.

O corpo utiliza o alimento ingerido para consertar ou curar o órgão, substituindo gradualmente as células. Quando os homens de ciência concluem que este processo normal não mais dará certo e sugerem a remoção do órgão e a substituição do

mesmo de forma directa por um órgão de outro humano, isto é simplesmente um atalho.

Aqueles que se submetem a tais operações vivem às custas de carne de outro humano. Isso é canibalesco. Não obstante, ao permitir que o homem comesse carne animal, Jeová Deus não deu permissão para os humanos tentarem perpetuar suas vidas por receberem canibalisticamente em seus corpos a carne humana, quer mastigada, quer na forma de órgãos inteiros ou partes do corpo, retirados de outros.”

— *A Sentinela* de 1 de Junho de 1968, pp. 349-350[145].

Fracções e uso do sangue como terapia transfusional

Para mim, este foi o ponto de viragem na forma como passei a ver esta organização religiosa, ao perceber o ziguezague doutrinal com respeito ao uso do sangue e a forma criminosa como a Torre de Vigia tem levado milhões de pessoas a acreditar que Deus condena à destruição eterna quem aceitar certos componentes do sangue, enquanto permite a vida eterna a quem aceitar apenas os componentes de sangue permitidos pela organização Torre de Vigia. Como se uma separação artificial do sangue fosse aprovada ou desaprovada por Jeová!

Vejamos apenas este exemplo de ziguezague doutrinal com respeito às fracções de sangue.

1 fracções proibidas > *Despertai!* > 1 Fev. 1956 > p. 20

2 fracções permitidas > *A Sentinela* > 1 Fev. 1959 > pp. 95-96

3 fracções proibidas > *A Sentinela* > 15 Mar. 1962

4 fracções permitidas > *A Sentinela* > 15 Jul. 1963 > p. 443

5 fracções proibidas > *A Sentinela* > 15 Out. 1974 > p. 640

Hoje em dia, quase tudo isto é coisa do passado, e, apesar de milhares de pessoas terem morrido e sofrido por políticas e doutrinas organizacionais, a Torre de Vigia nunca teve a coragem e humildade de pedir perdão às vítimas, assim como não tem tido coragem de pedir perdão às vítimas de abuso sexual nas congregações que têm vindo a público pedir justiça, porque na época os seus casos foram encobertos e foram pressionadas a não

revelarem os seus casos às autoridades porque isso iria manchar a organização e o nome de Jeová.

Que vergonha, meus irmãos, pertencer a uma organização que tem este passado, onde o rasto de sangue e sofrimento tem sido enorme. Segundo estatísticas, só em relação a mortes causadas pela interpretação do sangue pela Torre de Vigia, já morreram mais de 50 mil pessoas desde que esta doutrina foi imposta à comunidade. Estas mortes superam em muito os suicídios colectivos já ocorridos em outras seitas destrutivas.

Quanta culpa de sangue!

As Testemunhas de Jeová continuam a ser levadas para o matadouro em sentido simbólico e apresentadas a Jeová como um sacrifício no altar a um deus pagão, coisa que certamente nem mesmo subiu ao coração do Nosso Pai Celestial (Jeremias 7:31).

Basta ver a forma amorosa e compassiva como Jesus lidou com pessoas que violavam a lei mosaica em seus dias, desde os marginalizados pela sociedade aos doentes e às pessoas pecadoras. Jesus de modo aberto mostrou que a vida e saúde das pessoas eram mais importantes que obedecer à “letra da lei”. Ele próprio citou as Escrituras quando disse: “Misericórdia quero e não sacrifício” (Mateus 9:10-13; 12:1-7).

Jesus aplicou aquilo que ainda hoje é uma tradição rabínica, chamado *pikuach nefesh*.

O conceito rabínico judaico de *pikuach nefesh* é um conceito milenar que defende o valor ou santidade da vida humana acima de qualquer tradição ou doutrina religiosa. Segundo este conceito, uma vida deve ser preservada a todo o custo, sendo por isso a obrigação de um judeu salvar a sua vida ou a de outrem, mesmo que para isso tenha de violar uma lei ou mandamento religioso.

Por exemplo, se existe alguém em perigo de vida, aplicar o *pikuach nefesh*, significa por exemplo, violar o sábio para que essa vida seja salva, talvez viajando de carro nesse dia para levar a vítima ou doente ao hospital. Significa também, por exemplo, um

judeu comer comida que não seja *kosher*, caso a sua saúde ou vida dependam disso.

É importante perceber que, para os judeus, a Lei Mosaica continua a ter um papel importante em suas vidas. Isso inclui a forma como esta proíbe o consumo de carne com seu sangue. Por isso os judeus ortodoxos molham a carne em água, salgam-na e então a drenam, a fim de retirar todo o sangue. Neste aspecto são muito mais rigorosos que as Testemunhas de Jeová e têm um regime alimentar cuidado e selecto (*kosher*).

É pertinente perceber que, mesmo continuando a seguir os mandamentos da Lei Mosaica com respeito ao sangue, os judeus estão autorizados a receber transfusões de sangue. Não existem por isso grupos religiosos judaicos que proibam transfusões de sangue. Assim, preservar a vida prevalece sobre a Lei Mosaica: um princípio conhecido como *pikuach nefesh*.

Do mesmo modo, os muçulmanos estão também proibidos de beber ou comer sangue e derivados (*haram*), mas são-lhes permitidas as transfusões como um procedimento para salvar suas vidas.

Como é óbvio, o uso do sangue quando uma pessoa corre risco de vida seria *pikuach nefesh*, ou seja, colocar a vida da pessoa acima de uma lei ou mandamento religioso. Embora os judeus não encarem o uso do sangue na medicina do mesmo modo que as Testemunhas de Jeová, ainda assim, caso vidas estivessem em jogo, percebe-se claramente qual a decisão que tomariam à luz deste conceito bíblico.

Basta ler as Escrituras Gregas Cristãs e notar o modo compassivo como Jesus usou este princípio. Não deveria ser este o modelo de todo aquele que afirma ser cristão?

Assim, morrer no altar da Torre de Vigia por uma doutrina que já mudou ao longo dos tempos e que continuará a mudar... para quê? Para satisfazer o ego de homens que vivem num mundo quase perfeito, onde nada lhes falta e onde todas as mordomias e luxos deste mundo lhes estão disponíveis?

É incrível como a endoutrinação trabalha na mente das pessoas e as leva a fazer aquilo que um ser humano jamais faria no seu

estado normal. Morrer e matar em nome de Deus torna-se algo banal e até mesmo louvável[146]!

Os peritos em seitas e grupos destrutivos explicam muito bem este processo, designando-o por “influência indevida” ou pelo termo mais comum, “controlo mental”, onde o processo crítico é reduzido ao mínimo e as pessoas ficam cativas de um pensamento sectário, onde tudo o que o líder ensina e diz é como se fosse o próprio Deus a dizê-lo. Ele torna-se o “porta-voz” e uma espécie de encarnação da divindade[147].

Poderia apresentar aqui muitíssimas mais razões que me levaram a descartar esta religião como a “única religião verdadeira”. Como já disse, esta decisão levou anos a ser tomada, alvo de oração e de muita pesquisa. Muita mesmo!

Sei que os irmãos me passarão a encarar como “apóstata”, um “doente mental”, um “filho de Satanás” e uma “gangrena”, simplesmente porque passei a discordar abertamente dos ditames farisaicos e das doutrinas erradas de uma elite de homens que funcionam como um papado colectivo, bem ao estilo da Igreja Católica a quem tanto criticaram no passado.

Mas felizmente sei que a minha consciência está limpa aos olhos de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo. Como disse Paulo:

“Para mim, pouco importa ser examinado por vocês ou por um tribunal humano. Na verdade, nem eu examino a mim mesmo. Pois não estou ciente de nada contra mim mesmo. Mas isso não prova que eu seja justo; quem me examina é Jeová.” — 1 Coríntios 4:3, 4

Quero que saibam que não desejo mal a ninguém. Nunca o desejei. Amo a todos os irmãos! Foi esse mesmo amor que me levou a expor o que sabia sobre esta seita destrutiva e que me levará a continuar expondo factos que provam como as pessoas são manipuladas por seus líderes máximos, nesta e em outras seitas destrutivas.

Como disse Raymond Franz, ex-membro do Corpo Governante e autor de dois belíssimos livros que revelam o lado oculto da Torre de Vigia e seus líderes, todos nós somos vítimas de vítimas neste ciclo

pernicioso de proselitismo, que nos transforma em meras peças num jogo, cujos contornos e regras não chegamos a conhecer totalmente.

O conceito da organização tornou-se o “bezerro de ouro” para as Testemunhas de Jeová, ao passo que olham para ela como símbolo de salvação e obediência inquestionável, a arca simbólica que os salvará através do Armagedão. Nada mais que idolatria, similar ao que ocorre em outros grupos religiosos quando consideram que suas religiões, seus ícones e seus santos os salvarão, esquecendo que esse papel apenas pertence ao Cristo.

A própria organização há alguns anos escreveu:

“Não podemos participar em nenhuma versão moderna de idolatria — seja em forma de gestos adorativos diante de uma imagem ou um símbolo, seja por imputar salvação a uma pessoa ou a uma organização (1 Coríntios 10:14; 1 João 5:21).” — A Sentinela, 01/11/1990

“Não pense nisto como se limitando aos que frequentam lugares de adoração ou se empenham em alguma forma de serviço ou prática religiosa. Se uma pessoa rende serviço em obediência a alguém ou a alguma organização, quer voluntária quer compulsoriamente, considerando como algo em posição superior de domínio e com grande autoridade, então se pode dizer biblicamente que tal pessoa é adoradora.” — A Sentinela, 01/03/1962, p. 141.

Temos sido marionetas na mão de homens imperfeitos que actuam como deuses na terra, mandando e desmandando na vida de milhões de pessoas e cuja obediência incondicional deve ser mantida a todo o custo sob pena da morte social, já que a lei não permite a pena máxima: a morte física.

Recorrendo à prática do ostracismo de ex-membros, à semelhança de outras seitas destrutivas, a organização usa de *bullying* psicológico com as pessoas que saem da religião, de modo a forçá-las a quebrar emocionalmente e a “voltarem para Jeová” (leia-se organização). A Torre de Vigia faz assim chantagem emocional, violando várias convenções internacionais sobre liberdade religiosa e direitos humanos, provocando danos emocionais e psicológicos, tanto nas vítimas do ostracismo como na família dos ex-membros. Todos sofrem apenas porque os líderes da

religião interpretaram e distorceram textos bíblicos de modo a proteger a “santa organização” daqueles que poderiam ameaçá-la de algum modo.

Isto causa assim a separação de famílias antes unidas e amorosas, rompendo casamentos e laços sanguíneos, apenas pela única razão dos ex-membros não mais pertencerem à religião e serem submissos a ela. Violam com isso inúmeros princípios bíblicos e especialmente a natureza do próprio cristianismo que é na sua essência compassivo e perdoador (Mateus 5:44-48)[148].

É por isso de grande hipocrisia a própria organização escrever textos como este em suas publicações:

“Ninguém deve ser obrigado a adorar a Deus de uma forma que ache inaceitável nem a escolher entre a religião e a família.” — *Despertai!*, Julho de 2009, p. 29

A mesma organização que incentiva e orienta familiares a ostracizarem quem decide sair dela por questões de consciência e divergência religiosa hipocritamente publica artigos para o público que dão exactamente a imagem errada do que acontece nela.

Tenho pena das crianças e adolescentes que como eu foram baptizados numa idade em que a formação emocional e mental não lhes permitiu adequadamente darem o passo do baptismo, quando as consequências de tal passo vão muito além de uma alegada dedicação incondicional a Deus.

Trata-se de uma incondicional e perpétua dedicação a uma corporação religiosa que tudo fará para os manter cativos, mesmo sob ameaça do ostracismo, de modo a evitar que mais tarde, quando conhecerem realmente o passado e presente da religião, possam sair sem qualquer penalização. Não admira o incentivo para o baptismo de crianças cada vez mais novas e imaturas. É simplesmente vergonhoso o que se está a passar numa religião que tão fortemente criticou no passado o baptismo de bebés e crianças! Tanto elas como seus pais serão mais vítimas a juntar a milhares de outras que esta seita já causou[149].

Gostava de mencionar, para finalizar, que não mais desejo ser contactado por qualquer representante da Torre de Vigia, seja

ancião, superintendente de circuito ou outro com o objectivo de voltar à organização. Aviso desde já que, caso surja tagarelice ou calúnias a meu respeito, accionarei os meios legais para responsabilizar a quem de direito.

Desejo sinceramente que os irmãos que lerem esta carta reflitam bem no vosso papel enquanto peças de uma engrenagem pesada, dura e inflexível que tantas vidas tem trucidado. Não se esqueçam de que as pragas que no futuro caírem sobre todas as religiões que desagradam a Deus e o representam de forma errada recairão também sobre aqueles que serviram como instrumentos principais destas (Apocalipse 18:4).

Oro para que o Pai Celestial, por meio de Seu Filho, vos ajude a “despertar” da manipulação que sofreram ao longo da vossa permanência nesta religião e que vos ajude a encontrar a verdadeira liberdade que somente está em Cristo Jesus, nosso Senhor. No meu caso, estou convicto das mesmas palavras do apóstolo Paulo:

“Pois estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem governos, nem coisas presentes, nem coisas por vir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criação será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.” — Romanos 8:39, 39

Com amor cristão,
ANTÓNIO MADALENO»

Reacção da família

Após a minha Comissão Judicativa, senti-me finalmente livre e feliz por ter expressado aquilo que pensava sobre a organização, dentro do que me foi possível. O próximo passo era comunicar à família que estava finalmente dissociado e que essa notícia rapidamente se espalharia pelas congregações.

Tive uma conversa pessoal com os meus sogros e com a minha mãe, em que contei tudo o que se havia passado. Embora ficassem

tristes com a situação, disseram que respeitavam o passo que havia dado. Afinal, fora uma decisão em consciência. Calculo que também já imaginassem que mais cedo ou mais tarde isto iria acontecer.

A maior parte das ex-Testemunhas de Jeová não tem a mesma sorte, e uma situação destas dita uma sentença de morte social definitiva, a menos que a pessoa «volte para Jeová». No meu caso, felizmente, isso não aconteceu.

Continuo a ser a mesma pessoa que sempre fui, e tanto os meus sogros como a minha mãe sabem que por ter saído da religião não me tornei uma pessoa pior. Apenas deixei de acreditar e seguir uma determinada organização religiosa. Mantive aquilo que achei como tendo valor, ou seja, os princípios e a fé cristãos, rejeitando ao mesmo tempo tudo que considero prejudicial: sectarismo e dogmatismo.

Quando nos afastámos da religião, um dos nossos desejos foi de que o nosso filho não fosse criado neste ambiente sectário, altamente controlador e castrador. Acredito que ver o pai enfrentar esta situação com dignidade e frontalidade lhe inculcou o exemplo de que devemos ser fiéis a nós mesmos e não nos deixarmos vergar pelo autoritarismo e suposta superioridade de outros. Temos o direito à nossa identidade e a defender aquilo em que acreditamos, especialmente quando é algo que nos diz respeito de forma tão pessoal.

Ainda me lembro de algo que o meu filho disse pouco tempo depois de nos afastarmos da religião, teria uns 7 anos. Estávamos a conversar sobre o Natal e as razões pelas quais os avós não celebravam essa data, assim como nós nunca até então a havíamos celebrado, por sermos Testemunhas de Jeová, e ele disse:

«Eu acho que o que aconteceu foi o seguinte: as pessoas celebravam o Natal e eram felizes. Não achavam errado. Até que um dia apareceu um homem que lhes disse: “Não devem celebrar o Natal porque é errado!” E as pessoas acreditaram e deixaram de celebrar o Natal.»

Olhei para a Ana, e ambos ficámos admirados ao ouvir da boca do nosso filho, e dito de modo bem simples, exactamente o que

aconteceu com respeito ao facto de as Testemunhas de Jeová terem deixado de celebrar esta festividade[150]. E quem diz esta festividade diz muitas outras coisas que se tornaram proibidas na religião!

Percebemos então que o nosso filho, apesar de pequenino, tinha muito discernimento acerca da forma cega como as Testemunhas de Jeová obedecem aos seus líderes, sem qualquer espírito crítico.

Sentimo-nos muito felizes por lhe ter dado a oportunidade de desenvolver este espírito crítico e capacidade de análise, pois, se continuasse lá dentro, certamente se tornaria, assim como a maioria, uma ovelha dócil e obediente[151].

CONCLUSÃO

Se há apenas alguns anos alguém me dissesse que eu um dia deixaria de ser Testemunha de Jeová, consideraria que essa pessoa era louca. Certamente diria: «Isso nunca irá acontecer!» A minha fé e confiança na religião em que fui criado era absoluta e inequívoca. Vivia e respirava o ser Testemunha de Jeová. Vinte quatro horas por dia. Sem hesitações ou dúvidas.

Realmente, a vida prega-nos partidas e, como diz o ditado, «Nunca digas nunca». Aprendi essa lição do modo mais doloroso possível, pois todos os alicerces em que estava construída a minha fé, a minha esperança e certezas colapsaram.

Quando se descobre o lado escondido desta religião, é como se nos fosse tirada uma venda dos olhos e passássemos a ver tudo como na realidade é. A melhor comparação que vos posso dar é o filme *Matrix*. Neste filme, a realidade vivida e experienciada é, efectivamente, fictícia, uma realidade virtual a um nível elevadíssimo e onde nada é o que parece — assim como a vivência religiosa nas Testemunhas de Jeová.

E como é doloroso acordar desta realidade virtual! Tal como a personagem Neo, tomei o comprimido vermelho. Decidi ir além da realidade que me era imposta como a verdade absoluta. E, como o protagonista do filme, o choque foi total ao perceber que vivia num mundo manipulado e controlado por agentes alheios à minha vontade.

Acontece com qualquer pessoa que desperta do controlo mental de uma seita destrutiva. Existe um período inicial de choque, seguido de revolta e profunda decepção. É comum ouvir da boca de Testemunhas de Jeová: «Se esta não é a verdade, então não existe

verdade.» As suas mentes estão tão fechadas no pensamento circular de que apenas existe uma única religião verdadeira e de que ela só pode ser a religião das Testemunhas de Jeová que a mera hipótese de estarem erradas é demasiado dolorosa para se contemplar.

Os que arriscam ir além do que é imposto pela organização, os que percebem que algo não está bem e decidem investigar por si mesmos, tentando provar se a realidade por eles vivida é de facto «a verdade», acabam mais cedo ou mais tarde por sair da «caverna de Platão»[152].

O custo pago por esta saída não autorizada é terrível, como já sabem por esta altura. Mas posso dizer que vale a pena! Nada paga a possibilidade de sermos verdadeiros connosco próprios e com a nossa consciência.

Posso dizer que a minha história, embora espelhe a de milhares de pessoas que saíram de uma seita destrutiva, não é nada comparada com centenas, se não milhares, de relatos que tenho conhecido ao longo dos anos em que sou activista. Ao investigar o fenómeno das seitas destrutivas e de grupos de alto controlo, tenho falado com inúmeros ex-membros, tanto das Testemunhas de Jeová como de outros grupos sectários.

Nas Testemunhas de Jeová, há pessoas que perderam tudo: pais, mães, filhos e filhas, avós e, claro, amigos. Jovens que têm sido expulsos de casa só porque quiseram ser livres e não mais desejaram estar amarrados a uma religião tão castradora. Os seus pais recusam falar com eles, a menos que regressem à religião — atitude incentivada pela organização Torre de Vigia.

Como profundo conhecedor desta realidade e como ex-membro deste grupo de alto controlo, sinto a obrigação moral de expor o que sei sobre ele. A minha consciência impele-me a continuar a fazê-lo, doa a quem doer.

Vivemos numa sociedade que procura diariamente melhorar quanto à aplicação dos Direitos Humanos, e cada um deve fazer a sua parte na exposição e na luta contra o preconceito, a segregação e o ódio motivados por diferenças religiosas, sociais, culturais ou

étnicas. A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma de modo taxativo:

Artigo 18.º

«Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; esse direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto em público ou em particular.

Artigo 19.º

«Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

A Constituição Portuguesa, garante dos direitos dos cidadãos portugueses, também é clara quanto à forma de encarar qualquer tipo de discriminação:

Artigo 13.º

«Princípio da Igualdade. [...] 2 — Ninguém pode ser [...] prejudicado, privado de qualquer direito [...] em razão de religião, convicções políticas ou ideológicas [...] ou orientação sexual.»

Artigo 37.º

1 — «Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento e palavra [...] sem impedimentos ou discriminações.

2 — O exercício destes direitos não pode ser impedido ou limitado por qualquer forma de censura.»

Artigo 41.º

«2 — Ninguém pode ser perseguido, privado de direitos [...] por causa das suas convicções ou prática religiosa.»

Também a Convenção Europeia dos Direitos do Homem informa:

Artigo 9.º

«1 — Qualquer pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de crença, assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua crença, individual ou colectivamente, em público ou em privado, por meio do culto, do ensino, de práticas e da celebração de ritos.

2 — A liberdade de manifestar a sua religião ou convicções, individual ou colectivamente, não pode ser objecto de outras restrições senão as que, previstas na lei, constituírem disposições necessárias, numa sociedade democrática, a segurança pública, a protecção da ordem, da saúde e moral públicas, ou a protecção dos direitos e liberdades de outrem.»

Ao ler as citações que se seguem das publicações da Torre de Vigia, é difícil não perceber o incentivo à violação dos Direitos Humanos, apenas porque alguém decidiu sair da religião ou foi expulso dela:

«Veja o exemplo de uma irmã chamada Anne. A sua mãe, que é desassociada, ligou-lhe para dizer que queria visitá-la e que não aguentava mais com saudades dela. Isso mexeu muito com a Anne porque ela também sentia falta da mãe. Anne disse que daria a resposta numa carta, mas antes tirou um tempo para considerar alguns princípios bíblicos. (1 Cor. 5:11; 2 João 9-11) Na carta, ela explicou que a sua mãe tinha-se colocado naquela situação porque tinha errado e não estava arrependida. Ela também escreveu: “A única maneira de a mãe aliviar seu sofrimento é voltando para Jeová.” — Tia. 4:8.»[153]

«Certo jovem estava desassociado havia mais de dez anos e, durante esse período, o seu pai, mãe e quatro irmãos “cessaram de ter convivência” com ele. Às vezes, ele tentava envolver-se nas atividades da família, mas, para crédito dela, todos os seus membros evitaram firmemente qualquer contacto com ele. Já readmitido, ele disse que sentia muita falta da associação com a família, em especial à noite, quando ficava sozinho. Mas ele admitiu que, se a família tivesse se associado com ele, mesmo só um pouco, essa pequena dose o teria satisfeito. No entanto, ele não recebeu nem mesmo a menor comunicação de qualquer membro da família. Assim, o seu forte desejo de estar com seus familiares contribuiu para a restauração de sua relação com Jeová. Pense nisso se algum dia você for tentado a violar o mandamento divino de não se associar com parentes desassociados.»[154]

Percebe-se claramente a chantagem emocional e psicológica exercida sobre as pessoas de modo a retornarem à religião. Para isso, os líderes usam o que de mais sagrado há: os laços familiares. Tendo isto em mente, cabe ao Estado português e a cada cidadão deste país não permitir que no nosso território se pratiquem acções que violam todas as directivas que o Estado se comprometeu a cumprir.

A religião não pode ter livre-trânsito para violar os Direitos Humanos, apenas porque faz parte da sua cartilha religiosa fazê-lo. Será que se o Daesh existisse em Portugal e praticasse os actos

bárbaros que tem vindo a praticar no Médio Oriente o Estado português iria lavar as mãos como Pilatos e alegar que não se pode envolver em questões relacionadas com religião? Iria a Comissão de Liberdade Religiosa assobiar para o lado e fingir que não nada via?

A partir do momento em que uma religião viola valores humanos e instiga outros a fazê-lo, o Estado tem a obrigação de intervir. Não que tenha de agir de modo persecutório contra ela, como tem acontecido com as Testemunhas de Jeová na Rússia e noutros países, o que na realidade apenas alimenta o conceito de mártir tão presente neste tipo de grupos[155]. Mas deve ao menos retirar os benefícios[156] de que a religião goza enquanto mantiver práticas que violem os mais básicos direitos humanos, como ostracizar aqueles que são expulsos ou decidem sair ou mesmo aqueles que decidem optar por aceitar tratamento médico que vai contra o ensino actual da religião[157].

E sem dúvida que as Testemunhas de Jeová, enquanto grupo religioso, violam os Direitos Humanos ao apresentarem como ideal de comportamento a discriminação e segregação com base na religião[158]. Isto é inadmissível num Estado de Direito!

Sei que o meu papel e o de muitos outros dissidentes não passa muitas vezes de uma «pregação no deserto», mas gradualmente a sociedade está a despertar para esta realidade, e o convite para escrever este livro é prova disso mesmo.

Cada vez mais os académicos se debruçam sobre a temática das seitas destrutivas e grupos de alto controlo, pois, como se diz em bom português, são na realidade «uma praga». Só nos Estados Unidos existem cerca de 5000 grupos destes em acção, alguns deles com ramificações pelo mundo, incluindo Portugal. Fechar os olhos a isso e ao mal que causam na vida de milhares de famílias é imoral e merece repreensão pública.

É claro que existem grupos mais radicais e perigosos do que as Testemunhas de Jeová. Mas, ainda assim, é preciso focarmo-nos no essencial, que são os danos causados pelas doutrinas e políticas internas desta religião, que vão desde a questão do

ostracismo[159], do sangue[160] e do encobrimento de casos de abuso sexual de crianças[161].

No meio disto tudo, quem mais sofre são os membros, que acreditam sinceramente estar a seguir líderes «ungidos» por Deus que supostamente os vão conduzir a um futuro paraíso e com isso acabam por abdicar da sua família e mesmo da sua vida agora.

É por isso que o trabalho de activismo e exposição de seitas destrutivas é tão importante. Muitos dos que saem destas seitas e grupos de alto controlo fazem-no magoados e fragilizados. Não têm ninguém que os apoie e entenda. Muitos remetem-se ao silêncio e à depressão, pois sabem que, se falarem da sua experiência, serão apelidados de idiotas e não terão a devida compreensão e acompanhamento.

O que as pessoas precisam de entender é que ninguém se junta a uma seita destrutiva. Uma sobrevivente de Jonestown[162] disse:

«Ninguém se junta a uma seita. Ninguém se junta a algo que pensa vir a magoá-la. Juntamo-nos a uma organização religiosa, juntamo-nos a uma organização política e juntamo-nos a pessoas de quem realmente gostamos.»

Existe o conceito errado de que apenas pessoas com baixa escolaridade ou com pouca cultura aderem a este tipo de grupos. Não é de todo o caso.

E porque o fizeram? E por que motivo a sua inteligência não as levou a perceber que se envolveram numa seita destrutiva? É aqui que entra o papel da «influência indevida».

A «influência indevida» é a aplicação de pressão social, física ou emocional sobre um indivíduo ou mais no esforço de o persuadir a alinhar-se com alguém ou alguma coisa contra seus próprios e melhores interesses, sem que a pessoa o perceba. Também conhecida como «lavagem cerebral» e «controlo da mente», a influência indevida envolve uma pessoa ou um grupo tirando partido de uma posição de poder, impedindo a pessoa-alvo de querer ou ser capaz de exercer sua vontade independente.

Quando a influência indevida é imposta aos recrutas inocentes por grupos de alto controlo e seitas destrutivas, muitas vezes

começa com o chamado «bombardeamento de amor»^[163] e promessas idealistas. Lenta mas firmemente, evolui para um envolvimento cada vez maior com o grupo, onde uma nova personalidade é formada à imagem deste, até que por fim o indivíduo fica refém do pensamento sectário.

E isso pode acontecer a qualquer pessoa... seja ela considerada uma pessoa inteligente ou não o sendo!

Isto acontece porque o que está por detrás de tais acções não é dirigido pela inteligência ou capacidade crítica, mas pela parte emocional que fica ligada às crenças adquiridas no grupo.

É por isso que um pai ou uma mãe podem ter um filho numa situação crítica, entre a vida e a morte, e a precisar de componentes sanguíneos (vulgo transfusão de sangue), mas as suas fortes crenças nas interpretações do grupo religioso os farão rejeitá-los com todas as suas forças, acreditando que, se aceitarem, perderão o favor de Deus e estarão a violar a sua lei.

Por isso, é preciso perceber que pertencer a uma seita destrutiva não é sinónimo de falta de inteligência. Como humanos, todos temos fraquezas. Pontos fortes e fracos. Grupos e seitas destrutivas sabem manipular e influenciar todas as pessoas, tocando nos pontos certos que farão cada um de nós aceitá-los. Para alguns será o desejo de uma vida material melhor, para outros o desejo de mudar o mundo, para outros a procura da felicidade e do sentido da vida.

Quando a minha mãe se juntou às Testemunhas de Jeová, assim como milhares de mães e pais, fê-lo porque foi levada a crer que era o melhor para si e para os seus. Foram aliciados através de técnicas persuasivas, muito usadas no meio comercial, diga-se de passagem, para lhes vender o produto da «vida eterna num paraíso na terra». Não que tal promessa seja necessariamente falsa, mas a questão é que a «empresa» que promete tal produto não tem as qualificações para o entregar!

Mais: a organização religiosa usa as promessas bíblicas como isco para conseguir o controlo sobre as pessoas e depois usá-las como mão-de-obra barata para fazer crescer o seu império religioso. As pessoas vão atrás da cenoura, esquecendo-se de que apenas

estão a servir um amo que tudo lhes exige e nada dá em troca, a não ser promessas etéreas.

Espero que este livro tenha servido para abrir este universo tão fechado e que o leitor tenha percebido a realidade que se esconde por detrás de cada rosto sorridente que lhe bate à porta ou encontra nas ruas com propaganda religiosa.

As Testemunhas de Jeová são, na sua vasta maioria, boas pessoas. Pessoas sinceras e honestas, de boa moral e que acreditam que vivem de acordo com os padrões requeridos por Deus. Na sua maioria, serão certamente bons pais, bons maridos e boas mulheres que vivem uma vida rotineira, presos aos ditames e exigências da religião que escolheram ou que os seus pais escolheram para eles.

Por esse motivo, este livro não pretende ser um discurso de ódio contra essas pessoas. Longe disso! Tenho família que é Testemunha de Jeová. Tenho pessoas de quem gosto muito que ainda o são. Mas que este testemunho sirva para que se entenda por que motivo estas pessoas são como são e, quem sabe, lhe forneça a si, leitor, as ferramentas para ajudar um amigo ou um parente a despertar da manipulação que sofreu[164].

Muitos activistas já estão a fazer este trabalho, gastando tempo e recursos a escrever artigos, a fazer vídeos e até manifestações públicas para consciencializar a sociedade do drama vivido pelas ex-Testemunhas de Jeová, expondo as regras e doutrinas perversas desta seita destrutiva que tanta dor tem causado em nome de Deus.

O meu trabalho em comparação com muitos destes é quase simbólico, mas faço a minha parte, sabendo como tem tido impacto em algumas pessoas ao longo dos anos. Tenho-me esforçado para estar disponível para ajudar muitos que vêm até mim para desabafar e pedir conselhos. Tive a oportunidade de ajudar a abrir a mente de muitas pessoas no universo da lusofonia, não apenas através de conversas pessoais como, principalmente, através dos meus artigos escritos.

E tenho encontrado todo o tipo de casos: desde pessoas depressivas à beira do suicídio, casais em ruptura porque um deles decidiu abandonar a religião, filhos que se sentem obrigados a

seguir a religião dos pais mas que já têm consciência e capacidade suficiente para saber que não é a vida que querem para eles. Tenho falado com inúmeros anciãos e servos ministeriais, alguns deles que acabaram mesmo por deixar os seus cargos devido àquilo que também descobriram sobre a religião na minha página e *site Desperta!*[\[165\]](#).

Acima de tudo, tenho feito contactos com pessoas de todo o mundo, não apenas com as que vivem em países lusófonos. Tenho feito inúmeros amigos, embora apenas no universo virtual da Internet, que me têm ajudado a perceber o mal que esta seita destrutiva tem espalhado na vida das pessoas e que me têm dado força para continuar a expô-la.

Sabendo o que hoje sei sobre este grupo religioso, faço-vos um apelo:

Antes de se envolverem com as Testemunhas de Jeová, façam uma pesquisa independente sobre a sua História e os factos que ela tenta varrer para debaixo do tapete. Falem com ex-Testemunhas de Jeová e ouçam as suas experiências de vida.

Este apelo serve para qualquer possível envolvimento com um grupo religioso, espiritual, político, terapêutico ou mesmo comercial, ainda que à partida pareça inofensivo. Muitas seitas destrutivas e grupos de alto controlo apresentam ao público uma imagem inofensiva. Conhecer bem as características destes é importante para evitar futuras decepções, problemas mentais e vidas destruídas.

Por isso não é demais lembrar: **pesquise sempre antes de se comprometer com determinado grupo!** Hoje em dia, através da Internet, é possível ter acesso a muita informação através de *sites* fidedignos que contêm informação sobre seitas destrutivas e outros grupos. Existem diversas organizações e associações[\[166\]](#), bem como pessoas que estão dispostas a ajudar quem tem dúvidas acerca de um possível envolvimento com uma organização religiosa ou grupo que à partida parece ser inócuo.

Existem peritos e terapeutas, como Steven Hassan, Janja Lalich e Bonnie Zieman, administradores de *sites* que disponibilizam material

que visa ajudar membros e ex-membros de tais grupos, bem como informar a sociedade em geral acerca dos perigos de se envolver com estes. Coloco aqui alguns *links* que poderão servir de referência:

<https://www.icsahome.com>
<https://freedomofmind.com>
<https://www.openmindsfoundation.org>
<http://cultresearch.org>
<https://bonniezieman.com>
<https://culteducation.com>
<https://familiesagainstcultteachings.org>
<https://www.cultnews101.com>
<https://www.fecris.org/>

Em Portugal, fazem falta académicos e terapeutas que se dediquem ao estudo e ajuda profissional de pessoas que passaram ou estão a passar pela experiência de pertença a tais grupos.

Quem sai de uma seita destrutiva ou grupo de alto controlo apresenta-se profundamente magoado, desiludido e confuso com a sua experiência. Sai muitas vezes num quadro de rejeição absoluta pelos seus pares, incluindo membros da família. Toda a sua estrutura social desaparece assim que abandona o grupo, e isso causa um terrível impacto na sua identidade.

Essa pessoa necessita de apoio terapêutico e mesmo médico, para que possa encontrar-se consigo mesmo, com o seu eu sufocado por camadas e camadas de doutrinação e influência indevida. Muitas vezes nem sequer sabe quem é isolada do grupo ou como viver fora dele.

Essa pessoa terá de começar a tomar decisões por si mesma, sem consultar a opinião do líder ou o material fornecido por este como guia. Terá de desconstruir toda a formatação implantada na sua mente que a leva a ver o mundo através das lentes da seita. É um processo muito difícil e moroso. Por vezes demora vários anos, e, com frequência, essa pessoa não consegue libertar-se totalmente de todas as formações a que foi sujeita.

Mas é possível qualquer indivíduo, com o devido acompanhamento, tornar-se autónomo e descobrir o seu verdadeiro

eu. Esta terapia é muitas vezes importante para algumas pessoas, especialmente para não voltarem a cair nas garras de outro grupo destrutivo.

Quando o membro do grupo fica sem acesso a tais orientações e ao mesmo tempo é rejeitado pelo grupo como alguém inferior, não merecedor e pecador, fica tanto desorientado como destruído emocionalmente. Só quem passa por isso sabe dar o valor!

Por isso apelo a que mais psicólogos, psiquiatras e terapeutas de saúde mental se foquem no estudo desta questão das seitas destrutivas. Embora pareça que não existem pessoas em Portugal que sofrem com esta experiência, elas existem! Tenho falado com muitas delas, e são cada vez mais.

Mas a vergonha e o embaraço de expor publicamente este assunto, como referi, leva a que muitas vezes, mesmo consultando um profissional de saúde mental, ocultem esse lado da vida. E muitas vezes é exactamente nessa experiência de vida que reside a base dos seus problemas psicológicos.

Mesmo as Testemunhas de Jeová que consultam terapeutas ou médicos ocultam muitas vezes a sua religião, porque são incentivadas a fazê-lo pelos líderes, pois isso poderá «trazer vitupério» à organização e ao nome de Jeová.

A revista *Despertai!* disse certa vez:

«Como regra, para um cristão ir a um psiquiatra mundano é uma admissão de derrota, isso significa “ir ao Egipto em busca de ajuda” (Isaías 31:1). Muitas vezes, quando uma Testemunha de Jeová procura um psiquiatra, ele tenta convencê-lo de que os seus problemas são causados pela sua religião, ignorando inteiramente o facto de que as Testemunhas cristãs de Jeová são as mais bem orientadas, mais felizes e o grupo de pessoas mais contentes à face da Terra. Elas são as que têm menos necessidade de psiquiatras. Além disso, cada vez mais psiquiatras estão recorrendo à hipnose, que é uma forma demoníaca de sabedoria mundana.»^[167]

Embora esta postura tão dogmática contra a consulta de psiquiatras e psicólogos tenha vindo a diluir-se com o tempo, ainda assim continua a ser inculcado na mente das Testemunhas de Jeová o cuidado a ter para não deixarem o assunto da religião vir à baila durante a sessão.

A organização tem consciência de que tanto o psicólogo como o psiquiatra saberão identificar os traços de personalidade e as psicopatologias existentes na Testemunha e como estas se podem relacionar com a sua vivência religiosa, tão castradora e altamente sufocante do ponto de vista da identidade pessoal e da visão do mundo.

Por isso não admira que este tipo de alertas seja dado pelos líderes. Ninguém melhor que um médico e terapeuta de saúde mental para desconstruir a realidade criada dentro do grupo!

Ao olhar o passado, depois de tantos anos dedicados ao serviço de uma organização religiosa que hoje considero como «seita destrutiva», não posso deixar de reflectir sobre o caminho percorrido.

Já o aceitei como a minha História e a minha aprendizagem. Através da minha experiência de vida, pude conhecer o lado positivo e menos positivo das pessoas. Sei dar valor ao que é pertencer a um grupo de alto controlo e por isso estou em boa posição de ajudar outros que se encontram em processo de saída. Já passei por todas as fases por que agora muitos estão a passar.

Mas uma coisa garanto: vale a pena sair! Não se esqueça de que os líderes de um grupo de alto controlo só têm o poder que lhes permitir ter. A partir do momento em que decidir sair e não mais se justificar ou pedir permissão para algo, o seu poder vai desvanecer-se a olhos vistos, e eles não saberão o que fazer. Ou melhor, a única saída que têm é expulsarem-no do grupo! Torna-se-á uma *persona non grata*.

Mas ficará livre para viver a sua vida e tomar as suas decisões sem ter de olhar por cima do ombro, com medo de que alguém o veja a fazer algo que a seita não permite.

A única vida que temos com toda a certeza garantida é esta. Não a desperdice, gastando o seu tempo a seguir homens que não são nem melhores nem mais iluminados que o leitor.

Tome as rédeas da sua vida e liberte-se dos grilhões de pertencer a um grupo religioso com um longo histórico de falsas profecias, ensinamentos inconstantes e incoerentes e políticas que muitas vezes roçam a perversidade.

Mas, acima de tudo, seja coerente e esteja alinhado com a sua consciência. Lutar ou ir contra ela apenas o deixará psicologicamente doente e acabará por destruí-lo enquanto ser único e singular.

Agora que conhece a minha história, bem como os factos que relatei e que desmascaram esta pseudo-religião cristã, cabe a si e somente a si a decisão de permanecer nela ou de se afastar, caso esteja envolvido. Mas uma coisa é certa: depois de conhecer a fundo a suposta «verdade» que as Testemunhas de Jeová afirmam ter, nada mais será como antes.

Para mim, que investi cerca de dez anos em pesquisas profundas acerca da religião, ainda enquanto Testemunha de Jeová dedicada e ancião congregacional, vejo como as palavras de Jesus aos seus discípulos são verazes:

«E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.»[168]

Faço votos sinceros de que estas palavras também se cumpram na sua vida e que, independentemente dos anos de vida que ainda lhe restem nesta terra, os possa viver de modo pleno, sem as amarras de pertencer a uma «seita destrutiva», seja esta ou outra qualquer.

A montanha por achar

A montanha por achar
Há-de ter, quando a encontrar,
Um templo aberto na pedra
Da encosta onde nada medra.

O santuário que tiver,
Quando o encontrar, há-de ser
Na montanha procurada
E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,
Ver-se-á que só consiste
Na procura da verdade,
Porque a vida é só metade.[169]

Quem são as Testemunhas de Jeová?

Origem: Charles Taze Russell e o movimento dos Estudantes da Bíblia

A maioria das pessoas desconhece a origem deste movimento religioso que até há poucas dezenas de anos era hostilizado e perseguido no nosso país. Espero que depois da leitura deste breve resumo fique a conhecer melhor a génese deste grupo, que veio a tornar-se, nos últimos anos, uma das religiões com maior crescimento em Portugal[170].

Quando se aborda a questão histórica em relação às origens da religião, as Testemunhas de Jeová costumam afirmar que não são uma seita e que «não saíram de nenhum grupo religioso»[171]. Mas será verdade? Basta pegar no livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, produzido pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, e lê-lo de modo objectivo para perceber que este movimento religioso não surgiu do ar. Nasce num determinado contexto e época da História dos Estados Unidos da América, onde o fervor religioso, em especial relacionado com o movimento adventista, produz diversas manifestações religiosas que resultaram no surgimento de vários movimentos religiosos que partilham entre si muitas das suas doutrinas.

Assim, as Testemunhas de Jeová nascem na parte final do século xix, como produto dos movimentos adventistas norte-americanos, do evangelismo britânico norte-americano do século xix e do metodismo e milenarismo que resulta tanto do anglicanismo do século xvii como do não conformismo inglês[172].

Para entendermos as Testemunhas de Jeová enquanto

movimento religioso novo, como a maioria dos académicos o encara, é necessário entender o contexto em que ele surgiu. E acredite quando digo que as Testemunhas de Jeová na actualidade pouco ou nadatêm que ver com o movimento religioso criado originalmente por aquele que é considerado o seu fundador: Charles Taze Russell.

Charles Taze Russell nasceu a 16 de Fevereiro de 1852 em Allegheny (hoje parte de Pittsburgh), Pensilvânia, Estados Unidos, numa família presbiteriana profundamente religiosa. Seus pais, Joseph L. e Eliza (Birney) Russell, eram ambos de descendência escocesa-irlandesa e incutiram nele, desde criança, o fervor religioso e a profunda reverência para com as Sagradas Escrituras. A mãe morreu quando ele tinha apenas 9 anos de idade, o que certamente marcou a sua personalidade, pois, segundo relatos, nutria uma profunda devoção e apego por ela[173]. Já jovem adulto, Charles Taze Russell e o pai filiaram-se na Igreja Congregacional encontrando nela conceitos doutrinários que para si fizeram sentido. Mas a sua busca religiosa não ficou por aqui.

Com apenas 14 anos, Russel viajava centenas de quilómetros como agente comercial da loja de roupa masculina do pai. Rapidamente se tornou sócio e alargou o negócio a várias regiões.

É durante esta época que Russell tem contacto com ideias adventistas que punham em causa alguns dos conceitos religiosos que tinha vindo a questionar, em especial o conceito de predestinação e de um lugar de tormento para onde vão todos os iníquos depois da morte física, o tão temido «Inferno de Fogo», pregado com fervor a partir dos púlpitos pelos pregadores protestantes. Questionava-se:

«Um Deus que usasse seu poder para criar seres humanos, prevendo e predestinando que seriam atormentados eternamente, não poderia ser nem sábio, nem justo, nem amoroso. Suas normas seriam mais baixas do que as de muitos homens.»[174]

Assim, numa noite de 1869, Russell deparou-se com um serviço religioso adventista, onde o pregador do Advento Cristão, Jonas

Wendell, proferiu um sermão. Aquilo que ouviu deste pregador levou-o decerto a investigar por si mesmo aquilo que a Bíblia realmente dizia sobre o tema do inferno, da imortalidade da alma, da Trindade e também aquilo que veio a ocupar grande parte dos seus escritos — a interpretação de passagens proféticas com respeito ao Segundo Advento ou Volta de Cristo. De salientar que Russell nunca chegou a tornar-se Segundo Adventista, mas tão-somente aceitou como verdadeiros certos ensinamentos deste movimento.

Após este encontro, iniciou-se um pequeno grupo de estudo da Bíblia sob a sua liderança. Foi deste pequeno grupo de estudo bíblico que gradualmente veio a resultar um movimento distinto: os Estudantes da Bíblia ou, conforme os seus opositores gostavam de o apelidar de modo pejorativo, os *Russelitas*.

É preciso mencionar que Charles Taze Russell foi beber muita da sua interpretação bíblica profética e até conceitos doutriniais a homens como George Stetson[175] e George Storrs[176], como ele mesmo afirmou:

«O estudo da Palavra de Deus com esses queridos irmãos levou, passo a passo, a pastagens mais verdejantes e brilhantes para o mundo, embora não tenha sido senão em 1872 que eu obtive uma imagem clara do trabalho de nosso Senhor como nosso preço de resgate, que descobri que a força e a fundação de toda a esperança de restituição residem nessa doutrina.»[177]

Em Março de 1879, Russell casou com Maria Frances Ackley, e, no mês de Julho desse mesmo ano, foi publicada a revista *Torre de Vigia de Sião*. Em 1881, a Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião é organizada e, em 1884, é legalmente registada na Pensilvânia.

Apenas uma curiosidade: ao contrário do que a maioria das Testemunhas de Jeová acredita, **Charles Taze Russell não foi o primeiro presidente da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, tal como hoje é conhecida**. O nome do primeiro presidente foi William Henry Conley[178], sócio maioritário desta sociedade religiosa e homem com mais poder monetário, sendo Russel apenas o secretário-tesoureiro.

Esta informação sobre o primeiro presidente da Torre de Vigia foi descoberta por Barbara Anderson nos arquivos da Torre de Vigia, enquanto reunia informações para o livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*. Ela relata o achado surpreendente na sua biografia[179].

Outro aspecto interessante e pouco conhecido é que entre os primeiros sete directores da Sociedade, Maria, a esposa de Russell, era um deles[180]. Imagine o que era agora uma mulher como directora da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, o equivalente a um membro do Corpo Governante! Para a Testemunha de Jeová dos dias de hoje, seria impensável.

Mas, para Russell, o género não era um impedimento. A sua mulher serviu também na qualidade de secretário-tesoureiro até à sua separação. Maria foi também editora associada da Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião até ao fim do ano de 1896[181]. Assinou e editou artigos de *A Sentinela*, escreveu um livro de hinos e foi co-autora nos primeiros quatro dos seis volumes de *Estudos das Escrituras* (originalmente intitulados *Aurora Milenar*), os quais tornaram o seu marido famoso e proeminente[182]. Tinha mais estudos do que Russell, tendo até recebido formação como professora em Pittsburg[183]. Tudo indica que muito do sucesso dos escritos de Russell se deveu às qualidades de escritora e revisora de Maria Russell, cujo talento rivalizava com o do marido[184].

Apesar do reconhecimento obtido junto da comunidade dos Estudantes da Bíblia, o percurso de Charles Taze Russell não foi propriamente imaculado do ponto de vista moral, pois, enquanto líder dos Estudantes da Bíblia, foi acusado de coisas bem graves, como de lucrar com a venda de um suposto «trigo milagroso» que se revelou uma fraude comercial[185]. Foi também acusado pela mulher, Maria Russell, de conduta imprópria com uma jovem, de nome Rose Ball, que vivia na casa deles e trabalhava com Russell na Sociedade. Depois de ter sido levado a tribunal pela mulher, seguiu-se o divórcio[186]. Posteriormente, Maria revelou que Russell não mantinha relações sexuais com ela, tendo inclusivamente existido um acordo pré-nupcial em que o facto teria ficado acordado[187].

Como vimos, Charles Taze Russell foi o fundador do movimento religioso conhecido como Estudantes da Bíblia, que, surpresa das surpresas, ainda hoje existe (ao contrário do que a organização das Testemunhas de Jeová quer fazer crer)[188].

Charles Taze Russell, anteriormente designado por Pastor, foi um escritor e orador prolífero[189], tendo escrito no decorrer de cerca de 37 anos seis volumes da série *Aurora do Milénio*, mais tarde rebaptizado *Estudos das Escrituras*. Nesse tempo, Russell também escreveu tratados, folhetos e artigos da Sociedade Torre de Vigia, do qual era o presidente e, claro, a revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence*, hoje conhecida como a revista *A Sentinela*[190].

Russell era de tal modo venerado pelos seus seguidores que estes acreditavam que era o «escravo fiel e prudente» de Mateus (capítulo 45), sendo também apelidado de mensageiro da Igreja de Laodiceia», com referência ao livro bíblico de Apocalipse[191].

Quando morreu, em 1916, durante uma viagem de pregação pelos Estados Unidos, deixou apenas os seus escritos e um testamento[192], onde delineava a sua vontade final com respeito à forma como deveria ser gerida a Sociedade Torre de Vigia, que havia fundado.

Refundação: O cisma de Joseph Franklin Rutherford e um novo nome

É nesta altura que entra em cena Joseph Franklin Rutherford, um homem que veio a revelar-se déspota, arrogante, alcoólico, agressivo e de moral duvidosa. Mas não é esta imagem que transparece nas publicações da Torre de Vigia. Sob o subtítulo «Formação de Rutherford», o *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976 diz:

«O próprio Rutherford era corajoso lutador pela verdade. [...] Rutherford sempre manifestou profundo amor cristão por seus associados», disse A. H. Macmillan, «e

era muito bondoso de coração, mas, por natureza, não tinha a mesma disposição branda e quieta de Russell. Era direto e franco e não escondia seus sentimentos. Sua franqueza, mesmo quando dita com bondade, às vezes era mal interpretada. Mas, só era presidente por muito pouco tempo quando se tornou evidente que o Senhor escolhera o homem certo para o cargo.»[193]

Mas como assumiu J. F. Rutherford a presidência da Sociedade Torre de Vigia e se tornou o seu segundo presidente? E que provas existem de que foi uma pessoa tal como a descrevi?

Rutherford nasceu a 8 de Novembro de 1869, em Boonville, Missouri (Estados Unidos). Não se conhece muito da história da sua infância, mas sabe-se que cresceu numa quinta e foi criado por pais baptistas, que seguiam uma disciplina restrita. Após a sua educação escolar, foi aprendiz do juiz E. L. Edwards, tornando-se subsequentemente advogado. Serviu inclusivamente durante quatro anos como promotor público e umas poucas vezes como juiz substituto[194].

Em 1894, adquiriu alguns livros de Russell através de duas mulheres que o visitaram no seu escritório, que despertaram a curiosidade de conhecer pessoalmente o Pastor Russell. Isto resultou numa parceria, visto que Rutherford se disponibilizou para trabalhar para a sociedade sem quaisquer custos, ficando responsável pela parte jurídica.

Acabou por ser convidado a ir para o Betel de Brooklyn e rapidamente se tornou o conselheiro jurídico da sociedade, em 1907. Através de vários testemunhos de pessoas que viveram nessa época, sabe-se que Rutherford tinha uma personalidade carismática e era perito em formar alianças com indivíduos que considerava importantes para atingir os seus objectivos. Um deles foi sem dúvida A. H. Macmillan, assistente pessoal de Russell e que o substituína na sua ausência.

Este homem foi a chave para que Rutherford, após a morte de Russell, chegasse ao poder. Através de jogadas de bastidores, Rutherford conseguiu ser eleito como segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, a 6 de Janeiro de 1917.

O próximo passo de Rutherford foi afastar da organização todos

aqueles que estavam contra a sua eleição como presidente e que manifestavam esse descontentamento abertamente. Como o fez?

Rutherford usou uma artimanha jurídica, onde alegou que os quatro directores, que eram seus opositores imediatos, não estavam a exercer o cargo de modo legal, segundo a lei da Pensilvânia. Assim, enquanto presidente da Sociedade Torre de Vigia, poderia tomar decisões unilateralmente e sem os consultar.

Aproveitando a ocasião conturbada que se vivia e de modo a lançar mais achas na fogueira, anunciou sem qualquer aviso prévio o livro *The Finished Mystery* [O Mistério Consumado], apresentado como uma obra póstuma do Pastor Russell. Este seria o «sétimo volume» dos seus *Estudos das Escrituras*.

Deflagrou assim duas bombas ao mesmo tempo: anunciou a demissão dos quatro directores e logo de seguida o novo livro. O facto causou tal discussão na sede mundial entre Rutherford e seus opositores que a própria família de Betel não percebeu que tudo não passara de um estratagema para fazer parecer que os directores estavam, não apenas contra Rutherford, mas contra os desejos do falecido Pastor Russell[195].

Este primeiro acto após a sua presidência mostrou, perante a comunidade, que Rutherford tinha não só a vontade mas o poder de fazer as coisas à sua maneira. Era um verdadeiro autocrata, e foi desse modo absolutista que governou e moldou a Sociedade Torre de Vigia.

Rutherford começou então a usar o poder e estatuto que tinha para gradualmente mudar muitos dos ensinamentos de Russell, inclusivamente o funcionamento das «eclésias» ou «companhias», como na altura se chamavam as congregações[196]. Neste caso, determinou que os anciãos congregacionais deixassem de ser eleitos por votação dos membros da eclésia, como até então, e passassem a ser designados pela própria Sociedade Torre de Vigia através dos seus representantes. Isto assegurava um poder total sobre quem presidia às congregações, garantindo que tais homens estivessem alinhados com o poder central, na sede mundial[197].

Este poder absoluto sobre as congregações fez com que os homens eleitos fossem totalmente leais à sociedade e nunca a

contradissem em nada, por mais ridículas ou enganosas que fossem as orientações, regras ou doutrinas desta.

Aquilo que Rutherford iniciara em Brooklyn, após a morte de Russell, estendeu-se a todas as congregações de associados espalhados por toda a terra.

Nesta altura já não estamos a falar dos Estudantes da Bíblia como grupo, mas das Testemunhas de Jeová tal como hoje existem. Muitos dos Estudantes da Bíblia abandonaram o grupo após o cisma de 1917 para nunca mais regressarem (quando Rutherford assumiu o poder e demitiu os directores que eram seus adversários). Em 1931, em Columbus, no Ohio, Rutherford leu uma resolução que apresentava a mudança de nome para o grupo religioso que até então se identificara como Estudantes da Bíblia, de modo a fazer um corte definitivo com o passado:

«PORTANTO, a fim de que a nossa verdadeira posição fique definida e conhecida, e crendo também que isto se harmoniza com a vontade de Deus, tal como se acha expressa na sua Palavra, RESOLVE-SE:

«QUE, apesar de termos grande amor para com o irmão Charles T. Russell, por causa de seu trabalho, reconhecendo, com alegria, que dele se serviu o Senhor e abençoou grandemente o trabalho que fez, todavia, não achamos harmonioso com a Palavra de Deus sermos chamados de “russelitas”; que a Sociedade de Tratados Bíblicos Torre de Vigia, a Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia e a Associação do Púlpito do Povo mais não são do que simplesmente nomes de corporações, organizadas e dirigidas por uma companhia de pessoas cristãs, a fim de efetuar eficazmente o nosso trabalho, em obediência aos mandamentos de Deus, não sendo cabível, portanto, que tais nomes se nos apliquem como coletividade cristã, seguidora que é das pisadas de nosso Senhor e Mestre, Cristo Jesus que, naturalmente, estudamos continuamente a Bíblia, mas como associação de cristãos declinamo-nos de ser denominados de “estudantes da Bíblia” ou de quaisquer nomes semelhantes, como meio de identificar a nossa posição perante o Senhor; sim, recusamos terminantemente o sermos designados pelo nome de qualquer pessoa humana;

«QUE, tendo sido comprados com o precioso sangue de Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor, justificados e gerados por Deus Jeová e chamados para o seu reino, nós, sem a menor hesitação declaramos nossa solidariedade plena, e inteira lealdade e devoção a Deus Jeová e ao seu reino, que somos servos de Deus Jeová, por ele comissionados para trabalhar em seu nome, e, em obediência ao seu mandato, entregar ao povo o testemunho de Jesus Cristo, e fazer notório entre todas as gentes que Jeová é o Deus verdadeiro e onipotente, e é por isso que aceitamos com alegria cordial o nome que a boca do Senhor Deus ordenou que, pelo qual, fossemos chamados; de sorte que, de agora em diante, desejamos ser conhecidos e chamados pelo nome de — Testemunhas de Jeová.»[198]

Com este golpe final, Rutherford acabava por eliminar o último vestígio de ligação com o fundador dos Estudantes da Bíblia, Charles Taze Russell[199]. Segundo inúmeros testemunhos, Rutherford não suportava a veneração que muitos membros da Sociedade mantinham para com o falecido Pastor. Até o uso da barba se tornou repreensível[200]!

Ao mudar o nome do grupo religioso, assim como havia mudado muitos dos ensinamentos de Russell, Rutherford estava agora na posição superlativa que sempre havia almejado. Era a sua teocracia, sob o nome que ele escolhera e sem qualquer aprovação de outros directores da Sociedade Torre de Vigia. Afinal, a Torre de Vigia era sua em todos os aspectos.

Olin Moyle, advogado a quem foi pedido que fosse para Betel em 1935 para ajudar a Sociedade Torre de Vigia nos casos legais que envolvessem «liberdade de adoração», descobriu que o Betel era tudo menos o «paraíso espiritual» que a Sociedade descreve. A sua carta aberta[201] de renúncia é reveladora da personalidade e do comportamento de J. F. Rutherford:

«Prezado Irmão Rutherford:

Esta carta visa notificá-lo da nossa intenção de deixar Betel a 1 de Setembro próximo. As razões para sairmos são apresentadas aqui e pedimos que lhes dê consideração cuidadosa e ponderada.

As condições em Betel são um assunto de preocupação para todo o povo do Senhor. Em nenhum lado entre homens imperfeitos pode haver perfeita liberdade da opressão, da discriminação e de tratamento injusto, mas na sede do Senhor na terra as condições deviam ser tais que a injustiça seria reduzida ao mínimo. Não é esse o caso aqui em Betel e deve ser feito um protesto contra isso. Eu estou numa boa posição para fazer tal protesto porque o tratamento que você me dispensou tem sido em geral educado, com consideração e justo. Posso fazer este protesto nos interesses da família de Betel e do trabalho do Reino sem a introdução de qualquer interesse pessoal na matéria.

[...]

Nós dizemos ao mundo que todos na organização do Senhor são tratados da mesma forma, e recebem o mesmo no que diz respeito a bens deste mundo. O irmão sabe que isto não é verdade. Os factos não podem ser negados. Veja por exemplo, a diferença entre as acomodações fornecidas a si e aos seus assistentes pessoais, comparadas com as que são fornecidas a alguns dos seus irmãos. Você tem muitas, muitas casas, a saber, Betel, Staten Island, Califórnia, etc. Sou informado de que até na Fazenda do Reino é mantida uma casa para seu uso exclusivo durante os curtos períodos de tempo que passa lá. E o que é que os irmãos da fazenda recebem? Quartos pequenos, sem aquecimento durante o tempo de inverno muito frio. Eles vivem nos seus baús como campistas. Isso pode ser correto se for necessário, mas existem muitas casas na quinta que continuam vagas ou usadas para outros propósitos, que poderiam ser usadas para dar algum conforto àqueles que trabalham tantas horas e tão arduamente.

[...]

Sob a sua tutela tem crescido uma glorificação do álcool e uma condenação da abstinência total que é imprópria. Não é da minha conta se um servo de Jeová bebe licor alcoólico, exceto em dar uma ajuda a um irmão que estiver tropeçando por causa disso. Se sou um abstêmio total ou não, ninguém tem nada a ver com isso. Mas em Betel não é assim. Parece haver uma política definida de introduzir os novos que chegam a Betel no uso de licor, e é mostrado ressentimento contra aqueles que não se juntam a eles. É dito que “uma pessoa não pode ser um verdadeiro betelita sem beber cerveja”.

[...]

Não foi uma tarefa fácil ou agradável escrever estas coisas para si, e é ainda mais difícil tornar este protesto efectivo através da saída de Betel.

Seu irmão no serviço do Rei,
OLIN R. MOYLE.»

Esta carta descreve bem a pessoa que foi o segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. É claro que a presidência de J. F. Rutherford ficou marcada por outras situações questionáveis e que nem todas as Testemunhas de Jeová conhecem.

Uma delas foi a sua tentativa de cair nas boas graças de Adolf Hitler, quando este demonstrou hostilidade para com as Testemunhas de Jeová, na Alemanha. Rutherford fê-lo escrevendo-lhe uma carta cordial, onde elogiava os ideais políticos de Hitler, mostrando-se solidário com o regime nazi e acusando os Estados Unidos e os «homens de negócios judeus» de estarem contra a actividade da Sociedade Torre de Vigia, por esta se ter recusado a «publicar propaganda antigermânica». Veja este excerto:

«Caro Chanceler

[...]

A sede de Brooklyn da Sociedade Torre de Vigia é — e sempre tem sido — extremamente amigável à Alemanha. Em 1918, o Presidente da Sociedade e sete membros da Diretoria nos Estados

Unidos, foram sentenciados a 80 anos de prisão, por motivo de que o Presidente se recusou a permitir que duas revistas nos Estados Unidos, as quais ele editava, fossem usadas para fazer propaganda de guerra contra a Alemanha. Estas duas revistas, *A Sentinela* e *Estudante da Bíblia* (mensal), foram as únicas revistas nos Estados Unidos que se recusaram a publicar propaganda antigermânica e, por esta razão, foram proibidas e suprimidas na América durante a guerra.

[...]

A conferência de 5.000 delegados também afirmou — como expresso na declaração — que os Estudantes da Bíblia da Alemanha estão lutando pelos mesmos elevados objectivos éticos e

ideais, os quais o governo nacional do Reich Alemão proclamou no que se refere à relação dos humanos com Deus, isto é: a honestidade do ser criado em relação ao seu Criador. A conferência chegou à conclusão de que não há quaisquer divergências entre os Estudantes da Bíblia da Alemanha e o governo nacional do Reich Alemão. Ao contrário, em relação aos objectivos puramente religiosos e apolíticos e o empenho dos Estudantes da Bíblia, pode-se dizer que estão em pleno acordo com os objetivos idênticos do governo nacional do Reich Alemão.

[...]

Ansiosos por sua gentil aprovação, a qual esperamos receber em breve, desejamos afirmar nossa mais alta estima ao honorável Sr. Chanceler.

Sinceramente,

SOCIEDADE TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS»[202]

Esta carta, bem como a *Declaração de Factos* enviada a Hitler, revela como Rutherford era perito na manipulação de pessoas. Mas o chanceler alemão não se deixou aliciar por estas jogadas de bastidores, e as propriedades da Sociedade Torre de Vigia mantiveram-se confiscadas e a obra proscrita. Nada feliz com este resultado, Rutherford lançou então uma campanha gigantesca contra Hitler, tanto nos Estados Unidos como na própria Alemanha. Quem pagou cara essa situação foram os milhares de Testemunhas de Jeová alemãs, perdendo os seus empregos e sendo presas e muitas delas deportadas para campos de concentração[203].

Com respeito à moral de Rutherford, existem também sérias acusações sobre o estilo de vida que mantinha. Segundo testemunhos de pessoas que conviveram de perto com o autoproclamado «juiz» J. F. Rutherford, este assistia frequentemente a espectáculos de burlesco com mulheres nuas ou seminuas[204], chegando a ter casos extraconjugais[205].

Rutherford e a mulher separam-se algum tempo depois de este

ter assumido a presidência da Sociedade Torre de Vigia. As razões para essa separação não são ainda totalmente conhecidas, embora existam duas linhas de opinião: a primeira era de que ela era doente e «não rendia ao juiz os seus direitos conjugais». A segunda opinião era de que o motivo ia além da doença e tinha mais a ver com animosidade entre o casal, devido ao temperamento colérico e altivo de Rutherford, assim como à sua grave dependência do álcool[206].

Quando Rutherford morreu de cancro, nem a ex-mulher nem o filho foram ao funeral[207]!

Expansão mundial: a globalização da religião

É a partir do terceiro presidente da Sociedade Torre de Vigia, Nathan Homer Knorr, que a organização se expande a um nível sem precedentes. Nathan, nascido a 23 de Abril de 1905, em Bethlehem, na Pensilvânia, era um homem com qualidades inatas para a administração.

Quando sobe ao poder na organização, esta enfrentava duras batalhas legais e uma perseguição sem precedentes nos Estados Unidos, devido à não saudação da bandeira, à recusa em prestar serviço militar e à forma aguerrida e proselitista de pregar[208].

Usando todos os meios legais ao seu dispor, empreendeu todos os esforços para ver respeitada a liberdade de crença e liberdade de expressão das Testemunhas de Jeová não apenas nos Estados Unidos mas nos países onde enfrentavam oposição, tanto governamental como religiosa.

Foi na sua presidência que grandes assembleias foram realizadas, as chamadas «Assembleias do Novo Mundo», no final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta do século xx. Estas assembleias tiveram assistências de até 123 707 pessoas, e isto apenas num local[209].

Knorr dinamizou e expandiu a pregação das Testemunhas de Jeová em vários sentidos. É dele a sugestão para a criação da Faculdade Bíblica de Gileade, que mais tarde se tornou a Escola

Bíblica de Gileade da Torre de Vigia. A escola visa treinar missionários que depois da formação são enviados para países onde a organização sente existirem poucas ou mesmo nenhuma Testemunhas de Jeová. Esta escola foi fundada em 1942[210].

Esta e outras mudanças organizacionais impeliram a mensagem das Testemunhas de Jeová cada vez mais longe e com maior impacto nas sociedades. Os presidentes da Sociedade Torre de Vigia que se seguiram apenas mantiveram e afinaram aquilo que tanto Rutherford como Knorr idealizaram.

Aquele que viria a tornar-se o quarto presidente da Sociedade Torre de Vigia, Frederick Franz, foi, durante a presidência de Knorr, o seu braço direito. Também tem sido apelidado de «oráculo» da Torre de Vigia pelos opositores, pois, na verdade, a maioria das matérias produzidas pela Torre de Vigia nessa época, com respeito à interpretação de profecias bíblicas e assuntos doutrinários, provinha da sua mente. Somos inclusivamente informados por várias fontes de que terá estado envolvido na criação e tradução da versão da Bíblia usada pelas Testemunhas de Jeová — *Tradução do Novo Mundo*.

Knorr era acima de tudo um homem de negócios e de administração e confiava implicitamente naquele a quem carinhosamente apelidavam de «Fred» Franz para matérias bíblicas de fundo.

O facto torna-se ainda mais claro quando, em 1975[211], comentou numa reunião de directores da sociedade:

«Há algumas coisas que sei — Eu sei que Jeová é Deus, que Cristo Jesus é Seu Filho, que ele deu sua vida como resgate por nós, que há uma ressurreição. De outras coisas, não tenho muita certeza. 1914 — eu não sei. Nós temos falado sobre 1914 durante muito tempo. Talvez estejamos certos e espero que estejamos.»[212]

O homem em quem tanto Knorr confiava, Frederick Franz, havia nascido em Covington, Kentucky, a 12 de Setembro de 1893. Era por isso bem mais velho que o presidente, tendo sido um dos braços direitos de Rutherford, aquando da sua presidência.

Nunca casou, vivendo praticamente toda a sua vida em clausura

na sede mundial. Existem inclusivamente rumores de que existia uma cumplicidade romântica entre Knorr, quando jovem, e o seu tutor Franz, e até um possível relacionamento homossexual[213]. É verdade que Knorr, já enquanto presidente, levantou a proibição de casamento dos membros da sede mundial, permitindo assim o seu próprio casamento. Mas as suspeitas são de que isso não passou de uma forma de esconder a sua própria homossexualidade[214], visto que outros casos entre membros do Corpo Governante se haviam tornado impossíveis de esconder, como foi o caso de Ewart Chitty e Leo Greenlees, tendo tido ambos de abandonar o corpo governante (mas jamais foram desassociados)[215].

A presidência de Knorr teve assim também os seus reveses, sendo o principal o falhanço profético acerca de 1975, algo que afectou muitíssimo a comunidade religiosa e levou à saída de milhares de membros na época.

Nathan Knorr morreu a 8 de Junho de 1977, profundamente desiludido e desgostoso com Fred Franz devido à falsa profecia para 1975. Frederick Franz morreu 15 anos depois, a 22 de Dezembro de 1992.

A este sucedeu Milton G. Henschel como presidente da Sociedade Torre de Vigia, mas sem o poder e estatuto dos anteriores presidentes[216].

Implantação em território português

A mensagem religiosa dos Estudantes da Bíblia chegou a Portugal nos idos anos vinte do século xx, mais concretamente em Março de 1925, quando um homem de nome George Young alcançou o território português vindo de Espanha[217], depois de ter servido no Brasil como peregrino[218].

O objectivo de George Young era servir de ponta-de-lança para Joseph Rutherford em Portugal e Espanha, distribuindo publicações da Sociedade Torre de Vigia com mensagens inflamatórias contra a

chamada cristandade, além das interpretações dogmáticas de que o «sistema de Satanás» estaria no limiar do fim.

O clima em Portugal na época estava tenso devido à situação política instável, onde o regime republicano sofria sucessivos ataques por parte de apoiantes monárquicos, republicanos radicais, socialistas, anarquistas e extremistas de direita, entre outros.

Foi exactamente nas vésperas da visita do segundo presidente da Sociedade Torre de Vigia, J. F. Rutherford, a Portugal que ocorreu uma nova tentativa de golpe de Estado (18 de Abril de 1925), tendo esta de ser adiada para Maio, altura das peregrinações dos católicos a Fátima. Depois de George Young fazer os necessários preparativos, a visita de Rutherford a Portugal concretizou-se e realizou-se uma palestra no Liceu Camões, em Lisboa, com o título: *Como Viver na Terra para Sempre*^[219].

Milhares tentaram entrar no recinto no dia 13 de Maio de 1925, mas apenas cerca de 2000 conseguiram ouvir da boca de Rutherford alguns dos ensinamentos que tinha para transmitir, tal como a mensagem acerca de 1914 e sua importância na cronologia bíblica. É claro que o ambiente tenso e mesmo contestatário de muitos dos presentes levou a que acabasse por abandonar o palco.

Independentemente da reacção de alguns dos presentes, o objectivo havia sido cumprido, e posteriores notícias sobre o evento, assim como vários anúncios publicados por George Young, ajudaram a disseminar o material publicado pela Torre de Vigia.

Young imprimiu em português o folheto *Milhões Que Agora Vivem Jamais Morrerão* e vários outros tratados de cariz doutrinal, que pretendiam rebater crenças tradicionais católicas^[220].

Foi também nesse ano, em Setembro, que a revista *A Torre de Vigia* (hoje designada *A Sentinela*) começou a ser publicada em português^[221].

A «obra», expressão habitualmente usada pelas Testemunhas de Jeová, andava em passo firme e decidido. Outros Estudantes da Bíblia vindos do Brasil seguiram-lhes as pisadas, e não tardou muito até ocorrerem os primeiros baptismos de novos Estudantes da Bíblia portugueses.

É claro que a implantação e subsequente interesse da

comunidade portuguesa na mensagem da Torre de Vigia, abertamente anticlerical e com um discurso de ódio contra a Igreja Católica em especial, levou a que, gradualmente, a oposição surgisse, por vezes de modo feroz.

Os anos foram passando, e, já usando o nome de Testemunhas de Jeová, os membros deste grupo religioso receberam a visita de Frederick Franz e Hayden Covington, actuando como representantes legais da Sociedade Torre de Vigia, isto em Maio de 1947. Percebendo as necessidades do território português e o campo fértil para uma «safra» de possíveis conversos, a Torre de Vigia enviou mais representantes estrangeiros para organizar e supervisionar o trabalho religioso.

«Formaram-se vários grupos em Lisboa, Vila Nova de Gaia, Açores e uns quantos mais pequenos na região de Braga e Torre de Moncorvo. Em 1959, chegam quatro casais missionários estrangeiros, atingindo-se, em 1960, a cifra de 800 membros e outros estudantes.»^[222]

No início dos anos cinquenta e novamente em 1960, foram realizadas tentativas de registar uma associação religiosa que representasse este novo movimento religioso no território português, mas sem sucesso. A actividade das Testemunhas acabou mesmo por ser proscrita em 1961.

Apesar de uma tentativa de ajuda por parte de autoridades dos Estados Unidos para que a proscrição fosse levantada, de nada serviu, e a proibição do exercício religioso por parte das Testemunhas de Jeová não apenas aumentou como se intensificou. O Estado Novo perseguia agora de forma aberta todos aqueles que praticassem esta confissão religiosa, e muitas Testemunhas de Jeová acabaram perseguidas e presas pela PIDE.

Lares foram vasculhados em busca de literatura religiosa, e nem sequer a Bíblia era permitida^[223]. A perseguição movida às Testemunhas de Jeová em Portugal só se pode comparar em termos de intensidade e crueldade com a perseguição do Estado Novo aos comunistas. Uma Testemunha que sofreu essa crueldade conta como foi tratada num interrogatório, pela PIDE:

«Fui acusado de atividades subversivas e de ter alguma ligação com o comunismo. Durante três meses fui submetido a interrogatórios e a espancamentos brutais num esforço para me forçar a admitir que eu era um comunista. Quatro ou cinco agentes lançavam, ao mesmo tempo, perguntas tentando criar confusão. Os interrogatórios realizavam-se sempre à noite, quando a minha resistência estava mais baixa, e com o rádio a tocar para abafar qualquer grito.»^[224]

Um evento caricato revela até que ponto, na época, o Estado português foi para intimidar os membros desta religião. Um artigo escrito pela Associação das Testemunhas de Jeová com o objectivo de ser entregue ao Estado Português, com o título *A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal — Implantação Histórico-Social*, p. 5, relata:

«Nenhuma história da luta pela liberdade religiosa neste país ficará completa sem a referência a um julgamento no tribunal Plenário Criminal de Lisboa, em Junho de 1966. Na génese do respectivo processo judicial esteve a detenção pelas autoridades policiais de 49 Testemunhas de Jeová da congregação Feijó, reunidos para adoração no dia 10 de Junho de 1965 no Laranjeiro, Almada.

Entre outros atropelos à justiça, foram realizadas detenções e prisões ilegais que culminaram com o requerimento de *Habeas Corpus* para mais de um dos detidos. Em vão, porque tal requerimento foi indeferido. Chegou então o julgamento. Em apenas dois dias, os jornais de Lisboa publicaram cerca de 4,50 metros de colunas de reportagens. O Supremo Tribunal confirmou a decisão do Plenário Criminal ao sentenciar as 49 Testemunhas de Jeová a penas de prisão que variavam entre quarenta e cinco dias e cinco meses e meio, unicamente pelo “crime” de se reunirem para adoração. O Delegado do Ministério Público classificou os réus como “autores materiais do crime contra a segurança do Estado”. O absurdo tornou-se ridículo quando os réus — “um perigo Nacional”, no dizer do acórdão — se apresentaram voluntariamente para cumprimento da pena, as mulheres na Cadeia das Mónicas e os homens na Cadeia do Limoeiro. Este julgamento chegou a ser chamado de “um aborto da justiça” e “o julgamento simulado de cristãos”, sendo condenado com veemência pela comunidade internacional.»

Nos poucos anos seguintes, sentiu-se que a oposição à obra das Testemunhas de Jeová estava a abrandar, e até mesmo políticos, como o Dr. Francisco Sá Carneiro, manifestaram a sua solidariedade para com a luta das Testemunhas de Jeová pela liberdade religiosa.

Isto apenas veio a ocorrer após a revolução de 25 de Abril, quando a Associação das Testemunhas de Jeová finalmente se tornou uma realidade. Aconteceu no dia 18 de Dezembro de 1974.

Desde essa época, as Testemunhas de Jeová aumentaram em número em Portugal, de modo gradual, mas persistente. Hoje, a comunidade religiosa conta com mais de 50 mil publicadores e, possivelmente, outros tantos simpatizantes.

Não deixa de ser irónico que uma religião cujos membros tanto sofreram pela causa da liberdade de religião e liberdade de expressão seja ela mesma inquisidora com respeito à liberdade de expressão dos seus simpatizantes.

Independentemente de sermos empáticos para com o sofrimento das primeiras Testemunhas de Jeová em Portugal, não se pode escamotear que a postura arrogante, confrontacional e desrespeitosa para com outros grupos religiosos, em especial o Catolicismo, contribuiu em muito para a oposição sofrida, não esquecendo, claro, o proselitismo intensivo e intrusivo em base semanal realizado pelos membros do grupo.

São as Testemunhas de Jeová uma seita destrutiva?

Uma das melhores formas de reconhecer se um grupo religioso pertence à categoria de seita destrutiva[225] é olhar para a forma como os membros são tratados quando saem dele, seja por livre vontade ou devido a expulsão.

Os peritos em seitas destrutivas sabem há muito que não existe saída honrosa para aqueles que desejam abandonar tais grupos. Na Cientologia, por exemplo, tais indivíduos são chamados «pessoas supressivas»; nos Mórmons e Testemunhas de Jeová, esses membros são comumente vilipendiados e catalogados de «apóstatas». Coincidência ou não, tais comunidades têm origem nos Estados Unidos, onde grupos religiosos como os Amish têm uma forma extremista de tratar os membros que decidem abandonar o grupo, chegando a ostracizá-los. No caso das Testemunhas de Jeová, o tratamento cruel dado tanto aos que são expulsos por alguma falha como àqueles que saem por querer não deixa margem para dúvidas.

Mas existem outras características próprias de seitas destrutivas e grupos de alto controlo que, quando analisados em pormenor, revelam que as Testemunhas de Jeová se enquadram bem nessa classificação.

No livro *Take Back Your Life — Recovering from Cults and Abusive Relationships*, as autoras Janja Lalich e Madeleine Tobias criaram uma lista que ajuda o indivíduo a perceber se o grupo sectário em que está envolvido é, de facto, uma seita destrutiva ou grupo de alto controlo[226].

Leia e assinale, segundo a sua experiência pessoal, quais as

características que se enquadram na sua experiência como Testemunha ou ex-Testemunha de Jeová.

- ☐ A seita/grupo demonstra zelo excessivo de dedicação incondicional para com o(s) seu(s) líder(es) (esteja ele vivo ou morto) e encara o seu sistema de crença, ideologia e práticas como sendo a «verdade», como lei.
- ☐ Questionar, duvidar e dissidência são desencorajados ou mesmo punidos.
- ☐ Práticas que visam alterar padrões mentais (tais como meditação, cânticos, falar em línguas, sessões de denúncias ou rotinas de trabalho debilitantes) são usadas em excesso e servem para suprimir dúvidas acerca da seita/grupo e seu(s) líder(es).
- ☐ A liderança dita, por vezes em grande detalhe, como os membros devem pensar, agir e sentir (membros devem obter permissão para namorar, mudar de trabalho ou casar ou os líderes prescrevem o que vestir, onde viver, quando ter filhos, como discipliná-los e por aí adiante).
- ☐ A seita/grupo é elitista, afirmando um especial e exaltado estatuto para si mesmo, o(s) seu(s) líder(es) e seus membros. (O líder considera-se o Messias, um ser especial, um avatar ou o grupo e/ou líder está numa missão especial para salvar a humanidade.)
- ☐ A seita/grupo tem uma polarizada mentalidade de Nós *versus* Eles, causando conflito com a maioria da sociedade.
- ☐ O(s) líder(es) não é (são) responsável(eis) perante quaisquer autoridades (ao contrário, por exemplo, de professores, comandantes militares ou ministros, sacerdotes, padres, monges e rabis da maioria das denominações religiosas).
- ☐ A seita/grupo ensina ou insinua que os seus fins supostamente exaltados justificam o que quer que seja necessário. Isto pode resultar em

membros participando em comportamentos ou actividades que considerassem repreensíveis ou não éticos antes de se juntarem à seita/grupo (mentir à família ou amigos ou angariando dinheiro através de falsa caridade).

- ☐ A liderança induz sentimentos de vergonha e/ou culpa, de modo a influenciar e controlar os seus membros. Habitualmente, isto é feito através da pressão de grupo e de formas subtis de persuasão.
- ☐ A subserviência ao(s) líder(es) ou ao grupo requer que os membros cortem relações com família ou amigos fora da seita/grupo e que alterem radicalmente os seus objectivos pessoais e actividades que tinham antes de se juntarem ao grupo.
- ☐ A seita/grupo está preocupada em obter novos membros.
- ☐ A seita/grupo está preocupada em fazer dinheiro.
- ☐ Dos membros espera-se que dediquem grande quantidade de tempo à seita/grupo e a actividades relacionadas com a seita/ grupo.
- ☐ Os membros são encorajados ou requer-se deles que vivam e/ ou socializem apenas com outros membros da seita/grupo.
- ☐ Os membros mais leais (os «verdadeiros crentes») sentem que não pode existir vida fora do contexto da seita/grupo. Acreditam que não existe outro modo de vida correcto, e é comum sentirem medo de represálias para com eles ou outros, caso saiam da seita/grupo ou até de considerarem sair da seita/grupo.

Outro reconhecido autor e perito na área das «seitas destrutivas» e grupos de alto controlo é Steven Hassan. Criou um modelo eficaz para ajudar a avaliar se a organização religiosa a que pertence promove ou apresenta características «destrutivas» e de «controlo mental» e as usa nos seus membros. Chamou-lhe BITE.

Visto que a sigla BITE é retirada de palavras em inglês, vamos explicar o que significa cada uma delas:

B — Behavior (Comportamento)

I — Information (Informação)

T — Thoughts (Pensamentos)

E — Emotions (Emoções)

Quando estes quatro elementos estão sujeitos ao controlo de um líder ou líderes, pode dizer-se que a pessoa está sob «controlo mental» ou «influência social destrutiva».

É a partir da manipulação do comportamento da pessoa que o líder irá condicioná-la a agir do modo que estipula como certo.

Ao apresentar certa informação como desejável e de leitura/ /visionamento obrigatórios e anunciando livros, vídeos e notícias que apresentam informações negativas sobre o grupo como indesejáveis e prejudiciais ao membro, chegando a proibi-los, o líder faz o controlo de informação a que o membro pode aceder. Um claro exemplo actual disso mesmo pode ser visto na Coreia do Norte.

Ao condicionar os pensamentos do membro, fazendo-o acreditar que apenas naquele grupo existe a «verdade», a «salvação» ou a possibilidade de fazer algo realmente grandioso em prol da humanidade, o indivíduo ficará totalmente dependente desse grupo.

A doutrinação e a lealdade ao grupo desenvolverão no membro a noção de que apenas aquele grupo possui a chave para a felicidade e de que, caso o abandone, ficará desprotegido e sozinho, sem ter para onde ir. A fórmula muito usada na doutrinação, onde se regista uma clara diferenciação entre o «bem e o mal», entre «nós e eles», promoverá tal dependência e alienação da sociedade em geral, mesmo da família mais próxima.

É característico o desenvolvimento de fobias, que atingem o membro durante e após a saída do grupo. Por exemplo, acreditar que, se abandonar o grupo, sofrerá a ira divina, uma maldição, uma doença, uma morte agonizante ou a destruição total num evento divino futuro. Trata-se de algo operado através da doutrinação, em reuniões e estudos pessoais, onde a pessoa é formatada para pensar que o «mundo lá fora» é o nosso inimigo e que fora do grupo não existe verdadeira possibilidade de salvação.

Steven Hassan esclareceu no seu livro *Releasing the Bonds* que, apesar de a seita poder exhibir todos os quatro aspectos, nem todas revelam todos os indicadores de cada um dos critérios no mesmo grau. Por exemplo, alguns grupos podem exigir que os seus membros vivam em comunidades isoladas, mas raramente é o caso. Explica:

«É importante compreender que o controlo destrutivo da mente pode ser determinado quando o efeito global destes quatro componentes promove a dependência e a obediência a algum líder ou causa. Não é necessário que cada item na lista esteja presente. Membros de seita controlados mentalmente podem viver nos seus próprios apartamentos, ter de nove a cinco postos de trabalho, serem casados e com filhos, e ainda serem incapazes de pensar por si mesmos e agir de forma independente.»[227]

A lista que se segue[228] irá discriminar as várias componentes de cada um destes quatro factores (BITE), que identificam uma «seita destrutiva». É preciso ter em mente que não é necessário que cada item relacionado com cada factor esteja presente num caso em particular. Mas, se vários ou a maioria destes estiverem presentes em determinada seita, a probabilidade de esta usar de influência destrutiva aumenta exponencialmente e é um claro indício de que a pessoa está a ser manipulada pela liderança.

Tente perceber em cada um deles aqueles que se aplicam ao grupo a que pertence. Não procure racionalizar essa avaliação, pois cairá no erro de emocionalmente rejeitar certa característica como aplicando-se ao seu caso, mesmo que realmente se aplique. Tente analisar como se fosse um elemento exterior à situação. Faça uma avaliação objectiva e não subjectiva.

I. Controlo de comportamento

1. Regular a realidade física do indivíduo.
2. Ditar onde, como e com quem o membro vive e se associa ou se isola.
3. Quando, como e com quem o membro faz sexo.
4. Controlar tipos de roupas e penteados.
5. Regular a dieta: comida e bebida, fome e/ou jejum.
6. Manipulação e privação do sono.
7. Exploração, manipulação ou dependência financeira.
8. Restringir lazer, entretenimento ou tempo de férias.
9. Maior tempo gasto com doutrinação e rituais de grupo e/ou autodoutrinação, incluindo a Internet.

10. Permissão necessária para decisões importantes.
11. Pensamentos, sentimentos e actividades (de si mesmo e de outros), reportados aos superiores.
12. Recompensas e punições usadas para modificar comportamentos positivos e negativos.
13. Desencorajar o individualismo, incentivar o pensamento de grupo.
14. Impor regras e regulamentos rígidos.
15. Punir a desobediência por espancar, torturar, queimar, cortar, violar ou tatuar/marcar.
16. Ameaçar fazer dano à família e aos amigos.
17. Forçar o indivíduo a violar ou ser violado.
18. Incutir dependência e obediência.
19. Incentivar e envolver-se em punição corporal.

II. Controlo de informação

1. Decepção:
 - a. Reter deliberadamente informações.
 - b. Distorcer as informações para as tornar mais aceitáveis.
 - c. Mentir sistematicamente ao membro da seita.
2. Minimizar ou desencorajar o acesso a fontes de informação que não sejam da seita, incluindo:
 - a. Internet, TV, rádio, livros, artigos, jornais, revistas, outros meios.
 - b. Informação crítica.
 - c. Ex-membros.
 - d. Manter os membros ocupados para que não tenham tempo para pensar e investigar.
 - e. Controlar através do telefone com texto, chamadas e rastreamento pela Internet.
3. Compartimentalizar as informações das doutrinas para os de fora e para os de dentro.
 - a. Garantir que as informações não sejam acessíveis livremente.
 - b. Controlar informações em diferentes níveis e missões dentro do grupo.
 - c. Permitir que apenas a liderança decida quem precisa de saber o quê e quando.
4. Incentivar a espionagem de outros membros.
 - a. Impor um sistema de parceiros para monitorizar e controlar membros.
 - b. Relatar pensamentos, sentimentos e acções desviantes à liderança.
 - c. Garantir que o comportamento individual seja monitorizado pelo grupo.
5. Uso extensivo de informações e propaganda geradas pela seita, incluindo:
 - a. Boletins, revistas, periódicos, fitas de áudio, vídeos, YouTube, filmes e outros órgãos de comunicação social.
 - b. Citar declarações incorrectamente ou usá-las fora do contexto de fontes que não sejam da seita.
6. Uso antiético da confissão.
 - a. Informações sobre pecados usados para romper e/ou dissolver os limites de identidade.
 - b. Retenção do perdão ou absolvição.
 - c. Manipulação da memória, possíveis falsas memórias.

III. Controlo do pensamento

1. Exigir que os membros interiorizem a doutrina do grupo como verdade.
 - a. Adoptar o «mapa da realidade» do grupo como realidade.
 - b. Inculcar o pensamento a preto e branco.
 - c. Decidir entre bem *versus* mal.
 - d. Organizar as pessoas em nós *versus* eles (os de dentro *versus* os de fora).
2. Alterar o nome e a identidade da pessoa.
3. Uso de linguagem adulterada e de clichês que restringem o conhecimento, interrompem pensamentos críticos e reduzem complexidades em palavras simples e sonoras.
4. Incentivar apenas pensamentos «bons e adequados».
5. Técnicas hipnóticas são usadas para alterar estados mentais, minar o pensamento crítico e até regredir a idade o membro.
6. Manipulação de memórias e criação de falsas memórias.
7. Ensinar técnicas de parar o pensamento que fecham a experiência da realidade, interrompendo pensamentos negativos e permitindo apenas pensamentos positivos, incluindo:
 - a. Negação, racionalização, justificação, pensamento ilusório.
 - b. Entoar cânticos.
 - c. Meditar.
 - d. Rezar.
 - e. Falar em línguas.
 - f. Cantar ou cantarolar.
8. Rejeição da análise racional, do pensamento crítico e da crítica construtiva.
9. Proibir perguntas críticas sobre o líder, a doutrina ou a política.
10. Rotular sistemas de crenças alternativos como ilegítimos, maus ou inúteis.
11. Instalar um novo «mapa da realidade».

IV. Controlo emocional

1. Manipular e restringir a gama de sentimentos: algumas emoções e/ou necessidades são consideradas más, erradas ou egoístas.
2. Ensinar técnicas para parar emoções de modo a bloquear sentimentos de saudade, raiva ou dúvida.
3. Fazer a pessoa sentir que os problemas são sempre culpa sua, nunca dos líderes ou do grupo.
4. Promover sentimentos de culpa ou indignidade, como:
 - a. Culpa de identidade.
 - b. Não está a viver o seu potencial.
 - c. A sua família é deficiente.
 - d. O seu passado é suspeito.
 - e. As suas relações são imprudentes.
 - f. Os seus pensamentos, sentimentos e acções são irrelevantes ou egoístas.
 - g. Culpa social.
 - h. Culpa histórica.
5. Instilar o medo de:
 - a. Pensar de forma autónoma.
 - b. O mundo lá fora.
 - c. Inimigos.
 - d. Perder a salvação.
 - e. Sair ou ser ostracizado pelo grupo.

- f. Reprovação de outros.
- 6. Extremos de altos e baixos emocionais: bombardeamento de amor e elogio num momento e depois declarar que é um pecador horrível.
- 7. Confissão ritualística e às vezes pública de pecados.
- 8. Doutrinação por fobia: inculcar medos irracionais sobre deixar o grupo ou por questionar a autoridade do líder.
 - a. Nenhuma felicidade ou realização possível fora do grupo.
 - b. Consequências terríveis se sair: inferno, possessão demoníaca, doenças incuráveis, acidentes, suicídio, loucura, 10 mil reencarnações, etc.
 - c. Ostracismo daqueles que saem; medo de ser rejeitado por amigos e familiares.
 - d. Nunca há uma razão legítima para sair; quem sai é fraco, indisciplinado, não espiritual, mundano; lavagem cerebral por família ou conselheiro; sedução por dinheiro, sexo ou rock and roll.
 - e. Ameaças de fazer mal ao ex-membro e família.

A partir deste modelo BITE, Steven Hassan apresenta-nos no seu livro *Combating Cult Mind Control*^[229] um gráfico a que dá o nome de *Continuum de Influência*, que nos ajuda a distinguir entre modelos organizacionais construtivos e destrutivos, sejam eles religiosos ou não.



Fonte: *Combating Cult Mind Control* (2015) de Steven Hassan

Vejamos com exemplos práticos se as características enumeradas neste modelo BITE se enquadram na experiência religiosa vivida nas Testemunhas de Jeová.

Controlo do comportamento

O controlo do comportamento relaciona-se com a existência de um conjunto de regras e exigências impostas aos membros, regras estas que vão além do que seria expectável.

A organização religiosa das Testemunhas de Jeová é bem conhecida pela sua intrincada legislação interna, que estabelece critérios e normas para praticamente todas as facetas da vida das Testemunhas de Jeová, a maioria das quais nem sequer vem mencionada na Bíblia.

Aspectos como o penteado, o uso de barba, vestuário, tatuagens, música, dança, jogo, fumar, envolvimento em política, intimidade entre casais, feriados e entretenimento, emprego, etc., tudo é sujeito a regras e orientações, dando-se pouca margem ao uso de critérios ou consciência pessoais.

Se alguém deseja ter «privilégios» congregacionais, deve reportar um mínimo de horas (pelo menos a média da congregação) e estar disposto a servir em todas as funções que lhe sejam entregues. Desde tornar-se publicador, pioneiro, servo ministerial, ancião, betelita, missionário, tudo é objecto de um critério muito restrito e condicionado pela estrita obediência às «orientações» dadas.

Tudo isto contribui para que as Testemunhas criem um padrão comportamental enquanto grupo e todas sejam vistas e avaliadas segundo este. O livro *Brainwashing — A Ciência do Controlo do Pensamento*^[230], de Kathleen Taylor, apresenta um excelente resumo da pesquisa actual sobre a biologia e psicologia do cérebro e identifica como as organizações o usam para efeitos de controlo.

A mente é descrita como um rio. À medida que a água flui rio abaixo, erode o solo; quanto mais água flui rio abaixo mais fundo ele se torna. Do mesmo modo, quanto mais um pensamento é repetido, mais fortes se tornam as sinapses do cérebro que apoiam esse pensamento. Além disso, assim como um rio se torna maior quanto mais afluentes estejam a alimentá-lo, uma crença tornar-se-á cada vez mais forte e mais difícil de abandonar quanto mais outras crenças se liguem a ela. Por estas razões, a chave para o «controlo mental» é a repetição.

É portanto fácil de perceber por que motivo uma Testemunha de Jeová (assim como membros de outros grupos religiosos) tem crenças tão arraigadas:

- A regularidade e a natureza da repetição do calendário de actividades promovido pela Torre de Vigia;
- A ampla natureza desta informação, infiltrando todas as áreas da crença da Testemunha, desde tópicos relacionados com áreas diversas como a cosmologia, a paleontologia, a teologia, o passado histórico, a avaliação dos eventos actuais e a esperança do futuro profético.

De modo a alcançar o paraíso, as Testemunhas de Jeová são incentivadas a repetir por inúmeras vezes quer os ensinamentos da Torre de Vigia quer as actividades por ela estabelecidas:

- Oração: orar regularmente a Jeová;
- Associação: assistir regularmente às reuniões;
- Pregação: pregar regularmente;
- Estudo: estudar regularmente todas as publicações editadas pela Torre de Vigia, apresentadas como estudo bíblico.

Qualquer Testemunha de Jeová pode atestar que, depois de pôr em prática todas as actividades implementadas pela sua liderança, desde estudar as publicações, preparar as três reuniões semanais e assistir a elas, juntamente com a pregação, pouco tempo resta para outras actividades ou simplesmente para relaxar sem nada fazer.

Centenas de horas são gastas pelas Testemunhas em todo este processo contínuo e repetitivo, ano após ano.

Como mencionado, tal processo apenas reforça e aprofunda as crenças e a mentalidade das Testemunhas de que vivem «a verdade», como um rio que vai alargando o seu caudal à medida que provoca erosão no solo.

Deste modo, o controlo mental sobre os membros é facilmente conquistado!

Controlo do pensamento

O controlo do pensamento está relacionado, por exemplo, com o reforço da crença de que apenas o grupo ensina a «verdade» ou é o «caminho para a salvação». É algo que se mantém através da doutrinação dos indivíduos, em que o seu pensamento é condicionado a ver o mundo a «preto e branco», usando até linguagem própria dentro do grupo.

De modo a que este controlo do pensamento não seja desafiado, existem punições para aqueles que questionam as doutrinas da liderança ou que promovem pontos de vista alternativos. Não existe

margem para dúvidas, diferenças de opinião ou confronto de ideias. Segundo a Torre de Vigia, se não seguir a sua liderança, não pode adorar a Deus.

Veja alguns exemplos:

«Deixar de apoiar ativamente essa obra significa começar a seguir a Satanás. Não há meio-termo.» — *A Sentinela* de 15 de Julho de 2011, p. 18

«A pessoa serve ou a Jeová Deus ou a Satanás, o Diabo. [...] Não importa qual a sua resposta, se imitar o comportamento injusto do mundo você não estará servindo o verdadeiro Deus, Jeová.» — *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*, p. 208

«Você é assim tão diferente da maioria da humanidade que você pode dizer que eles estão servindo ao Diabo, mas você está servindo o Deus verdadeiro? Existe um povo que é tão diferente, e todos sabem que eles são diferentes em toda a parte do mundo. Eles são as Testemunhas de Jeová.» — *A Sentinela* de 1 de Março de 1968, p. 136 (edição em inglês)

Existem as generalizações feitas pela organização Torre de Vigia, usadas para diferenciar entre aqueles que integram a organização e os «mundanos», como estas:

«Quem, hoje, demonstra tal obediência aos mandamentos de Deus a respeito do amor?... apenas as Testemunhas de Jeová.» — *A Sentinela* de 1 de Maio de 1989, p. 28

«Se você é uma das raras pessoas que deseja servir ao Criador nos nossos dias, que quer dar-lhe devoção exclusiva, quer realizar obras que agradam aos seus olhos, que quer receber a sua aprovação e sua dádiva da vida, então deixe que Jeová, por meio do seu espírito, cultive em si uma boa condição de coração que é a marca do seu povo.» — *A Sentinela* de 1 de Junho de 1966, p. 341

O controlo de pensamento também é exercido ao limitar-se ou desencorajar-se a discussão interna por parte das Testemunhas. Nenhuma Testemunha de Jeová está autorizada a questionar as doutrinas ou entendimentos do seu Corpo Governante, e, ao contrário do que acontecia no primeiro século, não existe margem para discordância doutrinal sobre assuntos em que a Bíblia não é taxativa.

Notem o modo como a «organização» formula este assunto:

«Primeiro, visto que se deve manter a “unidade”, o cristão maduro tem de estar em união e em plena harmonia com concrentes no que se refere à fé e ao conhecimento. Ele não promove opiniões pessoais, nem insiste nelas, nem nutre ideias próprias referentes ao entendimento da Bíblia. Antes, tem plena confiança na verdade conforme revelada por Jeová Deus por meio do seu Filho, Jesus Cristo, e do “escravo fiel e discreto”. Por assimilarmos regularmente o alimento espiritual fornecido “no tempo apropriado” — por meio de publicações cristãs, reuniões, assembleias e congressos — podemos ter a certeza de mantermos com concrestãos a “unidade” na fé e no conhecimento.» — *A Sentinela* de 1 de Agosto de 2001, p. 14

«Alguns, devido à sua formação e criação, talvez estejam mais inclinados a ter raciocínio independente e vontade própria do que outros. Este talvez seja um ponto em que precisamos disciplinar-nos e “transformar a mente”, para poder perceber mais claramente qual é a “vontade de Deus”.» — *A Sentinela* de 1 de Fevereiro de 1987, p. 19

«Acautele-se dos que procuram apresentar suas próprias opiniões contrárias.» — *A Sentinela* de 15 de Março de 1986, p. 17

Algo que faz parte do controlo de pensamento e é comum em grupos de alto controlo é a linguagem adulterada.

O que é a linguagem adulterada? É o conjunto de termos e expressões únicos no grupo que as utiliza. Alguém de fora do grupo terá grande dificuldade em entender essa linguagem.

Será que as Testemunhas de Jeová também usam «linguagem adulterada»?

Sem dúvida que expressões como «a verdade», «novo mundo», «mundanos», «outras ovelhas», «restante ungido», «escravo fiel e discreto», «grande multidão», «Armagedão», etc., são termos e expressões que apenas as Testemunhas de Jeová usam e cujo significado conhecem de forma quase exclusiva. Ouvir tais expressões desencadeia na Testemunha um entendimento e uma emoção associados a essa mesma palavra.

Por exemplo, quando uma Testemunha de Jeová ouve a palavra «mundo», automaticamente a associa a todos os que estão fora da sua religião, religando-a a textos bíblicos que anunciam que este «mundo» passará. Isso reforçará a ideia de que apenas as

Testemunhas de Jeová serão salvas, visto apenas elas não fazerem parte do mundo!

Controlo da informação

Não é difícil de encontrar, no passado e no presente, exemplos de religiões e políticas ditatoriais que impediram os seus membros de verem e discutirem informação crítica ou de expressarem pontos de vista diferentes do grupo.

A informação é controlada de forma que a imagem do grupo seja sempre positiva e enalteça os feitos e qualidades deste.

Que dizer da Torre de Vigia? Tenta censurar de alguma forma a informação que não é produzida por ela? Vejamos o que afirma:

«Eles “introduzem quietamente” ideias corrompedoras. Assim como os contrabandistas, eles operam de modo clandestino, introduzindo subtilmente conceitos apóstatas. [...] Os apóstatas estão mentalmente “doentes” e tentam contaminar outros com os seus ensinamentos desleais. (1 Tim. 6:3, 4, *Bíblia Pastoral*) Jeová, o Grande Médico, diz que devemos evitar o contato com os apóstatas. [...] Nós não os recebemos em casa nem os cumprimentamos. Não lemos as suas publicações, não assistimos às suas apresentações na televisão, não acedemos aos seus sites na Internet nem adicionamos comentários aos seus blogs.» — *A Sentinela* de 15 de Julho de 2011, p. 16-17

«É um engano pensar que você tem de ouvir os apóstatas ou ler as publicações deles para refutar os seus argumentos. O raciocínio deturpado e venenoso deles pode causar dano espiritual e contaminar a sua fé como uma gangrena que se espalha rapidamente.» — *A Sentinela* de 15 de Fevereiro de 2004, p. 28

A Torre de Vigia tenta convencer os seus membros de que a única razão pela qual conhecem Deus é devido aos seus guias ou instrutores:

«De modo que aquele que duvida a ponto de se tornar apóstata arvora-se em juiz. Acha que sabe mais do que seus con cristãos, também mais do que o “escravo fiel e discreto”, por meio de quem aprendeu a melhor parte, senão tudo o que ele sabe sobre Jeová Deus e seus propósitos.» — *A Sentinela* de 1 de Novembro de 1987, p. 20

«Na organização de Jeová não é necessário gastar muito tempo e energia em pesquisa, pois existem irmãos na organização que estão designados para esse mesmo fim...» — *A Sentinela* de 1 de Junho de 1967, p. 338 (edição em inglês)

Conforme as Testemunhas de Jeová podem comprovar facilmente, mesmo a informação dentro da organização é controlada. Por exemplo, os publicadores, inclusivamente os servos ministeriais, não têm acesso ao conteúdo de inúmeras cartas que chegam da organização e das quais apenas os anciãos tomam conhecimento.

Por vezes, mesmo dentro dos corpos de anciãos, nem todos têm acesso a determinada informação, que por vezes fica apenas entre as comissões de serviço de cada congregação.

O *Manual dos Anciãos* é outra publicação restrita aos anciãos, e nem mesmo as suas mulheres podem ter acesso ao mesmo.

A informação é controlada em absoluto, desde o publicador até ao ancião, e isto aplica-se também ao acesso que estes têm a publicações mais antigas da Sociedade, que muitas vezes ou já não são publicadas por ela ou estão fechadas a sete-chaves nas bibliotecas congregacionais.

O *Ministério do Reino* de Setembro de 2007, na caixa «Perguntas Respondidas», trazia o seguinte artigo:

«Será que o “escravo fiel e discreto” aprova que grupos de Testemunhas de Jeová se reúnam à parte da congregação para realizar pesquisas ou debates sobre a Bíblia? — Mateus 24:45, 47.

Não. Mesmo assim, em várias partes do mundo, alguns dos que se associam com a nossa organização formaram grupos para realizar pesquisas independentes sobre assuntos bíblicos. Alguns fazem parte de grupos que pesquisam o hebraico e o grego usados na Bíblia a fim de analisar a exatidão da Tradução do Novo Mundo. Outros pesquisam assuntos científicos relacionados à Bíblia. Esses grupos criam páginas na internet e fóruns que têm por objetivo trocar ideias e debater seus pontos de vista. Também organizam palestras e produzem publicações para divulgar suas conclusões e complementar o que é transmitido em nossas reuniões cristãs e publicações.

[...]

Para os que desejam estudar e pesquisar mais a Bíblia, recomendamos usar as publicações «Estudo Perspicaz das Escrituras», «Toda a Escritura É Inspirada por Deus e Proveitosa» e outras produzidas pelo escravo fiel e discreto, como as que tratam das profecias encontradas nos livros bíblicos de Daniel, Isaías e Revelação. Elas fornecem muita matéria para estudo da Bíblia e meditação. Por meio delas

podemos ficar “cheios do conhecimento exato da vontade de Deus, em toda a sabedoria e compreensão espiritual, para andarmos dignamente com Jeová, com o fim de lhe agradar plenamente, ao prosseguirmos em dar fruto em toda boa obra e em aumentar no conhecimento exato de Deus”. — Col. 1:9, 10.»[231]

Este artigo é um claro exemplo de controlo de informação, onde o estudo independente é claramente criticado e condenado.

Este tipo de textos cria nas Testemunhas de Jeová uma desconfiança em relação a tudo o que seja informação externa à organização. Existe a real fobia por parte das Testemunhas, criada pela organização nas suas mentes, de que, se lerem informação sobre ela fora do que está aprovado pela liderança, cairão como presas de Satanás.

A organização segue assim as pegadas da Igreja Católica medieval, que condenava a leitura da Bíblia, afirmando que ela era perigosa, pois levava as pessoas a questionarem as doutrinas oficiais da mesma. Embora a organização não vá ao ponto de proibir a leitura da Bíblia, ainda assim esta só pode ou deve ser lida através dos entendimentos promovidos nas publicações da Torre de Vigia.

Será que isso é realmente «ler» a Bíblia e «pesquisá-la»? Dificilmente.

O controlo de informação vai mesmo ao ponto de a organização desincentivar os estudos académicos, pondo em jogo as qualificações de anciãos e servos ministeriais que desejem ir para a universidade ou apoiem os seus filhos a fazê-lo.

«Mas que dizer da educação superior, recebida numa faculdade ou universidade? Isso é amplamente encarado como vital para o sucesso. No entanto, muitos dos que buscam tal educação acabam com a mente cheia de propaganda prejudicial. Tal educação desperdiça valiosos anos da juventude que poderiam ser mais bem usados no serviço de Jeová.» — *A Sentinela* de 15 de Abril de 2008, pp. 4-5

O desencorajamento dado à pesquisa externa e à educação superior juntamente com informação enganosa dentro das publicações da Torre de Vigia, onde eruditos e cientistas são citados fora do contexto e onde as fontes de enciclopédias e livros não são mencionadas de forma a alguém certificar-se do que foi citado,

coloca as Testemunhas de Jeová numa posição de desvantagem em relação aos de fora (do «mundo»)[232].

Esta manipulação da informação e respectivo controlo criam na mente das Testemunhas a convicção de que apenas elas têm a «verdade» e de que a sua literatura é bem pesquisada e fiável.

Se soubessem como são enganadas neste aspecto!

Controlo da emoção

O controlo emocional faz uso do medo, da obrigação e da culpa. Vejamos alguns exemplos claros desse uso na organização das Testemunhas de Jeová:

- **Medo** — Armagedão e ostracismo;
- **Obrigação** — Contribuir para a organização através da doação de tempo e energia, por meio da pregação, construção de betéis e salões do reino, donativos monetários e assistência regular às reuniões;
- **Culpa** — Nunca fará o suficiente e tem de trabalhar arduamente para garantir a salvação futura, nunca na certeza de que a obterá.

Uso do medo

Uma das melhores e mais antigas técnicas de coerção usadas pela religião tem sido o medo. A própria organização já o reconheceu:

«As igrejas tendem a crer, consciente ou inconscientemente, que o medo — em vez de o amor — conquista a todos.» — *A Sentinela* de 15 de Julho de 1981, p. 32

A organização Torre de Vigia tem feito bom uso deste instrumento criando fobias e paranóias nos seus membros. Em vez de confiar no amor de seus servos por Deus, prefere usar o medo para os levar a fazer aquilo que entende ser o correcto.

Apresenta assim o mundo como um local sombrio, povoado na

sua maioria por pessoas que desejam fazer mal às Testemunhas ou pelo menos desencaminhá-las. Induz também o medo a Satanás e seus demónios, o medo de ser destruído no Armagedão e o medo de ser expulso da organização, perdendo todos os laços sociais e familiares que ainda permanecerem nela.

O medo do Armagedão tem sido uma das principais armas de terror usadas pela Torre de Vigia, e uma prova disso mesmo são as inúmeras ilustrações usadas nas suas publicações.

Tais ilustrações criam um profundo impacto na mente das Testemunhas, desde os mais pequenos aos mais velhos.

As ilustrações, muito vívidas, inculcam no subconsciente da Testemunha o verdadeiro horror que poderá ser o Armagedão e como aqueles que forem destruídos nesse dia irão sofrer às mãos de Deus.

É interessante que a organização, que tanto criticou a Igreja Católica pelo uso do medo para dominar o povo com respeito ao «inferno de fogo», passou a usar exactamente a mesma táctica com respeito ao Armagedão, criando em torno desta única menção bíblica um verdadeiro espectáculo gráfico de horrores (Apocalipse 16:16).

Mas o medo incutido nas Testemunhas de Jeová por parte da organização começa bem antes, com outro evento. Algo que as Testemunhas de Jeová têm vindo a temer tanto ou mais do que o próprio Armagedão: é a chamada «Grande Tribulação».

As Testemunhas de Jeová acreditam que a «Grande Tribulação» é o momento na história da humanidade que se inicia com a destruição de todas as «religiões falsas» e que culmina no Armagedão. A sequência de eventos, segundo o ensino *actual*, é esta:

«**Destruição das religiões falsas.** As religiões falsas vão ser destruídas com uma rapidez surpreendente. (Apocalipse 17:1, 5; 18:9, 10, 21) Deus vai usar os governos, representados pela Organização das Nações Unidas (ONU), para destruir as religiões falsas. — Apocalipse 17:3, 15-18.

Ataque à religião verdadeira. Numa visão, o profeta Ezequiel viu que um grupo de nações, descrito como “Gogue da terra de Magogue”, vai tentar destruir os que praticam a religião verdadeira. Mas Deus vai proteger os seus adoradores e não vai permitir que eles sejam destruídos. — Ezequiel 38:1, 2, 9-12, 18-23.

Julgamento dos que moram na Terra. Jesus vai julgar todos os que moram na Terra e vai separar “as pessoas umas das outras, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos”. (Mateus 25:31-33) O que é que Jesus vai levar em conta quando julgar as pessoas? Elas vão ser julgadas pelo modo como trataram os “irmãos” de Jesus, ou seja, aqueles que vão reinar com ele no céu. — Mateus 25:34-46.

Ajuntamento dos que vão reinar com Jesus. Os escolhidos para reinar com Jesus que forem fiéis até ao fim da sua vida na Terra vão ser ressuscitados para viver no céu. — Mateus 24:31; 1 Coríntios 15:50-53; 1 Tessalonicenses 4:15-17.

Armagedão. Essa “guerra do grande dia de Deus, o Todo-Poderoso” também é chamada “o dia de Jeová”. (Apocalipse 16:14, 16; Isaías 13:9; 2 Pedro 3:12) Jesus vai destruir todos os que ele julgar como inimigos de Deus. (Sofonias 1:18; 2 Tessalonicenses 1:6-10) Ele vai também destruir o sistema político mundial, que é representado na Bíblia por uma fera de sete cabeças. — Apocalipse 19:19-21.»[233]

A organização escreveu sobre ela:

«Devemos estar dispostos a sofrer dificuldades também durante a vindoura “grande tribulação”, satisfeitos com a garantia de Jeová: “Talvez sejais escondidos no dia da ira de Jeová.”» — *A Sentinela* de 15 de Março de 1979, p. 30

«Vendo a tremenda prova final de nossa fidelidade surgir diante de nós, com a aproximação da “grande tribulação”, talvez decidamos que não queremos enfrentá-la.» — *A Sentinela* de 15 de Março de 1977, p. 187

«Precisa-se dizer-lhe o que deve esperar quando se torna Testemunha do Deus verdadeiro, Jeová; que o caminho para a salvação é estreito, apertado e difícil, e que, quanto mais nos aproximamos da “grande tribulação”, podemos esperar maior oposição e perseguição da parte de Satanás e de sua organização iníqua.» — *A Sentinela* de 1 de Outubro de 1970, p. 592

Imagens sobre este assunto também têm sido publicadas nas páginas das revistas e livros da organização, de modo a reforçar na mente este medo da iminente da «Grande Tribulação».

Infelizmente, tais fobias, criadas pelo medo inculcado na mente das Testemunhas através da doutrinação repetitiva da organização sobre tais assuntos doutrinários, permanece por longo tempo, mesmo depois de o membro cessar a associação com a religião das Testemunhas de Jeová.

No artigo «Saindo das Seitas [Coming out of the Cults]», da revista *Psychology Today*, de Janeiro de 1979, assinado por

Margaret Thaler Singer, uma das mais reconhecidas peritas em seitas e grupos de alto controlo, faz-se a seguinte declaração:

«A maioria dos grupos trabalha arduamente para prevenir deserções: alguns ex-membros citam avisos de condenação celestial contra eles, seus antepassados e seus filhos. Visto que muitos veteranos de seitas retêm algum resíduo de crença nas doutrinas da seita, apenas isto pode ser um fardo horrível.»^[234]

Medo da desassociação

O medo da separação da organização é uma presença constante. Afinal, ser desassociado equivale à condenação eterna na destruição, conforme a doutrina da Torre de Vigia. Visto que existem dezenas de razões pelas quais uma Testemunha de Jeová pode ser expulsa da religião ou pelo menos correr esse risco, as Testemunhas vivem em constante pavor de «pisar o risco» e de serem punidas por isso.

A desassociação leva a que a pessoa perca o contacto com todos os membros da religião, muitos deles amigos de longa data e, com frequência, os únicos que a pessoa possui. Visto que a religião determina e impõe o ostracismo em relação àqueles que saem, o indivíduo fica votado ao abandono e à «morte social». Até a família deve tomar a peito esta postura ostracizadora.

A pessoa que é desassociada (expulsa), e aquela que decide abandonar a religião de livre vontade (dissociada), é encarada como tendo regressado ao mundo de Satanás e sendo merecedora da destruição eterna.

«Desviar-se alguém de Jeová e de sua organização, desprezar a orientação do “escravo fiel e discreto” e estribar-se simplesmente na leitura e interpretação pessoais da Bíblia é como tornar-se uma árvore solitária numa terra árida.» — *A Sentinela* de 1 de Junho de 1985, p. 20

«A desassociação serve como poderoso aviso para aqueles na congregação, visto que poderão ver as consequências desastrosas de ignorar as leis de Jeová. Não conversem com tal ou mostrem reconhecimento de alguma forma... Afastem-se dele.

Deste modo, ele sentirá a plena importância do seu pecado.» — *A Sentinela* de 10 de Julho de 1963, p. 411 (edição em inglês)

«Devemos odiar (a pessoa desassociada) no sentido mais verdadeiro, que é o de encarar com extrema e ativa aversão, considerando-os como repugnantes, odiosos, imundos, a detestar.» — *A Sentinela* de 1 de Outubro de 1952, p. 599 (edição em inglês)

Medo das pessoas do «mundo»

Refere-se constantemente às Testemunhas de Jeová que o mundo é um local horrível a ser temido. As pessoas do «mundo» são quase sempre apresentadas como tendo más qualidades, salientando que estas não são felizes sem a orientação divina provida pela organização e que estão sob influência satânica. Por isso, as Testemunhas temem tanto a associação com tais pessoas.

«Embora algum contacto com pessoas do mundo seja inevitável — no trabalho, na escola e de outro modo — temos de ser vigilantes para não ser sugados de volta à atmosfera mortífera deste mundo. [...] Que o mundo siga seu próprio rumo, colhendo seus maus frutos na forma de lares desfeitos, filhos ilegítimos, doenças sexualmente transmissíveis, tais como a SIDA, e incontáveis outros males emocionais e físicos.» — *A Sentinela* de 15 de Setembro de 1987, p. 12

Existe uma constante repetição de experiências de membros que relatam as suas terríveis vidas anteriores, antes de se juntarem à organização. É raro o caso em que tais experiências não relatem casos de abuso de drogas, envolvimento com gangues e violência, bem como lares problemáticos, etc.

Tais experiências reforçam nas Testemunhas de Jeová a ideia de que apenas dentro da sua organização religiosa as pessoas encontram a paz e felicidade genuínas. Nem consideram que outros grupos religiosos possuem tais experiências de conversão similares.

Como acontece em todos os grupos religiosos, as pessoas que aderem a estas religiões procuram também um sentido na vida e o saciar do seu desejo de um relacionamento com Deus. Muitas também abandonaram vidas desregradas, violentas e

problemáticas, encontrando na religião algo pelo qual viver. As Testemunhas de Jeová não possuem de modo algum a chave da felicidade.

Sentimentos de culpa

A culpa é um sentimento comum entre as Testemunhas de Jeová. Estas sofrem de culpa por sentirem que nunca fazem o suficiente, por lhes ser constantemente lembrado que têm de trabalhar para obter a salvação e que são imerecedoras do dom da vida, a menos que acompanhem o «carro celestial de Jeová», seguindo lealmente a liderança do «escravo fiel e discreto».

«Não queremos diminuir o passo e justificar a nossa atitude dizendo que estamos sendo razoáveis. Ao contrário, todos nós precisamos “nos esforçar vigorosamente” ao apoiar os interesses do Reino.» — *A Sentinela* de 15 de Junho de 2013, p. 16

«No entanto, quem espera ser preservado no “dia da ira de Jeová” precisa ser ajudado a fazer mais do que apenas ser leitor regular de nossas publicações.» — *Nosso Ministério do Reino de Março* de 2005, p. 1

«Sim, não podemos esperar que Deus nos recompense com a vida eterna, se nós, como que, não assinamos um contrato de trabalho com ele.» — *A Sentinela* de 1 de Novembro de 1978, p. 15

Visto que a Torre de Vigia não ensina que os cristãos, ao serem batizados, estão «salvos» ou têm o «selo de aprovação» divina (muito menos a crença de que, «salvos uma vez, salvos para sempre»), as Testemunhas de Jeová sentem que a sua posição perante o Criador nunca está garantida e que o sangue de Jesus, por si só, não é suficiente para garantir a salvação (Romanos 5:9).

É como se Deus fosse um patrão permanentemente insatisfeito, que requer que os seus empregados demonstrem, através do seu trabalho duro e constante, o empenho devido para merecer o ordenado ao fim do mês ou até para que não sejam despedidos.

Mesmo que as Testemunhas de Jeová não encarem conscientemente Deus desta forma, ainda assim sentem que estão sempre em dívida para com ele, tendo de provar, através de inúmeras obras, que estão empenhados na salvação.

Isto leva a uma permanente pressão para estar sempre disposto a fazer mais e mais na «obra do Senhor», de modo a provar, a nível congregacional e organizacional, que a pessoa é «espiritual» e está devotada à causa do Reino. Mesmo para alcançar algum cargo congregacional, o indivíduo tem de provar por meio de um trabalho dedicado à organização que lhe é leal e está disposto a sacrificar os seus interesses pessoais em prol do «Reino»[235].

Muito mais poderia ser apresentado como prova e evidência de que a religião das Testemunhas de Jeová, enquanto organização religiosa, preenche de facto muitas das características que a classificam como «seita destrutiva» ou grupo de alto controlo, mesmo que a sua aparência exterior iluda o espectador menos informado[236], Mesmo as Testemunhas de Jeová que vivem esta realidade não o percebem, pois a sua escassa informação e cultura fora da realidade do grupo não as deixa perceber tais factos, sendo estes reinterpretados segundo a perspectiva que a organização Torre de Vigia apresenta.

Aqueles que despertam desta manipulação e controlo acabam por sair da religião mais cedo ou mais tarde, tal como eu!

ADENDA

Reportagens e participação em livro

Grande Reportagem na revista *Sábado*

Cerca de um ano após o Fórum de ex-Testemunhas de Jeová de Portugal estar a funcionar a todo o vapor (2012), surgiu uma oportunidade de ouro com respeito à exposição da religião das Testemunhas de Jeová nos *media*. Paulo Neto, um dos administradores do fórum, contactou a revista *Sábado*, dando conta de muitas coisas que as ex-Testemunhas de Jeová vivenciavam, especialmente o ostracismo.

A jornalista escolhida para trabalhar na história foi a Isabel Lacerda. Rapidamente começou a entrevistar várias pessoas, eu incluído. Dispus-me a ajudá-la no que fosse preciso, visto já ter muito material reunido sobre a Torre de Vigia, incluindo cartas e o manual secreto dos anciãos, além da experiência de uma vida dentro da organização. Tendo sido ancião, o meu testemunho, assim como o de outros ex-anciãos, corroborava tudo aquilo que ela ouviu das pessoas que se dispuseram a testemunhar. Vários membros do fórum contaram também as suas histórias, algumas de fazer correr lágrimas.

A reportagem foi um sucesso. Tinha o título «O mundo desconhecido em que são educadas as Testemunhas de Jeová»[237]. Revelou a todo o Portugal que a religião das Testemunhas de Jeová não é tão inocente como parece. Escusado será dizer que a jornalista, assim como a revista, foram alvo de inúmeros telefonemas, cartas e *e-mails* com as mais diversas acusações. Testemunhas de Jeová revoltadas usaram argumentos ridículos e linguagem baixa para atacar a jornalista, chamando-lhe

incompetente e acusando-a de não ter feito uma investigação imparcial. Foram poucas as Testemunhas de Jeová que reconheceram a veracidade do que foi relatado no artigo.

Estando sempre em contacto com ela, dei-lhe toda a força e ajuda que pude, mostrando total confiança no seu excelente trabalho, que foi totalmente isento. Apenas relatou factos contados por testemunhas oculares, e tudo o que a reportagem apresentou em relação às Testemunhas de Jeová e à sua organização revelava uma exactidão inabalável.

O ataque contra ela foi tão cerrado (mas não da parte da filial de Portugal, pois mantiveram completo silêncio) que resolveu escrever uma mensagem para ser partilhada no fórum.

Caros foristas:

Comecei a fazer este artigo com um ângulo restrito, e já de si violento: o ostracismo a que os desassociados e dissociados são votados a partir do momento em que se desvinculam da religião. Rapidamente percebi que muitas outras questões de fundo, igualmente marcantes e desconhecidas do grande público, mereciam divulgação.

Empenhei-me muito neste artigo porque percebi — e senti — o enorme sofrimento e frustração de todos os que falaram comigo. E o medo — o medo daqueles que não se dissociam porque sabem que isso vai obrigar os seus familiares a cortarem relações consigo — tocou-me profundamente. Achei que o assunto merecia mais espaço e mais destaque. Os meus directores também.

Julgo ter anos de experiência suficientes para perceber quando um entrevistado está a ser sincero, honesto, sem romancear ou exagerar. Acredito em todas as histórias que escrevi (ou não as teria escrito).

[...]

O artigo relata o ponto de vista de quem se desiludiu, de quem se sentiu enganado, de quem sentiu ter perdido anos que não voltam para trás, como tantas vezes me disseram. Fala de pessoas revoltadas, não de pessoas mentirosas. São duas coisas completamente diferentes, mesmo que alguns tentem fazer crer que sejam a mesma e uma só. E, ao contrário do que também acusam: Betel foi contactado e deu as respostas que entendeu dar — várias citadas no texto.

[...]

Compreendo que o artigo não seja do agrado de todos. Mas não compreendo que digam que as histórias lá contadas são mentira — porque o facto de não terem acontecido com todos não significa que não tenham acontecido com alguns.

Cumprimentos a todos.

Sei que todos os que participaram na reportagem ficarão para sempre gratos à revista *Sábado* e em especial à jornalista pela excelente reportagem de investigação. É claro que o artigo foi uma

bomba entre a comunidade religiosa e levou a que muitos dos que estavam na corda bamba em relação à religião, tendo já sérias dúvidas quanto a esta, percebessem que não estavam sozinhos. Mas o futuro ainda traria mais exposição pública acerca das Testemunhas de Jeová em Portugal. Sinto-me orgulhoso em poder dizer que participei em cada uma destas exposições mediáticas, usando os meus conhecimentos sobre a religião em que nasci e cresci, de forma a serem o mais exactas possível. Apenas tinha de o fazer no anonimato e numa espécie de *backoffice*.

Participação no documentário *Truth Be Told*

Em 2014, entrei em contacto com Gregorio Smith, uma ex-Testemunha de Jeová dos Estados Unidos que pretendia traduzir o seu documentário *Truth Be Told* [Verdade Seja Dita] para português[238]. Mostrei-me disponível para o ajudar nessa tarefa, pois desde que me havia afastado da organização, em 2011, já participara na tradução de vários artigos para o *site* www.4jehovah.org e www.4mormon.org. Fiz inclusivamente a tradução de dois livros deste ministério evangélico norte-americano[239]. Conheci-o através da Barbara Anderson, que me indicou a eles como possível tradutor para português dos seus artigos *online*.

O processo de tradução deste documentário com cerca de 80 minutos levou ainda alguns meses, pois na altura estava na faculdade, e o tempo era reduzido. O documentário apresenta-se sob a forma de entrevistas a ex-Testemunhas de Jeová que foram criadas na religião e sob o impacto da formação religiosa nas suas vidas. São também abordados diversos assuntos, desde o sangue, as relações sexuais, a visão preconceituosa para com as pessoas de fora, o ostracismo a que são votados aqueles que saem ou são expulsos, etc. Aconselho vivamente a visionarem-no.

Gregory Smith, o realizador e também participante do

documentário, lembrando a sua infância e a doutrinação que lhe era imposta em criança, recorda a certa altura:

«Sinto que existem muitas coisas boas ao ser criado como Testemunha de Jeová. Mas também sinto que há muita educação doentia. Se há uma coisa em particular, há um medo crónico que é instilado. E acho que o fazem tão cedo quanto se pode compreender.

Encontrei um caderno de quando eu tinha seis ou sete anos de idade — estava numa assembleia quando escrevi isto. Encontrei este apontamento quando estava nos meus vinte e poucos anos, e uma das coisas que lá estava escrita, e eu lembro-me das palavras muito distintamente, diz: “Se você não servir a Jeová, vai morrer. Conhece alguém que não serve a Jeová? Bem, faça-os saber que vão morrer.”

Parte da maneira como motivam as pessoas a seguir a sua religião, para não irem a qualquer lado de fora ou seguirem uma influência do tipo “mundano”, é a fazer-nos acreditar que iremos perder a vida. E não há nada mais extremo do que isso.»

Grande Reportagem na TVI — «Na Sombra do Pecado»

Em Outubro de 2015, foi para o ar uma reportagem na TVI com o título «Na Sombra do Pecado»^[240], com testemunhos pessoais de ex-Testemunhas de Jeová contando as suas experiências dentro da organização.

Um mês antes entrara em contacto com a jornalista Ana Leal, autora da reportagem, indicando pessoas dispostas a dar testemunhos e reunindo material da organização para que pudesse confirmar as informações a partir da fonte oficial e familiarizar-se com os procedimentos e políticas organizacionais.

A investigação avançou, tendo sido entrevistadas várias pessoas, desde ex-membros, ex-anciãos, vítimas de abuso e ostracismo, passando por sociólogos que têm pesquisado esta religião em Portugal. A jornalista tentou por diversas vezes que os representantes da Associação das Testemunhas de Jeová em Portugal lhe concedessem uma entrevista. Sem sucesso, pois a resposta foi negativa.

Na altura, eu ainda era oficialmente Testemunha de Jeová, embora já estivesse afastado, e por isso pedi para dar o meu testemunho como anónimo. Na reportagem, fui identificado como

«ex-ancião Carlos». O mais caricato foi que, apesar de aparecer apenas como vulto e de costas, em algumas cenas fui identificado por muita gente, desde ex-colegas de trabalho, familiares e até Testemunhas de Jeová. Apesar disso, não recebi qualquer contacto por parte dos anciãos.

Não muito tempo depois, no início de Novembro de 2015, aconteceu algo que ajudou a expor ainda mais a organização como sendo manipuladora e mentirosa. Portugal recebeu a visita de um dos membros do Corpo Governante, David Splane. Esta visita não terá sido mera coincidência, pois, no discurso que proferiu no Salão de Assembleias de Carnaxide, lamentou a falta de profissionalismo dos jornalistas, que apresentam reportagens negativas sobre as Testemunhas de Jeová, sem ouvirem o que estas têm a dizer.

Ao longo da abordagem desta temática, David Splane conduziu indirectamente o raciocínio do ouvinte à conclusão de que, no caso da recente reportagem da Ana Leal na TVI, o mesmo ocorrera e de que esta fora má profissional, não querendo questionar a outra parte, neste caso as Testemunhas de Jeová.

Embora nunca se referisse a esta jornalista e à sua reportagem de modo directo, as palavras que proferiu foram medidas e pesadas, de forma que as Testemunhas que o escutassem acreditassem que fora assim que acontecera. Muitas, depois do discurso, demonstraram ter assimilado tal opinião.

Na altura, uma Testemunha de Jeová que estivera presente fez-me chegar o áudio do discurso, mostrando-se chocada com as afirmações mentirosas do membro do Corpo Governante. Enviei prontamente o áudio para a jornalista Ana Leal, que, depois de o ouvir, se mostrou indignada, pois, por diversas vezes, quer por *e-mail* quer por telefonemas, tentou sem sucesso ter uma entrevista no Betel.

A resposta dela não se fez esperar e prontamente fez uma peça jornalística onde demonstrou que as declarações proferidas pelo membro do Corpo Governante eram enganosas e distorciam por completo o que realmente se passara na grande reportagem, com respeito à ausência de explicações dos representantes da Organização das Testemunhas de Jeová em Portugal.

A jornalista Ana Leal desmontou a manipulação que as Testemunhas de Jeová em Portugal sofreram, ao serem levadas a crer não em factos mas em mentiras.

Salientando mais uma vez as várias tentativas de abordagem junto do Betel durante a entrevista e mesmo após a conclusão desta, a jornalista terminou dirigindo-se mais uma vez a Betel, convocando uma entrevista diante da câmara.

O que a reportagem não mostra, mas que ela me contou posteriormente, foi que, depois de a terem deixado entrar no Betel, a fizeram esperar numa sala durante cerca de 30 minutos. Quando, finalmente, o representante da filial, Pedro Candeias, se dignou falar com ela, disse-lhe simplesmente: «Não temos nada a acrescentar.» Na verdade, anteriormente nunca haviam chegado a dizer nada à jornalista, e por isso esta frase não fez grande sentido.

Várias Testemunhas de Jeová na época perceberam a manipulação que haviam sofrido e acabaram por se afastar ou abandonar mesmo a religião. A grande reportagem e esta peça jornalística foram essenciais para mostrar o lado maquiavélico desta organização religiosa, que muitas pessoas, dentro e fora da religião, ignoram.

Colaboração no livro *Quem é? — Abra a Porta ao Mundo Secreto das Testemunhas de Jeová e descubra o que elas não lhe dizem*

Esta reportagem despertou a curiosidade de muitas pessoas na sociedade portuguesa para a realidade vivida por muitas ex-Testemunhas de Jeová. Uma dessas pessoas foi a escritora Maria Helena Costa. Soube que estava interessada em escrever um livro sobre as Testemunhas de Jeová através do meu amigo brasileiro Osmanito Torres[241], um dos principais dissidentes brasileiros. Quando ele me disse que era portuguesa, entrei imediatamente em contacto com ela, disponibilizando-me a ajudar no que fosse preciso. Percebi que o seu objectivo era escrever um livro de cariz

apologético, pois é evangélica, e, ao mesmo tempo, expor outras temáticas relacionadas com a organização, como o encobrimento de casos de abuso e o ostracismo.

Acabei por participar no livro *Quem é? — Abra a Porta ao Mundo Secreto das Testemunhas de Jeová*^[242], não apenas revendo-o e colaborando com textos (incluindo o da contracapa, escrito sob pseudónimo), mas também através da paginação e de sugestões para a capa. Participei ainda, junto com o Paulo Neto (administrador do fórum português), no seu lançamento no Norte do país. Pelo que sei, o livro teve bastante sucesso e aceitação entre o público. Foi mais uma colaboração que me deu bastante satisfação, tendo-se desenvolvido uma amizade entre mim e a autora que dura até hoje. Entretanto, participei igualmente noutros projectos de Maria Helena Costa.

Grande Reportagem no *Observador* — «“Eles mataram-me em vida”. O inferno nas Testemunhas de Jeová»

Depois de me ter chegado a informação de que uma jovem Testemunha de Jeová se teria suicidado depois de ter saído da religião e sido ostracizada pela família (algo que infelizmente tem acontecido com frequência em todo o mundo), contactei a jornalista Isabel Lacerda para lhe transmitir a informação. Indicou-me uma colega jornalista que se interessou pela situação e decidiu investigar a história. Esta jornalista, Tânia Pereirinha, do jornal *Observador*, fez vários contactos tentando perceber se o relato batia certo, mas tudo apontava para uma situação de doença que levava a jovem mulher ao óbito.

Mesmo não tendo quaisquer provas de que teria havido suicídio, ficou impressionada com aquilo que lhe relatei acerca da vivência das Testemunhas de Jeová, em especial o ostracismo praticado contra as ex-Testemunhas, em que mesmo pais punham filhos fora de casa, filhos deixavam de falar com os pais, etc.

Resolveu avançar com uma reportagem acerca do assunto,

entrevistando várias ex-Testemunhas de Jeová que decidiram contar as suas experiências, eu incluído. A reportagem encontra-se *online* com o tema «“Eles mataram-me em vida” — O inferno nas Testemunhas de Jeová»[243]. Mais uma vez, colaborei com a jornalista, fornecendo material da organização e os contactos a serem entrevistados. A reportagem é um poderoso testemunho do que é ser separado da família e amigos, apenas porque se abandona uma religião, e do preconceito religioso que é promovido pela organização contra aqueles que decidem deixá-la. Uma religião onde jamais se sai com dignidade. Uma religião onde nos estendem uma passadeira vermelha para entrar, mas nos tratam como o pior dos criminosos ao sair!

Participação no Programa *Queridas Manhãs* da SIC

Em 2018, já depois de ter tido a minha Comissão Judicativa, onde me desvinculei oficialmente das Testemunhas de Jeová, recebi o convite para participar no programa *Queridas Manhãs*. O convite foi feito através do meu amigo e ex-ancião Ricardo Pimentel, visto que o Fórum das ex-Testemunhas de Jeová de Portugal fora contactado para uma entrevista que iria acontecer futuramente, onde seria debatido o caso de uma grávida que recusava transfusões de sangue[244].

Visto que já me dissociara das Testemunhas de Jeová, sentia-me livre para aparecer publicamente na televisão, sem necessidade de esconder a minha verdadeira identidade.

Seria a primeira vez que iria participar em algo do género, e estava um pouco ansioso, pois desta vez iria mostrar a cara num directo televisivo, onde, sem qualquer preparação, falaria das Testemunhas de Jeová. O programa pode ser visto *online* com o tema «A Medicina e as Crenças»[245].

Fomos muito bem recebidos pela produção do programa, e gerou-se uma conversa interessante, onde tive a oportunidade de falar um pouco sobre a minha experiência nas Testemunhas de Jeová e

expor algumas das incoerências em relação à questão do sangue. Mais uma vez, as redes sociais foram ao rubro por causa do debate, como é costume.

Tanto eu como o Ricardo notámos que aquilo que referimos sobre a nossa experiência deixou os apresentadores muito impressionados e curiosos por saberem mais sobre o assunto. Mais uma vez, a Associação das Testemunhas de Jeová recusou participar. Como se costuma dizer: «Quem não deve não teme.»

Entrevista na revista *Visão*

Estávamos já em 2019 quando voltei a ter contacto com um primo jornalista, António Veladas. Passou pelos quadros de órgãos de comunicação social como a Rádio Renascença, o *Diário de Notícias*, a RDP e a RTP. Participou em inúmeras reportagens pelo mundo, com destaque para Timor-Leste, tendo sido testemunha ocular dos eventos passados aquando do referendo de independência.

Já não o via há uns bons vinte e tal anos, mas o nosso reencontro revelou que tínhamos muito em comum na forma de ver as coisas, em especial a religião e a espiritualidade. Estava a par da minha dissidência das Testemunhas de Jeová e percebeu que era um assunto que me era muito caro.

Foi através dele que surgiu a oportunidade de ser entrevistado pela revista *Visão*. A ideia inicial seria um artigo com várias entrevistas de ex-Testemunhas de Jeová, mas ficou decidido que seria uma entrevista comigo, centrada no meu caso, como dissidente e activista na exposição das Testemunhas de Jeová enquanto organização religiosa e de outras seitas destrutivas.

O jornalista encarregado da entrevista, José Plácido, encontrou-se comigo por duas vezes, nas quais lhe relatei a minha experiência pessoal. Ele próprio ficou também impressionado com a vivência e experiência de ser Testemunha de Jeová.

A reportagem saiu na edição n.º 1373 de 3 de Julho de 2019, com

uma chamada de capa com o título «Jeovás — Os segredos da “seita destrutiva”». Confesso que o título me incomodou, pois a expressão «Jeovás» é uma forma pejorativa de alguém se referir às Testemunhas de Jeová. Visto que «Jeová» é uma das formas portuguesas em que o nome divino é transliterado do hebraico, usá-lo desta forma pouco respeitosa foi algo que não me agradou, e tive oportunidade de o manifestar ao jornalista, embora essa decisão não estivesse nas suas mãos.

Com respeito à entrevista propriamente dita, apreciei-a bastante e penso que o essencial do que conversei com ele foi transmitido ao público. A publicação desta entrevista aconteceu exactamente poucas semanas antes do Congresso Internacional das Testemunhas de Jeová em Lisboa, no Estádio da Luz. Este grande evento recebeu muita atenção por parte dos *media*. Exactamente no dia em que se iniciou o congresso, estava eu na rádio Observador a dar uma entrevista sobre a minha experiência enquanto ex-Testemunha de Jeová. Tudo graças ao artigo da *Visão*.

Entrevista na rádio Observador

Mesmo nas vésperas do congresso, recebi um telefonema da jornalista Tânia Pereirinha a perguntar-me se estaria disposto a participar numa entrevista na rádio Observador que estava prestes a estrear. A minha entrevista iria ser realizada no segundo dia depois de a emissão se iniciar, dia 27 de Junho de 2019, pelas 08h30. Seria uma nova experiência participar numa entrevista radiofónica e em directo!

Estava bastante ansioso e levei algumas notas, caso fosse necessário usá-las, o que acabou por não acontecer. Os entrevistadores revezavam-se nas perguntas, feitas a contra-relógio. No tempo limitado que tinha, tentei responder da forma mais clara, objectiva e informativa possível. Enquanto estava a ser entrevistado, milhares de congressistas dirigiam-se ao Estádio da Luz para o

primeiro dia do congresso. Calculo que muitos tenham ouvido a entrevista enquanto se dirigiam para lá[246].

Todas as entrevistas que tenho dado têm contribuído para lançar a luz sobre uma religião que é desconhecida de grande parte da sociedade portuguesa. As pessoas normalmente apenas se lembram de que as Testemunhas de Jeová recusam transfusões de sangue, não celebram festividades e aniversários e pouco mais.

Penso que depois de todas estas reportagens as pessoas, incluindo muitas Testemunhas de Jeová, têm descoberto o lado oculto desta religião, que os líderes se têm esforçado por esconder.

A minha opinião pessoal é de que muitos no Betel reconhecem que aquilo que tem sido exposto é a mais absoluta verdade, daí terem pouca margem de manobra para o contrariarem. Quem está na filial sabe de tudo, mas aquele é o seu trabalho, e estão totalmente dependentes da organização. Sem estudos e sem qualificações profissionais, o que lhes aconteceria caso tivessem de deixar o Betel? Sairiam sem quaisquer recursos, totalmente dependentes da ajuda e da caridade dos irmãos da congregação, tendo de começar a vida a partir do zero.

Vi isso acontecer com um casal de missionários portugueses: depois de muitos anos em território africano, a mulher ficou grávida. Tiveram de abandonar o serviço e de começar a sua vida a partir do nada. Felizmente, a mulher tinha uma família que a conseguiu apoiar e ajudar nessa hora difícil. Mas e aqueles que a não têm? A Torre de Vigia não oferece qualquer ajuda quando estas coisas acontecem, deixando as pessoas completamente desprotegidas e abandonadas à sua sorte.

Por isso costumo dizer que esta organização religiosa tudo pede, mas não dá nada em troca.

POSFÁCIO

António Madaleno viveu uma autêntica odisseia durante boa parte da sua vida, inserido nas teias do russelismo. A *Odisseia* de Homero, obra estruturante da cultura ocidental, remete-nos para a atribulada viagem de Ulisses, uma metáfora da vida humana. Com efeito, a «viagem» de Madaleno nos meandros do mar russelita revestiu-se de vários incidentes, mas finalmente conseguiu aportar a salvo na sua Ítaca, sem soçobrar neste oceano traiçoeiro.

Duas das características mais marcantes dos grupos religiosos sectários de alto controlo ou, dito de outro modo, das seitas religiosas de inspiração cristã são, por um lado, o isolamento dos seus membros relativamente à sociedade e, por outro, o controlo sobre todos os aspectos da vida dos fiéis, incluindo os mais íntimos. Esta despersonalização, quando levada ao extremo, significa a ruptura dos vínculos familiares e uma odiosa ostracização e invariavelmente a limitação da liberdade pessoal e da capacidade de escolha do indivíduo. A pessoa deixa de ser autónoma, responsável por si mesma, e passa a agir de forma mecânica, enquadrada por uma ideologia altamente questionável.

Sempre que uma religião se opõe à educação dos seus fiéis está não apenas a promover a ignorância e a coarctar a sua liberdade mas sobretudo a limitar as suas potencialidades, as possibilidades de crescimento como pessoas e a condicionar o seu futuro, transformando-os em robôs ou peças de uma engrenagem, com todas as consequências negativas do ponto de vista mental, emocional, relacional e físico, quer para quem permanece na organização quer para quem dela se desvincula.

Quantos fiéis das Testemunhas de Jeová e seus filhos menores

morreram por rejeitar uma transfusão de sangue que lhes salvaria a vida, com base numa hermenêutica bíblica abstrusa? Por isso é com inteira razão que Madaleno denomina o grupo religioso de que fez parte como «seita destrutiva».

Todavia convém não deitar fora o bebé com a água do banho. Isto é, com base nestes fenómenos de seitas abusivas e fundamentalismo religioso, passar a ignorar o valor e a relevância da fé cristã ou assumir uma postura anti-religião. De facto, atribuir a Deus qualquer responsabilidade pelas asneiras dos homens que falam em seu nome, tantas vezes de forma abusiva, é tolice. Basta atentar no número de vezes que a organização anunciou o fim do mundo, no passado...

Parece que António Madaleno, depois de viver a sua odisseia, não se deixou afogar nessas águas turvas, conseguindo preservar a capacidade de discernimento e sabendo assim separar Deus daqueles que falam em seu nome. Dizia Gerald Messadié: «Aos olhos da História, o maior inimigo de Deus não é o cientista, o ateu ou o racionalista, mas qualquer homem que pretenda ser seu delegado», até porque «os retratos falam frequentemente mais do pintor do que do modelo».

JOSÉ BRISSOS-LINO
Docente de Ciência das Religiões
Coordenador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo

AGRADECIMENTOS

A pessoa que hoje sou é o resultado das vivências pessoais e dos contactos que mantive, quer dentro quer fora da religião das Testemunhas de Jeová. Por isso agradeço a todos aqueles que, de modo directo ou indirecto, me levaram a esta identidade. Mesmo as coisas menos boas podem servir de aprendizagem e crescimento pessoal!

Agradeço também a todos os activistas e dissidentes das Testemunhas de Jeová que, cedendo do seu tempo e energia, têm dispendido inúmeras horas a ajudar outros a descobrir o lado oculto desta religião. Fui imensamente ajudado por muitos destes. Escusado será nomear aqui nomes, pois certamente seria injusto para com aqueles de quem me pudesse esquecer.

Não poderia também deixar de agradecer a todos os amigos que ajudaram com sugestões, opiniões e críticas sobre o texto e que certamente contribuíram para o resultado final.

Estou grato, neste aspecto, e em especial, à responsável pela edição do texto, Diana Garrido. A sua orientação sobre o modo de escrever as minhas memórias também me ajudou a focar no essencial e a deixar de lado o menos importante a contar.

Agradeço ainda ao Dr. Paulo Mendes Pinto e ao Dr. José Brissos-Lino, aos jornalistas Miguel Marujo, Tânia Pereirinha e António Veladas, ao escritor Bruno Vieira Amaral, aos psicólogos Alexandre Ramos e Ana Caetano, bem como aos meus amigos Osmanito Torres e Maria Helena Costa as suas contribuições e o apoio que me deram ao participarem nesta autobiografia.

Não poderia deixar de agradecer à minha esposa e filho pela paciência que têm tido comigo ao longo destes anos de activismo

em expor a organização das Testemunhas de Jeová e outras seitas destrutivas e, agora mais, ao terem permitido que roubasse um pouco mais do seu tempo para escrever este livro.

Amo-vos muito!

BIBLIOGRAFIA

Bregninge, Poul, *Judgment Day Must Wait: Jehovah's Witnesses: A Sect Between Idealism and Deceit*, Estados Unidos da América, YBK Publishers, Inc., 2013.

Costa, Maria Helena, *Quem é? — Abra a Porta ao Mundo Secreto das Testemunhas de Jeová e Descubra o Que Elas não Lhe Dizem*, Lisboa, Chiado Editora, 2016.

Franz, Raymond, *Crise de Consciência: O Conflito entre a Lealdade a Deus e a Lealdade a Uma Religião*, São Paulo, Hagnos, 2002.

Franz, Raymond, *In Search of Christian Freedom*, 3.^a ed., Atlanta, Commentary Press, 2002.

Gruss, Edmond C., *Jehovah's Witnesses: Their Claims, Doctrinal Changes and Prophetic Speculation. What Does the Record Show?*, 2.^a ed., Estados Unidos da América, Xulon Press, 2007.

Gruss, Edmond C., *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, Estados Unidos da América, Xulon Press, 2003.

Hassan, Steven, *Combating Cult Mind Control*, Estados Unidos da América, Freedom of Mind Press, 3.^a ed., 2015.

hassan, Steven, *Releasing the Bonds: Empowering People to Think for Themselves*, Estados Unidos da América, Aitan Publishing Company, 2000.

Jonsson, Carl Olof, *The Gentile Times Reconsidered*, 4.^a ed., Atlanta, Commentary Press, 2004.

Lalich, Janja, e tobias, Madeleine, *Take Back Your Life: Recovering from Cults and Abusive Relationships*, 2.^a ed., Estados Unidos da América, Bay Tree Publishing, 2006.

Penton, M. James, *Apocalypse Delayed: The Story of Jehovah's Witnesses*, 2.^a ed., Canadá, University of Toronto Press Incorporated, 1997.

Penton, M. James, *Jehovah's Witnesses and The Third Reich: Sectarian Politics Under Persecution*, Canadá, University of Toronto Press Incorporated, 2004.

Pinto, Pedro, *A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal e no Ultramar Português (1925-1974)*, Centro de Estudos Históricos — Universidade Nova de Lisboa, *Lusitania Sacra*. 25, 2012.

Singer, M. T., *Coming Out of The Cults*, *Psychology Today*, 1979.

Taylor, Kathleen Taylor, *Brain Washing: The Science of Thought Control*, Reino Unido, Oxford University Press, 2004.

Torres, Osmanito, *De Ancião a Apóstata — As Experiências de Um Ex-Líder da Seita Testemunhas de Jeová*, 2017.

Winell, Marlene, *Leaving the Fold — A Guide for Former*

Fundamentalists and Others Leaving Their Religion, 3.^a ed.,
Estados Unidos da América, Apocryphile Press, 2007.

***Um relato pessoal sobre as Testemunhas de Jeová
escrito por um ex-membro da organização que a acusa
de ser uma "seita destrutiva".***

**As regras e mentiras contadas por um homem que
durante mais de 30 anos pertenceu às Testemunhas de
Jeová.**



António Madaleno tinha cerca de um ano de idade quando as Testemunhas de Jeová bateram à porta dos seus pais. A partir daí, foi educado segundo as doutrinas e normas da organização Torre de Vigia.

Não celebrava o Natal nem aniversários, não cantava o hino nacional na escola, andou de porta em porta a espalhar a mensagem apocalíptica da Torre de Vigia, subiu na hierarquia da organização e chegou a ancião. Até que um dia começou a

questionar tudo.

Primeiro foi a questão da proibição de transfusões de sangue em membros das Testemunhas de Jeová. Depois, muitas outras questões surgiram. Quanto mais investigava, mais incrédulo ficava em relação às doutrinas da religião. Após uma crise de consciência decidiu deixar tudo para trás, tornando-se desde então um activista contra as seitas destrutivas e grupos de alto controlo.

António Madaleno nasceu na cidade de Lisboa em 1973 e desde criança foi educado segundo os ensinamentos das Testemunhas de Jeová. Após sair da religião, entrou na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), em Psicologia. Enquanto aluno, participou na escrita do artigo "Psicologia das seitas e grupos que usam "influência social destrutiva" e seu impacto na vida de seus membros", tendo este sido considerado para publicação na revista da faculdade, "Psique". Ao longo dos anos tem escrito muitos artigos online com exposições sobre as doutrinas e práticas das Testemunhas de Jeová, sendo que alguns destes artigos já foram publicados, tal como no livro "Quem é? - Abra a Porta ao Mundo Secreto das Testemunhas de Jeová e Descubra o Que Elas Não Lhe Dizem" e na revista brasileira online "O Alienista".

Tem também promovido informação ao público acerca de seitas destrutivas e grupos de alto controlo, através de workshops e material publicado online. Já participou em várias reportagens jornalísticas e programas de TV. É atualmente um ativista e investigador sobre seitas destrutivas e grupos de alto controlo.

Edição em digital: março de 2019

© 2020, António Madaleno

© 2020, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152

Lisboa

www.gostodeler.pt

#gostodeler

Edição: Diana Garrido

Revisão: Inês Guerreiro

Capa: adaptação de António Madaleno sobre design de João Ruas

ISBN: 978-989-784-026-5

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Arena é uma chancela de:



Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] *Desperta!* de 22 de Dezembro de 1984, p. 28.

[2] *Verdade que Conduz à Vida Eterna*, p. 13.

[3] Este foi o título dos congressos regionais das Testemunhas de Jeová de 2019:

<https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/congressos/video-congresso-2019>

[4] É interessante ouvir o discurso feito pelo quarto presidente da Sociedade Torre de Vigia, Frederick W. Franz, onde discorre sobre esta profecia e a apresenta em termos nada incertos: <https://youtu.be/iNDRdEYkZ40>

[5] *A Sentinela* de 15 de Fevereiro de 1967, p. 125 (negrito acrescentado).

[6] Esta expressão usada pelas Testemunhas de Jeová refere-se ao período de tempo que vai desde a chamada Grande Tribulação, mencionada por Jesus em Mateus cap. 24:21, 22, ao Armagedão, referido no livro do Apocalipse 16:14, 16. Para conhecer melhor o modo como as Testemunhas de Jeová encaram este evento, leia o *site* oficial: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/grande-tribulacao/>

[7] Até há poucos anos, cada publicador das Testemunhas de Jeová recebia mensalmente este folheto, que era depois estudado durante a Reunião de Serviço, uma reunião semanal que visava preparar os publicadores para serem mais eficientes na pregação.

[8] *Ministério do Reino* de Setembro de 1968 (edição em inglês).

[9] Na teologia das Testemunhas de Jeová, o Reino de Deus é um governo real, em que Jesus é o rei designado por Jeová e onde 144 mil cristãos ressuscitados para a vida espiritual reinarão como co-regentes nos céus.

[10] As Testemunhas de Jeová, ao contrário do que afirmam, são muito supersticiosas. É-lhes incutida a ideia de que a mera posse de um objecto que tenha sido oferecido por alguém que frequente a religião espírita pode servir de porta de entrada para ataques de demónios. O espiritismo é visto pelas Testemunhas como uma das práticas mais perigosas que alguém pode ter, pois acreditam que não é possível o contacto com pessoas mortas. Acreditam que

todas as manifestações do mundo espiritual provêm de demónios que se fazem passar por entes queridos falecidos.

[11] A revista *Sábado* publicou em Novembro de 2012 uma grande reportagem onde existem vários testemunhos que comprovam este tipo de procedimento. O artigo pode ser encontrado aqui: <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/o-mundo-desconhecido-em-que-sao-educadas-astestemunhas-de-jeova>.

[12] Infelizmente, vim a conhecer outros casos similares, em que vítimas de violência doméstica foram silenciadas de modo a proteger a imagem da congregação e, por último, da organização. Em certo caso, os anciãos aconselharam a vítima a aguentar a relação, pois era um teste de Satanás, semelhante ao que ele fizera com Jó. Infelizmente, para este tipo de situações muito tem contribuído o material produzido pela organização, que inclusivamente já foi acusada publicamente de incentivar as mulheres a suportarem violência doméstica. Ver aqui:

<https://www.publico.pt/2018/09/06/sociedade/noticia/exmembros-acusam-testemunhasde-jeova-de-incentivarem-vitimas-de-violencia-a-continuarem-casadas-organizacao-desmente-1843156>.

[13] Raymond Franz, ex-membro do Corpo Governante e autor do livro *Crise de Consciência*, disse sobre este aspecto: «Procuro, em minha própria mente e coração, compreender os sentimentos de todas estas pessoas, inclusive das que fazem parte do Corpo Governante. Baseado na minha própria experiência entre eles, creio que são, na realidade, cativos de um conceito. O conceito ou imagem mental que fazem da “organização” parece quase possuir uma personalidade própria, e portanto, este próprio conceito os controla, os move ou os restringe, por amoldar seu modo de pensar, sua atitude, seu discernimento. [...] A inserção do conceito existente da “organização”, no entanto, altera radicalmente o seu modo de pensar e ponto de vista, e torna-se, de facto, a força dominante, controladora», *Crise de Consciência*, p. 356.

[14] <https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/amor-de-deus/saudacao-bandeira-voto-servicoalternativo>

[15] *A Escola e as Testemunhas de Jeová*, p. 4.

[16] Alguns nomes que irei mencionar nesta biografia foram

mudados para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

[17] Esta reunião era de uma hora de duração e realizava-se normalmente em lares particulares.

[18] A organização explica que a Língua Pura é a «língua da verdade bíblica que habilita pessoas tementes a Deus de todas as nações e raças a servirem a Jeová ombro a ombro» — *A Sentinela*, 15 de Agosto de 1988, p. 27.

[19] *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*, p. 133 (negrito acrescentado).

[20] Esta expressão é usada pelas Testemunhas de Jeová com base nas palavras de Jesus em João 4:35: «Ergam os olhos e observem os campos, que estão brancos para a colheita.»

[21] *Organizados para Efectuar o Nosso Ministério*, p. 97, 98.

[22] *A Sentinela* de 1 de Outubro de 1964, p. 592.

[23] «Pioneiro regular» é um evangelizador de tempo integral. A Testemunha compromete-se a dedicar, todos os meses e durante um ano completo, um número elevado de horas na pregação. Durante muitos anos, o número de horas de pregação tinha que ser 90 horas por mês. No total, era requerido cumprir com 1000 horas anuais. Actualmente, o requisito imposto é de 70 horas mensais.

[24] «Pioneiro auxiliar» é um evangelizador de tempo parcial. A Testemunha compromete-se a dedicar, num determinado mês ou meses à escolha, um número elevado de horas na pregação. Durante muitos anos, o número de horas de pregação requerido era de 60 horas por mês. Actualmente, o requisito imposto é de 30 ou 50 horas por mês, dependendo da disponibilidade da pessoa.

[25] Em cada reunião de saída ao campo, o dirigente possui cartões de território que entrega a pedido dos publicadores. Esta pregação é assim organizada de modo que diversas Testemunhas de Jeová não preguem ao mesmo tempo na mesma rua. Depois de o território ter sido definido, a Testemunha de Jeová devolve o cartão na congregação, e futuramente outra Testemunha acaba por levantá-lo e voltar a fazê-lo. Também existia um formulário de visitas, onde era registados os ninguéns em casa, as revisitas, livros ou brochuras colocados e, claro, vários outros apontamentos que incluíam o nome da pessoa e outras características que o publicador achasse

necessário usar como referência numa próxima visita. Hoje em dia esse formulário já não existe devido à lei de protecção de dados, ficando à responsabilidade da Testemunha de Jeová fazer o registo de modo pessoal.

[26] *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976, p. 198.

[27] Numa carta datada de Maio de 2019 e endereçada aos anciãos, as perguntas que passarão a ser feitas aos futuros candidatos ao baptismo nas Testemunhas de Jeová foram revistas. A nova fórmula de perguntas a serem feitas futuramente serão as seguintes: (1) «Você se arrependeu dos seus pecados, dedicou sua vida a Jeová e aceitou que o meio de salvação escolhido por Jeová é Jesus Cristo?» (2) «Você entende que, ao se baptizar, você se torna Testemunha de Jeová e passa a fazer parte da organização de Jeová?».

[28] *A Sentinela* de 1 de Junho de 1985, p. 31.

[29] *A Sentinela* de 1 de Junho de 1967, p. 340 (negrito acrescentado).

[30] *A Sentinela* de 1 de Setembro de 1979, p. 18 (negrito acrescentado).

[31] *A Sentinela* de 1 de Setembro de 1989, p. 19 (negrito acrescentado).

[32] A união entre as Testemunhas de Jeová é muitas das vezes apresentada como evidência de serem a única «religião verdadeira». Na realidade, as Testemunhas de Jeová têm uma coesão de grupo muito forte porque são condicionadas a isso, quer através da «pressão de grupo» quer através do medo de serem expulsas e banidas do grupo, caso haja indícios de dissidência. Este artigo mostra como, ao longo da História das Testemunhas de Jeová, existiram cismas e o surgimento de divisões dentro do grupo: <https://www.facebook.com/notes/desperta/469522369912472>

[33] Como exemplo, veja o livro *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*, pp. 148-149. Este foi um dos livros que estudei para me tornar uma Testemunha de Jeová.

[34] *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, pp. 134-136.

[35] «A Bíblia fala do tempo em que vivemos como sendo os “últimos dias” ou o “tempo do fim” [...] Os fatos mostram que se trata

de um período limitado, com um princípio definido e um fim definido. Começou em 1914 [...] ainda há pessoas vivas que viveram em 1914 [...]. “Esta geração de modo algum passará até que todas estas coisas ocorram.” Alguns destes ainda estarão vivos para ver o fim deste sistema iníquo. Isto significa que resta apenas pouco tempo antes de vir o fim!» — *A Verdade que Conduz à Vida Eterna*, pp. 94-95.

[36] «O apóstolo Paulo servia de ponta de lança na atividade missionária cristã. Ele também lançava o alicerce para uma obra que seria terminada em nosso século 20.» — *A Sentinela*, 1 de Janeiro de 1989, p. 12, parágrafo 8.

[37] *A Sentinela* de 15 de Julho de 2008, p. 11 (negrito acrescentado).

[38] *A Sentinela* de 15 de Abril de 2010, p. 11 (negrito acrescentado).

[39] Para uma análise pormenorizada das especulações proféticas da Torre de Vigia, bem como de muitas mudanças doutrinárias ocorridas ao longo dos seus mais de cem anos de existência, vale a pena ler o livro *Jehovah's Witnesses — Their Claims, Doctrinal Changes and Prophetic Speculation. What the Record Show?* de Edmond C. Gruss.

[40] «O Corpo Governante cuida da designação de anciãos qualificados para servir como superintendentes de circuito. Cada um deles é designado pelo Escritório para visitar as congregações que compõem um circuito, em geral duas vezes por ano. Periodicamente, eles também visitam pioneiros em territórios isolados. Eles programam seu itinerário e informam cada congregação com antecedência para que os irmãos tirem o maior proveito possível da visita.» — *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová*, p. 45.

[41] «É claro que, se a gente ficar sabendo que um irmão cometeu um pecado sério, devemos contar isso aos anciãos. (Lev. 5:1)» — *A Sentinela* de Abril de 2017.

[42] «Superintendente presidente» era o título usado pelo ancião que era responsável pela coordenação e organização do corpo de anciãos. Embora na prática não tivesse mais poder que os restantes

anciãos, era um cargo que dava estatuto no contexto organizacional. O título veio a ser mudado em anos recentes para o de Coordenador.

[43] *A Sentinela* de 1 de Novembro de 1973, p. 670.

[44] «Os Jovens Perguntam — Respostas Práticas», vol. 1, p. 179.

[45] «Sua Juventude — O Melhor Modo de Usufruí-la», p. 40, parágrafo 9 (negrito acrescentado).

[46] *Despertai!* de 8 de Maio de 1975, p. 22.

[47] A mudança de ensino está explicada na revista *A Sentinela* de 1 de Maio de 1996, pp. 19-20.

[48] *A Sentinela* de 15 de Agosto de 1998, p. 17 (negrito acrescentado).

[49] Raymond Franz, ex-membro do Corpo Governante, relata no seu livro *Crise de Consciência* que já em 1978 o Corpo Governante discutira sobre a possibilidade de deixar à consciência do indivíduo a decisão de aceitar ou rejeitar o serviço cívico. Apesar de a maioria dos membros do Corpo Governante estar a favor, a decisão não passou porque não foi atingida a maioria de dois terços (*Crise de Consciência*, pp. 128-129).

[50] <https://bud.gov.pt/ddn.html>

[51] <https://bud.gov.pt/ddn/falta.html>

[52] O livro *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová*, explica, na página 56, o seguinte sobre o cargo de «Servo Ministerial»: «Esses homens foram “examinados quanto à aptidão”. Mesmo antes de serem designados, eles provaram que são homens realmente dedicados. Demonstraram que colocam os interesses do Reino em primeiro lugar na vida e estão se esforçando para alcançar qualquer privilégio de serviço disponível a eles. São, de fato, exemplos para outros na congregação. — 1 Tim. 3:10.»

[53] *A Sentinela* de 15 de Março de 1996, p. 19.

[54] Daniel, cap. 2.

[55] Gálatas 5:22, 23.

[56] As Testemunhas de Jeová não usam o termo «igreja» para seu local de adoração, pois entendem que essa palavra, no Novo Testamento, se refere ao grupo de cristãos reunidos para adoração

ou à comunidade de cristãos como um todo e não ao edifício onde se reúnem.

[57] As Testemunhas de Jeová adotaram pela primeira vez o nome «Salão do Reino» em 1935, designação escolhida pelo segundo presidente da Torre de Vigia, J. F. Rutherford, numa visita ao Havai, onde estava a ser construído um salão para reuniões, anexo à filial do país. — Ler o *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1991, p. 85.

[58] Estudo de *A Sentinela* é a reflexão acerca de um artigo da revista com o mesmo nome. No final da leitura de cada parágrafo, são feitas perguntas à assistência, e as pessoas levantam a mão para comentar. O dirigente escolhe a pessoa que irá fazê-lo, tentando dar a oportunidade de falar ao maior número de pessoas. A mesma matéria é estudada em cada uma das mais de 110 mil congregações de todo o mundo.

<https://www.jw.org/pt/publicacoes/livros/vontade-de-jeova/reunioes-das-testemunhas-de-jeova>

[59] 1 Timóteo 3:4.

[60] <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/w20061115/Uma-escola-cujos-formadosbeneficiam-pessoas-em-todo-o-mundo>

[61] Uma comissão judicativa é uma espécie de tribunal, formado por pelo menos três anciãos, que visa julgar casos em que uma Testemunha de Jeová comete um pecado ou algo que vai contra as regras da organização. Os anciãos têm um manual ao qual devem aderir de modo escrupuloso ao julgarem alguém, chamado *Pastoreiem o Rebanho de Deus*.

[62] <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/atividades/pregacao/setenta-anos-treinandoevangelizadores>

[63] O manual dos anciãos *Pastoreiem o Rebanho de Deus* diz sobre este tópico no cap. 12: «Acariciar os seios ou tocar momentaneamente nas partes íntimas do corpo: Se isso aconteceu em algumas ocasiões isoladas, especialmente entre duas pessoas que estão a namorar com o objetivo de se casar, o conselho de dois anciãos poderá ser suficiente, já que a impureza não foi demasiado grave. Os anciãos devem informar o coordenador do corpo de anciãos sobre a situação. Mas, se isso aconteceu em várias

ocasiões e as ações tornaram-se cada vez mais graves e frequentes, o caso poderá envolver impureza grave com ganância, o que exige ação judicativa. O caso também pode envolver conduta insolente se houver evidência de uma atitude desrespeitosa, ou descarada, para com as leis de Deus. Por exemplo, talvez as duas pessoas não tenham intenção de se casar.»

[64] A *Sentinela* de 15 de Janeiro de 2015, p. 32, dizia: «Se você está namorando, como pode evitar coisas que poderiam levá-lo a cometer imoralidade sexual? Decida o que você vai fazer para manter seu namoro puro antes de surgir uma situação perigosa. Nunca fiquem sozinhos em lugares onde ninguém possa vê-los. Mostre seu carinho um pelo outro apenas de maneira pura.»

[65] As Testemunhas de Jeová aderem às palavras de Jesus em Mateus 19:9, que diz: «Eu lhes digo que quem se divorcia da sua esposa, a não ser por causa de imoralidade sexual, e se casa com outra, comete adultério.»

[66] A *Sentinela* de 15 de Maio de 2001, p. 20.

[67] O manual dos anciãos *Pastoreiem o Rebanho de Deus*, no capítulo 8, orienta os anciãos a fazerem três perguntas ao irmão, antes de tornarem oficial a sua designação como ancião ou servo ministerial: «(1) Há alguma coisa na sua vida pessoal, familiar, ou algo no seu passado, mesmo antes do batismo, que o poderia desqualificar ou impedir de aceitar esta designação? (2) Há algum outro motivo para que esta designação não seja anunciada à congregação? (3) Já alguma vez se envolveu em abuso sexual de menores? Se o irmão responder “não” às perguntas, o superintendente de circuito fornecerá aos anciãos uma carta de designação assinada. Nessa carta, o nome do irmão será incluído juntamente com os nomes dos outros irmãos que foram designados na visita. A designação deverá ser anunciada à congregação na próxima reunião de semana.»

[68] Tito 1:5-9; 1 Timóteo 3:1-7.

[69] As Testemunhas de Jeová não são trinitaristas e por isso consideram que o Espírito Santo não é uma pessoa divina, mas o poder que emana de Deus para o cumprimento dos Seus propósitos.

[70] As Testemunhas de Jeová acreditam que o processo de eleição como ancião ocorre sob a orientação divina, como descrito em Actos 20:28.

[71] O «secretário» é o ancião responsável por compilar os relatórios dos publicadores e pioneiros e por relatar ao escritório da Sociedade o trabalho feito pela congregação, cada mês.

[72] Como exemplo, veja o que diz o *Ministério do Reino* de Dezembro de 1984, p. 8: «De modo geral, durante as férias temos mais liberdade para programar o tempo do modo que desejamos. Portanto, é provável que possamos ter uma participação mais ampla em pregar as boas novas do Reino. Interessamo-nos pelas pessoas e desejamos ajudá-las. E as férias são uma boa oportunidade para fazer isso. (Mar. 1:40, 41) Tem uma lista de pessoas que mostraram interesse na Bíblia às quais não pôde visitar recentemente? Oferecer-lhe-ão as suas férias a oportunidade de fazer revisitas adicionais e de talvez iniciar um novo estudo bíblico? Planeja servir como pioneiro auxiliar durante as suas férias? Se planeja fazê-lo, convide outros para trabalharem com você.»

[73] O Drama era considerado o ponto alto de um congresso das Testemunhas de Jeová. Tratava-se de uma recriação teatral de uma passagem ou evento bíblico, sempre com uma moral para os nossos dias. O título do Drama em que participei era *Revistam-se de Humildade* (2007).

[74] Para uma consideração aprofundada sobre as Comissões Judicativas, faça *download* do artigo «Comissão Judicativa nas Testemunhas de Jeová — Em que consiste e como se processa» em: shorturl.at/cotAW

[75] É habitual ser lida a passagem de Hebreus 12:11 que diz: «Nenhuma disciplina parece no momento ser motivo de alegria, mas sim de pesar; no entanto, depois dá fruto pacífico, a saber, a justiça, aos que têm sido treinados por ela.»

[76] Lucas 15:11-32.

[77] Livro *Filhos*, pp. 312-313 (traduzido da edição inglesa).

[78] «As mais de 1700 Comissões de Ligação com Hospitais ao redor do mundo integram uma rede internacional que atua em mais de 110 países. Essas comissões são formadas por ministros da

própria comunidade, capacitados para interagir com médicos, funcionários de hospitais, assistentes sociais e membros do Judiciário.» — Folheto *Comissões de Ligação com Hospitais para as Testemunhas de Jeová*, disponível no *site* jw.org.

[79] A *Sentinela* de 15 de Junho de 2000, pp. 29-31, secção «Pergunta dos Leitores», com o tema «As Testemunhas de Jeová aceitam algum produto médico derivado de sangue?»

[80] Esta tabela pode ser encontrada no livro *Continue a Amar a Deus*, p. 246.

[81] A *Sentinela* de 1 de Julho de 1951, p. 415 (ed. inglês).

[82] A *Sentinela* de 15 de Março de 1962, pp. 174-175.

[83] *As Testemunhas de Jeová e a Questão do Sangue*, p. 42 par. 111.

[84] *Despertai!* de Junho de 2006, p. 6.

[85] *Despertai!* de 22 de Agosto de 1999, p. 31.

[86] *Despertai!* de 8 de Janeiro de 1973, pp. 27-28.

[87] A *Sentinela* de 15 de Fevereiro de 2015, pp. 13-14.

[88] Mateus 12:11, 12.

[89] Esta associação foi um dos primeiros contactos que tive com a chamada «apostasia», e isso deveu-se, claro, à minha pesquisa sobre a questão do sangue. As matérias por eles publicadas foram de imensa ajuda para perceber este assunto de modo coerente e cabal. Pode consultar o seu *site* aqui: <http://ajwrb.org>

[90] As Testemunhas de Jeová são orientadas no sentido de levarem consigo um cartão que funciona como declaração antecipada com respeito a não se usar sangue em caso de estarem inconscientes. Este cartão tem instruções para a equipa hospitalar e expressa a vontade do paciente quanto ao uso de componentes sanguíneos (fracções secundárias). O cartão é assinado por testemunhas e procuradores que podem validar posteriormente a sua vontade de expressa, caso esteja impossibilitado de a dar.

[91] <http://questaodosangue.blogspot.com>

[92] <https://www.publico.pt/2001/10/20/jornal/testemunhas-de-jeova-ligaramse-a-besta-163214>

[93] <https://www.theguardian.com/uk/2001/oct/08/religion.world>

[94] A ONU retirou em anos recentes a carta que havia tornado

pública no seu *site*, confirmando a associação da Torre de Vigia. A carta ainda pode encontrada aqui: <https://web.archive.org/web/20150205055554/http://ask.un.org/faq/14501>

[95] A Organização das Nações Unidas (ONU) sentiu a necessidade de apresentar uma declaração pública sobre o caso, devido ao afluxo de pedidos de informação, depois de o jornal *The Guardian* ter exposto o caso. Largas centenas, se não milhares, de Testemunhas de Jeová que leram a matéria no jornal britânico quiseram confirmar a veracidade da notícia com a própria ONU. A confirmação das Nações Unidas levou a que muitas Testemunhas acabassem por abandonar as fileiras das Testemunhas de Jeová ou mesmo a ser expulsas depois de questionarem e exporem o assunto nas congregações.

[96] Para obter uma informação pormenorizada sobre a Torre de Vigia e as Nações Unidas, consulte este *link*: <https://www.facebook.com/notes/desperta/501162846748424>

[97] Para uma análise mais pormenorizada deste tema, leia este artigo: <https://www.desperta.net/reflexotildees/quem-e-o-mediador-das-testemunhas-de-jeova>

[98] As reuniões das Testemunhas de Jeová iniciam e terminam sempre com um cântico, seguido de uma oração.

[99] A reportagem da BBC pode ainda ser vista no YouTube: <https://youtu.be/-WdbkBMaEYc>

[100] Bill Bowen tem sido activista na exposição do problema do abuso sexual nas Testemunhas de Jeová. Para este efeito, tem participado em entrevistas televisivas e reportagens como fundador do *site* <http://www.silentlambs.org>. Este *site* foi o primeiro a expor o problema do encobrimento dos casos de abuso sexual entre as Testemunhas de Jeová e, ao fim de cinco anos de existência, já contava com mais de 6000 casos relatados pelas próprias vítimas.

[101] Barbara Anderson, devido à sua participação nesta reportagem, foi igualmente expulsa das Testemunhas de Jeová. Desde então, tem sido igualmente uma activista fervorosa na exposição das políticas organizacionais da Torre de Vigia em relação aos casos de abuso de crianças. Tem dado inúmeras entrevistas e participado em diversas reportagens televisivas. O *site*

que fundou contém muita informação sobre este assunto, incluindo milhares de documentos de tribunal com casos de abuso sexual, em que a Torre de Vigia esteve envolvida: www.watchtowerdocuments.org. É actualmente a presidente da associação SCAARS.org (Stop Child abuse — Advocates for Reform and Safety).

[102] Mateus 22:21.

[103] Vejam o que é dito de forma dogmática, a partir do minuto 53:13, acerca da actual posição da Torre de Vigia sobre a regra das duas testemunhas no caso de abuso sexual de crianças: https://tv.jw.org/#jw-tpo/mediaitems/StudioMonthly2017/pub-jwb_201711_1_VIDEO

[104] Para uma análise em pormenor deste assunto, não deixe de ler o artigo que escrevi no meu *site* com o tema: «Novos artigos da *Sentinela* tentam minimizar os danos causados pelos escândalos de abuso sexual nas Testemunhas de Jeová e seu encobrimento pela Torre de Vigia.» Pode ser lido aqui: <https://www.desperta.net/reflexotildees/novos-artigos-da-sentinela-tentam-minimizaros-danos-causados-pelos-escandalos-de-abuso-sexual-nas-testemunhas-de-jeova-e-seu-encobrimento-pela-torre-de-vigia>

[105] A *Sentinela* de Abril de 2017, p. 7, parágrafo 16.

[106] A «dissonância cognitiva», no contexto religioso, ocorre habitualmente quando a crença ou fé em algo entra em choque com os factos existentes. Por exemplo, quando as datas apresentadas pelas Testemunhas de Jeová para o Armagedão falharam vez após vez, simplesmente reinterpretaram as profecias de modo a encaixarem na crença já existente. É por isso difícil apresentar a uma Testemunha de Jeová factos que contradigam ou exponham a organização. A vontade de encontrar uma coerência interna entre o que acredita e aquilo que lhe é mostrado resultará em uma Testemunha de Jeová não aceitar os factos, reinterpretando-os para manter a crença na religião.

[107] <http://questaodosangue.blogspot.com>

[108] Ler este artigo «As Testemunhas de Jeová e o Charlatanismo

em Assuntos Médicos»: <https://www.facebook.com/notes/desperta/452865578244818>

[109] *A Sentinela* de 1 de Junho de 1968, p. 350. Esta interpretação seria revista em 1980, no artigo de *A Sentinela* de 1 de Setembro de 1980, p. 31. No ínterim, quantas pessoas não terão morrido por recusarem transplantes que lhes poderiam ter salvado a vida? A Torre de Vigia jamais pediu desculpas por este tipo de interpretação.

[110] *Crise de Consciência*, cap. 6, pp. 141-172.

[111] *Crise de Consciência*, cap. 5, pp. 128-129.

[112] Na eventualidade de o superintendente de circuito designado não poder visitar a congregação, o Betel designa um ancião que funciona como substituto.

[113] Veja o discurso no seu contexto aqui: <https://youtu.be/9gQPpm9Pln8>

[114] Isto foi-me contado por uma Testemunha de Jeová angolana, que esteve presente.

[115] *A Sentinela* de 15 de Outubro de 2013, pp. 15-16 (negrito acrescentado).

[116] Para uma análise pormenorizada deste assunto, leia o artigo «As Testemunhas de Jeová e a Faculdade»: <https://www.desperta.net/reflexotildees/as-testemunhas-de-jeova-e-a-faculdade>

[117] São inúmeros os artigos em publicações das Testemunhas de Jeová que apresentam o mundo da música como algo a evitar. Como exemplo, veja *A Sentinela* de 15 de Agosto de 1990, p. 17, parágrafo 9.

[118] O último *workshop* foi realizado no dia 10 de Novembro de 2018. O programa pode ser visto aqui: <https://www.facebook.com/events/510508326063440>

[119] <http://testemunhasdejeova.forumeiros.com>

[120] Leia, por exemplo, o artigo da *Desperta!* de 8 de Janeiro de 1973, pp. 9-10.

[121] *Pastoreiem o Rebanho de Deus*, cap. 12, ponto 39.

[122] <https://www.facebook.com/comunidade.extj> | www.extj.pt

[123] Este grupo é secreto e só entram pessoas depois de

aprovadas pela administração, de modo a manter a privacidade dos membros: <https://www.facebook.com/groups/121222655377003/>

[124] Para uma análise pormenorizada do que já foi publicado pela Sociedade Torre de Vigia sobre a forma de tratar os desassociados, pode consultar os seguintes *links* da Biblioteca Online da Torre de Vigia:

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1200022054>

<https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1200271695>

[125] *A Sentinela*, 15 de Julho de 2011, p. 31, parágs. 12, 13 (negrito acrescentado).

[126] A Dra. Marlene Winell, autora do livro *Leaving the Fold — A Guide for Former Fundamentalists and Others Leaving their Religion*, designa o processo pelo qual passam muitos ex-membros de grupos religiosos fundamentalistas por síndrome do trauma religioso. Numa entrevista, explicou: «A síndrome de trauma religioso (STR) é um conjunto de sintomas e características que tendem a estar conjugados e que estão relacionados com experiências prejudiciais com a religião. Eles são o resultado de duas coisas: a imersão em uma religião controladora e o impacto secundário de deixar um grupo religioso.» Alguns dos sintomas que lista são: medo, ansiedade, depressão, dificuldades cognitivas e problemas com o funcionamento social. A entrevista pode ser lida aqui: <https://www.facebook.com/notes/desperta/589211997943508>

[127] Ver, por exemplo, *A Sentinela* de 1 de Agosto de 1985, p. 32.

[128] A análise é feita com base no manual *Pastoreiem o Rebanho de Deus*, edição de Outubro de 2019.

[129] Este formulário é designado pela sigla S-77. Para conhecer na prática as implicações deste formulário, leia este artigo jornalístico: <https://www.desperta.net/notiacutecias/os-envelopes-azuis>

[130] Eu e outras ex-Testemunhas de Jeová já escrevemos para o escritório da filial pedindo cópia de toda a documentação que possuem sobre nós. A resposta é simples e lacónica: afirmam que apenas têm conhecimento do nosso nome, género, data de nascimento, data de baptismo e data de desassociação/dissociação. Infelizmente, sabemos que a informação que possuem vai além disso.

[131] Nos últimos anos, surgiram várias Testemunhas de Jeová e simpatizantes que criaram páginas, blogues e *sítes* com o objectivo de defender a organização das Testemunhas de Jeová das chamadas «mentiras apóstatas». Escrevi um artigo em que os expunha e mostrava a incoerência destes apologistas em fazerem algo que a organização não queria que fosse feito. O artigo pode ser lido aqui: <https://www.desperta.net/reflexotildees/torre-de-vigia-desaprova-paginas-e-sites-de-testemunhas-de-jeova-apologistas>

[132] <https://www.smule.com/AMadaleno1973>

[133] Aqui está um exemplo: <https://youtu.be/cMVDSNWN0QU>

[134] <https://youtu.be/VJDABd2INII>

[135] Outros textos provam que tais julgamentos eram públicos e exercidos com testemunhas, tais como Deuteronómio 16:18-20; 17:5; 21:19; 22:15; 25:7 e Rute 4:1. Também no Novo Testamento e segundo as palavras de Jesus em Mateus, cap. 18, a exposição do erro deveria ser feita perante a congregação, em último caso (negrito acrescentado).

[136] <https://youtu.be/jSxd7yBKAuw>

[137] Pode fazer *download* aqui: <https://cutt.ly/ceknIW1> ou ver *online* aqui: <https://pt.calameo.com/books/0046585910369a44593ee>

[138] Ler o artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/uma-mensagem-a-todos-os-anciaos-eservos-ministeriais>

[139] Ler este artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/membro-do-corpo-governante-explicadoutrina-da-geracao-sobreposta-mateus-2434>

[140] Ler este artigo: <https://www.facebook.com/notes/desperta/520043348193707>

[141] Ler este artigo: <https://www.facebook.com/notes/desperta/507077362823639>

[142] Ler o artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/serao-as-testemunhas-de-jeova-umaseita-destrutiva>

[143] Ler artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/quem-e-o-mediador-das-testemunhas-dejeova>

[144] Ler artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/category/significado-proverbios-418>

[145] Ler este artigo:
<https://www.facebook.com/notes/desperta/452865578244818>

[146] Ler o artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/transfusoes-de-sangue-porque-astestemunhas-de-jeova-estao-erradas-em-rejeita-las>

[147] Ler o artigo:
<https://www.facebook.com/notes/desperta/520739778124064>

[148] Ler artigo:
<http://www.desperta.net/reflexotildees/desassociacao-sera-que-as-testemunhas-de-jeova-a-praticam-de-acordo-com-a-biblia>

[149] Ler o artigo: <http://www.desperta.net/reflexotildees/torre-de-vigia-promove-o-batismo-de-criancas-em-novo-estudo-da-revista-sentinela>

[150] Para uma análise sobre este tema, leia este artigo:
<https://www.desperta.net/reflexotildees/e-o-natal-uma-festividade-paga-uma-analise-biblica-e-historica-das-raizes-desta-festividade>

[151] «A ovelha é um animal dócil, pacífico e governável» — *A Sentinela* de 1 de Novembro de 1986, p. 26, parág. 14.

[152] O Mito da Caverna é uma passagem alegórica do livro *A República* do filósofo grego Platão. Nesta passagem, Platão conta-nos sobre um mundo subterrâneo onde habitam homens, prisioneiros desde o nascimento. Estes desconhecem o mundo exterior e apenas visualizam as sombras projectadas pela luz de uma fogueira nas paredes da caverna. Tais homens vivem ali presos e por isso apenas podem especular sobre as sombras reflectidas na parede. Certo dia, um dos homens consegue libertar-se e sair da caverna, aventurando-se no mundo exterior. Apesar de inicialmente ofuscado pela luz do dia, gradualmente percebe que o mundo é muito mais complexo do que aquilo havia conhecido até então. Surge então o dilema de voltar ao interior da caverna para alertar os seus companheiros acerca do mundo lá fora, correndo o risco de ser considerado um louco, ou, então, de partir à aventura para conhecer essa nova realidade.

[153] *A Sentinela* de Fevereiro de 2016, pp. 27-28

[154] *A Sentinela* de 15 de Abril de 2012, p. 12

[155] <https://www.facebook.com/notes/desperta/594418267422881>

[156] <https://www.desperta.net/notiacutecias/sim-a-liberdade-religiosa-mas-nao-a-qualquer-preco>

[157] Ver a petição que se encontra neste *site*: <https://agirparamudar.com>

[158] <https://www.facebook.com/notes/desperta/478497499014959>

[159] <https://www.facebook.com/notes/desperta/650012838530090>

[160] <https://www.facebook.com/notes/desperta/656616924536348>

[161] Aconselho as Testemunhas de Jeová que afirmam não existir qualquer problema relacionado com pedofilia na sua religião a lerem este artigo: <https://www.desperta.net/reflexotildees/nunca-ouvi-falar-em-casos-de-abuso-sexual-nas-testemunhas-de-jeova-isso-sao-mentiras-apostatas>

[162] Veja este documentário sobre o massacre de Jonestown: <https://youtu.be/PP5dLdJmbP4>

[163] O «bombardeamento de amor» ocorre quando o futuro membro recebe exageradas adulações e o grupo o faz sentir-se especial, como nunca noutros ambientes sociais.

[164] <https://www.facebook.com/notes/desperta/576906355840739>

[165] <https://www.facebook.com/notes/desperta/497301250467917>

[166] Veja por exemplo: <https://www.fecris.org/members> | <https://www.icsahome.com> | <https://www.familiesagainstcultteachings.org>

[167] *Desperta!* de 8 de Março de 1960, na p. 27 (em inglês).

[168] João 8:32.

[169] Fernando Pessoa, *Poesias Inéditas* (1930-1935).

[170] O Centro de Estudos e Sondagens de Opinião e o Centro de Estudos de Religião e Culturas da Universidade Católica Portuguesa, no estudo «Identities religiosas em Portugal, representações, valores e práticas» (2017), mostram que as Testemunhas de Jeová, que em 1999 representavam um por cento da população portuguesa, são agora 1,5%.

[171] <https://www.jw.org/jw-tpo/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/nao-sao-uma-seita>

[172] *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 1.

[173] Russell conta nas páginas da revista *Watch Tower* que a sua

mãe o «consagrou» ao Senhor antes do seu nascimento e que era a sua esperança que se tornasse «um ministro do Evangelho». Isto certamente ajuda a explicar a sua personalidade narcisista e a sua inclinação para aplicar a si mesmo certas passagens bíblicas (*The Watch Tower Reprints*, 15 de Julho de 1911, p. 4853).

[174] *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, p. 44.

[175] George Stetson foi um cristão e pastor adventista. Durante dez meses (1872), Stetson liderou a igreja em Pittsburgh, onde conheceu um jovem, Charles Taze Russell. Mais tarde, este serviu como pastor na Congregação de Edinboro, Pensilvânia, durante seis anos, até à sua morte. O seu pedido, ao morrer, foi que o pastor Russell fizesse o seu sermão fúnebre, cuja assistência ultrapassou as mil pessoas (*Watchtower Reprints*, p. 46).

[176] George Storrs, à semelhança de Russell, cresceu no ambiente religioso calvinista, convertendo-se mais tarde ao Metodismo. Depois de se cruzar com um tratado religioso que falava sobre a condição mortal da alma humana («condicionalismo»), tornou-se um defensor e apologista acérrimo de que o homem não tem uma alma imortal por si mesmo, mas que ganha a vida eterna como dádiva de Deus por meio de Jesus Cristo. Veio a envolver-se com o movimento millerita, cujos seguidores acreditavam nos cálculos proféticos de William Miller acerca do Segundo Advento de Cristo (Segunda Vinda), que, segundo ele, ocorreria entre Março de 1843 e Março de 1844. Russel foi muito influenciado pelos escritos de Storrs acerca da doutrina da expiação através do resgate de Cristo e da restituição da humanidade a um paraíso terrestre, bem como da condição mortal da alma humana.

[177] *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 15.

[178] <https://www.facebook.com/notes/desperta/605011779696863>

[179] Pode ler aqui a versão traduzida: <https://www.desperta.net/testemunhos/experiencias-de-extestemunhas-de-jeova-a-nivel-mundial-barbara-anderson>

[180] *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 15.

[181] *The Watch Tower Reprints*, 15 de Dezembro de 1896, p. 2077.

[182] *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 15.

[183] *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 36.

[184] Para obter o livro de Barbara Anderson *The Writings of Maria Russell*, com uma compilação dos escritos de Maria Russell, siga este *link*: <http://www.lulu.com/shop/barbara-anderson/the-writings-of-maria-russell/ebook/product-3967841.html>

[185] *Judgment Day Must Wait: Jehovah's Witnesses: a sect between idealism and deceit*, p. 87.

[186]

https://www.watchtowerlies.com/was_charles_taze_russell_a_pedophile_or_an_adulterer_the_rose_ball_case.html

[187] *Watch Tower Reprints*, 15 de Julho, 1906, p. 3815. Ver também *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 16.

[188] <https://www.ebbereanos.org/2017/12/conheca-os-estudantes-da-biblia.html>

[189] *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976, p. 80, editado pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

[190] A revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence* começou a ser publicada em Julho de 1879, com uma primeira edição de 6000 exemplares.

[191] *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, p. 627, e *Mistério Consumado*, prefácio.

[192] Pode ler o testamento traduzido aqui: <https://www.facebook.com/notes/desperta/505728369625205>

[193] *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976 p. 81, editado pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados.

[194] Foi por isso que J. F. Rutherford passou a ser apelidado pelas Testemunhas de Jeová de «juiz», o que claramente aceitou de bom grado, tendo em conta o seu imenso ego. Ver *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 46.

[195] Mais pormenores neste artigo: <https://www.facebook.com/notes/desperta/1012967478901289>

[196] «Aqueles congregações iniciais eram chamadas “eclessias” (do grego *ekklesía*, significando “congregação”) e, às vezes, eram mencionadas como “classes”. Todos os membros da congregação votavam congregacionalmente sobre certos assuntos e também elegiam uma junta de anciãos, responsável por dirigir os assuntos congregacionais. As eclessias uniam-se por aceitarem o padrão de actividade da congregação de Pittsburgh, onde C. T. Russell e outros escritores da Torre de Vigia eram anciãos.» — *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976, pp. 39-40.

[197] Para mais pormenores, ler o capítulo 15 do livro *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus* com o tema «Desenvolvimento da estrutura da organização», pp. 204-235.

[198] *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1976, pp. 149-150.

[199] Os Estudante da Bíblia existem até aos dias de hoje e são claros em afirmar que o fundador das Testemunhas de Jeová foi Rutherford e não Charles Taze Russell: <https://www.ebbereanos.org/2017/11/charles-taze-russell-nao-e-o-fundador.html>

[200] Charles Taze Russell, assim como outros homens da Sociedade Torre de Vigia, possuía barba. Rutherford não a apresentava e fez de tudo para que a barba deixasse de ser usada por aqueles que trabalhavam na sede mundial, o que se veio estender aos anciãos nas congregações e posteriormente a todos os membros. Para uma análise sobre o assunto, vale a pena ler este artigo: <https://www.desperta.net/reflexotildees/sera-que-um-cristao-pode-usar-barba>

[201] Pode ler a carta na sua totalidade aqui: <https://www.facebook.com/notes/desperta/434529606745082>

[202] Leia mais detalhes sobre esta carta e sobre a chamada «Declaração de Factos» em: <http://pontosdefe.blogspot.com/2017/01/carta-hitler-declaracao-de-fatos.html>

[203] Para uma análise mais detalhada deste assunto, leia o livro *Jehovah's Witnesses and the Third Reich — Sectarian politics under persecution*, cap. 6.

[204] *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 28.

[205] <https://www.jehovahs-witness.com/topic/77915/Rutherford-Exposed-The-Story-of-Berta-andBonnie>

[206] *Apocalypse Delayed — The story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 72.

[207] Rutherford morreu a 8 de Janeiro de 1942, na casa de Beth-Sarim, uma mansão supostamente construída para receber os homens fiéis do Antigo Testamento, conforme anunciara que ocorreria em 1925. Como A. H. MacMillan contou posteriormente, apenas quatro pessoas estiveram presentes no seu funeral. Nem um único membro da sua família imediata esteve presente. Ler *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, pp. 32-33.

[208] *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 88.

[209] *Apocalypse Delayed: the story of Jehovah's Witnesses* (2.^a ed.), p. 86.

[210] *Testemunhas de Jeová — Proclamadores do Reino de Deus*, p. 522.

[211] O ano de 1975 foi apresentado pela Sociedade Torre de Vigia, através de publicações e discursos, como uma data apropriada para a vinda do Armagedão. É óbvio que a interpretação doutrinal partiu de Fred Franz, o «oráculo» desta organização religiosa. Quem o confirma é o seu sobrinho e ex-membro do Corpo Governante na época, Raymond Franz, no livro *Crise de Consciência*, p. 242.

[212] *Crise de Consciência*, p. 261.

[213] *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 43.

[214] Knorr era conhecido por fazer sucessivos discursos sobre os «pecados da homossexualidade», e a sua obsessão por pecados sexuais acabava muitas vezes por perturbar os membros da «família de Betel». Ler *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*, p. 35.

[215] Ler este artigo com mais pormenores: <https://www.facebook.com/notes/desperta/956222621242442>

[216] Para mais informações e pormenores sobre os quatro

presidentes da Torre de Vigia, não deixe de ler o excelente livro *The Four Presidents of the Watch Tower Society (Jehovah's Witnesses)*.

[217] *A Sentinela* de 15 de Maio de 2014, pp. 31-32.

[218] «Peregrino» era o termo usado para o superintendente viajante.

[219] *A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal — Implantação Histórico-Social*, p. 2.

[220] Os folhetos eram *Can the Living Talk With the Dead?* e *Hell — What is it? Who are there? Can they get out?*

[221] George Young abriu um escritório em nome dos Estudantes da Bíblia na Rua de Santa Justa, n.º 25, em Lisboa.

[222] *A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal e no Ultramar português (1925-1974)*, p. 139.

[223] *A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal — Implantação Histórico-Social*, p. 4.

[224] *Anuário das Testemunhas de Jeová* de 1984, p. 179.

[225] Alguns académicos são contra este tipo de categorização e chegam mesmo a afirmar que não existe qualquer tipo de «influência social destrutiva» nos grupos considerados como «seitas destrutivas» por muitos peritos nessa área. Sobre isso vale a pena ler este artigo:

<https://www.facebook.com/notes/desperta/1046448938886476>

[226] *Take Back Your Life — Recovering from Cults and Abusive Relationships*, pp. 327-328.

[227] *Releasing the Bonds — Empowering People to Think for Themselves*, p. 46.

[228] Tradução desta lista: <https://freedomofmind.com/wp-content/uploads/2018/12/BITE-ModelHandout-9-23-16.pdf>

[229] *Combating Cult Mind Control*, pp. 92-94.

[230] *Brain Washing: The Science of Thought Control*.

[231] <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/202007325>

[232] Veja vários exemplos aqui:
<https://www.jwfacts.com/watchtower/misquotes-deception-lies.php>

[233] <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/grande-tribulacao>

[234] *Psychology Today*, pp. 72-82.

[235] Este artigo mostra como existe um elevado número de problemas mentais entre as Testemunhas de Jeová: <https://www.facebook.com/notes/desperta/509431232588252>

[236] Para uma análise mais pormenorizada deste assunto, faça *download* do artigo «São as Testemunhas de Jeová uma Seita Destrutiva», <https://cutt.ly/ceknIW1>, ou consulte-o *online* aqui: <https://pt.calameo.com/read/0046585910369a44593ee>

[237] <https://www.sabado.pt/vida/detalhe/o-mundo-desconhecido-em-que-sao-educadas-astestemunhas-de-jeova>

[238] <https://www.smithkraft.com/truth-be-told>

[239] Os livros que traduzi e que se encontram à venda na Amazon são: *Factos Documentados que a Sociedade Torre de Vigia Não Quer Que Você Saiba* e *Conversas Cristãs com as Testemunhas de Jeová: Respostas Bíblicas a Perguntas que As Testemunhas de Jeová Fazem*.

[240] A grande reportagem pode ser vista aqui: <https://tviplayer.iol.pt/programa/reporter-tvi/53c6b3483004dc006243bd77/episodio/t2e37>

[241] Osmanito Torres é um destacado dissidente brasileiro das Testemunhas de Jeová. Também escreveu um livro relatando a sua experiência com o nome *De Ancião a Apóstata! — As Experiências de Um Ex-Líder da Seita Testemunhas de Jeová*: <https://www.amazon.com/Ancião-Apóstataexperiências-testemunhas-Portuguese-ebook/dp/B0742R8PW2>.

[242] <https://www.chiadoeditora.com/livraria/quem-e-abra-a-porta-ao-mundo-secreto-dastestemunhas-de-jeova-e-descubra-o-que-elas-nao-lhe-dizem>

[243] <https://observador.pt/especiais/eles-mataram-me-em-vida-o-inferno-nas-testemunhas-dejeova/>

[244] <https://www.cmjornal.pt/exclusivos/detalhe/gravida-jeova-recusa-transfusao-de-sangue>

[245] <https://www.sic.pt/Programas/queridasmanhas/2018-05-09-A-Medicina-e-as-Crenças>

[246] A entrevista pode ser vista integralmente aqui: <https://youtu.be/e2i-db8UG64>

Índice

Apóstata!

Nota do autor

Prefácio

Introdução

Capítulo I. Um começo de vida problemático

Capítulo II. Viver na expectativa de um fim iminente

Capítulo III. Problemas e privilégios no paraíso espiritual

Capítulo IV. Casamento e designação como ancião

Capítulo V. Gravidez e nascimento do primeiro filho

Capítulo VI. Dúvidas aumentam

Capítulo VII. Pesquisas e partilha de informação online

Capítulo VIII. Renúncia ao cargo de ancião e mudança de congregação

Capítulo IX. Trauma de um aborto espontâneo — um momento decisivo

Capítulo X. Tempo a mais

Capítulo XI. Activismo online e contactos pessoais

Capítulo XII. A Comissão Judicativa

Conclusão

Quem são as Testemunhas de Jeová?

São as Testemunhas de Jeová uma seita destrutiva?

Adenda. Reportagens e participação em livro

Posfácio

Agradecimentos

Bibliografia

Sobre o livro

Sobre António Magdaleno

Créditos

Notas